



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CENTRO DE LETRAS E ARTES
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO - LINGÜÍSTICA**

**VARIAÇÕES DO FONEMA /ɫ / NO FALAR DE QUATRO LOCALIDADES
DO SUDESTE DO PARÁ: UMA DESCRIÇÃO GEO-SOCIOLINGÜÍSTICA**

CARLENE FERREIRA NUNES

VOLUME I

**BELÉM
2006**



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CENTRO DE LETRAS E ARTES
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO - LINGÜÍSTICA**

**VARIAÇÕES DO FONEMA /k / NO FALAR DE QUATRO LOCALIDADES DO
SUDESTE DO PARÁ: UMA DESCRIÇÃO GEO-SOCIOLINGÜÍSTICA**

Dissertação apresentada ao curso de Lingüística do Centro de Mestrado em Letras da Universidade Federal do Pará como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Lingüística.

Orientador: Prof. Dr. Abdelhak Razky

**BELÉM
2006**

CARLENE FERREIRA NUNES

**VARIAÇÕES DO FONEMA /ɰ / NO FALAR DE QUATRO LOCALIDADES DO
SUDESTE DO PARÁ: UMA DESCRIÇÃO GEO-SOCIOLINGÜÍSTICA**

Dissertação apresentada ao curso de
Lingüística do Centro de Mestrado em Letras
da Universidade Federal do Pará como
requisito parcial para a obtenção do título de
Mestre em Lingüística.

Banca Examinadora

Prof.^o. Dr.^o. Abdelhak Razky (Orientador)

Prof.^a Dr.^a Solange Maria de Barros Ibarra Papa (Membro)

Prof.^a Dr.^a Regina Célia Fernandes Cruz (Membro)

**BELÉM
2006**

Dedicatória

À minha mãe, que tudo compreendeu até na hora de sua morte e ao meu sobrinho Helmes que não teve tempo de ver este trabalho concluído (In memoriam).

AGRADECIMENTOS

Quando aos doze anos de idade deixei minha cidade natal (Jacundá) com o único intuito de conseguir estudar e tentar de alguma forma mudar o curso de minha vida, não imaginei alçar vôos tão altos.

Durante esta longa jornada, precisei da ajuda de muitas pessoas com as quais pude contar e a quem não poderia deixar de agradecer sinceramente.

Agradeço primeiramente a Deus, por ter me dado forças para realizar esta tarefa.

À esta instituição de ensino, que sempre norteou meus caminhos acadêmicos.

Ao meu orientador professor Abdelhak Razky, a quem devoto minha admiração e respeito, que por seu espírito desbravador almejou realizar um projeto de tão alta envergadura e que com seu apoio soube entender os motivos que me fizeram ausente em um período muito difícil de minha vida.

Aos professores do CML, Célia Brito, Célia Macedo, Marília Ferreira, Walkyria Magno e sobretudo àqueles que deixaram em mim marcas profundas, Carmem Lúcia, Eulália Toscano e Regina Cruz, enfim, a todos os professores desta instituição que nos mostram a cada aula quão maravilhoso é ser aluno.

À banca examinadora: Professora Solange Maria de Barros Ibarra Papa e Professora Regina Célia Fernandes Cruz.

Aos meus colegas de mestrado, Denílson e Márcio pelas alegrias e as noites de estudos compartilhadas.

À minha amiga Jailma Bulhões, com quem dividi os trabalhos, as pesquisas, os risos, o apoio, as tristezas e as alegrias dessa nossa pós-graduação.

Obrigada

AGRADECIMENTOS ESPECIAIS

À minha família, principalmente ao meu pai e aos meus irmãos Régio e Ozanira, pelo apoio de todas as horas.

À minha sobrinha Helma, que soube entender a minha ausência nos momentos mais difíceis.

À família Souza, pelo apoio nesta longa jornada.

E por fim, mas não menos importante, aos informantes, sem os quais este trabalho não se realizaria.

Obrigada

*Há uma grande diferença se fala um deus ou um herói;
se um velho amadurecido ou um jovem impetuoso na
flor da idade; se uma matrona autoritária ou uma ama
dedicada; se um mercador errante ou um lavrador de
pequeno campo fértil; se um colco ou um assírio; se um
homem educado em Tebas ou em Argos.*

(Horácio, Arte Poética, pp. 118-119)

LISTA DE SÍMBOLOS

// -	representação de fonemas	[ʒ] -	fricativa alveopalatal sonora
[] -	representação fonética	[ʃ] -	fricativa alveopalatal surda
[a] -	vogal baixa central	[z] -	fricativa alveolar surda
[ɐ] -	vogal média-baixa central	[s] -	fricativa alveolar surda
[ɛ] -	vogal média anterior aberta	[l] -	lateral alveolar sonora
[e] -	vogal média anterior fechada	[ʎ] -	lateral palatal sonora
[i] -	vogal alta anterior	[n] -	nasal alveolar sonora
[o] -	vogal média posterior fechada	[ɲ] -	nasal palatal sonora
[ɔ] -	vogal média posterior aberta	[m] -	nasal bilabial sonora
[u] -	vogal posterior fechada	[h] -	fricativa glotal surda
[w] -	semivogal posterior	[r] -	tepe alveolar sonoro
[j] -	semivogal anterior		
[b] -	oclusiva bilabial sonora		
[p] -	oclusiva bilabial surda		
[t] -	oclusiva dental surda		
[dʒ] -	africada alveopalatal sonora		
[tʃ] -	africada alveolar surda		
[f] -	fricativa labiodental surda	<u>FONTE DE TRANSCRIÇÃO FONÉTICA: IPAkiel</u>	
[g] -	oclusiva velar sonora		
[k] -	oclusiva velar surda		

LISTA DE QUADROS E TABELAS

QUADRO 1 -	Alofonia da Lateral palatal.....	42
QUADRO 2 -	Variantes do fonema /k/ encontradas no corpus.....	72
QUADRO 3 -	Grupo de fatores intralingüísticos.....	75
QUADRO 4 -	Plano da Amostra.....	78
QUADRO 5 -	Síntese dos resultados.....	127
	Região Sudeste do Pará: População nas Datas dos Recenseamentos	
TABELA 1 -	Gerais	71
	1980/1991/96/00/04/05.....	
TABELA 2 -	Segmento fonético antecedente.....	89
TABELA 3 -	Segmento fonético subsequente.....	93
TABELA 4 -	Tonicidade da sílaba.....	97
TABELA 5 -	Estrutura silábica.....	101
TABELA 6 -	Classe gramatical.....	104
TABELA 7 -	Escolaridade.....	109
TABELA 8 -	Sexo.....	113
TABELA 9 -	Faixa etária.....	117
TABELA 10 -	Localidade.....	120
TABELA 11 -	Narrativa/questionário.....	123

LISTA DE GRÁFICOS E FIGURAS

GRÁFICO 1 -	Variantes do fonema lateral palatal.....	87
GRÁFICO 2 -	Tonicidade da Sílab.....	100
GRÁFICO 3 -	Estrutura da Palavra.....	103
GRÁFICO 4 -	Classe de Palavras.....	106
GRÁFICO 5 -	Escolaridade.....	111
GRÁFICO 6 -	Gênero.....	115
GRÁFICO 7 -	Faixa Etária.....	119
GRÁFICO 8 -	Localidade.....	122
GRÁFICO 9 -	Narrativa/Questionário.....	125
FIGURA 1 -	APFB – Carta 23 (Sarolha).....	50
FIGURA 2 -	EALMG – Carta 28 (Cambalhota).....	52
FIGURA 3 -	ALPB – Carta 27 (Orvalho).....	54
FIGURA 4 -	ALERS – Carta 41 (Folhinha).....	56
FIGURA 5 -	ALS-II – Carta 13 (Joelho).....	57
FIGURA 6 -	ALISPA – Carta 87 (Braguilha).....	59
FIGURA 7 -	Mapa da Região Sudeste do Estado do Pará.....	64
FIGURA 8 -	Carta 01 (Sudeste Paraense e Pontos de Inquérito do ALIPA).....	129
FIGURA 9 -	Carta 02 (Cidades Pesquisadas).....	130
FIGURA 10 -	Carta 03 (Carta Legenda).....	131
FIGURA 11 -	Carta 04 (joelho).....	132
FIGURA 12 -	Carta 05 (trabalho).....	133
FIGURA 13 -	Carta 06 (alho).....	134
FIGURA 14 -	Carta 7 (retalho).....	135
FIGURA 15 -	Carta 8 (malha).....	136
FIGURA 16 -	Carta 9 (telha).....	137
FIGURA 17 -	Carta 10 (palha).....	138
FIGURA 18 -	Carta 11 (calha).....	139
FIGURA 19 -	Carta 12 (folha).....	140
FIGURA 20 -	Carta 13 (galho).....	141

FIGURA 21 - Carta 14 (molhada).....	142
FIGURA 22 - Carta 15 (chocalho).....	143
FIGURA 23 - Carta 16 (baralho).....	144
FIGURA 24 - Carta 17 (ilha).....	145
FIGURA 25 - Carta 18 (pilha).....	146
FIGURA 26 - Carta 19 (piolho).....	147
FIGURA 27 - Carta 20 (cartilha).....	148
FIGURA 28 - Carta 21 (julho).....	149
FIGURA 29 - Carta 22 (olho).....	150
FIGURA 30 - Carta 23 (barulho).....	151
FIGURA 31 - Carta 24 (coalhada).....	152
FIGURA 32 - Carta 25 (abelha).....	153
FIGURA 33 - Carta 26 (agulha).....	154
FIGURA 34 - Carta 27 (mulher).....	155
FIGURA 35 - Carta 28 (colher).....	156
FIGURA 36 - Carta 29 (ferrolho).....	157
FIGURA 37 - Carta 30 (bolha).....	158
FIGURA 38 - Carta 31 (espelho).....	159
FIGURA 39 - Carta 32 (serralheiro).....	160
FIGURA 40 - Carta 33 (telhado).....	161
FIGURA 41 - Carta 34 (filhote).....	162
FIGURA 42 - Carta 35 (bilhete).....	163
FIGURA 43 - Carta 36 (bilheteiro).....	164
FIGURA 44 - Carta 37 (bilheteria).....	165
FIGURA 45 - Carta 38 (atalho).....	166

RESUMO

Este trabalho trata da variação do fonema /ʎ/ no falar de 04 (quatro) cidades do Sudeste do Pará, a citar: Tucuruí, Itupiranga, Curionópolis e Dom Eliseu. Tais municípios têm recebido, desde sua fundação até os dias atuais, migrantes das mais diversas regiões do país. A constituição heterogênea da população - devido principalmente, ao intenso fluxo migratório a que foram submetidas - provocou nessas comunidades o surgimento de uma variedade lingüística que apresenta, hoje, traços fonéticos de várias regiões do país. A pesquisa segue o modelo da Sociolingüística Quantitativa (Labov, 1972), assim como também faz uso dos pressupostos da Geografia Lingüística (Brandão, 1991), no sentido de melhor entender a relação entre o espaço geográfico e os fatos lingüísticos. O corpus analisado é composto de **4756** dados extraídos de 46 relatos de experiências pessoais e questionário aplicado junto a 46 informantes da zona urbana, todos residentes naquelas cidades. A estratificação social obedece aos seguintes critérios sociolingüísticos: sexo, escolaridade e faixa etária. Foram considerados também aspectos lingüísticos que condicionam a variação do fonema /ʎ/. Levando em consideração os fenômenos externos, percebeu-se que a variável, grau de escolaridade, influi na produção do fenômeno fonético aqui tratado. O tratamento estatístico dos dados foi realizado por meio do pacote de programas **VARBRUL**, o qual nos forneceu resultados quantitativos, a frequência e os pesos relativos dos fatores de natureza lingüística e social. Encontramos seis variantes do fonema /ʎ/ nas comunidades pesquisadas.

Palavras-chave: variação sociolingüística, geo-sociolingüística, palatal lateral /ʎ/

ABSTRACT

This research has as main objective at studying the variation of palatal lateral sound in the speech of 04 (four) cities of the Para State: Curionópolis, Itupiranga, Dom Eliseu and Tucuruí. Since their foundation, these cities have been receiving migrants from several areas of the country. The heterogeneous constitution of the population provokes in these communities the emergence of linguistic variety that presents phonetics and grammatical features of several areas of the country. The sample of the community is made of 46 informants that are stratified socially. The methodological framework adopted is that of quantitative sociolinguistics and geography linguistics. Most of the linguistic phenomena presented here, specifically the phonetics ones are in variation. Most of them are produced in a systematic way happen, in a variable or systematic way practically in the whole national territory. The main external factor that can be responsible for the variation is the education level, which influences in the production of the phonetic phenomena. The **VARBRUL** statistic software was used to calculate the probabilities of the linguistics and social variables. The main results showed six varieties of / / phoneme.

Key- words: sociolinguistics variation, geosociolinguistics, lateral consonant /ʎ/

SUMÁRIO

LISTA DE SÍMBOLOS.....	08
LISTA DE QUADROS E TABELAS.....	09
LISTA DE GRÁFICOS E FIGURAS.....	10
RESUMO.....	12
ABSTRACT.....	13
INTRODUÇÃO.....	17
1. DIALETOLOGIA, GEOGRAFIA LINGÜÍSTICA E SOCIOLINGÜÍSTICA.....	20
1.1. Dialetologia	20
1.2. Geografia Lingüística.....	21
1.2.1. Os atlas regionais brasileiros.....	26
1.2.1.1 O Atlas Prévio dos Falares Baianos (1963).....	26
1.2.1.2 O Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais (1977).....	26
1.2.1.3 O Atlas Lingüístico da Paraíba (1984).....	26
1.2.1.4 O Atlas Lingüístico de Sergipe (1987).....	27
1.2.1.5 O Atlas Lingüístico do Paraná (1996).....	27
1.2.1.6 O Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (2002).....	27
1.2.1.7 O Atlas Lingüístico Sonoro do Pará (2004).....	28
1.2.2 O Projeto Atlas Lingüístico do Brasil.....	29
1.3 Sociolingüística.....	29
2. REVISÃO DA LITERATURA SOBRE O FONEMA /ɫ/.....	33
2.1 Aspectos Diacrônicos do Fonema /ɫ/.....	33
2.1.1 Estudos Sobre o Fonema /ɫ/ em Outros Países.....	35
2.2 Propriedades Articulatórias do Fonema /ɫ/.....	36
2.3 A Semivocalização, um Fenômeno do Português do Brasil.....	43
2.4 Variações do fonema /ɫ/ nos Atlas Regionais Brasileiros.....	49
2.5 O Estudo do Fonema /ɫ/ no Estado do Pará.....	58
3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	60
3.1. O Pacote de Programas VARBRUL.....	60
3.2 Objetivos.....	62

3.3 Sobre as comunidades pesquisadas.....	63
3.3.1 Tucuruí.....	65
3.3.2. Itupiranga.....	66
3.3.3. Curionópolis.....	68
3.3.4. Dom Eliseu.....	69
3.4 Variáveis Sociolingüísticas.....	71
3.4.1 Variável Dependente.....	71
3.4.2 Variáveis Independentes.....	72
3.4.2.1 Variáveis Sociais.....	73
3.4.2.2 Variáveis Estruturais.....	74
3.5 A composição da Amostra e a Coleta de Dados.....	76
3.5.1 Estabelecimento dos Pontos de Inquérito.....	76
3.5.2 A seleção dos Informantes.....	76
3.5.3 Técnicas de Recolha de Dados.....	79
3.5.3.1 Questionário.....	79
3.5.3.2 Entrevistas.....	79
3.5.4 Arquivamento e Transcrição dos Dados.....	81
3.5.5 Confeção das Cartas Lingüísticas.....	83
3.6 Hipóteses Iniciais.....	84
4. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS E ANÁLISE DOS DADOS.....	87
4.1 Ocorrências das Variantes do Fonema Lateral Palatal /ʎ/.....	87
4.2 Grupo de Fatores Lingüísticos.....	88
4.2.1 Segmento Fonético Antecedente.....	88
4.2.2 Segmento Fonético Subseqüente.....	92
4.2.3 Tonicidade da sílaba.....	96
4.2.4 Estrutura Silábica.....	100
4.2.5 Classe Gramatical das Palavras.....	103
4.3 Grupo de Fatores Extralingüísticos.....	107
4.3.1 Escolaridade.....	107
4.3.2 Sexo.....	111
4.3.3 Faixa Etária.....	115

4.3.4 Localidade.....	119
4.3.5 Questionário/Narrativa.....	122
4.4 Sintetizando os resultados.....	126
4.5 Cartografia Lingüística.....	128
4.5.1 As cartas Lingüísticas.....	129
4.5.2 Leitura das Cartas.....	167
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	169
REFERÊNCIAS.....	173
ANEXOS – Volume II.....	

INTRODUÇÃO

Este trabalho “*Variações do fonema palatal lateral /ʎ/ no falar de 04 cidades do Sudeste do Pará: uma abordagem Geo-sociolingüística*” constitui um estudo do fonema /ʎ/ em contexto intervocálico, na fala urbana dos nativos dos municípios de Itupiranga, Curionópolis, Dom Eliseu e Tucuruí, localizados na região Sudeste do Estado do Pará. A amostra utilizada, composta por 46 (quarenta e seis) informantes, estratificados por idade, sexo e escolaridade, faz parte do corpus que integra o Projeto Atlas Geo-sociolingüístico do Pará – ALIPA (cf. Razky, 1998).

Procuramos, na medida do possível, uma interação entre uma abordagem sociolingüística e o método geográfico da dialetologia: a geografia lingüística (ou simplesmente, geolingüística). Sabe-se que a dialetologia está voltada para a heterogeneidade lingüística que acontece na dimensão horizontal (espacial, geográfica), isto é, na heterogeneidade distribuída no espaço territorial de uma nação ou região; ao passo que a sociolingüística preocupa-se com a variação lingüística entre os estratos sociais em determinada (s) comunidade (s), adotando assim, uma dimensão vertical (cf. Hinskens et al., 2000, p. 21).

Desse modo, a adoção, neste trabalho, da metodologia sociolingüística e o aproveitamento da abordagem geolingüística (daí a pretensão de um estudo geo-sociolingüístico), possibilitaram, por um lado, descrever a variação do /ʎ/ na fala das 04 (quatro) localidades e, por outro lado, permitiu inserir essa descrição no contexto da variação do /ʎ/ no Brasil. Essa interação, contudo, só foi possível devido ao grande número de trabalhos sobre /ʎ/ realizados no Brasil. O levantamento exaustivo desses trabalhos, por fim, faz parte de um esforço para melhor compreender a variação do /ʎ/ no Português Brasileiro.

Em relação ao português brasileiro, os estudos da Dialetologia e da Sociolingüística têm sido bastante contemplados em trabalhos acadêmicos e de pesquisas nas últimas décadas. O esforço na produção do Atlas Lingüístico do Brasil, através da geolingüística, iniciou-se na década de 50, cuja primeira proposta – a de realizar o atlas de uma só vez – logo foi substituída, pela proposta de buscar-se a construção do atlas geral através de atlas regionais. Desta forma, os resultados já alcançados contam com: o Atlas Prévio dos Falares Baianos (1963), o Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais (1977), o Atlas Lingüístico da Paraíba (1984), o Atlas Lingüístico de Sergipe (1987), o Atlas Lingüístico do Paraná (1996), o Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região do Brasil (2002) e o Atlas Lingüístico Sonoro do Pará (2004). Além desses trabalhos, há outros em diferentes fases de construção.

Concernente ao estado do Pará ainda são poucos os estudos acerca da descrição lingüística aqui presente, principalmente quando comparados a estudos realizados em estados do Nordeste e Sul do Brasil. Neste sentido, as quatro cidades pesquisadas mostram-se como um campo aberto a pesquisas desta natureza.

Com os argumentos apresentados até aqui, acreditamos ter justificado nosso trabalho, bem como seu título *“Variações do fonema lateral palatal /ʎ/ no falar de 04 cidades do Sudeste do Pará: uma descrição Geo-sociolingüística”*, o qual acreditamos ser pertinente para traduzir nosso intento, e que se apresenta nas próximas páginas organizado na seguinte ordem:

A composição do trabalho encontra-se dividida em dois volumes. O volume I inicia-se com este texto introdutório. No capítulo 1, fazemos uma breve descrição dos pressupostos teóricos da Dialetologia, da Geografia Lingüística e da Sociolingüística, os principais conceitos relativos a essas ciências e como as mesmas vêm sendo utilizadas como arcabouço teórico a trabalhos realizados no Brasil.

No capítulo 2, fazemos uma revisão bibliográfica que abrange desde a trajetória histórica do sistema consonântico da língua portuguesa – o que propicia a compreensão do desenvolvimento do fonema palatal em estudo dentro do atual sistema consonântico português – até estudos fonéticos, dialetológicos, diatópicos e variacionistas que abordam as diferentes realizações fonéticas associadas a esse fonema no português brasileiro.

No capítulo 3, fazemos uma breve explanação sobre o programa computacional VARBRUL que dá suporte à análise estatística dos dados, incluindo os objetivos, um histórico dos municípios nos quais fizemos a pesquisa de campo, a composição da amostra, as variáveis consideradas, o processo de confecção das cartas lingüísticas e as hipóteses iniciais elaboradas neste estudo.

O capítulo 4 é composto pela análise dos resultados estatísticos alcançados (apresentados em forma de tabelas), por meio dos quais verificamos a validade das hipóteses, considerando a pertinência dos grupos de fatores para a variação dos fonemas estudados e pela apresentação das 38 cartas lingüísticas, as quais mostram a distribuição espacial do fonema estudado em relação às quatro localidades. No capítulo 5, apresentamos a conclusão.

No volume II, apresentamos os anexos referentes a esta pesquisa, constituídos pelo questionário fonético-lexical, a ficha de identificação dos informantes, o roteiro das entrevistas, fotos das localidades, textos introdutórios às cartas lingüísticas, arquivo de especificação (VARBRUL), arquivo de dados (VARBRUL) e resultados estatísticos obtidos por meio do programa (VARBRUL).

1. DIALETOLOGIA, GEOGRAFIA LINGÜÍSTICA E SOCIOLINGÜÍSTICA

Neste capítulo apresentamos uma breve revisão acerca da Dialetoлогия, da Geografia Lingüística e da Sociolingüística, assim como, os principais conceitos referentes a essas ciências. Neste sentido, é salutar falarmos sobre língua, dialeto e falar. Nesta mesma linha, são fundamentais os conceitos de Atlas lingüístico, variação e variáveis lingüísticas e extra-lingüísticas.

1.1 Dialetoлогия

A Dialetoлогия apresenta-se, no curso da história, como uma ciência que assume por tarefa identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme a sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica. Dois aspectos fundamentais estão, pois, na sua gênese: o reconhecimento das diferenças ou das igualdades que a língua reflete e o estabelecimento das relações entre as diversas manifestações lingüísticas documentadas ou entre elas e a ausência de dados registrados, circunscritos a espaços e realidades pré-fixados.

Estudando a língua, instrumento responsável pelas relações sociais que se documentam entre membros de uma coletividade ou entre povos, a Dialetoлогия não pôde deixar passar ao largo a consideração de fatores extralingüísticos, inerentes aos falantes, nem relegar o reconhecimento de suas implicações nos atos de fala. Desse modo, fatores como idade, gênero, escolaridade e características de cunho sociocultural dos usuários das línguas estudadas tornaram-se elementos de investigação, convivendo com a busca de identificação de áreas geograficamente definidas do ponto de vista dialetal. Assim, a Dialetoлогия estuda a língua tendo como enfoque uma perspectiva espacial-geográfica, ou seja, estuda as peculiaridades lingüísticas existentes na língua de diferentes regiões de um mesmo país.

A definição de Dialetologia assumida por DUBOIS (1995) confirma essa premissa:

O termo dialetologia, usado às vezes como simples sinônimo de geografia lingüística, designa a disciplina que assumiu a tarefa de descrever comparativamente os diferentes sistemas ou dialetos em que uma língua se diversifica no espaço, e de estabelecer-lhes os limites. Emprega-se também para descrição de falas tomadas isoladamente, sem referência às falas vizinhas ou da mesma família.” (DUBOIS, 1995, p. 185).

Depreende-se da citação posta em relevo que a Dialetologia busca estabelecer relações entre modalidades de uso de uma língua ou de várias línguas, seja pela identificação dos mesmos fatos, seja pelo confronto presença/ausência de fenômenos considerados em diferentes áreas. Esse objetivo faz com que a Dialetologia se torne, de início, “*a ciência da variação espacial*”, como a descreve COSERIU (1965, 1982), “(...) *do reconhecimento de áreas dialetais, da delimitação dos espaços*”, contribuindo para uma visão de dialeto que extirpe preconceitos e seja desprovida de estigmatização.

A partir dessa preocupação diatópica, isto é, variação de natureza espacial, é que o estudo sistemático das variações – sobretudo as de natureza geográfica – veio a formalizar-se no século XIX - com investigações *in loco*- época em que as investigações no campo da linguagem, dominadas por idéias positivistas, se desenvolveram segundo métodos histórico-comparativos. Ao final deste mesmo século, assiste-se ao desenvolvimento de princípios metodológicos que vão fazer aflorar a Geografia Lingüística, surgida “*como resposta a uma afirmação teórica dos neogramáticos*” (p.38). Firma-se assim, a Geografia Lingüística como método por excelência da Dialetologia a qual se incubirá de recolher realidades dialetais refletidas nos espaços considerados.

1.2 Geografia Lingüística

BRANDÃO (1991) define Geografia Lingüística como:

(...) o método dialectológico e comparativo (...) que pressupõe o registro em mapas especiais de um número relativamente elevado de formas lingüísticas (fônicas, lexicais ou gramaticais) comprovadas mediante pesquisa direta e unitária numa rede de pontos de determinado território ou que, pelo menos, tem em conta a distribuição das formas no espaço geográfico correspondente à língua, às línguas, aos dialetos ou aos falares estudados” (Brandão, 1991, p. 11-12).

Desse modo, falar de Geografia Lingüística implica falar também de seus fundamentos básicos: língua, dialeto e falar. Segundo DUBOIS (1995), a língua nada mais é que um sistema de signos, cujo funcionamento é regido por muitas regras e coerções. Ela é o código que estabelece a relação de comunicação entre o receptor e o emissor (p. 383). Dialeto é uma forma de língua, usada num local restrito, que possui um sistema léxico, sintático e fonético próprio (p. 184). E falar é um sistema de signos que define um quadro geográfico estreito e é, também, uma forma de língua usada por um determinado grupo social (p. 266).

Considerando também as definições apresentadas por ALVAR (1961), as quais postulam que a língua é o:

(...) sistema lingüístico de que se utiliza uma comunidade falante e que se caracteriza por ser grandemente diferenciado, por possuir alto grau de nivelação, por ser veículo de importante tradição literária e, às vezes, por ter-se imposto a sistemas lingüísticos de sua própria origem.

Enquanto *dialeto* é o:

(...) sistema divergente de uma língua comum, viva ou desaparecida, normalmente com uma concreta limitação geográfica, mas sem forte diferenciação frente a outros de origem comum.

ALVAR (*op. cit*) distingue ainda a diferença entre falar regional e falar local. Para o autor, o primeiro destes falares caracteriza-se por:

(...) ser a peculiaridade expressiva própria de uma região determinada, que necessita da coerência interna que possui o dialeto. Sendo, portanto, peculiaridades regionais da língua comum.

O que também o distingue do falar local, segundo o qual se trata de:

(...) estruturas lingüísticas de traços pouco diferenciados, mas com matizes características dentro da estrutura regional a que pertencem e cujos usos estão limitados a pequenas circunscrições geográficas, normalmente de caráter administrativo.

Analisando as duas definições, percebemos como fica difícil estabelecer uma precisa diferença entre dialeto e falar, tanto que alguns lingüistas questionam em que se baseiam tais diferenciações. Mesmo que se encontre dificuldade, para estabelecer a diferenciação na prática, a tendência é a de se empregar o termo dialeto em sentido mais amplo, ou seja, considerar qualquer variedade lingüística como dialeto. Isso possibilita denominar de dialetos tanto a variedade falada numa região do país quanto as usadas por cada um dos segmentos que formam a população, desde que existam traços de particularidades.

Estando nós, portanto, no terreno da geografia lingüística, não se pode deixar de tratar do termo essencial também aos seus compêndios, o conceito de Atlas Lingüístico. Segundo (BRANDÃO, 1991, p. 25), tem-se:

um Atlas lingüístico é o conjunto de mapas em que se registram os traços fonéticos, lexicais e/ou morfossintáticos característicos de uma língua num determinado âmbito geográfico. Em outras palavras, é um repositório de diferentes realizações que constituem as diversas normas que coexistem num sistema lingüístico e que configuram seus dialetos e/ou falares. (BRANDÃO, 1991, p. 25)

E ainda:

Para que se chegue a uma descrição fidedigna da realidade lingüística de um país, região ou localidade – por meio de uma amostragem como a que os Atlas lingüísticos propiciam -, é fundamental não só que se recolham e analisem os dados segundo rigorosa metodologia específica, mas também que se proceda a um estudo preliminar que possibilite conhecer as especificidades da região em que se desenvolverá a pesquisa e dos segmentos sociais que a constituem. (BRANDÃO, 1991, p. 25)

O marco inicial dos estudos dialetológicos, assim como suas principais diretrizes é assinalado por dois trabalhos pioneiros: o levantamento de dados da realidade alemã feito por Wenker e a recolha sistemática para o Atlas Linguistique de la France (*ALF*), obra de Gilliéron e

Edmont, o qual nas palavras de CARDOSO (2002), “*inaugura a aplicação do método geolingüístico na sua plenitude*”.

Em sua obra inovadora Wenker documentou a realidade dos usos que se registravam na Alemanha. Sem controlar sistematicamente as variáveis sociais, o autor verificou que a faixa etária e o sexo não foram pré-determinados nem, a *posteriori*, podem ser estabelecidos. Da escolaridade dos informantes, porém, e pelo fato de terem sido os questionários encaminhados aos inspetores regionais de escolas que os passavam aos instrutores, tem-se a dimensão: as respostas foram dadas por letrados, responsáveis pelo ensino na região e podem, ainda, contemplar a contribuição de outros aos quais tenham recorrido esses informantes básicos. A pesquisa desenvolvida por Wenker reflete as dificuldades advindas de uma coleta de dados feita por correspondência, o que significa dados não observados *in loco*, com profundas implicações para o tratamento de informações fonéticas. Sendo, porém, uma obra muito significativa para o avanço da Dialectologia.

Se Wenker abre caminho para uma pesquisa diatópica ampla, permitindo a intercomparação de fatos de uma região com outras, o mérito de consolidar definitivamente o método de recolha dos dialetos geográficos vai recair sobre Jules Gilliéron que, em 1887, iniciou a coleta de dados para o Atlas Linguistique de la France.

Durante um período aproximado de quinze anos Jules Gilliéron - considerado hoje, o fundador da geografia lingüística como método de investigação científica, no que foi seguido por Gaston Paris, o grande impulsionador e divulgador do seu trabalho - esteve preocupado em coletar dados relacionados a questões dialetais, em diversas localidades francesas. Foi a partir de seu Atlas Lingüístico da França – o ALF¹ – que a geografia lingüística ganhou status de ciência.

¹ Composto por 1920 cartas

Sempre ressaltando a importância de se estudarem os fatos lingüísticos levando em consideração sua distribuição espacial.

Após o surgimento do ALF e de outros Atlas europeus, muitos foram os estudiosos da linguagem que se dedicaram a verdadeiros trabalhos de “geologia” lingüística, tendo como objetivo principal analisar as línguas e suas diferenças dialetais, para mais tarde explicar diferenças diatópicas², diferenças diástricas³ e diferenças diafáticas⁴, no sentido de melhor conhecerem os fatores internos e externos que contribuem para a polimorfia das línguas.

Depois do ALF e dos estudos feitos por Gilliéron sobre os dados nele contidos, uma nova visão do tratamento do fenômeno da variação se estabelece, pois, nas palavras de Rossi (1980: 3301)

“(...) não apenas a regularidade absoluta das modificações fonéticas recebia o tiro de misericórdia, mas o mesmo acontecia ao mito do dialeto como unidade de desenvolvimento histórico ininterrupto, orgânico e autônomo, preservada ao longo de séculos de interferências de outros dialetos”. (ROSSI, 1980)

Proliferaram-se assim, trabalhos de cunho geolingüísticos, desde os Atlas europeus entre eles, Sprach und Sachatlas Italiens und der Südschweiz, no qual se ver acrescido o fator etnolingüístico e o Linguistic Atlas of New England, assim como na América temos, o Linguistic Atlas of the United States and Canadá até trabalhos realizados no continente americano como um todo. Na Península Ibérica, e no que toca mais perto à língua Portuguesa, o Atlas Lingüístico da Península Ibérica.

Desses estudos revisados, percebe-se que a Geografia Lingüística apresenta, pois no seu percurso histórico o que ALINEI (1994, p. 21) chama de um movimento contraditório, explicando que *“não se começou da área menor para encaminhar-se na direção da maior, mas*

² Variações de natureza espacial são exemplos de variedades diatópicas os falares regionais ou locais,

³ Variações lingüísticas determinadas por fatores socioculturais

⁴ Variações lingüísticas determinadas pela situação, pelo ambiente social em que o falante se encontra. São exemplos de variação diafáticas as diferenças entre língua formal e língua oral.

*se começou pela de maior extensão, seguindo-se na direção de áreas menores*⁵”.

O sentido contrário adotado pelos pesquisadores brasileiros na construção dos Atlas regionais publicados no Brasil.

1.2.1 Os atlas regionais brasileiros

Em relação ao português brasileiro, os estudos da dialetologia e da sociolingüística têm dado significativa colaboração nas últimas décadas. O esforço na produção do Atlas Lingüístico do Brasil, através da geolingüística, iniciou-se na década de 50, cuja primeira proposta – a de realizar o Atlas de uma só vez – logo foi substituída pela proposta de buscar-se a construção do Atlas geral através de Atlas regionais. Desta forma, os resultados alcançados contam com:

1.2.1.1.O Atlas Prévio dos Falares Baianos (1963)

No Brasil, a primeira manifestação com um trabalho de cunho regional, o Atlas Prévio dos Falares Baianos - APFB (Rossi,1963), recobre o Estado da Bahia, com uma rede de 50 localidades, no que descreve e apresenta resultados em onze cartas introdutórias e 198 cartas lingüísticas acompanhadas de notas que contêm o discurso dos informantes que se distribuem pelas diferentes áreas geográficas e culturais. O APFB colocou em evidência traços fonéticos, léxicos e semânticos de importante representatividade.

⁵ “non si è cominciato com l’area più piccola per procedere verso la più grande, ma si è cominciato com l ameno

1.2.1.2 O Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais (1977)

Programado para ser concluído em 04 volumes, dos quais apenas o volume I já foi publicado em 1977, o EALMG contém 74 cartas, das quais 45 são onomasiológicas, com dados lexicais e fonéticos, pertencentes às áreas semânticas: *tempo e folgedos infantis*, que juntamente, com áreas semânticas: *homem, animais, água e terra*, constituem o questionário. As demais cartas são isófonas e isoléxicas dos fenômenos destacados. A coleta de dados se deu em 184 localidades do estado a partir de conversações semidirigidas, realizadas junto a questionários específicos.

1.2.1.3 O Atlas Lingüístico da Paraíba (1984)

O ALP é constituído de 149 cartas advindas de pesquisa *in loco* e apresentou como inovação em relação aos trabalhos dessa natureza, a entrevista de três a dez informantes em cada uma das 25 redes de municípios que constituíram a rede de pontos e o fato do questionário ser elaborado em duas partes: a geral, com 289 questões, compreendendo sete áreas semânticas, e a específica, com 588 questões, com o léxico relativo a produtos agrícolas do estado, tais como, mandioca, abacaxi, algodão, entre outros.

1.2.1.4 O Atlas Lingüístico de Sergipe (1987)

O ALS baseou-se na experiência obtida pelo APFB e dele se tornou uma continuação. Constituído de 182 cartas onomasiológicas, o ALS representa vasto campo de estudo sobre o falar sergipano e juntamente com o APFB e EALMG permitiu observar até que ponto tinha razão Antenor Nascentes ao incluir Bahia, Sergipe e Minas Gerais numa mesma área lingüística.

Aproveitando dados coletados entre 1963 e 1964, que não foram explorados no ALS, CARDOSO (2002) apresenta o ALS-II, resultado de sua tese de doutorado. Os dois Atlas caracterizam-se como pluridimensionais, ou melhor, bidimensionais, uma vez que enfocam duas variáveis, a diatópica e a diagenérica.

1.2.1.5 O Atlas Lingüístico do Paraná (1996)

Resultado da tese de doutorado de AGUILERA (1996) fruto de recolha do material de 65 pontos, aplicando um questionário de 318 perguntas a 130 informantes, o ALPR é constituído de 02 volumes. O primeiro, apresenta 191 cartas geolingüísticas, das quais 92 documentam variantes lexicais, 70, as variantes fonéticas e 29 cartas sintéticas com a distribuição geográfica de algumas zonas isoléxicas e isófonas. O segundo volume, traz aspectos como procedimentos metodológicos, itens do questionário, dados dos sujeitos, das localidades e da notação fonética.

1.2.1.6 O Atlas Lingüístico Etnográfico da Região Sul do Brasil (2002)

O ALERS (Koch et alii, 2002), foi desenvolvido por equipes do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, numa rede de 275 pontos. Com dois volumes, o primeiro tratando de questões metodológicas e o segundo apresentando as cartas fonéticas e morfossintáticas, o ALERS foi constituído pela aplicação de um questionário que se divide em três partes: Questionário Fonético Lexical (50 perguntas), Questionário Morfossintático (75 perguntas) e Questionário Semântico Lexical (com 610 itens e 800 perguntas). O ALERS, é o primeiro atlas a abranger mais de um estado da federação, no que apresenta as particularidades lingüístico-etnográficas decorrentes do processo de povoamento dos três estados.

1.2.1.7 O Atlas Lingüístico Sonoro do Pará (2004)

Publicado em 2004, em CD-ROM, o ALISPA é o primeiro atlas do Brasil a apresentar uma organização de dados em formato de texto e áudio (fonoteca). A pesquisa foi realizada em 10 localidades que representam as 06 microrregiões do Pará, onde se aplicou o Questionário Fonético-Fonológico (157 questões). Foram entrevistados 04 sujeitos em cada ponto, dois de cada sexo, nas faixas etárias de 18-30 anos e 40-70 anos.

Pelo fato de terem sido produzidos em épocas distintas e seguindo metodologias também diferentes, esses atlas regionais refletem, não somente a preocupação com o controle de variáveis diatópicas, mas também com aspectos sociolingüísticos. Um reflexo dessa preocupação são os Atlas Lingüístico do Paraná e Atlas Lingüístico de Sergipe, considerados como “*uns dos primeiros representantes de um Atlas lingüístico sistematicamente pluridimensional*” (Wilkemann, 1989), por incluir em seu escopo, aspectos concernentes ao sexo dos informantes.

Além desses trabalhos, há outros em diferentes etapas de realização, como: Atlas lingüístico dos pescadores do Rio de Janeiro, Atlas lingüístico do Amazonas, Atlas Lingüístico do Ceará, Atlas Lingüístico de São Paulo, Atlas Lingüístico do Mato Grosso do Sul, Atlas Lingüístico do Mato Grosso, Atlas Lingüístico do Acre, Atlas Lingüístico do Maranhão, Atlas Geo-sociolingüístico do Pará⁶, Atlas Lingüístico do Rio Grande do Norte e Atlas lingüístico do Espírito Santo.

⁶ A descrição do português falado no território paraense é tarefa a que se propôs o projeto “O Atlas Geo-sociolingüístico do Pará”, da Universidade Federal do Pará, cuja proposta é baseada no ponto de vista sociolingüístico, considerado “*de máxima importância para determinar as condições e os contextos intra e extra-lingüísticos onde ocorrem a variação e a mudança lingüísticas*” (cf. Razky, 1998). A pesquisa geo-sociolingüística desenvolvida pelo projeto quer explicar a variação no tempo e no espaço fonética e a lexical regional e as zonas de flutuação e atrito das variedades estudadas. Desta forma, o banco de dados que está sendo construído “*apresentará uma realidade histórica que, em função das variações em andamento, poderá indicar as modificações futuras ou, posteriormente, vir a explicá-las*” (Razky, 1998).

1.2.2 O Projeto Atlas Lingüístico do Brasil

A esse conjunto de Atlas regionais vem juntar-se, atualmente, o Projeto Atlas Lingüístico do Brasil – ALIB, iniciado em 1996, por ocasião do Seminário Caminhos e Perspectivas para a Geolingüística no Brasil. Com objetivos bem definidos, o Projeto ALIB se propõe a descrever a realidade lingüística do Brasil, no que tange à língua portuguesa, com enfoque prioritário na identificação das diferenças diatópicas e estabelecer isoglossas com vistas a traçar a divisão dialetal do Brasil, *“tornando evidentes as diferenças regionais por meio de resultados cartografados em mapas lingüísticos e de estudos interpretativos de fenômenos considerados”* (CARDOSO, 2002).

Do ponto de vista metodológico, o Projeto ALIB atende aos princípios da Geografia Lingüística e introduz controles de natureza sociolingüística. Na medida em que o projeto prioriza a informação diatópica, prevê também o controle de variáveis sociais, procurando, assim, alcançar uma visão multidimensional da língua portuguesa no Brasil.

1.3 Sociolingüística

Todas as línguas naturais, nos eventos de fala, apresentam um dinamismo inerente que, freqüentemente, faz surgirem formas diferentes equivalentes ao mesmo significado. Essa variação, que em nível da fonética/fonologia, da morfossintaxe ou do vocabulário contrapõe usos de regiões do território nacional e de grupos sociais distintos, é o que constitui o objeto de estudo da Dialetologia e da Sociolingüística.

Entendida como uma subárea da Lingüística que estuda as línguas no seio da comunidade de fala, a Sociolingüística realiza em sua investigação uma correlação entre aspectos do sistema lingüístico e aspectos do sistema social, focalizando a variação, entendida *“como um princípio geral*

e universal das línguas, passível de ser descrita e analisada” (MOLLICA, 2004). Isto significa dizer que, do ponto de vista sociolingüístico, a heterogeneidade da língua é passível de sistematização e, portanto, é previsível em lugar de aleatória.

A investigação deve buscar o grau de estabilidade ou de mutabilidade da variação, diagnosticando as variáveis que contextualizam as variantes e descrevendo seu comportamento preditivo. As variantes, ou formas variantes, podem ser entendidas como equivalentes semânticos que co-ocorrem num dado estado de tempo na língua; as variáveis constituem-se de parâmetros reguladores que condicionam positiva ou negativamente o emprego de formas variantes. Em casos de variação, as variantes podem manter-se estáveis no sistema durante um período ou até por séculos; em casos de mudança em processo, uma das formas variantes tende a desaparecer e é substituída por outra ou outras ao longo do tempo.

Dois eixos definem, pois a variação: o eixo diatópico e o eixo diástrico. O primeiro define as alternâncias regionais e os limites são físico-geográficos, enquanto o segundo define as alternâncias de acordo com os estratos sociais e os limites são, portanto, sociais. Nessas duas perspectivas, horizontal e vertical, a variação é contínua, sem demarcações geográficas ou sociais exatas, a não ser que definidas em termos de tendências a empregos de certas formas as quais são motivadas por condicionamentos diversos. Mollica (*op. cit*) defende que esses fatores em geral em grande número, agem simultaneamente e emergem de dentro ou de fora dos sistemas lingüísticos.

A Sociolingüística também assume que a variação é regida por restrições lingüísticas e não lingüísticas (Labov, 1972), e que ela é investigada a partir de uma correlação entre esses aspectos. Diante disso, Scherrer (1996, p. 39-40) assume que “(...) *os fenômenos lingüísticos variáveis, aqueles expressos por duas ou mais variantes, apresentam tendências regulares e*

passíveis de serem descritas e explicadas por restrições de natureza lingüística e não lingüística”.

Desse modo, numa investigação sociolingüística, deve-se descrever o comportamento das variantes, contextualizando-as de acordo com os fatores que favorecem seu uso. Assim, a heterogeneidade lingüística não ocorre de forma aleatória, mas é regulada por regras, que podem ser internas ou externas ao sistema lingüístico.

Essas regras podem ser identificadas numa comunidade de fala, visto que o analista poderá levar em consideração tanto os fatores fonológicos, morfossintáticos, lexicais e discursivos assim como os fatores extra lingüísticos, como aspectos geográficos, escolaridade, sexo, renda, classe social, faixa etária, etc. para identificar a regularidade de ocorrência da variante em estudo.

A Sociolingüística oferece, assim, modelos teórico-metodológicos para a análise da variação lingüística, dentre os quais está o de Labov, a teoria variacionista, proposta desde 1966. Esse modelo propõe o estudo da variação, como o próprio nome explica de formas do sistema lingüístico que apresentam diferentes realizações na fala espontânea. Desse modo, surge com a teoria da variação a possibilidade de se descrever a fala e suas diferentes manifestações nas comunidades linguísticas, visto que “(...) *a variação é essencial à própria natureza da linguagem humana*”.(Monteiro, 2000, p. 57).

Sintetizando as idéias até aqui abordadas, percebemos que os estudos da Geografia Lingüística são bem anteriores à Sociolingüística, mas já lidavam com o aspecto da variação geográfica, apresentada por meio de atlas lingüísticos – embora os primeiros atlas apresentassem limitação pelo fato de que não davam conta da complexidade social da comunidade - que é também uma área de Dialetologia. Neste sentido, a sociolingüística veio completar os estudos

anteriores com base numa metodologia ampla que coloca o indivíduo e seu grupo social como fator importante na pesquisa sobre a língua. A partir daí, a Geografia Lingüística, recentemente passou a incluir na sua abordagem os pressupostos da sociolingüística e um exemplo forte disso no Brasil é o projeto Atlas Lingüístico do Brasil – ALIB. Nossa proposta insere-se neste contexto, no sentido de tentar integrar essas duas vertentes, quando analisa a regra variável, por meio da Sociolingüística e o mapeamento dessa variação no espaço físico, possibilitada pela Geografia Lingüística.

É do nosso conhecimento como já ressaltou ALVAR (1968), que nenhum método será capaz de abarcar, em sua totalidade, a variabilidade de uma língua *“Nunca possuiremos a realidade de qualquer fala, porque a realidade é mutável em cada comunidade, em cada indivíduo, dessa coletividade e nos momentos, distintos, de cada indivíduo”*. Entretanto, acreditamos que ao unirmos os princípios que regem a geografia lingüística aliados aos da sociolingüística podemos ensejar um melhor conhecimento dos mecanismos com que opera uma língua e dos fatores que determinam sua evolução.

No capítulo seguinte, apresentamos a variação do fonema /*ʎ*/ a partir de trabalhos de base sociolingüística, assim como o enfoque dado a este fonema nos Atlas regionais brasileiros.

2. REVISÃO DA LITERATURA SOBRE O FONEMA /ʎ/⁷

Apresentamos neste segundo capítulo a revisão bibliográfica do fonema /ʎ/ e seu percurso dentro da Língua Portuguesa. Visando entender a relação entre o espaço geográfico e os fatos lingüísticos, apresentamos também um breve resumo de trabalhos realizados por pesquisadores brasileiros - os quais mostram que o fenômeno da semivocalização ou iotização, é muito comum em áreas rurais – assim como a metodologia, os resultados e o modo como os mesmos trataram a variação do fonema /ʎ/.

2.1 Aspectos Diacrônicos do Fonema /ʎ/

O fonema /ʎ/ não fazia parte dos sistemas fonológicos do latim clássico e vulgar. De acordo com CÂMARA JR. (1975), no latim clássico, as laterais são descritas como anteriores simples /l/ e geminadas /ll/, para o caso do /ʎ/.

COUTINHO (1976:74) observa que no português arcaico era comum a ocorrência de geminada no meio e fim da palavra, como por exemplo: *ella* ou *ela*, *castello* ou *castelo*, *mall*, *tall*. A duplicação no fim visava provavelmente a distinguir o /l/ velar do alveolar; no meio, decorria da influência do latim, que assim as ortografava a fim de representar o prolongamento da fase de intensão das consoantes longas como ocorria na pronúncia. Ainda de acordo com o autor, à maneira do castelhano, empregava-se o –ll- geminado entre vogais, para indicar som palatal molhado: *vallam* = *valham*. A princípio, era este som representado por *li*: *filia* = *filha*. O pronome *lhe* aparece sob a forma *li*, que ainda hoje é usada dialetalmente. O *lh* é de origem provençal.

De acordo com CÂMARA JR. (1980), os segmentos fônicos latinos –lia, -lie, -lio passaram para o português, como –lha, -lhe, -lho, devido a mudanças articulatórias graduais condicionadas pela vogal - i-, dando origem a um novo fonema /ly/ molhado. Na primeira fase,

⁷ Algumas notações fonéticas e nomenclaturas utilizadas pelos autores citados foram mantidas, quando diferem daquelas por nós utilizadas neste trabalho.

deu-se a mudança de silabação em que –i- vocálico passou a assilábico, ou *iod* (y), ditongando-se com a vogal seguinte. Ainda nesta fase, o –l- deve ter-se realizado levemente palatalizado, mas tendo valor dental. Tratava-se de uma variação sincrônica, sem valor fonológico, pois esse - l-, levemente palatalizado diante de *iod*, não passava ainda de uma variante posicional. A mudança - com valor fonológico - teve lugar numa terceira etapa, quando a articulação do *iod* fundiu-se na articulação do - l-, estabelecendo a articulação “molhada” da consoante. A partir desse momento [ʎ] deixou de ser variante posicional e ganhou status de fonema.

Com isso, desapareceu a posição especial que era determinada pela presença de –i silábico. Passou-se a ter um –ly diante de qualquer vogal, exatamente como em contraste se tinha l dental: filha ao lado de fila, palha ao lado de pala, molha ao lado de mola, velha ao lado de vela, bulha ao lado de bula e assim por diante”. (CÂMARA JR, 1980:225).

As mudanças sofridas por este fonema na passagem do latim ao português são sintetizadas por SILVEIRA (1988) quando o autor mostra que a consoante simples –l, em posição intervocálica, mantém-se em início de vocábulo (l>l, *lacu* > lago); em posição medial cai (*malu*>mau); ou se mantém e a vogal seguinte cai, (*male*>mal). Mostra ainda que os grupos de consoantes intervocálicos do tipo –pl-, -cl-, -bl-, -gl-, -ly-, -gl-, -ly- passam a –lh- como em: (*scop(u)lu*>escolho; *espec(u)lu*>espelho; *trib(u)lu*>trilho; *teg(u)la*>telha; *cing(u)la*>cilha e *filiu*>*filyu*>filho).

No que concerne ao aspecto ortográfico, a realização da consoante palatal já é admitida desde o século XIII, conforme atesta sua representação tomada de empréstimo junto ao idioma francês. Porém, MICHAELLIS (*apud* HAUY, 1994:35) assegura que “a grafia do som palatal lh, oscilava entre ll, ly e l simples” assim permanecendo até o século XIV, sendo que a distinção entre esses fonemas só veio a ocorrer na escrita a partir do século VIX.

2.1.1 Estudos Sobre o Fonema /ʎ/ em Outros Países

Um dos primeiros estudos realizados acerca da variação do fonema /ʎ/ foi desenvolvido por GAUCHAT (1905 *apud* Mollica & Braga, 2004), ao visitar uma aldeia na Suíça, no início do século passado, notou que nas palavras em que as pessoas mais velhas usavam a lateral palatal [ʎ] os mais jovens preferiam [y], enquanto os de meia-idade usavam ambos os sons. De modo semelhante, onde os falantes de mais idade pronunciavam o som [θ] (como na palavra inglesa *think*), os mais novos usavam [h], os de meia-idade oscilavam entre uma variante e outra. Aproveitando a técnica de tempo aparente⁸, o pesquisador postulou que os sons [ʎ] e [θ] estavam em processo de extinção no dialeto e que futuramente seus substitutos seriam [y] e [h]. O que foi confirmado por Hermann (1929), vinte e cinco anos mais tarde.

Hermann (*op. cit*) notou que [ʎ] já havia praticamente desaparecido da fala local e concluiu que o processo de mudança previsto por Gauchat já estava concluído visto que todos os falantes, independentemente da sua idade, usavam apenas [y].

Sobre a palatal, ALONSO (*apud* MADUREIRA, 1987), observa que no espanhol /ʎ/ passa a /y/ no século XVII. Modernamente, é um fenômeno variável regional tanto na Espanha quanto na América. MARTINON (*idem*), afirma que, no francês, [y] torna-se a forma padrão no século XVIII, em alternância com /l/, mas na região Sul da França ainda se encontra a lateral palatal. MADUREIRA (*op. cit*) afirma que a lateral se vocaliza no romeno e no italiano, /ʎ/ alterna com [y]. A autora observa que no português de Portugal não se registra a passagem [ʎ]-[y].

⁸ Sob a hipótese clássica, o estado da língua de um falante adulto reflete o estado da língua adquirida quando o falante tinha aproximadamente 15 anos de idade. Assim sendo, a fala de uma pessoa com 60 anos hoje representa a língua de quarenta e cinco anos atrás, enquanto outra pessoa com 40 anos hoje nos revela a língua de há apenas vinte e cinco anos. A escala em tempo aparente, obtida através do estudo de falantes de idades diferentes, é chamada de “graduação etária”. Ela corresponde, sempre sob a hipótese clássica, a uma escala de mudança em tempo real. O tempo aparente constitui, assim, uma espécie de projeção. As discrepâncias entre a fala das pessoas de 40 e 20 anos são atribuídas ao progresso da inovação lingüística nos vinte anos que separam os dois grupos. (Chambers & Trudgill, 1980: 165).

2.2 Propriedades Articulatórias do Fonema /ʎ/

Conhecer as propriedades articulatórias de um fonema permite ao pesquisador cometer menos equívocos quando no período de transcrição dos dados, este se torna um fator imprescindível. Consideremos então, alguns aspectos articulatórios deste som consoante lateral palatal que em Português, ocorre apenas em posição intervocálica⁹ e que graficamente corresponde ao dígrafo “lh”.

Levando em consideração os aspectos estritamente articulatórios¹⁰, quanto ao modo de articulação, o fonema /ʎ/ é uma consoante lateral constritiva, ou seja, quando a corrente de ar só é parcialmente interceptada pela aproximação dos órgãos da boca e quando, em consequência de se achar a ponta ou o dorso da língua apoiado ao palato, projeta-se o ar pelas fendas laterais da boca. Quanto ao ponto de articulação /ʎ/ é considerado como palatal. Com relação à função das cordas vocais este é considerado um fonema sonoro.

Para SILVA (2005) o articulador ativo¹¹ de um som palatal é a parte média da língua e o articulador passivo é a parte final do palato duro, como, por exemplo, no vocábulo, **palha**. Ao produzir este som o falante articula uma consoante lateral palatal que apresenta a obstrução da passagem da corrente de ar na região palatal. Ou seja, a região central da língua quase toca o céu da boca, cujo símbolo fonético é [ʎ].

Uma segunda maneira de articulação deste fonema é quando uma consoante lateral alveolar (ou dental) é articulada juntamente com a propriedade articulatória secundária de palatalização. Isto é, o falante levanta a ponta da língua em direção aos alvéolos ou aos dentes

⁹ A líquida palatal é rara em posição inicial e só aparece em empréstimos (lhama;lama).

¹⁰ A fonética articulatória compreende o estudo da produção da fala do ponto de vista fisiológico e articulatório.

¹¹ Os articuladores ativos têm a propriedade de movimentar-se (em direção ao articulador passivo) modificando a configuração do trato vocal. Os articuladores ativos são: (o lábio inferior que modifica a cavidade oral), a língua (que modifica a cavidade oral), o véu palatino (que modifica a cavidade nasal) e as cordas vocais (que modifica a cavidade faríngea). Eles são denominados articuladores ativos devido ao seu papel ativo (no sentido de movimento) na articulação consonantal. (SILVA, 2005: 29-30).

incisivos superiores. Neste momento a região média da língua é levantada em direção ao palato duro. Temos então uma consoante lateral alveolar palatalizada, cujo símbolo é [lʲ].

Há ainda falantes que pronunciam as palavras “teia” e “telha” da mesma forma. Neste caso, uma vogal com qualidade vocálica de *i* ocupa a posição consonantal de /k/. Daqui por diante grafado [y]¹².

Dentre os fenômenos que permeiam a variação de /k/ não podemos deixar de falar na palatalização e despalatalização que ocorrem nesse fonema.

O fenômeno da palatalização consiste no levantamento da língua em direção a parte posterior do palato duro, ou seja, a língua direciona-se para uma posição anterior – mais para frente da cavidade bucal - do que normalmente ocorre quando se articula um determinado segmento consonantal.

DUBOIS (1998), explica a palatização como:

O fenômeno particular de assimilação sofrido por certas vogais e consoantes em contato com um fonema palatal (no caso as vogais anteriores) a realização do fonema k no francês *qui* ou no português “quilo” é uma consoante pós-palatal sob a influência da vogal *i*. (DUBOIS, 1998:449)

Os estudos diacrônicos¹³ de CÂMARA JR (1986), mostram a palatalização como uma mudança fonética que consiste na ampliação da zona articulatória para a produção de uma consoante, em decorrência do desdobramento da parte média da língua em direção ao palato médio. Na evolução da língua portuguesa, a palatalização criou quatro consoantes que não existiam no sistema de fonema latino, na ordem constritiva uma chiante surda e uma chiante sonora; uma nasal palatalizada (nasal palatal); uma líquida lateral palatalizada (lateral palatal). Estas resultaram de grupos consonânticos latinos ou de uma consoante em contato com –y.

¹² Em nosso trabalho [y] = [j], [ly] = [lj]

¹³ Compreendem aquelas “dispostas em vários planos de uma só tradição histórica”.

Daí dizer que a palatalização é uma assimilação determinada por um fonema palatal –y, assimilador, em contato com a consoante assimilada; um exemplo: *veclu-* (-cl->-yl-) > velho.

Para SILVA (2005), em seus estudos sincrônicos¹⁴, a consoante que apresenta a propriedade secundária de palatalização apresenta um efeito auditivo de seqüência de consoante seguida de **i** ocorrendo geralmente quando uma consoante é seguida de vogais anteriores **i**, **e**, **é** (orais ou nasais) (...) e mais freqüentemente com consoantes seguidas de **i** como, por exemplo, em “aliado”.

Desse modo, entendemos então, que uma consoante palatalizada é aquela consoante que possui o ponto de articulação palatal como ponto de articulação secundária.

CAGLIARI (1974) analisa a palatalização de forma mais abrangente e observa que os sons palatais são de difícil caracterização, devido principalmente, a instabilidade do fenômeno, e aponta como um dos principais problemas a falta de consonância entre os diferentes estudiosos de fonética, Gleason (1969), Malmberg (1971), Ladefoged (1965), Heffner (1969), Catford (1968), Strakka (1965), entre outros. Refere-se ainda à problemática da definição da palatalização, ao uso de critérios arbitrários propostos por cada um desses autores para os pontos e modos de articulação de sons palatais, à imprecisão quanto a esses critérios, à utilização de termos diferentes e diferentes interpretações para os mesmos resultados, além do uso inadequado da palatografia que gera resultados não confiáveis.

Considerando os estudos palatográficos dos fenômenos da palatalização no dialeto paulista a que Cagliari (*op. cit.*) se dedicou, o autor propôs então a distinção de três realidades fonéticas, as consoantes não palatais, as consoantes palatalizadas e as consoantes palatais. Esta última caracterizada da seguinte forma:

¹⁴ Cronologicamente simultâneas, observáveis, num mesmo plano temporal, que compreenderiam as variações causadas por fatores geográficos, entre outros.

As consoantes palatais localizam-se na região palatal (pré palatal ou central), apresentam os maiores contatos línguo-palatal, exigem maior esforço articulatório (...). Apresentam uma duração maior, quer na retenção, quer na distensão. São, essencialmente, sons simples, não articulações duplas. O comportamento da língua é decisivo; sempre temos a ponta da língua abaixada atrás dos incisivos inferiores. Do ponto de vista auditivo, caracterizam-se pelo timbre “molhado” (CAGLIARI, 1974).

Entendemos então, a palatalização como a tendência de consoantes não palatais (anteriores ou posteriores) de se localizarem no centro da abóbada palatina. Estas representam um estágio intermediário, com uma disposição articulatória das consoantes não palatais, mas com articulação mais forte e enérgica, como para as palatais (p. 80). A maior evidência desta ocorrência se daria com as palatalizadas em sílaba tônica, como ocorre com [n] e [l] que passam a [n'] e [l'] (palatalizados). Os resultados obtidos no seu estudo apontam as realizações típicas das palatais no dialeto paulista como [ʎ] e [ɲ].

A distinção entre palatalizadas, não palatais e palatais é feita levando em consideração cinco fatores: lugar de articulação, modo de articulação, comportamento da língua, energia articulatória e percepção.¹⁵

A respeito das palatais, o autor reconhece em língua portuguesa¹⁶, a ocorrência de consoantes palatalizadas precedidas ou seguidas de [i] ou de [y], favorecidas pela articulação palatal (que exige maior esforço articulatório) desses segmentos. Segundo CAGLIARI (*op. cit*), as consoantes n e l são os sons que se palatalizam e despalatalizam mais facilmente, devido ao fato de se incluírem entre as consoantes de fraca articulação e que pelo mesmo motivo estão mais suscetíveis a variações.

¹⁵ Para o autor, quanto ao lugar de articulação, as palatalizadas têm uma pequena parte do contato em algumas regiões limítrofes com a região palatal e, portanto, maior contato com essa região. Seu modo de articulação tem um contato mais largo do que as não-palatalizadas. O contato línguo-palatal é o mesmo de uma não-palatal, mas articulada com maior energia. O autor observa ainda que esses contatos apresentam grande variação, nem sempre de fácil interpretação palatográfica, gerando uma variação fonética que pode ser percebida auditivamente, mas consideradas irrelevantes pelos falantes, em determinadas línguas, se estiverem em distribuição complementar.

¹⁶ “ Nas línguas onde há correlações de consoantes palatalizadas paralelamente às consoantes não-palatais, os falantes não têm dificuldades em perceber o timbre palatalizado, pois necessitam deles para distinguir palavras. Nas línguas onde isso não ocorre, os falantes não têm consciência dos casos de palatalização que realizam (*ibidem*, p. 91)”.

A despalatalização, por seu turno, é um fenômeno fonético que ocorre devido ao enfraquecimento do contato línguo-palatal, diminuindo a área de contato, encurtando-o para frente ou para trás. Desse modo, consoantes palatais ou palatalizadas regridem para a região anterior ou posterior, como historicamente, em *coelu kelu>celu>seu* (céu). Sincronicamente, é o que se convém chamar de “tendência ieisante” da língua, que ocorre na passagem de /ɮ/ a /y/¹⁷.

Vista como uma etapa de evolução da palatal, a despalatalização, gera outras transformações. A realização palatalizada, um dos aspectos da despalatalização, é uma realização intermediária na passagem da palatal para não-palatal. A realização despalatalizada nesse nível não é percebida pelos falantes, por não ter valor fonológico. Contudo, as variantes que resultam desse enfraquecimento sofrem maior ou menor estigmatização social. As fases resultantes desse processo, apresentadas pelo autor, são: palatal, palatalizada com iode, palatalizada sem iode e despalatalizada com iode.

A passagem da palatal à palatalizada com iode, segundo CAGLIARI (*op. cit.*), tem a mesma facilidade da passagem da palatalizada com iode à palatal, no primeiro caso tem-se o aumento de energia e no segundo a diminuição:

“A passagem da palatal à palatalizada seguida de iode se justifica perfeitamente pelo fato das palatais, sendo mais longas do que as demais consoantes, terem uma distensão mais profunda, o que pode dar a entender a presença de iode, seguido imediatamente à distensão. O enfraquecimento articulatório não permitido a palatal, faz com que gerações mais novas percebam na distensão da palatal um iode e comecem a realizar a palatal como uma consoante palatalizada (menos enérgica e firme) seguida de iode.” (*op. cit.*, p. 118)

¹⁷ (...) o enfraquecimento articulatório se produz ao longo da linha média da língua, originando um canal de constrição, em vez de oclusão. As bordas da língua, agora, continuam com sua pressão forte para os lados, comprimindo-se contra os dentes premolares e molares, na posição típica de iode. Observando-se alguns palatogramas das consoantes palatais, nota-se, às vezes, uma maior tendência a iode, pela diminuição da oclusão sobre a linha média. No ponto em que essa diminuição acabar com a oclusão sobre a linha média, gerando, portanto, um canal constritivo, estamos diante de iode. (*op. cit.*, p. 115).

Considerando a descrição do autor, temos então, a lateral palatalizada, como variante de /l/ (lateral alveolar), a qual é favorecida em alguns casos pela presença da vogal palatal ou *iode* em posição átona, do ponto de vista articulatorio registra-se um avanço na linha média do palato. Como variante de /ʎ/ pode despalatalizar-se quando precedido de vogal palatal tônica.

ALBAN (2004), ao analisar os tipos de variação que interferem na constituição das sílabas diz que a variação $\lambda \sim y$, conhecida por *iotização*, está fartamente documentada no conjunto de textos tradicionais recolhidos na microrregião de Feira de Santana-BA. O fenômeno atua em vocábulos do português tradicional, como *borraio* e *borraieira*, e do português comum:

<i>bacaiou</i> ~ bacalhau	<i>paia</i> ~ palha
<i>espaiar</i> , -ou ~ espalhar, -ou	<i>pioio</i> ~ piolho
<i>foia</i> ~ folha	<i>recoia</i> ~ recolha

A correspondência simétrica da variação $\lambda \sim y$ se desfaz em:

borraeira ~ borralheira
véa ~ velha

Onde um novo grau de variação se estabelece com a supressão de um segmento: $\emptyset$: λ .

Ou ainda em:

ói ~ olhe, olha
oi ~ olho
pioi ~ piolho
rei ~ relho

Onde se dá a supressão da vogal átona final.

No caso de *olhe* ~ *ói* a forma reduzida *ói* não é a última da escala dessa série que tem o verbo *olhar* como forma básica. Ao lado de *ói*, existe ainda o segmento monofonemático *ó*, que funciona, como o próprio *ói*, como expressão interjectiva. Assim temos em:

Óia, ói, ó

uma redução que não prejudica a comunicação, uma vez que no ato da enunciação o *ó* se insere numa pauta entonacional particular, acompanhado quase sempre de um elemento gestual de alto grau informativo.

De modo semelhante, suprime-se toda a sílaba final em: *fi*, variante de filho, o que cria um novo par diferenciador na variação rural-urbana da região. Destaca-se ainda o vocábulo *mulher*, que apresenta a singularidade de ter pelo menos três realizações: [mu'ʎɛ], com a fricativa laríngea mais ou menos enfraquecida, [mu'yɛ] e [mu'ɛ], esta com a lateral despalatalizada.

SILVA (2005) ao considerar as realizações de porte articulatorio também trata da variação deste fonema. A autora identifica três realizações relacionadas ao fonema /ʎ/: a realização lateral palatal, representada foneticamente por [ʎ] e a realização palatalizada [ʎʲ], na qual o glide faz parte da consoante lateral palatalizada, a exemplo do que ocorre no termo [o'ljada] *olhada*, e a realização [y]. Segundo a autora, a variante [ʎ] tem ocorrência na fala de poucos falantes do português brasileiro, os quais, em sua maioria, realizam a alveolar ou dental palatalizada [lj].

SILVA (*op. cit.*), formaliza também a ‘alofonia da lateral palatal’, como segue o quadro 1:

QUADRO 1- Alofonia da Lateral Palatal

Tipo de alofonia	Fonema	Alofones	Contextos e exemplos
Lateral Palatal	/3/	[3], [ʎ], [y] individual ou em grupos	Variação livre, exemplo: /'pa 3a/ → [ˈpɔ3B] ~ [ˈpɔʎB] ~ [ˈpɔyB] “palha”

Fonte: (cf. SILVA, 2005, p. 148)

Em seu estudo, a autora justifica ainda a importância de se observar que o uso de qualquer uma das variantes [3, ʎ, y] não altera o significado da palavra. Há falantes que fazem uso de mais de uma variante, podendo até mesmo alternar formas como [ˈpa3B] ~ [ˈpaʎa] “palha”. Neste caso, a alternância entre [3, ʎ, y] não causa mudança de significado e os segmentos encontram-se em variação livre. Esta alofonia pode manifestar-se individualmente ou em grupos. O fonema /3/ pode

relacionar-se a um único alofone – que pode ser um dos segmentos [ʒ, ʎ, y]. Pode-se também ter os três alofones livres: [ʒ, ʎ, y]. Alternativamente, o fonema /ʎ/ pode relacionar-se a pares, por exemplo [ʒ, ʎ,] ou [ʎ, y], devendo o falante avaliar a alofonia da lateral palatal para seu idioleto.

São essas características articulatórias das variantes do fonema /ʎ/ que constituem o corpus aqui analisado.

2.3 A Semivocalização, um Fenômeno do Português do Brasil

Percebendo o caminho do fonema palatal lateral desde sua aparição até os dias atuais, conseguimos catalogar vários trabalhos que tratam da variação a que este fonema está sujeito, em particular, no português falado no Brasil. Dentre os vários fenômenos observados um dos mais comuns é o da semivocalização, ou iotização, atribuída por alguns autores tradicionais à influência das línguas africanas e indígenas.

Tendo como base estudos regionais, como o de AMARAL (1920), NASCENTES (1922), MARROQUIM (1934) e SILVA NETO (1986:134), os quais afirmam que é bastante expressiva a unidade de ocorrência de certos fatos fonéticos no português brasileiro, dentre eles a ocorrência de /i/ por /ʎ/. A título de exemplo, SILVA NETO (*op. cit.*) cita vocábulos como *mio*, *fio*, *atrapaiá*, *impuiá*, em lugar de milho, filho, atrapalhar, impulhar, cuja pronúncia é considerada característica dos falares crioulos registrados em Cabo Verde, Guiné, São Tomé, Ceilão, Dio, Goa e Ilha do Príncipe.

A semivocalização de /ʎ/ é identificada também por MELO (1981:58-59), a partir de formas como *trabayo* (trabalho), *famiya* (família), *muyé* (mulher), *cuyé* (colher), *paya* (palha), onde o autor questiona a influência do tupi e compara, ligeiramente, esse processo ao mesmo ocorrido na pronúncia do fonema palatal lateral francês atual. Também lembra a transformação em três dialetos crioulos portugueses: *véi* (velho), (Cabo Verde), *fiya* (filha), (Guiné), *foya* (folha)

em São Tomé. Dentre os fatos fonéticos apontados pelo autor, a semivocalização é reconhecida como fenômeno comum ao interior do Brasil. A transformação de [lh] > [l] como em *mulé* (mulher) é vista como fenômeno mais restrito a certos lugares da Bahia.

A ocorrência da neutralização do contraste entre /l/ e /ʎ/ é identificada por CÂMARA JR (1977) diante de [i], com realização apenas do primeiro membro (*folinha*) ou ainda a anulação da distinção entre [lh]-[ly] como no caso de *venha-vênia*, diante de [y].

Ainda de acordo com o autor, o fenômeno da iotização em língua portuguesa, é atribuído à influência dos falares crioulos:

“Mudança de uma vogal ou consoante para a vogal anterior alta [i] ou para a semivogal correspondente ou iode. Nos falares crioulos portugueses há a iotização das consoantes molhadas l', por exemplo, mulher>muyé. A iotização seria um traço lingüístico, denominado africanismo, que resulta da interferência das línguas africanas na língua portuguesa, especialmente no português brasileiro, em decorrência da vinda dos escravos no período colonial, quando se constituem substratos das línguas africanas, como o Ioruba, do bloco das línguas sudanesas no sul do golfo de Guiné, e o Quimbundo, do bloco bântu, no sul da África”. (CÂMARA JR, 1986:149).

Também MENDONÇA (1948), afirma que a vocalização de /ʎ/ ocorria nos falares das populações luso-africanas das ilhas de Cabo Verde, São Tomé, Príncipe e Ano Bom, nas quais não se falava a língua tupi.

SPINA (1987), atribui à esse fenômeno a influência simultânea das línguas indígenas e africanas:

inúmeras modificações fonéticas, operadas no português dos séculos XVI e XVII, curiosamente poderão até ser explicadas pela influência simultânea da língua tupi e dos falares trazidos pelos escravos africanos. Tal o caso da vocalização do diagrama lh em “i”, observada por Plínio Ayrosa e exemplificado com as corruptelas muié, mio, fio, moia, espeio, oio, mio por mulher, milho, filho, espelho, olho, mulher.

Entre os vários trabalhos que encontramos a respeito do assunto da variação deste fonema, há alguns que não levantam questões acerca do fenômeno da iotização ou semivocalização, mas

que não deixam de identificar e descrever as diversas realizações deste fonema palatal no português dos falantes brasileiros, os quais apresentamos agora, em ordem cronológica.

MERCER (1947) relata a ausência da palatal lateral na cidade de Imperatriz, no estado do Maranhão. Em seu inquérito dialetológico o autor registra essa ausência na fala de informantes com idade abaixo de vinte anos, os quais realizam a variante [l] apical seguida de [y], de maneira que formas como *galha* e *Gália* soam de forma idêntica.

Os estudos dialetológicos de PENHA (1972), na zona rural do Sul de Minas Gerais, registram a despatalização de /ʎ/ para /l/ e /y/, a partir de formas com [veyu] *velho*, [reyu] *relho*, [paya] *palha*, [rastoyu] *restolho*, [atayu] *atalho*, [li] *lhe*, [sandaya] *sandália* (lh secundário > y: *sandá [l]ia* > *sanda [lh]a* > *sanda [y]a*).

Em outro estudo PONTES (1973, *apud* CAGLIARI, 1974), ao descrever o inventário de fonemas do dialeto carioca, elimina /ʎ/ do quadro de fonemas palatais. Foneticamente, o fonema /ʎ/ é descrito como lateral álveo-palatal [ly], o que resulta na falta de contraste entre palavras como óleo-olho. Com isso, o autor estaria “*visando a simplicidade e a economia do sistema*” (p. 16).

A partir de seus estudos palatográficos CAGLIARI (1974), distingue no dialeto paulista as realizações de [ʎ], por ele chamada de palatal verdadeira, em [ly] para [ʎ]. O autor considera a realização de [y] para /ʎ/ como típica de falantes brasileiros de classe social baixa e de pouca instrução, como os falantes de região rural, o que se confirma pelo fenômeno de hipercorreção em formas como *teia* (cobertura) por *telha*, por comparação com formas como *fiyo* por *filho*, sendo, portanto, uma variante estigmatizada. Para ele, a variante palatalizada de /ʎ/ é sentida como menos estigmatizada do que a variante com iode, por representar um estágio intermediário.

O autor apresenta ainda, um quadro das palatalizações a que este fonema está sujeito e suas realizações. Como consoante palatalizada, às quais se inclui [l] palatalizado, consoantes palatais, da

qual consta [ʎ] “verdadeiro”, consoante não-palatal seguida de iod, em que se encontra [ly], consoante palatal seguida de iod, como [y], consoante palatalizada seguida de iode [ly].

RODRIGUES (1987), em seu estudo sobre o falar de Piracicaba-SP, identifica a variação [3] ~ [y] e mostra que a realização semivocalizada da lateral palatal está associada aos falantes de classe baixa e ao “falar errado”.

Também OLIVEIRA (1982) identifica em Belo Horizonte, o uso esporádico da variante [y] por falantes de grupos mais favorecidos economicamente. O uso desta variante é feito mais por falantes de classes sociais mais baixas e no estilo informal, sendo desfavorecida pelas mulheres. A autora identifica também o uso de [l] por [ʎ] em falantes mais velhos no estilo formal, considerada uma variante com maior prestígio do que [y], mas em processo de extinção.

SILVEIRA (1986), numa perspectiva fonético-fonológica, afirma que o fonema /ʎ/ é realizado por [ʎ], porém são encontradas outras bases articulatórias, tais como [y, yy, l, ly]. A realização [y] ocorre como variante combinatória, em posição intervocálica, mas com pausa entre as sílabas [um yé]. Em [yy], além da semivocalização, há propagação, sendo, portanto, variante combinatória de posição intervocálica, sem pausa entre sílabas [muyyé]. Como variante livre, há realização alveolar /l/ por /lh/ como em [‘olus] *olhos*; e ainda a realização [ly] como em [‘filyu] *filho*.

Analisando as realizações [y] e [yy], a autora trata tais realizações como de característica regional, denominado *ieísmo* brasileiro, associado aos falares caipira. Quando há pausa ocorre [maya] *malha*, não havendo pausa ocorre [mayya] *malha*. No caso de [ly], trata-se, na interpretação de Silveira (*op. cit.*), de realização livre [malya] ou [malha] *malha*. É de livre realização também [l] por [lh] como [filyu], [filu] *filho*.

Com o objetivo de verificar se o processo de vocalização representa aplicação de uma regra variável ou um processo de difusão lexical, MADUREIRA (1987) analisa em sua pesquisa

a vocalização de /ʌ/, em Belo Horizonte-MG. A partir de um corpus constituído junto a 8 informantes, a autora considera parâmetros sociais (sexo, faixa etária, grupo socioeconômico, estilo de fala) e estruturais (vogais precedentes, subseqüentes, tonicidade, item lexical).

Os resultados apontaram que entre os segmentos antecedentes à variante semivocalizada, inicialmente a vogal [a] e os segmentos posteriores foram mais favoráveis, contrariando a hipótese de favorecimento dos segmentos anteriores. Os testes seguintes, considerando os traços, arredondado e não-arredondado, anteriores e posteriores, com a exclusão de [a], levaram a autora a relacionar o favorecimento deste segmento à alta frequência do item *trabalhar*. A fim de verificar sua hipótese, Madureira faz duas oposições com este item, a primeira, com outros itens da amostra com [a] precedente e, a segunda, com todos os demais segmentos precedentes. Em ambos os casos, os resultados indicaram o favorecimento do item, *trabalhar* à variante semivocalizada.

Considerando os segmentos subseqüentes, destacam-se apenas as vogais anteriores e o ditongo [ey]. Testes de oposição entre vogais anteriores e posteriores e [+alta] e [-alta], como na análise para os segmentos antecedentes, demonstram o favorecimento das vogais posteriores e [-altas]. Diante dos resultados para os segmentos contíguos, e na falta de uma justificativa fonética adequada, a autora conclui que a vocalização se dá em nível lexical e não em nível fonológico, sem representar um caso de reestruturação lexical. Em relação ao fator tonicidade, a distinção entre tônicas e átonas apresentou resultados irrelevantes.

Quanto ao fator item lexical, a análise é feita a partir de quatro blocos de itens lexicais, formados conforme o percentual de frequência de [y]. O primeiro com itens acima de 20%, o segundo com itens entre 10 e 20%, o terceiro entre 1 e 9% e finalmente, sem nenhuma ocorrência. A análise dos dados, levando em conta a alta frequência de certos itens, no primeiro (ex. *trabalhar*), terceiro (ex. *mulher, filho*) e quarto bloco (ex. *milhões*), leva a pesquisadora a levantar a hipótese de

que a frequência de um item favorece a aplicação da regra quando o conteúdo semântico de uma forma lingüística é associado à avaliação social, ou seja, a uma conotação positiva ou negativa.

A partir dos parâmetros sociais, o estudo demonstra que a regra de vocalização, no conjunto geral dos dados, é mais presente nos grupos sócio-econômicos menos favorecidos (1ª-4ª séries), entre homens, jovens e adultos e no estilo formal. O resultado para este último fator é relacionado pela autora à metodologia de coleta de dados, considerada inadequada. A relação entre esses parâmetros e a difusão lexical nos quatro blocos de itens lexicais mostra a gradação decrescente do favorecimento do grupo sócio-econômico menos favorecido e da faixa etária, em cada bloco, o que leva a autora a concluir que a vocalização representa um processo de difusão lexical, que se processa em nível estrutural e não estrutural.

Seguindo uma abordagem dialetológica, AGUILERA (1987), registra na cidade de Londrina-PR, fenômenos variáveis de /ʎ/ como despalatalização por iotização (*águia*<agulha; *miyu*<milho; *bóia*<bolha; *faiado*<falhado); despalatalização por síncope ou por apócope, sem resquício de [j] (*fiu*<filho; *mil*<milho; *triu*<trilho); despalatalização por substituição (*coxinili*<coxinilho; *li*<lhe); palatalização, por hiperurbanismo, na zona rural (*cambalho*<cambayo; *melha*<meia; *papagalhu*<papagaio); palatalização seguida de rotacismo (*orvalho*>*orváliu*>*orváriu*).

PONTES (1996) analisa a variação de [ʎ] – [y] no falar rural de Rosário do Avaí-PR, a partir de dados coletados em duas comunidades. Os dados foram reunidos em dois conjuntos de itens lexicais, um conjunto especial (CE), com traços do falar caipira, e outro conjunto geral (CG), com traços da pronúncia do português padrão. Para a análise, o autor seleciona três fatores lingüísticos relevantes: vogais precedentes (consideradas irrelevantes), vogais seguintes e a tonicidade. Os fatores sociolingüísticos selecionados são a idade, a escolaridade e o sexo.

Para as vogais seguintes, a articulação [-anterior] é mais favorável ao aparecimento da variante [y], também o fator tonicidade indicou o maior favorecimento da posição [+pretônica].

A regra variável proposta indica que para palavras do CG, que apresentam o fonema /k/, há maior probabilidade da pronúncia [y] nos contextos em que a vogal seguinte for [-ant] e a variação ocorrer na posição pretônica; se for seguido de [-ant] com posição [-pretônica] e depois de [+ant] com posição [+pretônica] e ainda se for [+ant] com posição [-pré-tônica]. No conjunto de itens lexicais (CE), o fator tonicidade revelou-se irrelevante, da mesma forma que o ponto de articulação [+ant]. Outra regra variável indica que a ocorrência de [y], no conjunto de itens lexicais CE, se dá somente quando a vogal seguinte for não anterior.

A análise sociolinguística revelou que o fator escolaridade é relevante nos dois conjuntos de itens lexicais, ao passo que os fatores idade e sexo são relevantes apenas para os itens de CG. No fator escolaridade, os itens de ambos os grupos apresentam a variante semivocalizada nos diferentes níveis de escolaridade, entretanto, os falantes não escolarizados apresentam os percentuais mais altos, em contraste com os falantes de maior escolaridade. A distância de usos se torna ainda maior nos itens do grupo CG. A conclusão do autor é que entre os falantes do grupo CE, há menor consciência da estigmatização da variante [y], ao contrário dos falantes do grupo CG.

O autor confirma em sua conclusão, que em nível extralinguístico, as variantes caipiras são mais usadas por falantes menos escolarizados. Indica ainda que os fatores idade e sexo são instáveis quanto ao favorecimento das mesmas. Em nível linguístico, o local de articulação e a posição interna da palavra em que a variante ocorre foram considerados como fatores determinantes da variação.

2.4 Variações do fonema /k/ nos atlas Regionais Brasileiros¹⁸

Dos estudos revisados apresentados no capítulo anterior, encontramos a realização do fonema /k/ e como o mesmo é apresentado na representação cartográfica dos Atlas, o que passamos a tratar a partir deste ponto.

¹⁸ Gostaríamos de apresentar um número maior de cartas comparativas listadas nos atlas regionais brasileiros, o que não foi possível devido a problemas de acesso bibliográfico. Esperamos, no entanto, que a variação espacial consiga ser preenchida pelas cartas apresentadas.

CARUSO (1983), considerando os inquéritos preliminares de ROSSI (1970), sobre o falar baiano, registrou a alta ocorrência de não-iotização de /k/ (91%), em 5 localidades daquele estado, e a baixa ocorrência das formas com iotização (9%). Este estudo chamou a atenção pelo fato de contrariar a idéia de ser a iotização um fenômeno tipicamente brasileiro ou pan brasileiro. Diante disto, novos levantamentos das ocorrências e das áreas dialetais mostraram a tendência para a iotização com 64,2% na região litorânea ocidental do estado e 35,8% para as formas iotizadas mais concentradas no interior. A hipótese de Caruso é de que haveria um processo de reconstrução da palatal a partir do litoral, entrando por Salvador, rumo ao interior da Bahia, ainda sem serem identificados os condicionamentos motivadores deste processo. O fenômeno variacional a que o autor se refere pode ser visualizado na carta exemplo (Figura 1), retirada do Atlas Prévio dos Falares Baianos:

FIGURA 1 – APFB CARTA 23 (SAROLHA)

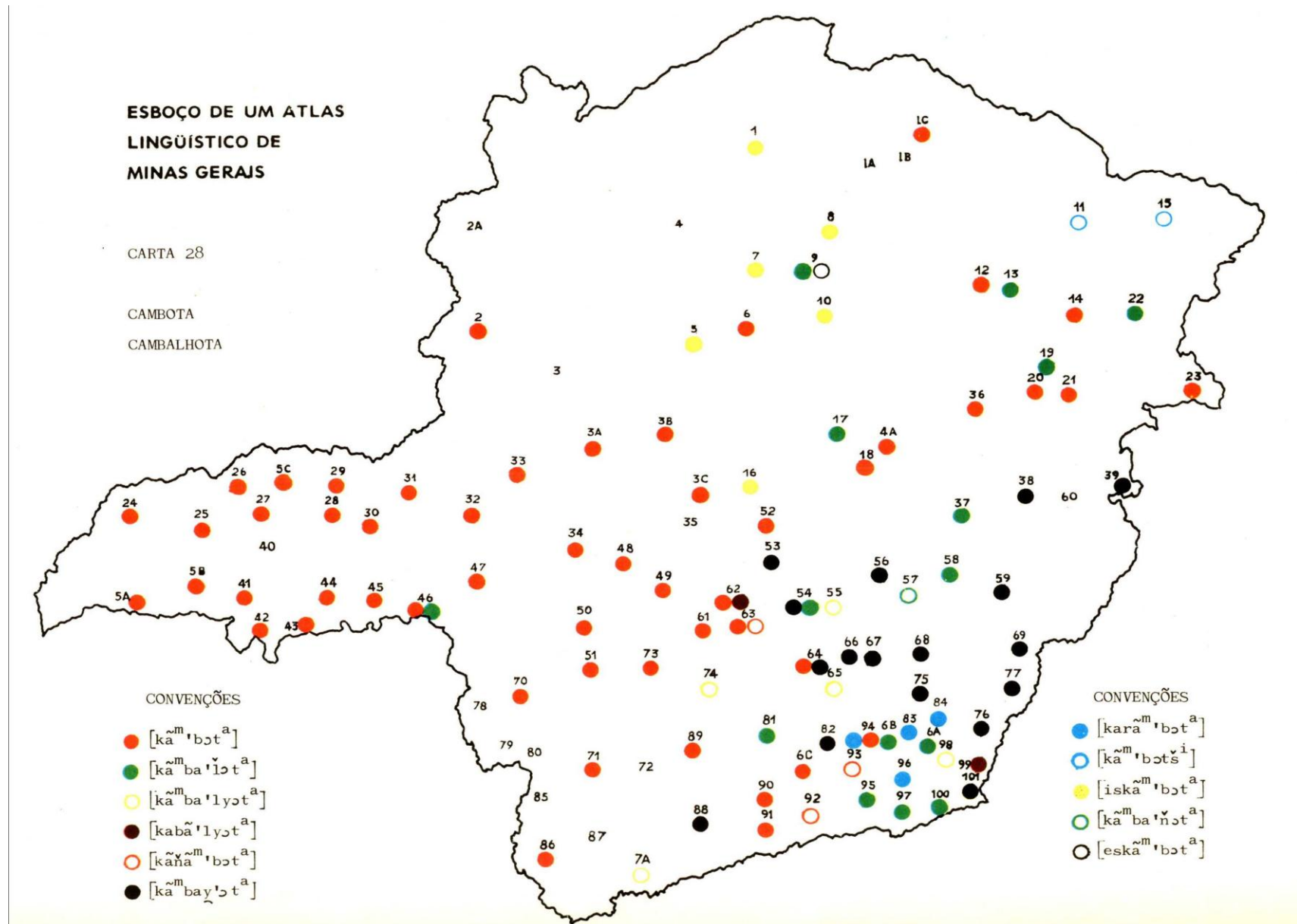


Em trabalho subsequente, AGUILERA (1988) retoma as realizações fonéticas de /ʎ/ no Atlas Lingüístico do Paraná. A partir de sete vocábulos são identificadas as realizações [ʎ], [j] e [∅], a primeira delas considerada a variante culta e a mais produtiva, para a maioria dos vocábulos. As variantes [j] e [∅] são mais freqüentes nas regiões predominantemente rurais do estado. O estudo de Aguilera indica que o uso dessas variantes está relacionado à universalidade ou à especificidade do uso de termos, de forma que as variantes padrão são favorecidas pela universalidade do termo, enquanto as não padrão pelo uso rural e pela sua arcaicidade.

BRANDÃO (1996) analisa o fenômeno do *ieísmo* em quatro Atlas lingüísticos brasileiros, sendo eles (AFPB, ALPB, ALSE, EALMG). A análise de 21 cartas descreve para o fonema /ʎ/, os fenômenos de manutenção da lateral palatal (35%); permuta por [lj] (2%); iotização com manutenção da vogal subsequente (38%); iotização com apagamento da vogal subsequente (15%); permuta por [l] (0%); síncope (10%). Os exemplos dados para as realizações são, respectivamente [ori'valhu] orvalho, [oh'valju] orvalho, [´oju] olho, [ju'ej] joelho, [or'valu] orvalho, [bra'gia] braguilha.

O fenômeno da iotização, observado nos quatro Atlas parece ser motivado por fatores estruturais ligados à qualidade das vogais precedentes /e,o/ (P.R. .59), /E, O/ (P. R. .49) e /a/ (P. R. .30), e por fatores de ordem geográfica, com a seguinte distribuição: a iotização ocorre na Bahia – 72%, Sergipe – 64%, Paraíba – 58%, Minas Gerais – 43%. O dialeto baiano é o que apresenta a maior tendência para a iotização (p. r. .67), ao passo que o mineiro apresenta menor tendência (p.r. .43).

O baixo índice de iotização do /ʎ/ e suas demais variações no Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais podem ser mais bem observados na carta 28, a partir do vocábulo “cambalhota”, na figura 2:



O comportamento da palatal lateral é analisado também por SILVA e MOREIRA (1997) na fala de 13 comunidades pesquisadas do Norte-Nordeste do Estado do Rio de Janeiro (Projeto APERJ). A partir de entrevistas feitas junto a 6 informantes masculinos, semi-alfabetizados e analfabetos, distribuídos nas faixas etárias de 18-35 (A), 36-55 (B), 56-70 (C). Os fenômenos observados foram: manutenção (72%), permuta por [lj] (17%), permuta por [l] (5%), permuta por [j] (5%) e síncope (1%). Os condicionamentos identificados para permuta por [lj] foram a sílaba pós-tônica (p.r. .64), após as vogais: [i] (sem indicação do peso relativo), [o] (.66) e a classe dos substantivos (.55). Para a variante [j], os condicionamentos encontrados foram a ocorrência no contexto anterior das vogais [a] (.62), [ɛ] (.76), [o] (.53) e [ɔ] (.93); quanto ao contexto seguinte as vogais favorecedoras descritas foram [a] (.54), [e] (.77) e [u] (.54).

Verificou-se que a forma [lj] é a mais produtiva entre falantes de comunidades litorâneas das três faixas etárias selecionadas (18-35, 36-55, 56-70), enquanto [j] ocorre mais na fala interiorana entre os falantes da última faixa. A forma [l] acha-se condicionada por fatores estruturais, como vogal anterior [i] no contexto seguinte, a presença de outra consoante palatal no vocábulo e em sílaba tônica.

ARAGÃO (1997) identifica a partir de 04 cartas fonéticas do Atlas Lingüístico da Paraíba a alta frequência e a distribuição da despalatalização seguida de iotização de /ʎ/ na fala de informantes masculinos e femininos, de 25 municípios, na faixa etária de 30 a 75 anos. A distribuição dos processos para /ʎ/ são mais freqüentes nas faixas etárias de 51-60 anos (19.0%), 61-70 (25,4%), acima de 70 (24,4%) e menos freqüentes nas faixas de 30-40 (14%) e 41-50 (16,8%). Quanto aos níveis sócio-culturais considerados, a iotização da lateral palatal se distribui em 52,6% entre analfabetos, 27,6%, entre falantes com primário incompleto e 19,8% entre falantes com primário completo. Essas variantes estão na carta 27, na figura 3.

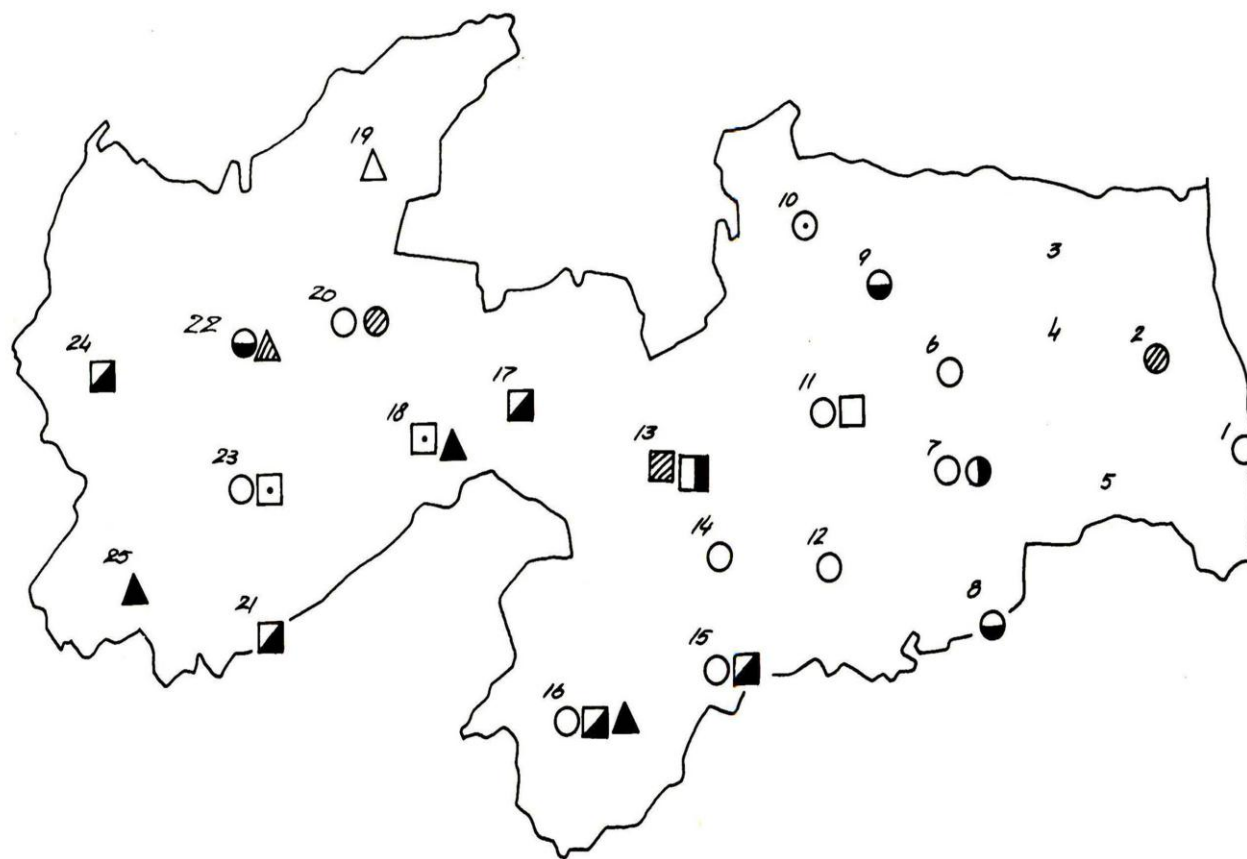
FIGURA 3 – ALPB CARTA 27 (ORVALHO)

Atlas Lingüístico da Paraíba

Carta nº 027 • Orvalho

CONVENÇÕES

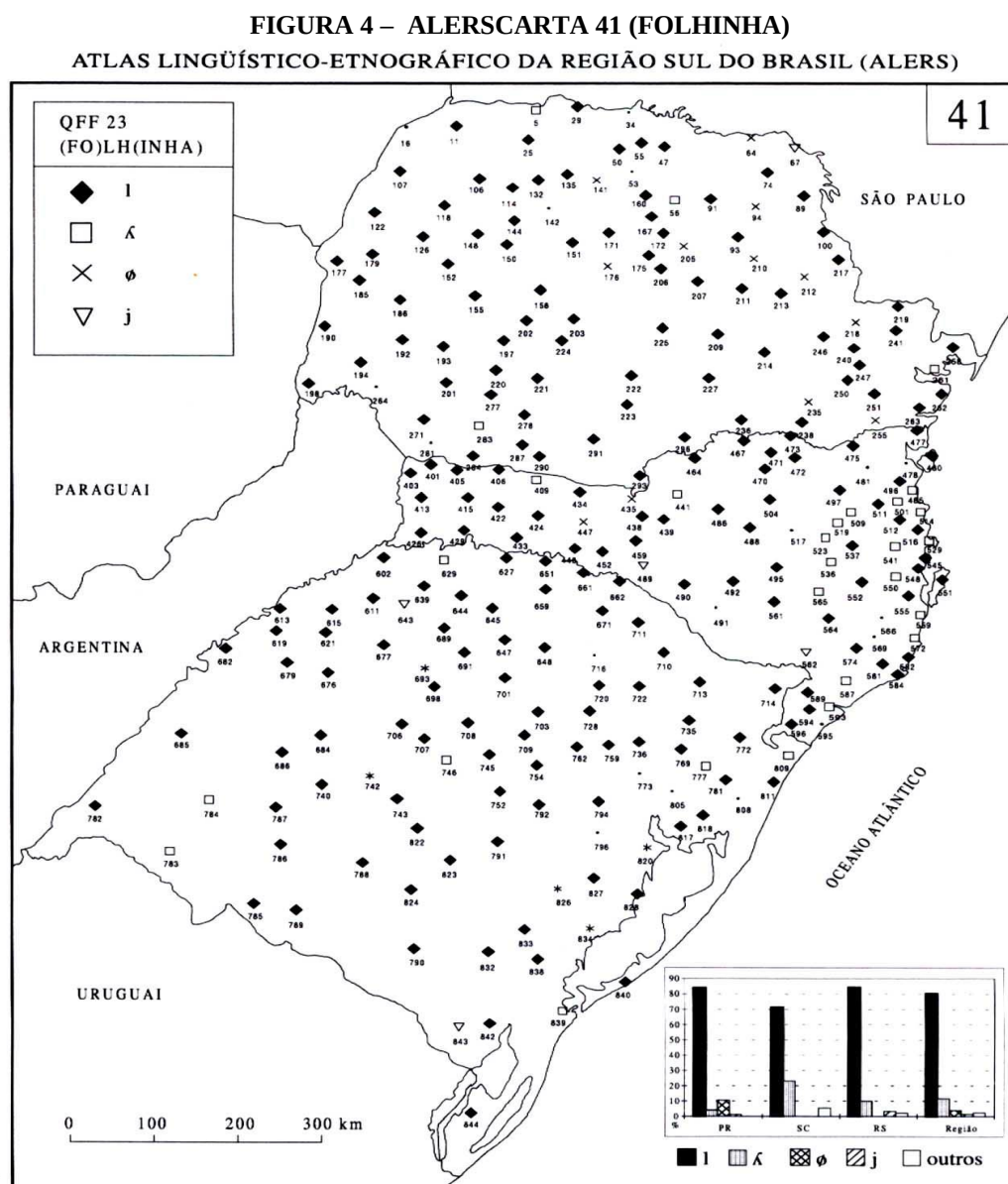
⊗	[aɾu'vaju
○	ɔh'vaɫu
◐	aɾo'vaju
◑	aɾu'vaɫu
◒	uɾu'vaɫu
◓	ɔj'vaɫu
◔	ɔj'vaɫu
◕	uɾu'vaju
◖	uɾu'vaj
◗	ɔh'vaju
◘	ɔɾu'vaɫu
◙	ɾu'vaju
△	aɾu'vaj



A variação do fonema /ʎ/ é abordada também no Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil – ALERS (Koch et alii, 2002). A partir da apresentação cartográfica de 03 cartas fonéticas (40, 41 e 42), é possível visualizar a distribuição espacial da variação deste fonema em pelo menos 03 estados daquela região: Paraná, Santa Catarina e Rio grande do Sul. Neste trabalho, os autores buscam registrar em cada ponto de inquérito (275 pontos: 95 pontos no Rio Grande do Sul, 80 pontos em Santa Catarina e 100 pontos no Paraná) a variedade lingüística com maior probabilidade de ser a mais freqüente e mais representativa da localidade, não significando, entretanto, que seja a única.

Analisando a carta 40 (FAMÍLIA), percebe-se a ocorrência de 04 variantes principais: [ʎ], [lj], [j] e [li], dentre as quais a variante [ʎ] é mais favorecida entre os informantes do RS e de SC, perdendo essa posição para a variante [lj] no Paraná. A variante [j], por sua vez, só ocorre no Paraná e em outras regiões, apresentando baixo número de ocorrências. O fator interessante dos dados apresentados nesta carta refere-se mais especificamente ao processo de palatalização da lateral alveolar, determinada, talvez pela vogal subsequente –i.

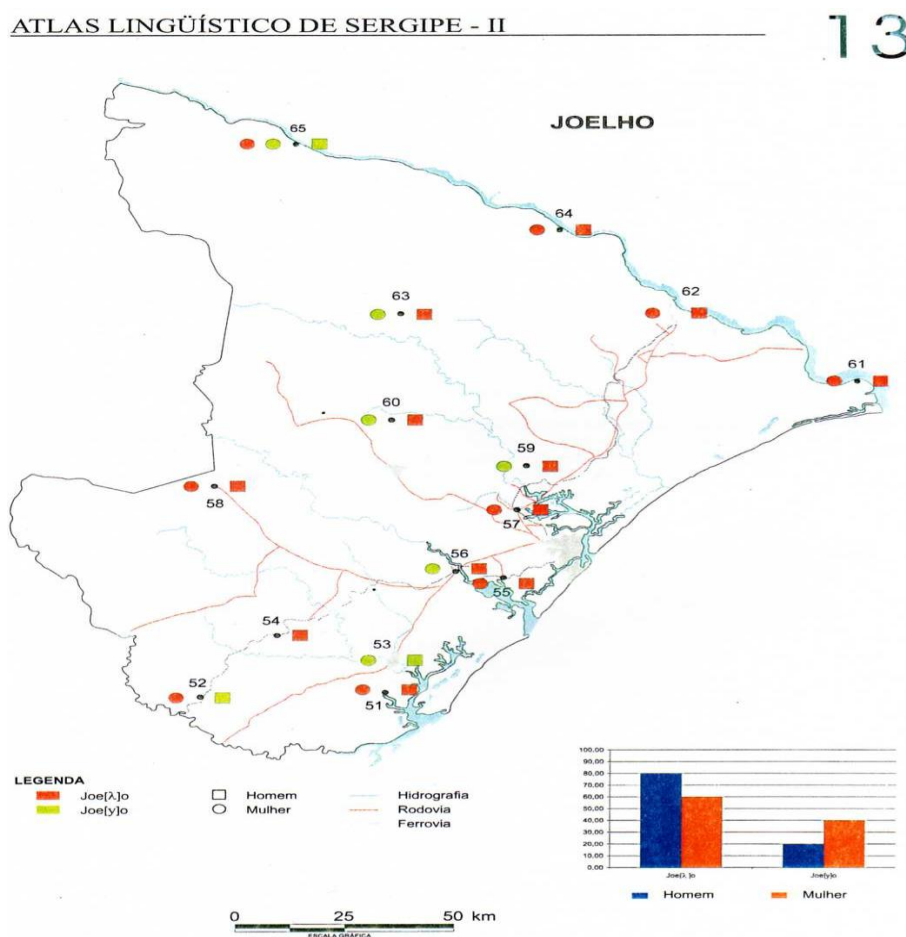
A carta 41 (v. figura 4) apresenta a variação do /ʎ/ a partir do vocábulo “FOLHINHA”. Neste caso, há também 04 variantes: [l], [ʎ], [∅] e [j], dentre as quais, observamos que a variante [l] apresenta o maior número de ocorrências, em todos os estados. As demais variantes aparecem em número muito reduzido. O que se pode notar, nesta carta, é exatamente o processo de despalatalização de /ʎ/, no sentido de tornar-se uma lateral alveolar [l].



Na última carta, 42, o que se analisa é a variação do vocábulo “TEIA”, no que apresenta 06 variantes, dentre elas [jj] é a mais favorecida pelos falantes de todos os estados, seguida pela palatal [ɛ]. Neste caso, também há um processo inverso, na produção do fonema, em que o mesmo passa de uma vogal –i para uma consoante.

CARDOSO (2005) identifica a variação de /ʎ/ a partir do gênero dos informantes (masculino/feminino) em 11¹⁹ cartas fonéticas do Atlas Lingüístico de Sergipe - II, o qual apresenta 03 variantes recorrentes: palatal [ʎ], semivocalização [y] e apagamento [Ø]. Analisando, por exemplo, a carta 13 (JOELHO), percebe-se que os homens favorecem a preservação da variante padrão [ʎ] enquanto as mulheres a desfavorecem. Inversamente, as mulheres preservam mais a variante não - padrão [y], enquanto os homens a produzem em menor número. Esta variação pode ser mais bem visualizada a partir da reprodução da figura 5:

FIGURA 5 – ALS-II CARTA 13 (JOELHO)



¹⁹ Carta 13 (JOELHO), Carta 21 (ZAROLHO), Carta 33 (BOLHA), Carta 50 (...d'alho), Carta 52 (ZAROLHO), Carta 67 (VENDILHÃO), Carta 68 (VENDILHÃO), Carta 73 (MORTALHA), Carta 77 (PAI VELHO), Carta 79 (RAPAZ)

2.5 O Estudo do Fonema /ʎ/ no Estado do Pará

O fonema /ʎ/ também já foi estudado no Atlas Lingüístico do Pará e no ALISPA, Atlas Lingüístico Sonoro do Pará.

Com um trabalho resguardado pela metodologia do ALIPA (Razky, 1998), SOARES (2002) dedicou-se ao estudo da variação do fonema palatal na cidade de Marabá-PA. A amostra foi obtida a partir de entrevistas e questionários aplicados junto a 42 informantes nascidos naquela localidade. Teoricamente fundamentada nos princípios da Sociolingüística Quantitativa, a autora estratificou socialmente os informantes de acordo com os seguintes critérios: sexo, escolaridade, faixa etária e renda. Além desses, levou em consideração critérios lingüísticos que supunha condicionar a variação de /ʎ/.

A análise dos dados de SOARES (2002) mostra que o comportamento da variável do fonema palatal lateral demonstrou que as variantes dessa variável são determinadas, em termos probabilísticos, tanto por condicionamentos estruturais quanto por condicionamentos sociais que concorrem, simultaneamente, para a variação desse fonema no falar de Marabá.

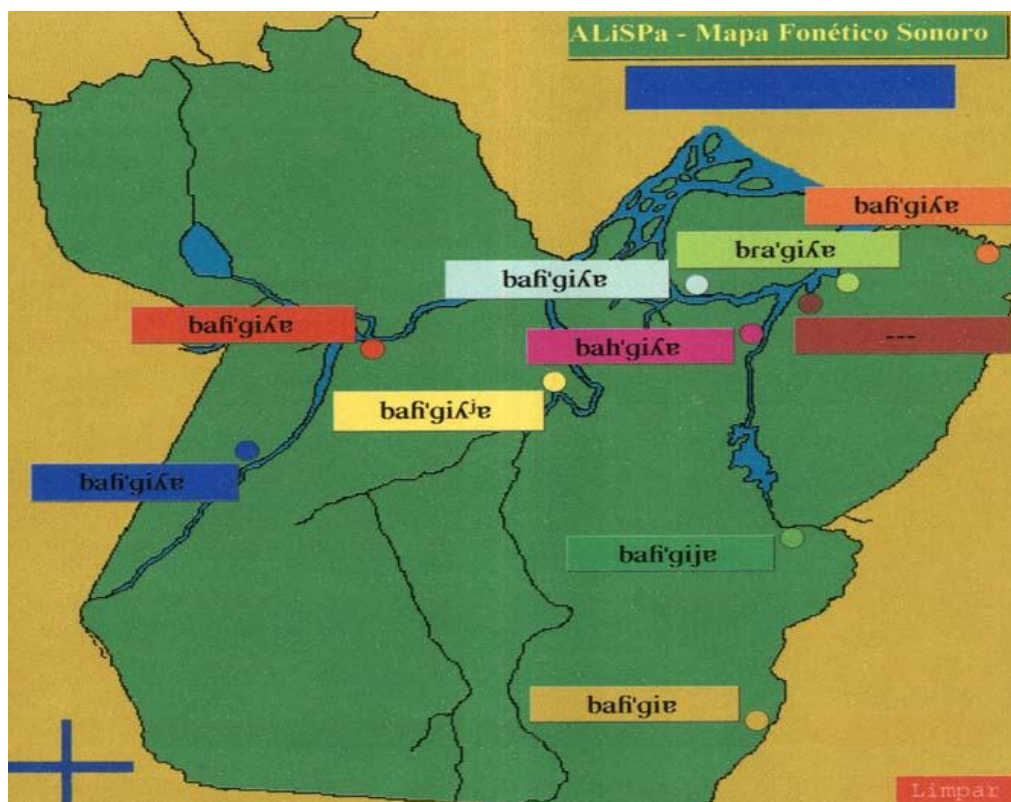
Os dados de SOARES (*op.cit.*) serão retomados, no quarto capítulo de nosso estudo, quando faremos comparações entre os dados obtidos na amostra da autora e os nossos.

A variação de /ʎ/ foi retratada também no Atlas Sonoro do Pará, em 11 cartas fonéticas. A partir de alguns vocábulos²⁰, tais como: *mulher*, *abelha*, *olho*, *joelho*, *família*, *velho*, entre outros. Onde foram encontradas as seguintes variantes: [ʎ], [ʎj], [j] e [∅]. Um exemplo dessa variação é mostrado na carta referente ao vocábulo “braguilha”, na figura 6, logo abaixo:

VELHO) e Carta 80 (MOÇA VELHA).

²⁰ 34 – olho / 36 – orelha / 42 – joelho / 52 – mulher / 53 – família / 66 – velho / 87 – braguilha/ 96 – trabalhar/

FIGURA 6 – ALISPA - CARTA 87 (BRAGUILHA)



As informações obtidas a partir dos diferentes estudos acerca do fonema palatal lateral levam-nos a observar que parece ser necessária uma quantidade maior de dados descritivos e de análises da variante, levando em consideração o aspecto fonético instável desse fonema, de forma que possamos indicar com maior precisão seus condicionamentos lingüísticos e sociais. Apesar das divergências, entre os diversos autores, parece ser comum, a todas as análises, a interpretação da semivocalização como um fenômeno relacionado aos falantes com menor escolaridade e aos moradores da zona rural.

Desses estudos revisados, as informações colhidas em torno da variante utilizada orientam, na presente análise, a elaboração das hipóteses, a seleção, a inserção ou apagamento de variáveis consideradas desde o início do tratamento dos dados. Tais tópicos serão desenvolvidos, como se pode observar nos capítulos seguintes.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente trabalho foi realizado com base nas metodologias da Sociolinguística Quantitativa²¹, amplamente utilizada para análise de fenômenos variáveis, elaborada e descrita inicialmente por Labov (1972) e presente em (Sankoff & Labov, 1979, Sankoff, 1988) e, para o português brasileiro, em Tarallo (2003) e (Mollica & Braga, 2004) entre outros - e da Geografia Lingüística, também descrita por Amaral (1920), Nascentes (1922), Brandão (1991), no âmbito do Atlas Lingüístico do Brasil - ALIB (1996) e mais especificamente, do Atlas Lingüístico do Pará - ALIPA (1998), tratadas no capítulo 1 deste trabalho.

Neste capítulo, apresentamos a variante estudada e a metodologia empregada nesta pesquisa. A amostra utilizada restringe-se aos falantes de quatro cidades da região Sudeste do estado do Pará: Curionópolis, Itupiranga, Dom Eliseu e Tucuruí, divididos segundo as categorias: sexo, idade e escolaridade. São 12 informantes por cidade – com exceção de Curionópolis, onde só conseguimos 10 informantes – totalizando um conjunto de 46 informantes. O programa estatístico VARBRUL, os objetivos, os dados das comunidades pesquisadas, a composição da amostra, as variáveis consideradas, a confecção das cartas lingüísticas e as hipóteses que subjazem à escolha dessas variáveis são também explicitados neste capítulo.

3.1 O Pacote de Programas VARBRUL²²

Como instrumento para a análise quantitativa utilizamos o pacote de programas VARBRUL, criado para análise de fenômenos variáveis²³, constituído basicamente dos programas Checktok, Readtok, Make3000 e Varb2000.

²¹ Embora seja denominada Sociolinguística Quantitativa, esta visão teórica não se limita a fazer análises mecânicas dos dados lingüísticos. Por detrás dos números, que são usados como recurso adicional para refutar ou não hipóteses diversas, há um lingüista, ser pensante, que tem como objetivo entender o funcionamento da língua, seu objeto de estudo.

²² Do inglês (Variables Rules)

²³ Em 1988, Sankoff publicou um texto onde fala sobre o modelo matemático, apresentando detalhes interessantes a respeito de pontos diversos que envolvem as regras variáveis. Além disso, em 1992, Naro também publicou um texto sobre

O uso do pacote exige uma seqüência de etapas, das quais a codificação de dados dentro de uma formatação específica, é a primeira delas. Para a codificação é necessário que seja criado antes um arquivo de especificação (v. anexo F) e um arquivo de dados (v. anexo G) que funcionam como *input* ao primeiro programa a ser rodado, o Checktok. Este programa gera um arquivo de saída, ou *output*, que alimentará o segundo programa, o Readtok, caso não haja *knockouts*²³.

Em seguida, o Readtok lê todas as ocorrências do arquivo de saída do Checktok, com as devidas correções, e escreve essas ocorrências corrigidas num arquivo de ocorrências, *input* para o Make3000, que por sua vez, fornece percentagens e prepara a partir do arquivo de ocorrências, um arquivo de células, que servirá como *input* para o programa de regra variável, o Varb2000. Há ainda programas acessórios Tsort, Textsort, Countup, Crosstab, que podem ser utilizados com outras finalidades, tais como o cruzamento de fatores sociais, os quais não foram utilizados em nossa análise.

Na presente análise utilizamos análises binárias, realizadas pelo programa Varb2000, o que significa dizer que o ponto de referência do programa para os pesos relativos é sempre de 0.50 (ler-se, ponto cinquenta). Esse modelo de análise quantitativa propõe que, se o resultado for um número superior a 0.50, há probabilidade de a regra ser aplicada quando ocorre no contexto aquele determinado fator. Um resultado inferior a 0.50 demonstrará que a presença daquele fator no contexto não favorece a aplicação da regra. Já valores próximos a 0.50 indicam que o fator

modelos matemáticos no livro Introdução à sociolinguística variacionista, organizado por Maria Cecília de Magalhães Mollica. As indicações bibliográficas completas destes dois textos encontram-se especificadas a seguir:

SANKOFF, David. Variable Rules. In: **AMMON**, Ulrich; **DITTMAR**, Norbert & **MATTEIR**, Klaus J. (eds.). *Sociolinguistics: an international handbook of the science of language and society*. New York: Walter de Gruyter, 1988, p. 984-98.

NARO, Anthony J. Modelos quantitativos e tratamento estatístico. In: **MOLLICA**, M.C. (Org.). *Introdução à sociolinguística variacionista*. Cadernos Didáticos. Rio de Janeiro, FL/UFRJ, 1992, p. 18-25.

²³ “Um *knockout* ocorre toda vez em que um fator dentro de um grupo tem um comportamento não variável em relação à variante em estudo. Em termos práticos, isso resulta em 100% ou 0% de aplicação da regra.” (Pinto & Fioretti, 1992:11).

não desempenha papel condicionante na aplicação da regra. Dessa forma, “*fica definitivamente descartado, então a sistematicidade e previsibilidade da regra variável*” (Pereira, 1997, p. 22).

3.2 OBJETIVOS

Considerando a metodologia e o objetivo geral do Atlas Geo-Sociolingüístico do Pará - ALIPA, de analisar a diversidade lingüística do estado, pretendemos os seguintes objetivos nesta pesquisa:

- Identificar as variações do fonema /ʎ/ na fala dos habitantes das cidades de Tucuruí, Curionópolis, Dom Eliseu e Itupiranga, no Sudeste do Pará;
- Calcular as probabilidades de ocorrências das variantes do fonema /ʎ/;
- Descrever e analisar as variantes da variável /ʎ/, considerando os fatores lingüísticos e sociais que os condicionam no falar destas quatro cidades;
- Analisar, segundo os pressupostos da sociolingüística variacionista, as tendências variáveis desse fonema, no sentido de sabermos se o mesmo encontra-se em variação livre ou em estado de mudança;
- Mapear, por meio de cartas lingüísticas, o fenômeno da variação do fonema /ʎ/ em quatro cidades do Pará.

3.3 Sobre as Comunidades Pesquisadas²⁴

Para descrevermos e analisarmos as características de uma língua é necessário levarmos em consideração fatos relativos a (s) comunidade (s) da (s) qual (is) esta língua faz parte. Como explica Antonio Houaiss (1992, p. 36):

Os dois tipos ou face da história ligada à natureza dos fatos da língua são as vicissitudes territoriais, são os contatos, influências, mesclas, lutas, guerras, influências culturais sofridas ou exercidas pelos povos que falem (e escrevem) a língua em causa. Assim essa história externa de uma língua se identifica com a língua de seus usuários, dos seus utentes, dos que a falam (...) do destino que vão tendo e construindo ao longo dos tempos que vivem e do espaço que ocupem: é relevante essa história, não porque ela, por si, explique ou elucide as mudanças da língua mesma, mas porque descreva ou esclareça como uma língua ou as línguas aumentam (ou diminuem) de espaço e falantes, florescendo ou desaparecendo. (HOUAISS, 1992, p. 36)

Considerando a premissa desenvolvida pelo autor, antes de descrevermos a variante aqui estudada e de traçarmos um perfil social dos falantes, convém esboçarmos, ainda que de forma sucinta, alguns comentários acerca das comunidades de Tucuruí, Itupiranga, Curionópolis e Dom Eliseu – considerando aspectos como: localização, história e população - de onde as amostras foram extraídas.

A localização das cidades pesquisadas em relação à região Sudeste do Pará pode ser visualizada a partir dos quatro pontos verdes apontados na figura 7.

²⁴ Para acesso a fotos das cidades pesquisadas ver anexo D

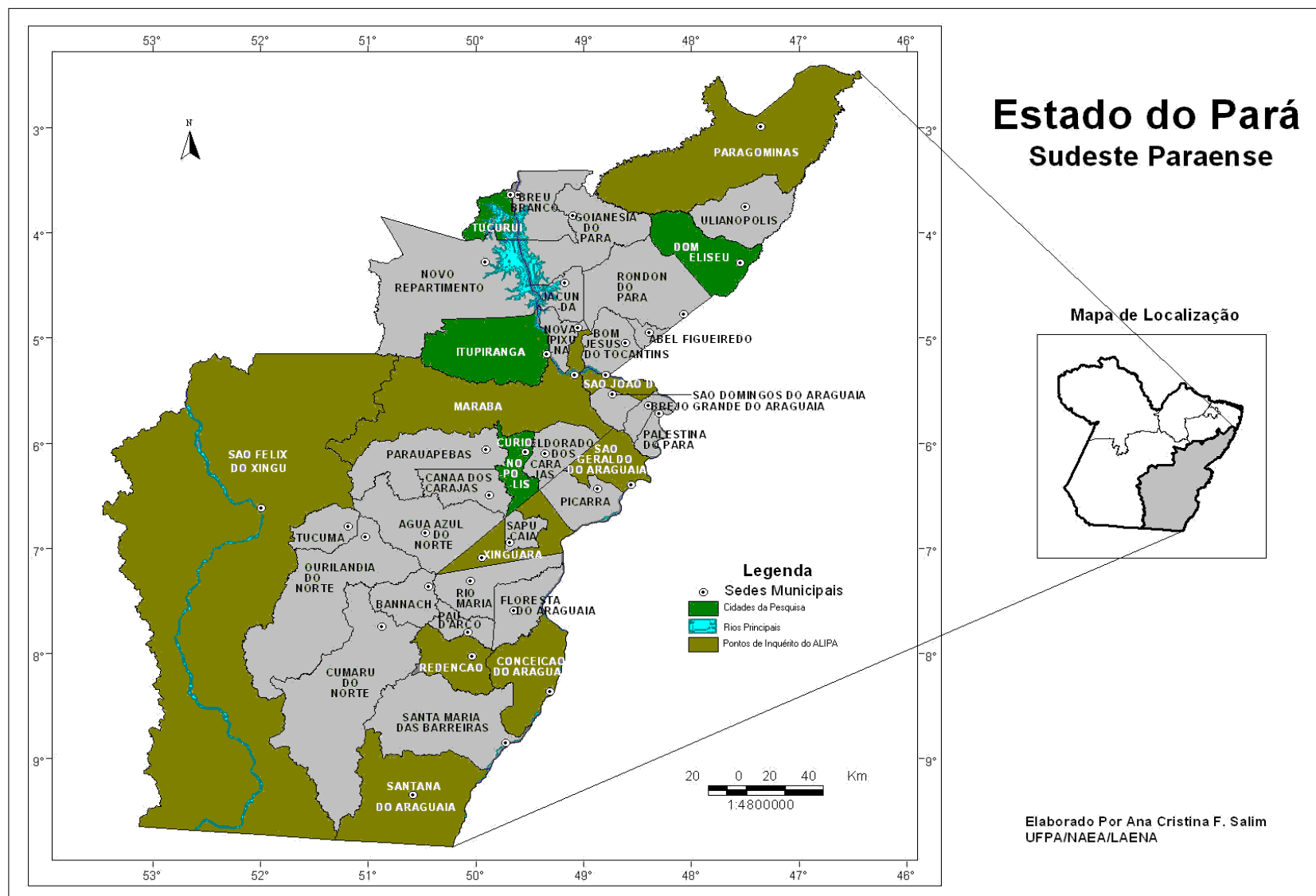


Figura 7 – Mapa da Região Sudeste do Estado do Pará. Fonte: NAEA

3.3.1 Tucuuruí²⁵

A cidade de Tucuuruí²⁶ está situada a uma distância de 385 Km da capital do estado, Belém. Sua área total é de 2.095,5 km². O acesso à cidade se dar pela PA-150 e pelo Rio Tocantins. Ao Norte limita-se com o município de Baião, ao Sul com Novo Repartimento, a Leste com Breu Branco e a Oeste com Pacajá.

O nome Tucuuruí é de origem indígena e significa “rio dos gafanhotos” ou “rio das formigas”. Documentos históricos registram que desde o ano de 1875, Tucuuruí já existia, mas não com esse nome. Primeiramente, chamava-se Perdeneiras, passando mais tarde a se chamar São Pedro de Alcobaça e finalmente, no ano de 1943, passou a ser chamado de Tucuuruí. Tornou-se município através da Lei nº 062, artigo 36, de 31 de dezembro de 1947. Em 13 de maio do ano seguinte foram realizadas as primeiras eleições municipais. A Câmara foi instalada no dia 29 do mesmo mês.

Tucuuruí cresceu nessas cinco décadas de emancipação. Quem chegasse a cidade em 1947, recém elevado à condição de município, encontraria um lugar aprazível à margem do rio Tocantins, na época um movimentado entreposto comercial da região formada pelos rios Tocantins e Araguaia. Em 1950, segundo o Recenseamento Geral, Tucuuruí contava 2.448 habitantes. A população se concentrava na cidade de Tucuuruí e na vila de Remansão. Existiam ainda os povoados de Nazaré dos Patos e Muru, mas ambos com menos de 100 habitantes.

Cinco décadas depois, sob as bênçãos de São José, o padroeiro do município, a população teve um crescimento extraordinário, saltando para quase 90.000 habitantes, no auge da construção da hidrelétrica chegou a contabilizar cerca de 300.000 habitantes, pessoas vindas de todas as regiões do país.

²⁵ Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2005 (dados preliminares)

A colonização do lugar deveu-se a grande procura de pessoas vindas de outras regiões do país – Goiás, Minas Gerais, Espírito Santo, Ceará - e do próprio estado, principalmente, de Cametá, pela região do Tocantins, não só atrás das riquezas naturais, como também pela comunicação com o Estado de Goiás.

Hoje, a população de Tucuruí é composta de aproximadamente 85.499 habitantes, sendo que destes 42.321 são mulheres e 43.178 são homens. A maioria da população se concentra na Zona Urbana cerca de 70.577 e 14.922 na Zona Rural.

A economia de Tucuruí está diretamente ligada ao incentivo do governo federal, mas nem só a este ramo se reduz. O município é conhecido também pelo seu imenso potencial pesqueiro, sendo um dos principais fornecedores de peixe do estado. Não esquecendo ainda a pecuária e a agricultura que também contribuem para o desenvolvimento do município.

O município conta ainda com um campus da Universidade Federal do Pará que oferece cursos de graduação e, é claro, o turismo, principal atividade econômica e impulsionadora do desenvolvimento da cidade. Nas últimas eleições cerca de 53.513 eleitores compareceram às urnas para votar.

3.3.2 Itupiranga²⁷

Itupiranga está localizado a 356 Km de distância da capital, Belém. Pertence a Mesorregião Sudeste do Pará e a Microrregião de Tucuruí. Sua dimensão territorial é de 7.914,60 km². Situado à margem esquerda do rio Tocantins ao lado direito da Rodovia Transamazônica (BR-320). Limita-se ao Norte com Novo Repartimento, a Sul com Marabá, ao Leste Jacundá e Nova Ipixuna e a Oeste com os municípios de Senador Porfírio e Pacajá.

²⁶ Para maiores detalhes acerca de dados geo-econômicos e históricos ver anexo E.

²⁷ Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2005 (dados preliminares).

O nome Itupiranga é de origem tupi e significa Lago Vermelho ou Cachoeira Vermelha. A origem do Município de Itupiranga está na povoação de Lago Vermelho fundado por volta de 1896, por extratores de caucho, vindos do Estados de Goiás, de Minas Gerais, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Inicialmente, Itupiranga pertencia ao Município de Marabá como distrito. Porém, em 31 de dezembro de 1947, através da Lei n.º 62, o distrito de Itupiranga foi desanexado de Marabá para formar o Município de Itupiranga, o qual foi instalado em 14 de julho de 1948. Gentil Bittencourt Cohen foi eleito e empossado como primeiro prefeito do Município. Atualmente, Itupiranga é constituído somente do distrito - sede.

Dados do IBGE mostram que cerca de 60.691 habitantes compõem a população de município. Desse total 16.662 são mulheres, 18.936 são homens e 14.067 são crianças com idade inferior a dez anos. Os habitantes da Zona Rural estão em maior número, 61,5%, enquanto os da Zona Urbana significam apenas 38,5%.

O grande fluxo migratório sofrido pela cidade, a partir da década de 80, quando da abertura da Rodovia Transamazônica, o qual triplicou a população, teve como principal consequência, a constituição heterogênea da sua população, que atualmente, é composta por nordestinos, cearenses, piauienses, paraibanos e paraenses vindos de outras partes do estado, principalmente do município de Tucuruí, devido à proximidade entre os dois municípios.

A cidade conta com ampla rede de escolas que oferecem desde o Ensino Fundamental ao Médio, assim como o pólo de uma universidade particular. Nas últimas eleições 25.411 eleitores votaram.

3.3.3 Curionópolis²⁸

O município de Curionópolis está localizado a uma distância de 615 Km, da capital do estado, Belém. Sendo composto por uma área territorial de 2.289,10 km². Chega-se a cidade através de duas vias de acesso, pela PA-150 e pela PA – 275. Limita-se ao Norte com Marabá, a Leste com São Geraldo do Araguaia, ao Sul com Xinguara e a Oeste com Parauapebas.

Curionópolis originou-se, como município, do desdobramento do Município de Marabá e surgiu de um aglomerado de pessoas – vindas do Maranhão, Piauí, Ceará, Paraíba, Rio Grande do Norte, e até de outros países como Venezuela, Guiana, Bolívia, entre outros - que, no final da década de 70, se localizou no km 30 da rodovia PA-275, na expectativa de trabalho na implantação do projeto Ferro Carajás, na construção da estrada de ferro Carajás - Ponta da Madeira ou em busca de ouro, nas dezenas de pequenos garimpos que proliferaram naquela região.

Com a ocorrência de ouro na Serra Pelada, no início dos anos 80, Curionópolis consolidou-se como núcleo de apoio a essa atividade e como local de residência das mulheres e filhos de garimpeiros que à época, eram impedidos de ingressar na Serra Pelada.

Em 10 de maio de 1988, através da Lei Estadual n.º 5.444, Curionópolis foi elevado à condição de município. Sua instalação ocorreu em 1º de janeiro de 1989, com a posse do prefeito Salatiel Almeida, eleito no Pleito Municipal de 15 de novembro de 1988.

O nome Curionópolis foi escolhido em homenagem ao “Major Curió”, que exerceu grande autoridade e liderança sobre os garimpeiros, no período de 1981-82, quando era coordenador do garimpo de Serra Pelada. O Município é constituído somente do distrito-sede.

²⁸ Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2005 (dados preliminares)

Dados preliminares do IBGE – Censo 2005 apontam uma população de 14.654 habitantes. Distribuídos da seguinte forma: 6.956 mulheres e 7.698 homens. Sendo que destes, 9.964 são habitantes da Zona Urbana e 4.690 da Zona Rural.

No que se refere a educação do município, a cidade conta ainda com escolas que oferecem desde o ensino fundamental ao ensino médio. Há ainda, dois pólos de universidades particulares. Nas últimas eleições cerca de 9.228 eleitores compareceram às suas seções para votar.

3.3.4 Dom Eliseu²⁹

O Município de Dom Eliseu pertence a Mesorregião Sudeste Paraense e a Microrregião de Paragominas. Está localizado a uma distância de 450 Km da capital do estado, Belém. Sua área total é de aproximadamente 5.274,10 km². Chega-se a Dom Eliseu por duas vias de acesso: BR-316 e BR-010. O município faz limite ao Norte com as cidades de Paragominas e Ulianópolis. Ao Sul com o Estado do Maranhão e com a cidade de Rondon do Pará. A Leste com o Estado do Maranhão e a Oeste com os municípios de Rondon do Pará e Goianésia do Pará.

A origem de Dom Eliseu está ligada ao município de Paragominas, pois constituía um povoado daquele município que até o ano de 1967 era conhecido por “Quilômetro zero”, por estar localizado no início da rodovia BR 222 (antiga PA 70), que liga a BR-010 (Belém-Brasília) à Marabá. Posteriormente, recebeu a denominação de Felinto Muller e, mais tarde, ocasião em que é elevado à categoria de distrito passa a se chamar Dom Eliseu, em homenagem ao bispo Dom Eliseu Corolli, da diocese de Bragança.

²⁹ Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2005 (dados preliminares).

O processo de ocupação da área que mais tarde daria lugar ao município de Dom Eliseu, teve início na década de 60 por ocasião da abertura da rodovia 222 (antiga PA 70). O primeiro morador foi Leopoldo da Cunha, natural de Belém do Pará, que chegou ao local em 1961, como trabalhador da Delta Engenharia, empresa responsável pela abertura da rodovia que dá acesso a Marabá (BR 222). A perspectiva de conseguir terras férteis e acessíveis incentivou um grande processo migratório, a localização estratégica da cidade no entroncamento das rodovias contribuiu para o rápido crescimento da localidade. Por sua vez, o município de Paragominas – ao qual a localidade de Dom Eliseu pertencia – por dificuldades financeiras e devido a grande distância (162 Km), não conseguia acompanhar e ofertar, em forma de serviços, o mesmo ritmo de crescimento que se processava na referida localidade. Esse crescimento, praticamente autônomo, gerou na população de Dom Eliseu um sentimento de liberdade, fato que se concretizou em 10 de maio de 1988, com a emancipação político-administrativa daquela localidade, que por meio da Lei Estadual nº 5.450 passou à município. Sua instalação ocorreu em 1º de janeiro de 1989 com a posse do prefeito eleito, senhor Antônio Jesus de Oliveira. O município é constituído somente do distrito-sede.

A população de Dom Eliseu, assim como aconteceu em boa parte do território paraense, é composta na sua maioria por imigrantes vindos de outras partes do país, principalmente dos estados da Bahia, Minas Gerais, Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul. Segundo dados preliminares do IBGE para 2005, sua população é composta por cerca de 49.031 habitantes, dentre os quais 23.875 são mulheres e 25.156 são homens. Deste total 29.522 são residentes na Zona Urbana e os outros 19.509 na Zona Rural. Nas últimas eleições, 23.772 eleitores compareceram às urnas para votar.

Os dados populacionais dessas 04 cidades no início da colonização de cada uma, assim como o intenso fluxo migratório a que foram expostas, podem ser melhor caracterizados a partir da tabela abaixo.

TABELA 1 – Região Sudeste do Pará (*): População nas Datas dos recenseamentos Gerais 1980/1991/96/00/04/05

	Cidades / População (1000 Hab.)			
Anos	Itupiranga	Curionópolis	Dom Eliseu	Tucuruí
1980	15.641	-	-	61.140
1991	37.011	38.672	24.362	81.623
1996	29.171	23.875	35.981	58.679
2000	49.655	19.486	39.663	73.798
2004	60.814	15.401	47.561	83.689
2005	62.856	14.654	49.031	85.499

Fonte: IBGE

Elaboração e Cálculo: SEPOF/DIEPI/GEDE

3.4 Variáveis Sociolingüísticas

Labov (1972) distingue dois tipos de regras lingüísticas: as categóricas e as variáveis. As regras categóricas seriam os princípios invioláveis de uma dada língua (tal como em Português a anteposição do artigo aos nomes, por exemplo), os quais os falantes não teriam a liberdade de alterar, sob pena de inviabilizar a comunicação. Por sua vez, as regras variáveis, seriam em número bem maior do que as categóricas, ocorrendo sempre que mais de uma forma pudesse ser escolhida pelo falante para dizer a mesma coisa com o mesmo valor de verdade. Estas regras seriam as variáveis, porque dependeriam de um conjunto de fatores internos e externos à língua, isto é, dependeriam de um conjunto de variáveis sociolingüísticas que condicionaria as suas aplicações.

3.4.1 Variável Dependente

Nas comunidades pesquisadas foram encontradas as seguintes variantes fonéticas da variável dependente /ʎ/: lateral palatal [ʎ] lateral palato-alveolar [ʎj], lateral seguida de

semivogal [lj] lateral alveolar [l] semivocalização[j] e apagamento [Ø], as quais serão discutidas no decorrer do trabalho.

QUADRO 2 - Variantes do fonema /3/ encontradas no corpus³⁰

Variantes	EXEMPLOS			
	Curionópolis	Itupiranga	Dom Eliseu	Tucuruí
Lateral Palatal [ʎ]	(11) até [me'ʒo] mais eu gostu 'até melhor mas eu gosto' (CUMA2N)	(38) dus [fi'ʒus] qui eu criei 'dos filhos que eu criei' (ITFB1N)	(22) qui [me'ʒori] a vida 'que melhore a vida' (DEFA2N)	(01) [ʒu'eʒu] 'joelho' (TUFA1Q)
Lateral palato-alveolar [ʒ]	(03) meu maridu [traba'ʒjave] trazia 'meu marido trabalhava trazia' (CUFB1N)	(16) comprá [te'ʒjɐ] aqui 'comprar telha aqui' (ITMB2N)	(44) [o'ʒjɐ] u padrueru 'olha o padroeiro' (DEMB1N)	(17) comecei [traba'ʒja] meu 'comecei trabalhar meu' (TUFB2N)
Lateral seguida de semivogal [lj]	(05) [malijɐ] 'malha' (CUFA1Q)	(19) [ba'ru'ljɔ] 'barulho' (ITFA1Q)	(17) [ʒuljɔ] 'julho' (DEFA1Q)	(18) algumas di [paljɐ] né! 'algumas de palha, né!' (TUFAN1)
Lateral alveolar [l]	(02) irmão mais [ve'liw] chamadu 'irmão mais velho chamado' (CUMA1N)	(20) in casa [a'leɐ] 'em casa alheia' (ITMA2N)	(34) patru [mu'le] 'quatro mulher' (DEFB1N)	(33) i u [ve'liw] sabia 'e o velho sabia' (TUMB1N)
Semivocalização [j]	(23) é muito [pa'jɐ] 'é muito palha' (CUFA1N)	(26) saia cum [ve'j] ali 'saia com um velho ali' (ITMB1N)	(15) fui [traba'ya] cum eli 'fui trabalhar com ele' (DEMA1N)	(24) meu [fi'j] chego 'meu filho chegou' (TUFB1N)
Apagamento [Ø]	(13) mi [aʒue'a] nus pé deli 'me ajoelhar nos pés dele' (CUFB1N)	(22) eu [traba'ej] uns cincú anu 'eu trabalhei uns cinco anos' (ITMA2N)	(18) [fi'e] si tu vê 'filha se tu ver' (DEFA1N)	(12) a [ve'e] só troxe 'a velha só trouxe' (TUFB1N)

3.4.2 Variáveis Independentes

As variáveis independentes compõem um conjunto de fatores sociais e lingüísticos que já demonstrou grande relevância no condicionamento da variação do /ʎ/ no Brasil, o que pode ser comprovado nos trabalhos já explicitados no capítulo 2.

Ao todo foram controlados dez grupos de fatores sociolingüísticos neste trabalho: cinco lingüísticos (estruturais) e cinco sociais. Com exceção dos fatores sociais, que foram previamente estabelecidos, em função de adequar-se ao Projeto ALIPA (Razky, 1998), os fatores lingüísticos foram sendo estabelecidos durante

³⁰ Siglas adotadas: CU= Curionópolis, TU= Tucuruí, DE= Dom Eliseu, IT= Itupiranga, M= Masculino, F= Feminino, A= 18-30 anos, B= 55- 65 anos, 1= nível fundamental, 2= nível superior, N= Narrativa e Q= Quest.

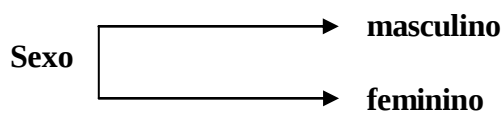
a triagem das narrativas (transcrição grafemática e fonética), a codificação dos dados e a revisão bibliográfica.

3.4.2.1 Variáveis Sociais

As variáveis extra-lingüísticas compreendem:

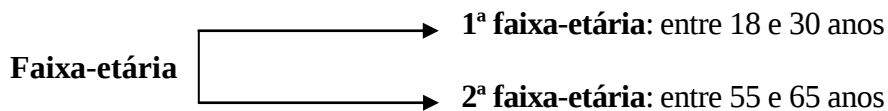
Sexo

Os informantes foram distribuídos por sexo, 22 homens e 24 mulheres, assim escolhidos por considerarmos o fato de que homens e mulheres falam diferente.



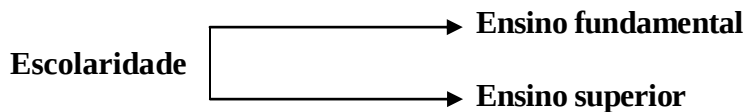
Faixa etária

A estratificação por idade considera as faixas entre 18-30 anos e 55-65 anos, pretendemos com isso cobrir a linguagem de jovens e adultos, no sentido de sabermos se os mesmos apresentam uma maneira própria de falar devido à sua idade.



Escolaridade

Pelo grau de escolaridade consideramos duas categorias:

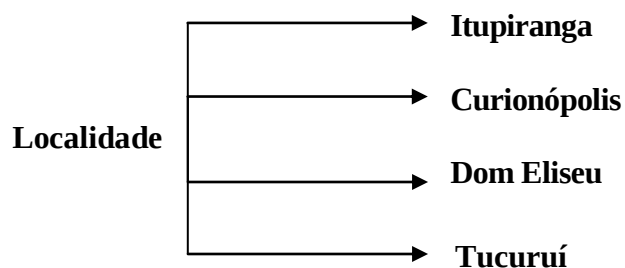


Neste caso, o nível fundamental foi escolhido por conseguir abranger tanto falantes que tenham cursado até a 8ª série quanto aqueles não-escolarizados. Em nossa amostra tivemos 06 informantes sem nenhuma escolaridade, 09 que cursaram até a 4ª série, 15 que cursaram até a 8ª série e 16 com nível superior. Ainda considerando a escolaridade é necessário explicarmos que devido à dificuldade em encontrarmos falantes com nível superior, optamos por considerar

sempre 02 informantes com nível fundamental e 01 com nível superior em cada faixa etária, o que significa dizer 04 por cidade e 16 no total. Assim distribuídos:

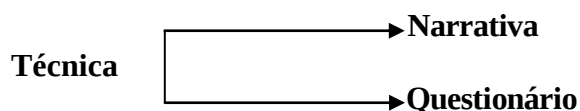
Localidade

Considerando o fato de que realizamos esta pesquisa em 04 cidades separadas uma das outras por uma distância média de 250 km, é válido focalizar a diversidade dessas comunidades no que tange à localização e ao aspecto geográfico, temos assim:



Coleta de dados

Os dados de nossa amostra foram obtidos a partir de duas técnicas de coleta: a narrativa e a aplicação do questionário, com o objetivo de verificar o grau de monitoração da fala dos informantes:



3.4.2.2 Variáveis Estruturais

No quadro 3, a seguir, estão distribuídos os fatores intralingüísticos, acompanhados da codificação dos informantes e de exemplos a eles correspondentes:

Quadro 3 – Grupo de fatores intralingüísticos

Grupo de fatores	Fator	Informante	Exemplo
Segmento Fonético Antecedente	Baixa	CUFA2N	(01)veiu pa [trɛba'ʎja] nu garimpu
	Alta Ant. Fechada	ITFA1N	(45) essas [mara'viʎɐ] mais tambeim
	Alta Post. Fechada	TUFA1N	(04) patru [mu'ʎjeris] i três hõmis
	Méd. Ant. Aberta	ITFA2N	(07) mais ['vɛʎu] tem dozi anus
	Méd. Post. Fechada	DEFA1N	(21) colocu di [mo'ʎju] pa cuziá
	Méd. Ant. Fechada	DEFB1N	(18) foi nu [ore'ʎjãw] mais tava...
	Méd. Post. Aberta	TUMA1N	(50) [ʎʎɐ] õnti mermu eu fui lá...
Segmento Fonético Subseqüente	Alt. Post.	CUFA1N	(14) usu lápis di [ʎʎu] usu batom
	Alta Anterior	CUFB2N	(06) aquelas ['palɐ] i era...
	Baixa	ITFB1N	(19) capela di ['paʎɐ] i venta muito
	Ditongo	TUMB2N	(35) eu [trɛbɐ'ʎje] cum meu tiu
	Méd. Anteriores	DEFA1Q	(33) [bɪʎeteriɐ]
	Média Posteriores	ITMB1N	(104) uma [mɛ'ʎɔbɐ] de vida
	Méd. Ant. Nasal	DEFA2N	(30) muito [baru'ʎetu] mermu...
	Méd. Post. Nasal	TUFA1N	(09) um maridu [maravɪ'ʎôzu]
	Baixa Nasal	CUFA1N	(03) ...[o'ʎãu] as torri assim
Tonicidade da Sílabas	Átona pré-tônica	DEFB1N	(37) vamu [mɛʎ'ɔra] muito né!
	Átona pós-tônica	TUFB2N	(55) cum um [de'tali] eli nunca...
	Tônica oxítone	CUIO1N	um lugá [mɛ'ʎɔ] a nãu sê
	Tônica Paroxítone	TUMA1N	(23) fazem [pare'ʎjaʒem] di som, né!
Estrutura Silábica	Dissílaba	CUFB1N	(21) é meu ['fi] tem...
	Trissílaba	ITMB1N	(21) mora [kah'vaʎju] era u ...
	Polissílaba	ITFB1N	(15) depois vai [mɛ'ʎjɔ'rãu] agora...
Classe Gramatical	Verbo	ITMB1N	(80) eu [trɛba'javɐ] di carpinteru
	Substantivo	CUFB1N	(73) êssiz [ʎj] aqui
	Adjetivo	CUFB1N	(45) ...mais ['vɛɐ] tia falicidu...
	Advérbio	TUMB2N	(04) vinti anus [a'ʎj]
	Pronome	TUFA1N	(08) u coração ['deʎj] era trocadu

3.5 A Composição da Amostra e a Coleta de Dados

A pesquisa desenvolvida no âmbito do Projeto Atlas Lingüístico do Pará - ALIPA (cf. Razky, 1998), fundamenta-se na análise sociolingüística de comunidades de fala³¹ do interior do Estado do Pará de características e composições diversas, com vista a estabelecer um panorama geo-sociolingüístico atual da realidade lingüística do interior do Pará.

3.5.1 Estabelecimento dos pontos de Inquérito

Na primeira etapa da pesquisa, foram definidas quatro localidades da zona urbana do Sudeste paraense onde seriam recolhidas as amostras de fala: Tucuruí, Itupiranga, Curionópolis e Dom Eliseu. Na determinação da rede de pontos, consideramos tanto o fato de todas as localidades serem ponto de inquérito do Projeto ALIPA e terem sofrido um processo de colonização com intenso fluxo migratório, quanto os fatores geográficos e econômicos. Como procedimento anterior à coleta foram feitas 04 viagens de reconhecimento, realizadas no mês de novembro/2005.

A coleta de dados aconteceu entre os meses de dezembro /2005 e março/2006 nas áreas urbanas de cada cidade e teve duração média de 01 mês em cada localidade, numa série de nove viagens. A seleção dos informantes se deu basicamente nos bairros mais antigos de cada cidade.

3.5.2 A seleção dos informantes

O contato com os informantes foi feito de forma direta, mediado por pessoas³² locais que nos indicavam possíveis nativos que se encaixariam no perfil da pesquisa ou

³¹ Comunidade de fala para esse modelo teórico-metodológico não é entendida como um grupo de pessoas que falam exatamente igual, mas que compartilham traços lingüísticos que distinguem seu grupo de outros; comunicam relativamente mais entre si do que com os outros e, principalmente compartilham normas e atitudes diante do uso da linguagem (cf. Labov, 1972).

³² A respeito dos procedimentos em campo, principalmente em localidades em que o pesquisador iniciante não possua vínculos pessoais ou institucionais diretos, há uma série de dificuldades que lhe devem ser avisadas. Dentre elas a necessidade de encontrar mediadores membros da própria comunidade que facilitem a tarefa, porque atuam

ainda com recurso a diversos órgãos públicos, tais como INSS, centros comunitários e aquele que veio a mostra-se como o meio mais eficiente, a escola.

Os informantes selecionados são representantes fiéis no tipo de falar do local investigado, por este motivo apresentam as seguintes características: são nativos da localidade ou chegaram à mesma com no máximo dez anos de idade³³, são muito falantes e não apresentam problemas de fonação.

A amostra inicialmente proposta para este estudo previa 48 informantes distribuídos em número de 12 para cada cidade, o que infelizmente, não foi possível, devido ao fato de que na cidade de Curionópolis, não conseguimos encontrar 02 falantes do sexo masculino, com idade entre 55 e 65 anos, com ensino fundamental, que tenha chegado à cidade com menos de dez anos, que se dispusesse a colaborar com nossa pesquisa.

Ao reorganizamos a amostra, esta passou a ser constituída de 46 informantes estratificamente distribuídos (3.5.2.1). Tínhamos assim, oito células na amostra, com dois informantes para as células que incluem sexo e faixa etária e 03 informantes na célula que compõe o nível de escolaridade, constituindo um total de 12 informantes por comunidade, assim distribuídos: 1 mulher e 1 homem com idade entre 18-30 anos que tenha cursado nível superior, 2 mulheres e 2 homens também entre 18-30 anos que tenham cursado o ensino fundamental, 1 mulher e 1 homem entre 55-65 anos que tenha cursado o ensino superior e 2 mulheres e 2 homens com idade entre 55-65 anos que tenham cursado até o ensino fundamental, o que significa dizer, 12 informantes em cada localidade – com

como moderadores da reação de estranhamento ou rejeição que o contato direto pesquisador-informante pode produzir. Em se tratando de pesquisa que exija amostra extensa e seleção criteriosa, essas dificuldades somadas ao limite de tempo podem tornar-se grandes obstáculos.

³³ Nos casos de Curionópolis e Dom Eliseu, todos os informantes da segunda faixa etária (55-65) anos são pessoas que chegaram à região com até no máximo 10 anos de idade, isto se deu em função de ambas as cidades terem menos de 20 anos de emancipação.

exceção de Curionópolis, onde conseguimos apenas dez informantes- e um total de 46 informantes no conjunto das quatro comunidades selecionadas. Como mostra o quadro abaixo:

QUADRO 4 – Plano da Amostra

CIDADE	FAIXA ETÁRIA	SEXO	ESCOLARIDADE
CURIONÓPOLIS	18-30 (06)	MASC. (03)	E. F. (02)
			E. S. (01)
		FEM. (03)	E. F. (02)
			E. S. (01)
	55-65 (04)	MASC. (01)	E. F. (-)
			E. S. (01)
		FEM. (03)	E. F. (02)
			E. S. (01)
ITUPIRANGA	18-30 (06)	MASC. (03)	E. F. (02)
			E. S. (01)
		FEM. (03)	E. F. (02)
			E. S. (01)
	55-65 (06)	MASC. (03)	E. F. (02)
			E. S. (01)
		FEM. (03)	E. F. (02)
			E. S. (01)
DOM ELISEU	18-30 (06)	MASC. (03)	E. F. (02)
			E. S. (01)
		FEM. (03)	E. F. (02)
			E. S. (01)
	55-65 (06)	MASC. (03)	E. F. (02)
			E. S. (01)
		FEM. (03)	E. F. (02)
			E. S. (01)
TUCURUÍ	18-30 (06)	MASC. (03)	E. F. (02)
			E. S. (01)
		FEM. (03)	E. F. (02)
			E. S. (01)
	55-65 (06)	MASC. (03)	E. F. (02)
			E. S. (01)
		FEM. (03)	E. F. (02)
			E..S. (01)

3.5.3 Técnicas de Recolha de Dados

3.5.3.1 Questionário

Prevendo o número reduzido de ocorrências do fonema /3/ durante as narrativas e visando a construção das cartas lingüísticas, aplicamos um questionário fonético-lexical³⁴, constituído de 35 (trinta e cinco) questões todos em presença do pesquisador. A aplicação do questionário³⁵ teve duração média de 05 minutos, para cada informante.

Aos informantes, justificamos o uso do questionário dizendo que se tratava do registro de diferentes termos usados para designar as mesmas coisas, tivemos o cuidado de utilizar várias estratégias com a finalidade de não deixar o informante perceber que se procurava registrar as variantes do fonema em estudo, de modo a se obter uma pronúncia mais próxima de sua fala cotidiana.

A aplicação do questionário ocorreu sempre no mesmo dia em que fazíamos as entrevistas, sendo aplicado antes da mesma. Alguns informantes encontraram muita dificuldade em responder ao questionário, nos casos em que os mesmos não conseguiram responder, o item questionado continuou em branco.

3.5.3.2 Entrevistas

As entrevistas foram marcadas com antecedência, de modo a deixar os informantes mais a vontade com relação à idéia de serem gravados. A realização das entrevistas³⁶ durou cerca de um mês, em cada localidade, as mesmas foram realizadas ou na casa do informante – quando este se encontrava em um momento de folga – ou em seu local de

³⁴ Ver anexo B

³⁵ Vale ressaltar que a aplicação do questionário foi sempre o momento mais descontraído da coleta de dados, visto que os informantes, a princípio, sentiam-se preocupados com relação às perguntas e receosos de não conseguir respondê-las, mas quando percebiam que se tratava de assuntos relacionados ao cotidiano, havia sempre um riso, mesmo com os informantes mais tímidos.

³⁶ Neste caso entenda-se como entrevista as duas técnicas de coleta de dados adotadas, a narrativa e a aplicação do questionário fonético lexical. Todas as entrevistas tiveram primeiro a aplicação do questionário e depois a narrativa pessoal, sempre no mesmo dia.

trabalho, o que aconteceu com mais frequência. Como uma forma de “amenizar” o contato do entrevistado com o gravador, antes de cada entrevista preenchíamos a ficha social do informante³⁷, a qual apresentava as seguintes características: nome do informante, idade, local de nascimento, escolaridade, o que se aplicava ao mesmo e aos seus pais, condições do tempo, local da entrevista, duração da entrevista, grau de espontaneidade do informante, nome do entrevistador, data da gravação e comentários acerca da aplicação da entrevista / narrativa. Os assuntos das narrativas giravam em torno da história da cidade em que a coleta estava sendo feita, experiências pessoais, costumes, religiosidade, laser ou sobre a família.

Alguns informantes encontraram bastante dificuldade em falar sobre os assuntos da cidade por desconhecerem a formação da mesma, por isso utilizamos um roteiro de entrevista³⁸ que os ajudava a desenvolver melhor a narrativa.

No material lingüístico coletado predomina a fala espontânea, em gravações de áudio em gravador digital com uma média de 35 minutos de narrativa pessoal, havendo por vezes, interferências da entrevistadora para estimular a continuação da fala. Algumas vezes houve interrupção de terceiros, mas nada que viesse a prejudicar o andamento da entrevista.

Ao final de cada entrevista, explicávamos inteiramente a real motivação do nosso trabalho, isto é, uma investigação sobre a pronúncia local, o que não criou qualquer impedimento para a autorização dos dados sonoros, desde que fossem preservadas as identidades dos falantes. O total de gravação é de aproximadamente 30 horas.

³⁷ Ver anexo A

³⁸ Ver anexo C

3.5.4 Arquivamento e Transcrição dos Dados

Todas as entrevistas foram editadas em meio digital (gravador Olympus VN-120PC) e transformadas de modo sonoro wave, em arquivo tipo MP3. Como o gravador em questão não necessita de fita, foi criado um código de seis dígitos para identificação do informante o qual é constituído das iniciais da localidade em que a entrevista foi realizada: IT= Itupiranga, CU= Curionópolis, DE= Dom Eliseu e TU= Tucuruí. Em seguida a inicial M indicava o sexo masculino ou a inicial F o sexo feminino, a inicial A indicando a faixa etária entre 18-30 anos e inicial B indicando a segunda faixa etária 55-65 anos. O nível de escolaridade foi representado pelos números 1, o qual significa ensino fundamental e número 2, o qual significa nível superior. Por fim, Q indicando “questionário” e N indicando a “narrativa”. Um exemplo: em Dom Eliseu, o informante Benedito Brito³⁹ recebeu o seguinte código: DEMB1Q, para o questionário e DEMB1N para a narrativa. Em alguns casos temos também N1, N2 e N3, quando por algum motivo tivemos de interromper a narrativa e criar nova pasta, já que o gravador não tem a função pause. O código de cada informante é aplicado também à sua respectiva ficha de informante e será utilizado durante todo o trabalho após os exemplos, como forma de mostrar as características sociais do informante que produziu o discurso citado.

O trabalho com gravador desta natureza facilita o trabalho do pesquisador, visto que não é preciso reservar tempo para a digitalização, pois o mesmo já é um aparelho digital e a qualidade do áudio é salutar, entretanto, é necessário a utilização constante de um computador para que os dados sejam transferidos e o gravador fique pronto para ser utilizado novamente, o que nem sempre é possível, se considerarmos as localidades mais distantes.

³⁹ nome meramente ilustrativo

Foram transcritos grafematicamente os trechos anteriores e posteriores à ocorrência do fonema em questão. Para a transcrição fonética dos dados utilizamos as fontes do Alfabeto Fonético Internacional (IPA), de acordo com os critérios definidos no Projeto ALIPA, com um número reduzido de sinais e diacríticos a fim de facilitar a leitura do trabalho.

A transcrição é ampla e geral, por ser auditiva e ter sido levada a efeito sem o uso de instrumentos de fonética experimental, o que não diminui o seu valor, face aos cuidados em que foi feita. Depois de revistas as entrevistas, as transcrições foram submetidas a arguição de dois colegas do mestrado em Letras, para dar maior credibilidade e imparcialidade ao trabalho. O conjunto de 46 entrevistas armazenadas em meio digital e suas transcrições constitui a base empírica para a análise e descrição dos aspectos que condicionam a variação do fonema /3/ nestas comunidades.

A análise de um aspecto fonético focalizou os usos lingüísticos variáveis que caracterizam as diversas variedades lingüísticas do interior do estado do Pará. Na análise geo-sociolingüística desses aspectos, buscamos definir tanto os contextos lingüísticos condicionadores de cada fenômeno variável analisado, quanto o seu encaixamento na matriz social da comunidade de fala, por meio da estreita relação com as variáveis explanatórias lingüísticas e sociais. Essa correlação é feita através de cálculo estatístico elaborado a partir da codificação de todas as ocorrências de cada variável analisada em função das variáveis explanatórias definidas para a quantificação dos dados.

Esse cálculo estatístico é feito - como já dissemos no subitem (3.2) - com recurso ao programa **VARBRUL** (do inglês Variable Rules), especificamente elaborado para esse

fim (cf. Sankoff, 1988 & Pintzuk, 1989). A partir dos resultados obtidos junto ao programa **VARBRUL** é possível a análise dos padrões de comportamento lingüístico das comunidades de fala selecionadas, assim como tentar definir se o fonema encontra-se em processo de mudança ou se o mesmo está estável.

3.5.5 Confecção das Cartas Lingüísticas

Após a análise estatística (cap. 4) dos aspectos lingüísticos que condicionam a variação da variante /3/ nas quatro localidades citadas, apresentamos também 38 cartas lingüísticas – objetivando melhor compreender a relação entre o espaço geográfico e os fatos lingüísticos e sociais - com efeito de amostragem que viesse a preencher a análise do fator geográfico a que este trabalho também se propõe. A confecção das cartas seguiu o método cartográfico padrão, sendo a base de cada carta o mapa da região Sudeste do estado do Pará.

As cartas foram confeccionadas numa escala aproximada de 1: 4 800 000. Em número de 38, as cartas que compõem este trabalho, se inicia com o mapa da região Sudeste do estado e os pontos de inquérito do ALIPA (Carta I), em seguida, o mapa da região Sudeste com a localização dos municípios estudados (carta II) e a carta III, denominada carta legenda, traz as convenções adotadas e que servirá de modelo para a leitura das demais cartas.

As cartas fonéticas, propriamente ditas, estão numeradas de 04 a 39. As mesmas foram elaboradas com base nas realizações fonéticas do fonema /k/ a partir da aplicação do questionário fonético-lexical.

Para a convenção, utilizamos cinco símbolos geométricos, tais como: quadrado, losango, cruz, entre outros, em cores diferentes, de modo a facilitar a visualização das variantes nas cartas e um símbolo matemático, também em cor diferente das demais, abrangendo assim, as seis variantes encontradas. A disposição desses símbolos no interior

de cada carta foi feita em forma de ponto cruz a partir da esquerda para a direita, registrando-se na seqüência a fala da informante feminina com idade entre 18-30 anos, seguida do registro da também informante feminina com idade entre 55-65 anos, os quais são registrados na parte de cima do ponto cruz. O mesmo acontece para os dois informantes masculinos, sendo que desta vez o registro se dá na parte inferior do ponto cruz.

Em cada carta apresentamos dados referentes ao material lingüístico coletado, de modo, que seja possível a visualização da variação do fonema nas quatro localidades, buscando sempre mostrar as diferentes variantes encontradas. A escolha de quatro informantes, por cidade, presentes em cada carta foi aleatória, isto é, do total de 46 informantes, escolhemos sempre quatro em cada cidade, o que significa dizer, a amostra da amostra, já que devido ao modelo de carta adotado, isto é, ponto cruz, não tínhamos como transpor as realizações dos 12 informantes⁴⁰.

A confecção das cartas fonéticas envolveu ainda textos introdutórios⁴¹ que abordam assuntos tais como: apresentação das cartas, das localidades pesquisadas, caracterização dos informantes por localidade, convenções, entre outros.

Após a apresentação do conjunto de cartas apresentamos alguns comentários pertinentes aos resultados encontrados em nosso corpus.

3.6 HIPÓTESES INICIAIS

A observação da fala espontânea dos falantes do Sudeste do Pará, a revisão bibliográfica e o tratamento dos dados, permitiram-nos levantar algumas hipóteses quanto às variantes do fonema /3/ e aos grupos de fatores condicionantes considerados relevantes à análise. Tentando entender e explicar essa variação, apresentamos as seguintes hipóteses:

⁴⁰ Para consultar a caracterização dos informantes por localidade ver anexo F

⁴¹ Para consultar os dados pertinentes às cartas lingüísticas consultar anexos E e F

1) O fenômeno variável, em estudo, apresenta condicionamentos lingüísticos internos ao vocábulo. Para a análise de tais condicionamentos elegemos 05 (cinco) grupos de fatores que julgamos ser pertinentes à variação do fonema /ʎ/.

2) Pressupomos que o grupo de fatores **segmento fonético antecedente** e **segmento fonético subsequente** influenciam para que haja variação do fonema em questão. E esta variação decorre de assimilação devido à contigüidade de segmentos semelhantes do ponto de vista fonético.

3) Postulamos para o grupo **tonicidade da sílaba**, a possível interferência da posição tônica para as palatais e palatalizadas, selecionando portanto, a tonicidade e a posição da sílaba (tônica oxítônica, tônica paroxítônica, átona pré-tônica e átona pós-tônica).

4) Consideramos também a **estrutura silábica** de cada vocábulo, dissílabos, trissílabos e polissílabos, pressupondo que palavras de maior extensão influenciem as variantes despalatalizadas, ao contrário das de menor extensão.

5) Para o grupo de fatores **classe gramatical** consideramos que as variantes possam estar sendo implementadas por meio do componente morfológico, como já verificado em estudos sobre variação. As categorias consideradas, a partir do corpus coletados são: substantivo, verbo, adjetivo, advérbio e pronome. É possível também que o fenômeno da semivocalização esteja mais presente entre os verbos e os substantivos, por apresentarem uma quantidade maior de vocábulos com o fonema /ʎ/.

6) Postulamos a hipótese de falantes de **sexos** diferentes terem propensão ao uso de uma ou de outra forma lingüística.

7) Consideramos a **faixa etária** dos falantes, supondo que sua inserção no mercado de trabalho, por exemplo, pode influenciar nas escolhas, de modo que os mais jovens dêem maior preferências às variáveis de prestígio, isto é, as variantes palatais e palatalizadas.

8) Acreditamos também que a variável **escolaridade** interfere sobremaneira na aplicação da regra do fonema em estudo, desse modo, esperamos que os falantes com maior escolaridade realizem menos as variantes semivocalizadas e os apagamentos.

9) De modo semelhante a **narrativa** e o **questionário** refletem o grau de atenção do falante a sua fala e demonstram sua percepção quanto ao grau de aceitação social das variantes. Assim, relacionamos esta variável a fim de verificarmos o comportamento dos dados sob a influência deste grupo de fatores.

10) Por fim, o **fator geográfico** nos sugere que há uma variação na fala dos moradores das quatro localidades estudadas de acordo com sua distribuição espacial.

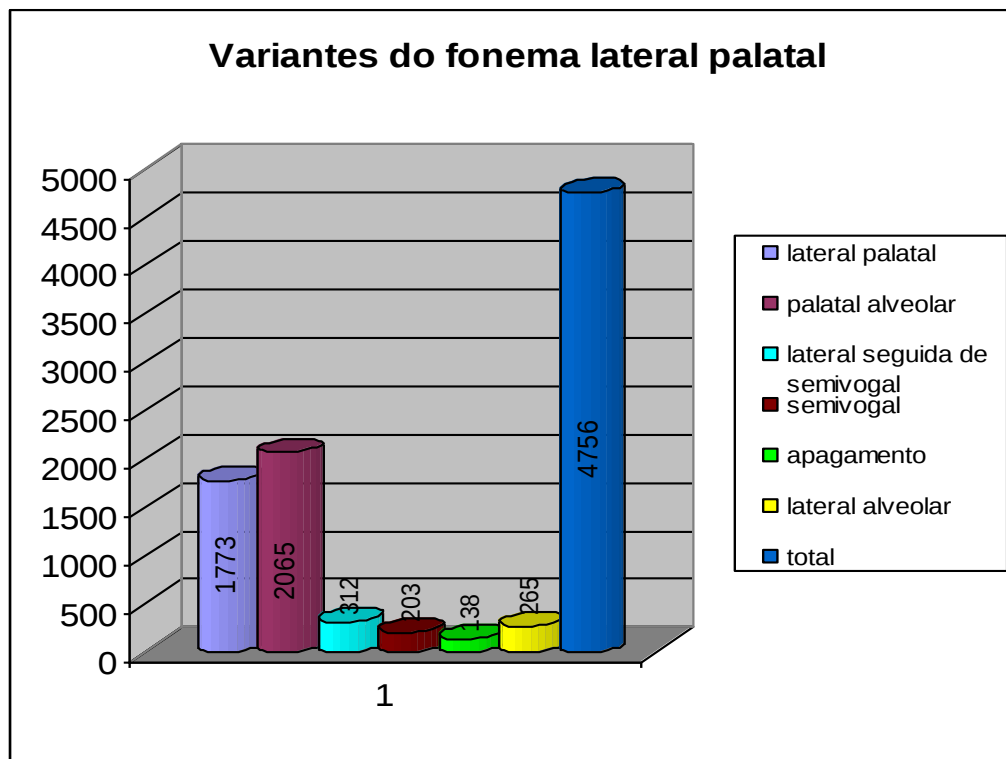
As hipóteses inicialmente assumidas por nós, serão retomadas no capítulo seguinte, no que serão ou não confirmadas.

4. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS E ANÁLISE DOS DADOS

Apresentamos nas páginas seguintes, a discussão dos resultados gerados como valores absolutos e índices probabilísticos para as **4756** ocorrências de /ʎ/, organizados em tabelas e gráficos. O exame desses valores foi orientado por questões introduzidas no texto, a partir das hipóteses iniciais. Os grupos de fatores são apresentados no texto seguindo o critério de seleção do VARBRUL. Para cada grupo de fatores utilizamos em média 08 exemplos nos quais se registram as variantes em determinado contexto, transcritos fonético e grafematicamente. A numeração antes de cada item indica a entrada deste no corpus, conforme a sequência de fala do informante. Nas tabelas, os números em azul significam que a (s) variante (s) foram descartados para a análise do fator que está sendo analisado e os números em negrito mostram o maior e o menor peso relativo alcançado em cada fator.

4.1 Ocorrências das Variantes do Fonema Lateral Palatal

Gráfico 1 – variantes de /ʎ/



4.2 Grupo de Fatores Lingüísticos

Nos estudos de natureza sociolingüística, entende-se que há variação lingüística em uma dada comunidade, ou em várias, como vimos nas quatro localidades por nós estudadas, cujas explicações devem se dar na relação entre fatores estruturais e sociais, entendidos como variáveis independentes, “(...) *no sentido que os usos de estruturas lingüísticas são motivados e as alternâncias configuram-se por isso sistemática e estatisticamente previsíveis*” (Mollica, 2004). Compreende-se ainda que, na variação lingüística, Mollica (*op. cit*) pressupõe que haja formas alternativas de se referir à realidade, as variantes, as quais, no seu conjunto, configuram uma variável lingüística, isto é, um fenômeno variável, também chamado de variável dependente, uma vez que o emprego de variantes, nada aleatório, é influenciada por grupos de fatores, tanto sociais como estruturais (variáveis independentes).

No presente trabalho, consideramos 05 fatores estruturais como condicionadores da existência do objeto de nossa investigação, no que apresentamos os resultados e análises dos mesmos. Os segmentos são apresentados na mesma ordem em que o programa VARBRUL os selecionou. Nestes exemplos, as letras em negrito representam o segmento antecedente ao fonema /*ʎ*/.

4.2.1 Segmento Fonético Antecedente

Exemplos:

(05)	assim [m <u>ʎ</u> ʎɛ]	quando ta	‘assim mulher quando tá’	(CUFA1N)
(18)	tantus [‘fi <u>ʎ</u> ʎ]	eu pensu	‘tantos filhos eu penso’	(CUMA1N)
(23)	ficô [ɔ‘jan <u>ʎ</u>]	pra mim	‘ficou olhando pra mim’	(CUFB1N)
(30)	i [mɛʎjɔ‘ra]	nossa energia	‘e melhorar nossa energia’	(ITMA2N)
(21)	[a‘beʎjɐ]		‘abelha’	(ITFB1Q)
(18)	só u [‘ <u>ʎ</u> ʎ]		‘só o olho’	(DEMB2N)
(08)	[‘f <u>ʎ</u> ʎ]		‘folha’	(DEFA2N)
(06)	eu [trabaʎʎjavɐ]	desdi us...	‘eu trabalhava desde os...’	(TUMA1N)

TABELA - 2

SEGMENTO FONÉTICO ANTECEDENTE

	[ɫ]		[ɫj]		[lj]		[j]		[Ø]		[l]	
	Freq./ %	Peso Rel.	Freq./ %	Peso Rel.	Freq./ %	Peso Rel.	Freq./ %	Peso Rel.	Freq./ %	Peso Rel.	Freq./ %	Peso Rel.
Baixa [ɔ]	462/27	.38	813/48	.50	156/9	.65	86/5	.58	18/1	.21	148/9	.72
Alta Ant. Fechada [i]	394/39	.56	418/41	.51	64/6	.40	52/5	.52	49/5	.83	35/3	.27
Alta Post. Fechada [u]	304/49	.63	205/33	.36	33/5	.53	14/2	.42	34/6	.75	28/5	.54
Méd. Ant. Aberta [ɛ]	159/42	.45	157/42	.52	6/2	.50	27/7	.52	6/2	.16	21/6	.59
Méd. Post. Fech. [o]	166/47	.59	137/39	.55	24/7	.35	8/2	.42	6/2	.57	10/3	.21
Méd. Ant. Fechada [e]	179/43	.52	191/46	.64	15/4	.21	7/2	.41	7/2	.69	15/4	.29
Méd. Post. Aberta [ɔ]	91/32	.60	144/51	.46	13/5	.56	9/3	.31	18/6	.65	8/3	.52
TOTAL	1755/37	-	2065/44	-	311/7	-	203/4	-	138/3	-	265/6	-

Os dados da **Tabela 2** indicam que o favorecimento da ocorrência de [ʎ] está relacionado às vogais, alta posterior (.63), média posterior aberta (.60), média posterior fechada (.59), alta anterior (.56) e média anterior fechada (.52). Percebemos também que a vogal média anterior aberta (.45) e a vogal baixa (.38) exercem uma influência desfavorável, relacionada a esta variante.

A variante [ʎj] apresenta os índices mais altos e favoráveis para as vogais média anterior fechada (.64), média posterior fechada (.55), média anterior aberta (.52) e alta anterior fechada (.51). As vogais média posterior aberta e alta posterior fechada apresentaram pesos relativos desfavoráveis (.36 e .46) respectivamente. A vogal baixa (.50) mostrou peso relativo neutro na análise deste segmento. Dessa forma, entendemos que há o favorecimento e o não favorecimento de [ʎj] em relação aos segmentos antecedentes e subsequente.

Verificamos a tendência ao favorecimento de [lj] relacionada à vogal baixa (.65), seguindo-se as vogais média posterior aberta (.56) e alta posterior fechada (.53). Seguindo a leitura dos dados, a vogal média anterior aberta (.50) apresentou peso relativo neutro. As vogais alta anterior fechada (.40), média posterior fechada (.35) e média anterior fechada (.21) apresentaram pesos relativos desfavoráveis a este segmento. Verificamos a partir dos dados expostos que há tanto o favorecimento quanto o não favorecimento de [lj] por segmentos anteriores e posteriores.

O comportamento das vogais para a variante [j] é semelhante ao que ocorre com a variante [lj]. Os pesos relativos mais favoráveis são os da vogal baixa (.58). As vogais alta anterior fechada (.52) e média posterior aberta (.52) têm pesos relativos iguais um pouco acima do ponto de referência. Outro caso de paridade entre os dados foi os das vogais alta posterior fechada e média posterior fechada com índice (.42). As vogais média posterior fechada e média anterior aberta atuaram de forma desfavorável, com os respectivos pesos relativos (.41 e .31). Neste caso os segmentos médios apresentam resultados favoráveis e desfavoráveis, entretanto, com pesos relativos pouco expressivos, sem apontar para um condicionamento mais claro quanto à articulação anterior e posterior.

Verificamos a tendência ao favorecimento de [∅] relacionada às vogais altas com pesos relativos (.83) e (.75), estes são inclusive, os pesos relativos mais favoráveis de todo o segmento antecedente nesta rodada. Há também o favorecimento para o caso da média anterior fechada (.69), para a média posterior aberta (.65) e para a média posterior fechada (.57). Os índices mais baixos são os das vogais baixa (.21) e média anterior aberta (.16). Ao que nos sugerem esses dados, em relação à altura, a vogal alta anterior fechada mostra-se mais relevante à variante apagamento, em contraposição com a média anterior aberta, a qual apresenta o valor mais baixo.

O comportamento das vogais para a variante [l] mostra que a vogal baixa (.72) apresenta o peso relativo mais favorável. Seguido pelas vogais média anterior aberta (.59), alta posterior fechada (.54) e média posterior aberta, com índice um pouco acima da neutralidade (.52). Ainda para a variante em questão, as vogais média anterior fechada (.29), alta posterior fechada (.27) e média posterior fechada (.21) apresentam índices bem abaixo do ponto de equivalência, atuando de maneira desfavorável a esta variante.

A comparação dos nossos resultados com aqueles encontrados por MADUREIRA (1987) indicam que entre os segmentos antecedentes, o segmento [a] é o mais favorável à variante [j], enquanto as posteriores mostram-se menos favoráveis. O que não acontece com o estudo desenvolvido por BRANDÃO (1996), o qual mostra que o contexto antecedente mais favorável ao fenômeno da semivocalização é o da vogal média fechada e o menos favorável é o da vogal baixa. SILVA & MOREIRA (1997) apontam como fatores favoráveis para [j], neste contexto, as vogais [a,ɛ,ɔ,o] e a manutenção [l] os segmentos [ɔ,o,i]. O trabalho de SOARES (2002) indica que há uma tendência de favorecimento de [ʎ] relacionada às vogais alta anterior (.428) e as vogais alta posterior, baixa e a média aberta atuam de forma desfavorável (.253), (.160) e (.321) respectivamente.

Considerando o comportamento das vogais antecedentes para as variantes de /ʎ/, os resultados de nossa amostra indicam que, embora os segmentos anteriores e posteriores tendam a

favorecer e desfavorecer, ao mesmo tempo, todas as variantes, é para a variante [∅] que temos os índices mais favoráveis e menos favoráveis. O segmento [i] tem o maior índice de favorecimento (.83) e a média posterior aberta, o menor índice para a mesma variante (.16).

Analisando de acordo com a tendência dos processos assimilatórios, não nos é possível, objetivamente, concluir se o condicionamento das variantes está relacionado à altura e à localização articulatória dos segmentos vocálicos antecedentes.

4.2.2. Segmento Fonético Subseqüente

As letras em **negrito** após a variante de /ɛ/ indicam a vogal do contexto subseqüente.

Exemplos:

(17)	[ˈjuɛ]	‘julho’	(TUFA1Q)
(50)	tinha [hekoˈɛjɾu] u dinheiru	‘tinha recolhido o dinheiro’	(TUMB1N)
(28)	[sehaˈɛjeɾu]	‘serralheiro’	(DEMA1Q)
(16)	podí [ɔˈɛja] ali	‘pode olhar ali’	(DEFA2N)
(31)	[biˈɛjetɾ]	‘bilhete’	(DEFA1Q)
(07)	a [muˈɛ] di lá é goiana	‘a mulher de lá é goiana’	(DEFB1N)
(15)	depois vai [meɛjɔˈranu] agora ta bom	‘depois vai melhorando agora...’	(ITFB1N)
(15)	i aí foi [meɛjoˈranu] mais	‘e aí foi melhorando mais’	(ITFA1N)
(13)	Tômaru [mɾɛj ² ɾs] i...	‘tomaram milhões e...’	(ITMB1N)
(29)	chego [oˈjɔ] pra mim	‘chegou, olhou pra mim’	(CUFB1N)
(52)	í eu [ɔˈjãnu] i vendu	‘e eu olhando e vendo’	(CUFB1N)
(06)	saía [hekoˈɛjedu] as pessoa	‘saía recolhendo as pessoas’	(CUFA2N)

TABELA - 3

SEGMENTO FONÉTICO SUBSEQÜENTE

	[Λ]		[Λj]		[lj]		[j]		[Ø]		[l]	
	Freq./ %	Peso Rel.	Freq./ %	Peso Rel.	Freq./ %	Peso Rel.	Freq./ %	Peso Rel.	Freq./ %	Peso Rel.	Freq./ %	Peso Rel.
Alt. Post. [u, ʊ]	787/54	.69	387/26	.44	112/8	.36	90/6	.66	3/0	.07	89/6	.31
Alta Ant. [i]	78/53	.62	7/5	.02	16/11	.71	2/1	.34	-	-	43/29	.96
Baixa [a, ɐ]	419/23	.36	933/52	.61	177/10	.63	71/4	.47	79/4	.82	110/6	.48
Ditongo	7/6	.13	97/83	.77	2/2	.63	3/3	.28	5/4	.93	3/3	.81
Méd. Ant.[e, ɛ]	252/39	.43	324/50	.59	-	-	12/2	.32	36/6	.77	18/3	.78
Méd. Post.[o, ɔ]	163/49	.68	162/49	.37	1/0	.14	-	-	3/1	.31	2/1	.38
Méd. Ant. Nasal [ɛ̃]	9/60	.55	6/40	.38	-	-	-	-	-	-	-	-
Méd. Post. Nasal [õ]	34/44	.70	31/40	.22	2/3	.81	4/2	.32	6/8	.87	-	-
Baixa Nasal [ɐ̃]	24/15	.39	118/73	.53	2/1	.82	12/7	.49	6/4	.77	-	-
TOTAL	1773/37	-	2065/44	-	312/8	-	194/4	-	138/3	-	265/6	-

Analisando os dados da **Tabela 3**, verificamos que o favorecimento da ocorrência de [ʌ] está ligado às vogais média posterior nasal (.70), alta posterior (.69), média posterior (.68), alta anterior (.62) e média anterior nasal (.55). A vogal baixa, o ditongo e baixa nasal atuam de forma negativa, sendo o peso relativo do ditongo (.13), o índice mais baixo para esta variante. Considerando a natureza das vogais em relação à altura, os segmentos posteriores orais e nasais mostram-se determinantes para essa variante, o que nos leva a supor que a nasalidade possa ser um tipo de influência positiva, como se pode notar pelos resultados da vogal média posterior nasal (.70).

A variante [ʌj] tem resultados favorecedores com o ditongo (.77), com a vogal baixa (.61), com a média anterior (.59) e com a baixa nasal (.53). Considerando a nasalidade das vogais observamos que as mesmas ora favorecem e ora desfavorecem a realização da variante [ʌj], visto que os pesos relativos da média anterior nasal (.38) e da média posterior nasal (.22) são bem abaixo da referência do programa. O segmento médio posterior também apresenta peso relativo baixo (.37), mas a maior disparidade encontra-se com as vogais alta posterior (.44) e a alta anterior (.02) com o mais baixo índice de todas as rodadas. Neste caso o ditongo, cuja vogal é a média anterior ou posterior oral ou nasal, aparece como o elemento mais favorável. Ao contrário do que se observou para a variante [ʌ]. De qualquer forma, é necessário analisar tais dados com prudência, visto que a quantidade de ocorrências é um pouco baixa nos casos estudados.

Os resultados para [lj] demonstram haver um favorecimento expressivo relacionado à altura da baixa nasal (.82) e da média posterior nasal (.81), as quais apresentam os pesos relativos mais significantes. Encontramos ainda com índices favoráveis a alta anterior (.77), a baixa e o ditongo com peso relativo (.63) cada. As vogais alta posterior (.36) e a média posterior (.14) tiveram os índices desfavoráveis. Devido a *knockouts*, algumas vogais foram retiradas da análise nesta rodada, como retrata o traço (-). Os dados nos levam a crer que a nasalidade influencia para o favorecimento da variante [lj].

Verificando os resultados para a variante [j] observamos que o segmento favorecedor é a vogal alta anterior (.66). Os demais segmentos mostraram-se relevantes, mas todos com pesos relativos abaixo do ponto de referência.

Assim como no caso da variante [ʌj] os resultados para a variante [∅] indicam que há uma forte tendência ao favorecimento do ditongo (.93). Os dados mostram também que há um favorecimento por parte das vogais média posterior nasal (.87), baixa (.82), médias anteriores e baixa nasal com o mesmo valor de relevância (.77). As vogais médias posteriores (.31) e alta posterior (.07) tiveram pesos relativos desfavoráveis. O alto peso relativo do ditongo nesta rodada nos leva a crer que este segmento seja o mais relevante quanto à altura e à localização anterior e posterior, para a realização da variante apagamento. No entanto, não podemos afirmar isto concretamente, visto que outros segmentos também apresentaram pesos relativos bem significativos.

A ocorrência da variante [l] demonstra ser fortemente condicionada pelas vogais alta anterior (.96), pelo ditongo (.81) e pela média anterior (.78). Os outros três segmentos selecionados para a rodada foram classificados, mas com valores pouco relevantes.

Assim como aconteceu com os segmentos antecedentes - fazendo um apanhado geral a partir dos dados gerados pela tabela 3 - percebemos que não é possível distinguirmos totalmente o efeito das vogais subseqüentes, quanto à altura e à localização anterior e posterior, para a realização das variantes da lateral palatal, por outro lado, não podemos deixar de salientar a relevância que o segmento ditongo apresentou em pelo menos três das seis variantes estudadas e mais ainda, a influência da vogal alta anterior, a qual apresentou o índice mais alto desta rodada, com peso relativo próximo ao total (.96).

4.2.3 Tonicidade da sílaba

Exemplos:

(11)	[ʃu'kaʎu]	(átona pós-tônica)	‘chocalho’	(ITMB1Q)
(07)	[ˈkaʎɐ]	(átona pós-tônica)	‘calha’	(DEMA1Q)
(32)	a [mɛʎjɔ'riɐ] das iscolas	(átona pré-tônica)	‘a melhoria das escolas’	(DEMB1N)
(32)	[bNʎje'teru]	(átona pré-tônica)	‘bilheteiro’	(ITMA1Q)
(21)	era [mɛ'ʎɔ] du qui eu	(tônica oxítone)	‘era melhor do que eu’	(CUFB1N)
(12)	pa [kɔ'ʒɛ] as pessoa	(tônica oxítone)	‘para acolher as pessoas’	(CUMA1N)
(06)	eu [traba'ʎjavɐ] desdi us...	(tônica paroxítone)	‘eu trabalhava desde os...’	(TUMA1N)
(28)	[sɛha'ʎjeru]	(tônica paroxítone)	‘serralheiro’	(TUMB1Q)

TABELA - 4
TONICIDADE DA SÍLABA

	[Λ]		[Λj]		[lj]		[j]		[Ø]		[l]	
	Freq./ %	Peso Rel.	Freq./ %	Peso Rel.	Freq./ %	Peso Rel.	Freq./ %	Peso Rel.	Freq./ %	Peso Rel.	Freq./ %	Peso Rel.
Átona prétônica	109/40	.53	151/55	.63	3/1	.29	3/1	.23	4/1	.61	5/2	.58
Átona póstônica	1164/42	.52	898/32	.38	294/11	.73	133/5	.54	70/3	.45	238/9	.74
Tônica oxítona	301/34	.54	478/55	.61	8/1	.27	37/4	.45	50/6	.53	3/0	.04
Tônica Paroxítona	195/24	.39	538/67	.74	6/1	.11	30/4	.51	14/2	.59	19/2	.43
TOTAL	1773/37	-	2065/43	-	311/7	-	203/4	-	138/3	-	265/6	-

Os resultados obtidos para o fator tonicidade da sílaba (tabela 4) indicam que para a variante [ʎ] há maior tendência à manutenção em contexto tônico oxítono (.54). Entretanto, não podemos afirmar que este seja o contexto referente, visto que os resultados também mostram índices semelhantes quando se trata das átonas (.53 e .52) respectivamente. A tônica paroxítona foi considerada pouco relevante pelo programa.

Para a variante [ʎ], peso relativo (.74), o contexto tônico é o paroxítono, entretanto, esta variante também é favorecida por dois outros contextos, o átono prétonico (.63) e o tônico oxítono (.61). Neste caso, apenas o contexto pósônico (.38) teve fator irrelevante à tonicidade.

Analisando os dados para a variante [lj] vemos exatamente o contrário do que aconteceu com a variante [ʎ]. Os resultados indicam que há uma tendência ao favorecimento do contexto átono pósônico (.73) e todos os demais contextos exerceram influência negativa.

Para a variante [j] o programa considerou irrelevante à análise todos os contextos, os quais atuam de forma desfavorável, com pesos relativos .54, .51, .45 e .23.

Os dados para a variante [Ø] indicam que o contexto átono prétonico (.61), o contexto tônico paroxítono (.59) e o tônico oxítono (.53) são favoráveis à realização desta variante, sendo o contexto átono pósônico irrelevante à mesma.

No caso da variante [l] os resultados apontam ao favorecimento do contexto átono, os quais apresentam pesos relativos mais altos (.74) para o átono pósônico e (.58) para o átono prétonico. Os contextos foram considerados de baixa influência à análise desta variante, no entanto, há que se ressaltar a pouca quantidade de dados neste último contexto.

Por comparação, a análise de MADUREIRA (1987) não apresenta índices percentuais significativos de dados na posição átona/tônica, de forma que, em sua análise, a tonicidade foi considerada irrelevante para a variante semivocalizada, no que apresentamos dados semelhantes, visto que o programa descartou esse grupo de fatores para a variante semivocalizada.

O trabalho de PONTES (1996), para um conjunto de itens com traços de fala padrão, aponta os contextos de sílaba pretônica, tônica e pósônica como os mais favoráveis a [j], o agrupamento de fatores em pretônica e não-pretônica indicou a posição pretônica como a mais favorável a esta variante. Para itens com traço do falar carioca, a tonicidade foi considerada irrelevante para a semivocalizada.

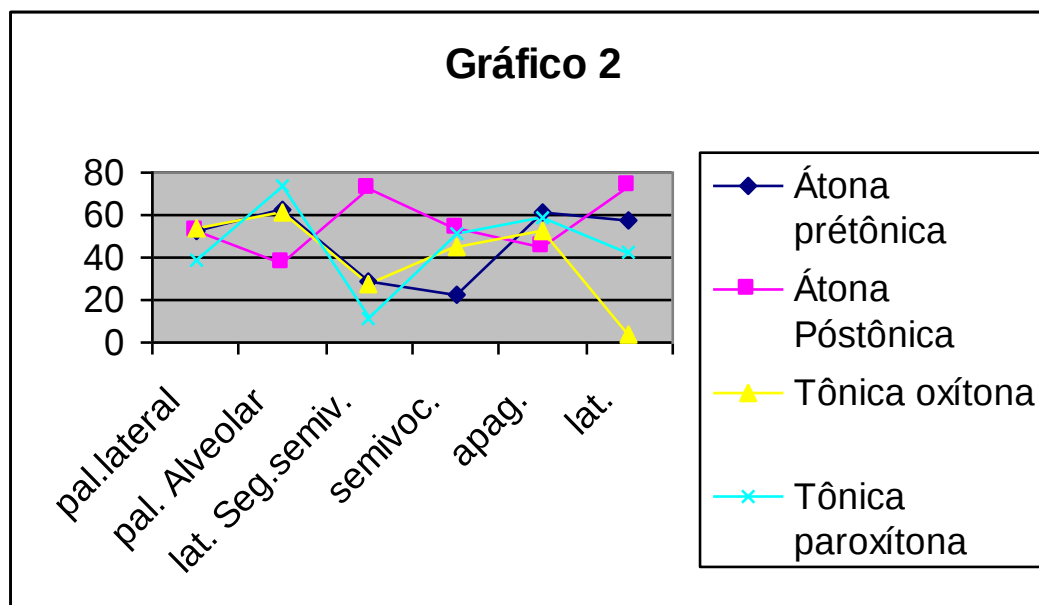
Os resultados obtidos por SOARES (2002), na cidade de Marabá, mostram que a ocorrência da variante [j] é inibida em todos os contextos átonos e em contextoônico, o pósônico; os contextos favoráveis são os átonos pretônico e subtônico, com índices expressivos (.377 e .459), no que a autora ressalta a pouca quantidade de dados nesses contextos.

Em relação aos nossos dados, nossa hipótese era de que a manutenção das variantes palatal e palatal alveolar, de articulações mais enérgicas, estariam relacionadas ao contextoônico, o que de certa forma acabou se confirmando, mas não de forma absoluta, visto que a variante [ʎ] está ligada ao contextoônico oxítono e a variante [ʎj] ao contextoônico paroxítono. Por sua vez, relacionamos ao contexto átono, a articulação mais relaxada das variantes despalatalizadas e semivocalizadas. No que percebemos que tanto a variante [lj], a variante [∅] e a variante [l] apresentam índices favoráveis à manutenção em contexto átono, confirmando assim, nossa hipótese.

O favorecimento das variantes em mais de um contexto átono ouônico sugere que esta relação é possível, o que poderia ser confirmado, ao que nos parece, somente por uma quantidade mais expressiva de dados.

Essa relação em que podemos ver tanto a palatal quanto a palatal alveolar regidas pela tonicidade da sílaba em contextoônico, pode ser percebida no **gráfico 2** abaixo, assim como o que acontece com as demais variantes em contexto átono.

Gráfico 02 – Tonicidade da Sílabas



Pesos relativos das variantes de /k/ em função da tonicidade da sílaba

4.2.4 Estrutura Silábica

Exemplos:

(04)	Férias di [ˈjʊ3L]eu ia pra lá	(2) ¹	‘férias de julho eu ia pra lá’	(CUFA1N)
(24)	di [ˈpɔlNɐ] mesmu	(2)	‘de palha mesmo’	(CUFB2N)
(25)	pessoa [mɛˈ3ɔrNs] du quê elis	(3)	‘pessoa melhores do quê eles’	(DEMB2N)
(12)	[baˈra3ʊ]	(3)	‘baralho’	(ITFB1N)
(15)	...qui [trabaˈya] aí eu	(3)	‘...que trabalhar aí eu’	(ITMA2N)
(31)	aquela [bSdaˈ3erɐ] sabi	(4)	‘aquela bandalheira, sabe’	(DEFA2N)
(09)	primera [kʊ3ɛˈradɐ] eu...	(4)	‘primeira colherada eu...’	(DEMB2N)
(36)	dus seus [traba3jaˈdorNs] aí	(5)	‘dos seus trabalhadores’	(ITMA2N)

¹ Número de sílabas

TABELA - 5
ESTRUTURA SILÁBICA

	[Λ]		[Λj]		[lj]		[j]		[Ø]		[l]	
	Freq./ %	Peso Rel.	Freq./ %	Peso Rel.	Freq./ %	Peso Rel.	Freq./ %	Peso Rel.	Freq./ %	Peso Rel.	Freq./ %	Peso Rel.
Dissílaba	848/39	.47	756/35	.47	193/9	.56	108/5	.56	94/4	.60	162/7	.62
Trissílaba	769/39	.53	895/45	.51	115/6	.54	67/3	.44	34/2	.44	94/5	.47
Polissílaba	156/25	.51	414/67	.58	4/1	.20	28/5	.49	10/2	.33	9/1	.21
TOTAL	1773/37	-	2065/43	-	312/7	-	203/4	-	138/3	-	265/6	-

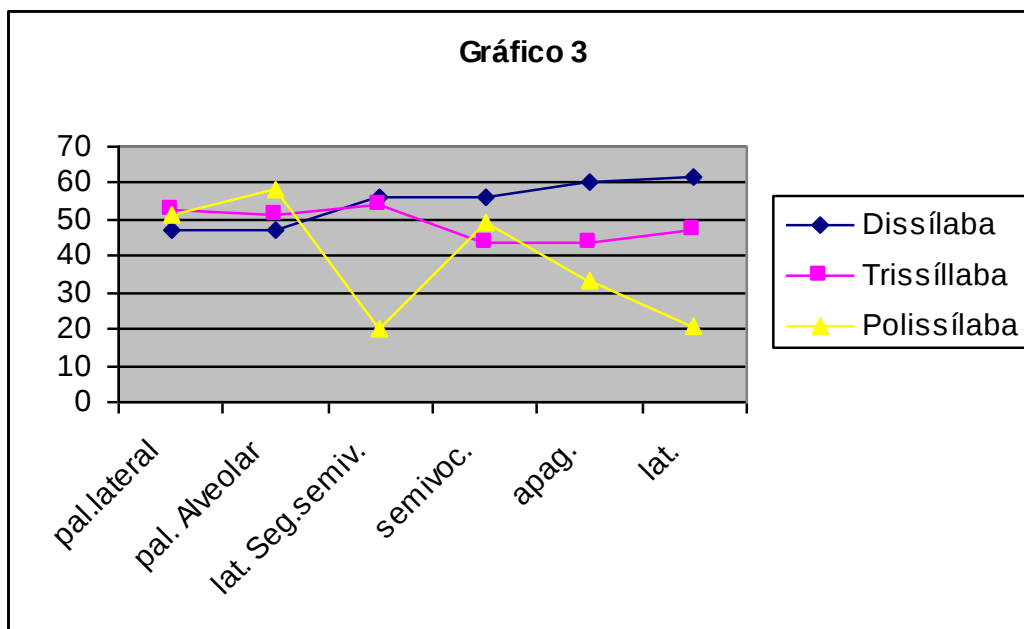
Observando os dados da **Tabela Estrutura Silábica**, percebemos que a variante [ʌ] tem índices favoráveis com relação às palavras trissílabas, peso relativo (.53) e às palavras polissílabas, peso relativo perto da neutralidade (.51). Percebemos também que a variante [l] tem índices favoráveis com relação à estruturas dissílabas (.62) e desfavoráveis às outras duas estruturas.

A análise comprova em parte as nossas hipóteses iniciais – já que o peso relativo não se mostra muito alto - de que palavras com maior extensão funcionam como fator de favorecimento do processo de assimilação, o que se confirmou. Partíamos da idéia de que a perda de elementos em estruturas dissílabas fosse evitada devido a uma possível perda de conteúdo informacional, em comparação com as trissílabas e polissílabas. A própria quantidade de dados, como se pode verificar na tabela 4, parece confirmar essas suposições. Além disso, tem-se constatado que as estruturas de maior extensão são fortes candidatas à assimilação.

Em face dos resultados obtidos na amostra, parece-nos que fatores não estruturais podem estar influenciando neste processo, tal como a baixa freqüência de palavras polissílabas e a alta freqüência de palavras trissílabas e dissílabas, estas últimas favorecendo sobremaneira a implementação das variantes despalatalizadas.

Nesta rodada, o programa descartou os dados referentes a 04 variantes e que se observadas mais de perto realmente apresentam números pouco interessantes em termos de discrepâncias, como podemos observar no **gráfico 3**.

Gráfico 03 – Estrutura da Palavra



Pesos relativos das variantes de /k/ em função da estrutura da palavra

4.2.5 Classe Gramatical das Palavras

Exemplos:

(22)	a [mu'3je]qui eu via nu sonhu	(subst.) ²	'a mulher que eu via no sonho'	(TUFB1N)
(09)	...maridu [maravi'3jozu] num bebi	(adj.)	'...marido maravilhoso não bebe'	(TUFA1N)
(64)	Mais [vεj] dus homi	(adj.)	'mais velhu dos homens'	(ITFA1N)
(21)	na casa [ɑ'leε] naqueli	(pron.)	'na casa alheia naqueli'	(ITMA2Q)
(16)	...fossi [bata'3jɑ] uma coisa assim	(verbo)	'...fosse batalhar uma coisa assim'	(DEFA1N)
(15)	[pN'o3L]	(subst.)	'piolho'	(DEFB1N)
(14)	assim [detɑ3jɑdɑ'metN] eu naum sei	(adv.)	'assim detalhadamente eu não sei'	(DEFA1N)
(12)	pa [ko'3e] as pessoa	(verbo)	'para acolher as pessoas'	(CUMA1N)

² Classe gramatical

TABELA - 6

CLASSE GRAMATICAL

	[ɫ]		[ɫj]		[lj]		[j]		[Ø]		[l]	
	Freq./ %	Peso Rel.	Freq./ %	Peso Rel.	Freq./ %	Peso Rel.	Freq./ %	Peso Rel.	Freq./ %	Peso Rel.	Freq./ %	Peso Rel.
Verbo	240/23	.47	669/65	.63	17/2	.28	62/6	.56	35/3	.41	6/1	.21
Substantivo	1353/37	.50	1227/37	.46	288/9	.58	114/3	.46	90/3	.49	236/7	.58
Adjetivo	156/40	.52	163/42	.45	6/2	.42	27/7	.64	13/3	.80	23/6	.64
Advérbio	5/56	.78	4/44	.87	-	-	-	-	-	-	-	-
Pronome	17/85	.93	2/10	.46	1/5	.49	-	-	-	-	-	-
TOTAL	1771/37	-	2065/43	-	312/7	-	203/4	-	138/3	-	265/6	-

A classe dos pronomes (.93), dentre todas as classes, é a que mais favorece a manutenção da variante [ʌ], o advérbio (.78) e o adjetivo (.52) também mostram-se favoráveis a esta variante. O substantivo, apresenta resultado neutro para [ʌ] e o verbo (.47) apresenta índice desfavorável a esta variante.

O advérbio (.87) mostra-se favorável à variante [ʌj], assim como o verbo (.63), com índice bem menos relevante. Em todas as outras variantes, a classe dos advérbios foi considerada como irrelevante pelo programa, o qual não gerou resultados para a mesma.

O substantivo (.58) apresenta-se como relevante à variante [lj] enquanto todas as outras classes têm nível abaixo da referência considerada pelo programa. No caso das variante [j], [∅] e [l], o programa descartou completamente as classes dos advérbios e dos pronomes, com o objetivo de desfazer *knockouts*, enquanto favorece o adjetivo com os seguintes pesos relativos (.64), (.80) e (.64), respectivamente. Os verbos e os substantivos apresentam números pouco significantes para as três variantes.

Os resultados da amostra de SILVA & MOREIRA (1997), para este mesmo grupo de fatores, indicam índices bem diferenciados dos nossos, os quais registram que a classe dos substantivos favorece sobremaneira a variante semivocalizada, no que inibe os adjetivos e os verbos.

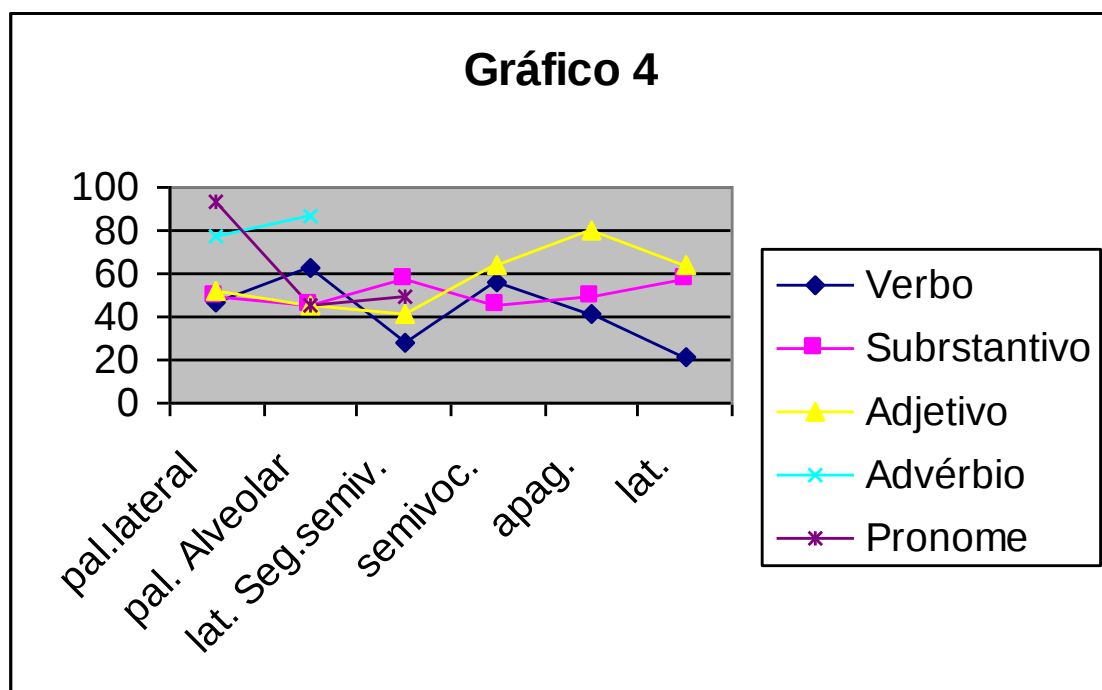
Como podemos perceber, a quantidade de substantivos da amostra é bastante expressiva em relação às demais classes. É também na classe dos substantivos que a variante [ʌ] tem maior ocorrência (1.353) e, no entanto, apresenta peso relativo neutro (.50), em oposição à classe dos pronomes e adjetivos que têm as menores ocorrências e os pesos relativos mais expressivos, como se pode verificar na tabela acima.

SOARES (2002), encontrou em Marabá, cidade próxima àquelas por nos estudadas, resultados diferentes dos nossos. Apesar de a quantidade de substantivos da amostra registrada pela autora ser tão expressiva quanto a nossa, em termos de ocorrências, o substantivo mostrou-se como a classe que favorece a variante [ʎj], com peso relativo mais alto (.393). O que não aconteceu na nossa amostra, onde esse fator foi neutro.

Avaliando ainda o aspecto quantitativo, não nos parece acertado concluir que a classe de pronomes favoreça a manutenção de [ʎ], visto que o número de ocorrências é muito baixo. Por outro lado, é notório que os adjetivos (.80) favorecem a manutenção da variante apagamento.

Observando o **gráfico 4** fica mais fácil entendermos essa relação frequência / peso relativo, pois no caso dos adjetivos a linha azul claro, nos mostra quão baixa é a ocorrência deste fator para que ele venha a servir como exemplo de referência, e mais, é possível visualizarmos o baixo valor da classe dos verbos para esta rodada.

Gráfico 04 – Classes de Palavras



Pesos relativos das variantes de /ʎ/ em função da classe de palavras

4.3 Grupo de Fatores Extralingüísticos

Ao se estudar a língua em uso numa determinada comunidade, defrontamo-nos com a realidade da variação. Os membros da comunidade são falantes homens e mulheres, de idades diferentes, pertencentes a estratos socioeconômicos distintos, desenvolvendo atividades variadas, e é natural que essas diferenças, identificadas como sociais ou externas, atuem na forma de cada um expressar-se.

É comum que certos fenômenos de variação sejam regulados apenas por pressões do próprio ambiente lingüístico em que se realizam, como vimos na análise dos itens puramente lingüísticos acima citados, por outro lado, cabe-nos pressupor que variáveis de ordem social influenciam também na escolha de determinadas variantes. Assim sendo, há casos em que o uso de certas estruturas lingüísticas depende quase que exclusivamente das pressões de ordem externa ao sistema.

Desses possíveis fatores externos ao sistema lingüístico, os que mais têm sido discutidos são o sexo, a faixa etária, a escolaridade, a renda, a classe social, a região ou zona de residência e a origem do falante, entre outros. Para o presente estudo elegemos os fatores sexo, faixa etária, escolaridade e localidade em que o falante se encontra. No que apresentamos os seguintes resultados:

4.3.1 Escolaridade

A partir da observação diária, percebemos que a escola opera mudanças na fala e na escrita das pessoas que a freqüentam e das comunidades discursivas. Por outro lado, esta mesma escola atua como preservadora de formas de prestígio, face a tendências de mudança em curso nestas mesmas comunidades. Principal veículo de familiarização com a literatura nacional, a escola incute gostos, normas, padrões estéticos e morais em face da conformidade de dizer e de escrever.

Assim, um cenário em que os falantes das classes mais altas e de maior nível de escolaridade exibem proporcionalmente uma maior frequência de uso de formas de prestígio do que os falantes da classe média (e estes, por sua vez, uma maior frequência do que os da classe baixa) apontaria para uma situação de variação estável; enquanto que os processos de mudança tendem a ser liderados pelos indivíduos mais integrados da classe média baixa e/ou das seções mais elevadas da classe operária (cf. Labov, 1982:77-8). Compreende-se, nesse contexto, a influência da variável nível de escolarização, como correlata aos mecanismos de promoção ou resistência à mudança.

Exemplos:

(18)	mais ['vɛlɾɐ] qui vei...	‘mais velha que veio’	(CUFB2N)
(10)	...arranjô [mu'jɛ]	‘arranjou mulher’	(CUFB1N)
(08)	Prantá ['miʒju], arroiz...	‘plantar milho, arroz....’	(DEMA1N)
(01)	du [p2tʃi'3ɔdu]i só era a tardi	‘do pontilhado e era só à tarde’	(DEFA2N)
(13)	['iljɐ]	‘ilha’	(TUMB2Q)
(52)	Tipu di [apa'reʒu] aí	‘tipo de aparelho aí...’	(TUMB1N)
(47)	é a [mara'viʒɐ] também	‘é a maravilha também’	(ITFA1N)
(25)	ô [mu'jɛ] impussivi	‘oh mulher impossível’	(ITFB1N)

TABELA – 7
BESCOLARIDADE

	[ʎ]		[ʎj]		[lj]		[j]		[ø]		[l]	
	Freq./ %	Peso Rel.	Freq./ %	Peso Rel.	Freq./ %	Peso Rel.	Freq./ %	Peso Rel.	Freq./ %	Peso Rel.	Freq./ %	Peso Rel.
Fundamental	1049/31	.43	1547/46	.54	258/8	.56	194/6	.66	135/4	.75	154/5	.46
Superior	724/51	.67	518/37	.41	54/4	.36	9/1	.17	3/0	.07	111/8	.59
-	1773/37	-	2065/43	-	312/7		203/4	-	138/3	-	265/6	-

O nível de escolaridade dos informantes exerce uma grande influência para o uso das diversas variantes, como se demonstra na **tabela 7**. A variante [ʎ] é favorecida pela fala das pessoas mais escolarizadas (.67) em oposição às menos escolarizadas (.43) e inibida para as demais variantes, para as quais apresenta baixos índices.

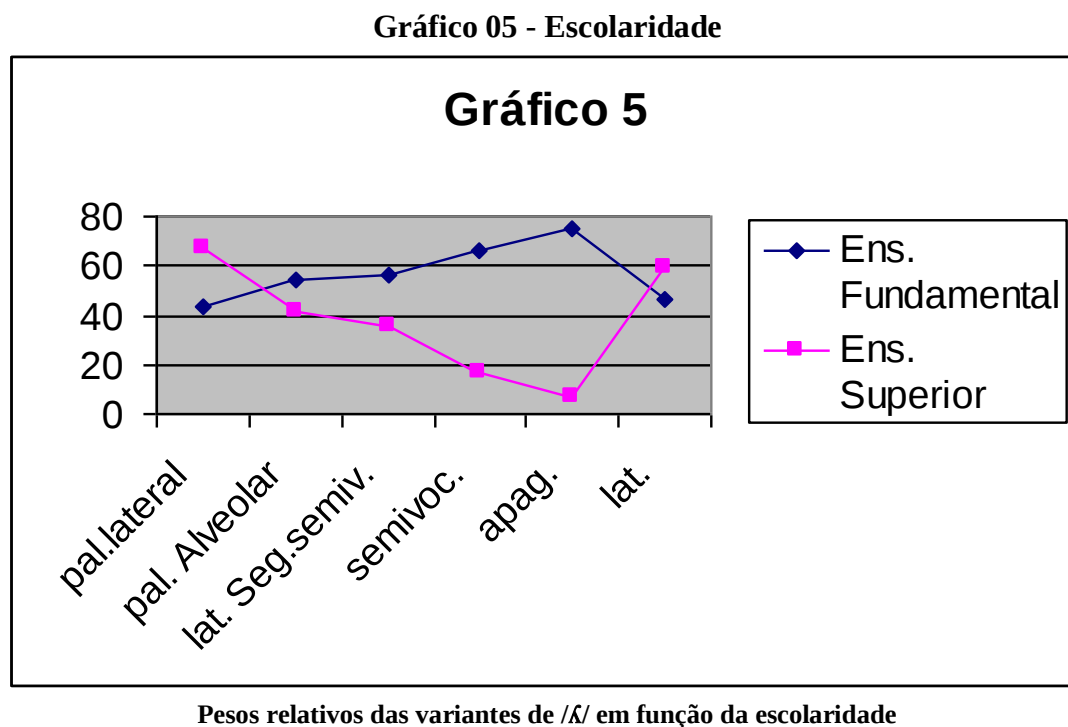
Por outro lado, as demais variantes mostram-se mais significativas junto aos menos escolarizados com os seguintes pesos relativos (.54), (.56), (.66) e (.75) respectivamente. No caso da variante [∅] fica mais claro a disparidade entre os pesos relativos. Das 138 ocorrências da variante apagamento, apenas 03 delas apareceram no discurso das pessoas com nível superior e inversamente 135 na fala dos menos escolarizados. O programa descartou os dados da variante [l] à análise, nesta rodada.

Esta comparação entre os dados leva-nos a concluir que quanto maior a escolarização do falante, mais a ocorrência de [ʎ] tende a ser preferida, criando restrições ao uso das outras variantes, e inibindo mais fortemente a ocorrência de [j] e [∅]. Os números apontam desse modo, a uma polaridade entre as variantes [ʎ] e as variantes [j] e [∅], nos níveis mais baixos de escolaridade.

A estratificação social por escolaridade para os usos das variantes confirma a tendência, já observada por estudiosos do português, alguns dos quais citados em nossa revisão bibliográfica, tais como CAGLIARI (1974), PENHA (1972), MADUREIRA (1987), PONTES (1996) e SOARES (1996), de que falantes mais escolarizados tendem a preferir o uso da variante [ʎ], enquanto os menos escolarizados tendem a preferir o uso das variantes [j] e apagamento [∅].

A análise confirma assim, nossas hipóteses iniciais pelas quais postulamos que os falantes mais escolarizados preferem a variante palatal enquanto os menos escolarizados utilizam mais as variantes semivocalizadas e o apagamento.

As tendências do comportamento lingüístico relacionadas à escolaridade são demonstradas pelo **gráfico 5**.



4.3.2 Sexo

Homens e mulheres não falam da mesma maneira. Além das diferenças de ritmo e tom de voz, há preferências por certas estruturas sintáticas, pelo emprego de determinados vocábulos ou por fórmulas de cortesia, bem como pela omissão de outros em função das conotações que possam apresentar. Há inclusive certas crenças populares de que as mulheres falam muito mais que os homens ou que falam muito mais rápido. LABOV (1966) assinala a propósito que, no discurso cuidado, as mulheres empregam menos as variantes estigmatizadas do que os homens e, assim sendo, parecem mais sensíveis aos valores sociais que condicionam o uso da língua.

Dentre os muitos autores que se detiveram a estudar a diferença entre a fala dos homens e das mulheres e apresentaram resultados significativos a esta variante extra- lingüística, cabe citarmos: Coulthard (1991), Baylon (1991), Chambers & Trudgill (1993), Romaine (1994),

Kramer (1978), entre outros. TRUDGILL (1979), admite que a diferenciação lingüística obedece ao fato de que as formas femininas costumam ser mais antigas, ou seja, as mulheres têm uma linguagem mais conservadora. Elas valorizam muito mais as formas de prestígio. Baseado nesses autores, é relevante considerarmos o fator sexo como pertinentes ao estudo em questão, no que apresentamos os seguintes dados:

Exemplos:

(27)	Pra [traba'ʒja] di quinta...	‘pra trabalhar de quinta’	(ITMB2N)
(20)	Pra algum [‘vɛj] pur aí.	‘pra algum velho por aí’	(ITFB1N)
(32)	Qui [mɛ'ʒɔɾɪ] saneamentu...	‘que melhore saneamento’	(DEMB2N)
(29)	A mña [veh'mɛɐ] aí fui assumi..	‘a minha vermelha, aí fui assumir’	(DEMA1N)
(30)	[‘alju]	‘alho’	(TUFA1Q)
(28)	A [‘fiʒɐ] da professora.	‘a filha da professora’	(TUFA2N)
(22)	trocá as [‘palɾɐ] a cada seis mesis.	‘trocar bas palhas a cada seis meses’	(CUFA2N)
(03)	us [tra'baʒu] dessa cidadi.	‘os trabalhos dessa cidade’	(CUMA2N)

TABELA - 8

SEXO

	[ʎ]		[ʎj]		[lj]		[j]		[Ø]		[l]	
	Freq./ %	Peso Rel.	Freq./ %	Peso Rel.	Freq./ %	Peso Rel.	Freq./ %	Peso Rel.	Freq./ %	Peso Rel.	Freq./ %	Peso Rel.
Feminino	1044/36	.48	1197/41	.48	228/8	.58	134/5	.47	127/4	.59	193/7	.56
Masculino	729/40	.54	868/47	.53	84/5	.38	69/4	.54	11/1	.36	72/4	.40
TOTAL	1773/37	-	2065/43	-	312/7	-	203/4	-	138/3	-	265/6	-

Os índices probabilísticos para a variável **sexo** não apresentam grande distância entre si, contudo, podemos observar certas tendências de usos. Os falantes do sexo masculino atuam como fator mais favorável à conservação de [ʎ] e [ʎj] com pesos relativos (.54) e (.53), respectivamente, e sua menor preservação entre os falantes do sexo feminino (.48) em ambas as variantes. No caso da variante [lj] as mulheres atuam como preservadoras desta variante (.58). A variante semivocalizada foi considerada como irrelevante para esta rodada.

As mulheres por sua vez, tendem a preservação das variantes [∅] e [l], no que apresentam os seguintes pesos relativos (.59) e (.56), respectivamente. Para estas variantes os falantes do sexo masculino atuam como fator menos favorável à conservação (.36) para [∅] e (.40) para [l].

Por comparação, nosso trabalho diverge daquele feito por MADUREIRA (1987) na fala de Belo Horizonte, onde as mulheres apresentam maior tendência ao uso da variante descrita como lateral palatal [ʎ], ao passo que os homens tendem ao seu menor uso.

Nossos resultados divergem também daqueles encontrados por SOARES (2002), no qual as mulheres atuam como preservadoras das variantes de prestígio e os homens como preservadores das variantes ditas estigmatizadas.

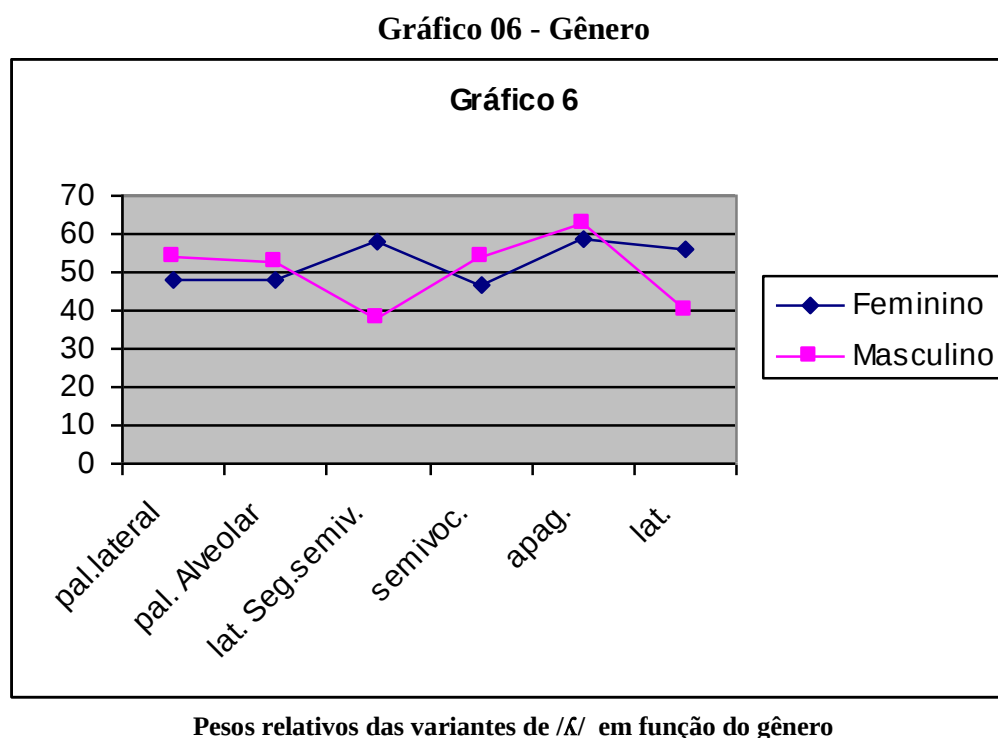
Por outro lado, nossos dados apresentam os mesmos resultados que aqueles encontrados no trabalho de OLIVEIRA (1987) cujas análises apontam para a conclusão de que os homens apresentam maior preferência ao uso da variante semivocalizada, que mesmo sendo considerada como irrelevante pelo programa, no nosso caso, apresenta peso relativo (.54) para os homens.

Sabemos que diversos estudos variacionistas demonstram que o fator sexo atua de maneira significativa tanto para os processos de variação quanto de mudança lingüística. A maioria desses estudos apontam que há entre as mulheres a tendência a preferir o uso das variantes consideradas de maior prestígio dentro do grupo social, ao contrário dos falantes masculinos, entretanto, os nossos resultados andam na corrente contrária. Neste caso, os homens

tendem a preservar mais as variantes ditas de prestígio [ʎ] e [ʎj], ao passo que as mulheres mostram uma tendência de preservação das variantes de menor valorização social [lj], [∅] e [l].

O que também chama a atenção na tabela 07, é o fato de que das 4756 ocorrências do fonema estudado, 2923 foram produzidas por informantes do sexo feminino e 1833, por informantes do sexo masculino, uma diferença de 1090 ocorrências a mais na fala de mulheres. Ainda assim, os homens tendem a preservar as variantes de prestígio [ʎ] e [ʎj].

As tendências do comportamento lingüístico destas variantes em função do sexo dos falantes podem ser observadas no **gráfico 6**.



4.3.3 Faixa etária

Não é difícil perceber que existem diferenças lingüísticas devidas à idade do falante. As mais evidentes são, com certeza, as que se observam no período de aquisição da linguagem, contudo, há também diferenças marcantes entre a linguagem dos idosos e a dos adolescentes,

bastando mencionar que aqueles mantêm certas construções lexicais ou sintáticas que podem parecer estranhas a esses.

Exemplos:

(24)	num [ˈɔ3jɐ] pra issu	‘não olha pra isso’	(TUMA1N)
(23)	a cidadi [ˈvɛljɐ] aqui	‘a cidade velha aqui’	(TUMB1N)
(65)	...cumeçô [mɪˈ3ɔɾɔ]	‘...começou melhorar’	(ITMB1N)
(136)	pra [trabaˈya] assim	‘pra trabalhar assim’	(ITMA1N)
(34)	...homi i patru [muˈlɛ]	‘...homem e quatro mulher’	(DEFB1N)
(26)	[ˈbo3ɐ]	‘bolha’	(DEFA1Q)
(20)	medu di tê [ˈfij]	‘medo de ter filho’	(CUFA1N)
(20)	uma [paʎjaˈsadɐ] só	‘uma palhaçada só’	(CUFA1N)

TABELA – 9
FAIXA ETÁRIA

	[ʎ]		[ʎj]		[lj]		[j]		[ø]		[l]	
	Freq./ %	Peso Rel.	Freq./ %	Peso Rel.	Freq./ %	Peso Rel.	Freq./ %	Peso Rel.	Freq./ %	Peso Rel.	Freq./ %	Peso Rel.
18-30	1015/43	.56	954/40	.47	125/5	.45	69/3	.41	29/1	.39	177/7	.62
55-65	758/32	.44	1111/47	.53	187/8	.55	134/6	.59	109/5	.61	88/4	.39
TOTAL	1773/37	-	2065/43	-	312/7	-	203/4	-	138/3	-	265/6	-

A verificação dos dados para a faixa etária nos permite observar certas tendências de usos. Os falantes da faixa etária mais jovem atuam como fator mais favorável à conservação de [l] e [ʎ] com pesos relativos (.62) e (.56) respectivamente. E os da faixa etária mais alta com pesos relativos (.44) e (.39) demonstram menor favorecimento a esta variante.

Para as demais variantes [∅], [lj] e [ʎj] verificamos o fenômeno contrário, falantes mais velhos que tendem a preservação das mesmas, (.61), (.55) e (.53) enquanto os mais jovens tendem a não preservação, pesos relativos (.47), (.45) e (.39). Os dados da variante semivocalizada foram considerados sem relevância pelo programa.

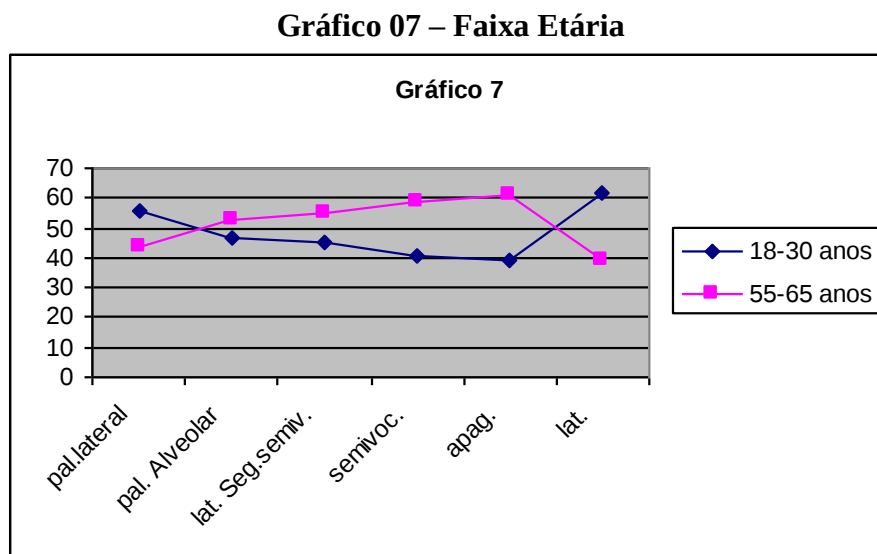
Estes resultados assemelham-se às análises desenvolvidas por MADUREIRA (1987) e SILVA & MOREIRA (1997), as quais confirmaram a tendência, entre os mais jovens ao uso da variante [ʎ] em contraste com os mais velhos que tendem a preferir a realização das variantes [ʎj] e [∅].

No trabalho desenvolvido por SOARES (2002), os índices probabilísticos para a faixa etária não apresentam grande distância entre si, entretanto, observa-se que os falantes da faixa etária mais jovem atuam como mais favorável à conservação de [ʎj] e [lj] com pesos relativos (.348) e (.343). No caso da terceira faixa (+46 anos) há uma tendência à inovação, dando maior preferência à variante semivocalizada (.358) e desfavorecendo o uso das demais variantes, com peso relativo mais baixo para [lj]. A faixa intermediária apresenta índice favorável, pouco acima da neutralidade (.340), para [lj], e neutro para [j]. Por outro lado, a variante [lj] sofre restrições sendo inibida neste grupo etário.

Esta tendência, é observada em nossa amostra no sentido de estar relacionada a procedência dos falantes, uma vez que parte dos informantes da faixa etária mais alta viveram parte de suas infâncias em contato com a zona rural ou tiveram pais dela provenientes.

Isto confirma uma tendência, amplamente demonstrada por estudos dialetológicos, e também nossa hipótese, de que o uso da semivocalizada acha-se relacionado a falantes das áreas rurais, em comparação com falantes das áreas urbanas. Outro fator que influi sobremaneira é a escolaridade, dos 46 informantes que compõem as duas faixas etárias, aqui estudadas, 06 não têm nenhuma escolaridade.

Esta relação entre faixa etária e variantes do fonema [ʎ] pode ser visualizada no **gráfico 7**, o qual nos permite ver com maior clareza em que pontos esta variável se mostra mais e menos relevante.



Pesos relativos em função da faixa etária

4.3.4 Localidade

Exemplos:

- | | | | | |
|------|----------------------|--------------------|-----------------------|----------|
| (24) | num [ˈɔʒjɐ] pra issu | Tuc ³ . | ‘não olha pra isso’ | (TUMA1N) |
| (65) | ...cumeçô [mɪˈʒɔɾɔ] | Itup. | ‘...começou melhorar’ | (ITMB1N) |
| (26) | [ˈboʒɐ] | D. E. | ‘bolha’ | (DEFA1Q) |
| (20) | medu di tê [ˈfij] | Cur. | ‘medo de ter filho’ | (CUFA1N) |

³ Cidade pesquisada

TABELA – 10

LOCALIDADE

	[ʎ]		[ʎj]		[lj]		[j]		[ø]		[l]	
	Freq./ %	Peso Rel.	Freq./ %	Peso Rel.	Freq./ %	Peso Rel.	Freq./ %	Peso Rel.	Freq./ %	Peso Rel.	Freq./ %	Peso Rel.
Curionópolis	706/51	.67	277/20	.21	34/2	.25	100/7	.70	100/7	.87	178/13	.82
Itupiranga	369/41	.54	426/47	.55	47/5	.51	41/5	.55	3/0	.14	21/2	.42
Dom Eliseu	367/29	.41	628/50	.57	125/10	.65	15/1	.24	28/2	.23	59/5	.11
Tucuruí	331/28	.37	734/61	.74	106/9	.65	47/4	.50	7/1	.58	7/1	.64
TOTAL	1773/37	-	2065/43	-	312/7	-	203/4	-	138/3	-	265/6	-

Considerando a variação do fonema [ʎ] distribuído pelas quatro localidades pesquisadas, observamos que os falantes de Curionópolis e Itupiranga apresentam pesos relativos favoráveis a esta variante (.67) e (.54) nesta ordem. Os dados para Dom Eliseu e Tucuruí atuam de forma negativa.

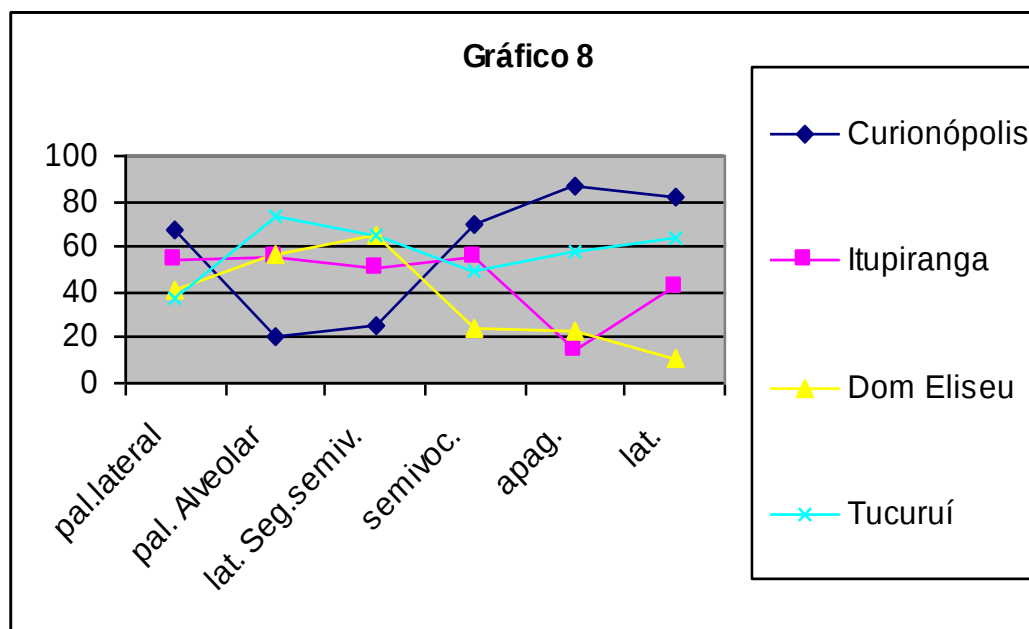
No caso da variante [ʎj] é Tucuruí quem apresenta dados mais favoráveis (.74), seguida por Dom Eliseu (.57) e Itupiranga (.55). Ainda para esta variante Curionópolis apresenta pesos relativo muito abaixo daquele considerado como relevante.

Também em Tucuruí há um favorecimento da variante [lj], peso relativo (.65), o mesmo que se observa em Dom Eliseu (.65). Em Itupiranga (.51) esta variante está muito perto da neutralidade. Assim como aconteceu com a variante [ʎj] Curionópolis atua como negativa à preservação de [lj].

No quadro das três últimas variantes [j], [∅] e [l], nota-se que Curionópolis atua como preservadora dessas variantes com os pesos relativos mais significantes (.87), (.82) e (.70). As outras localidades apresentam valores não tão representativos, com relação a estas variantes. No caso específico da variante [l], Dom Eliseu apresenta o índice mais baixo desta rodada, peso relativo (.11).

Fazendo um apanhado geral dos resultados obtidos na tabela 9, percebemos que Curionópolis atua como favorável às variantes [ʎ], [j], [∅] e [l] enquanto Tucuruí favorece mais expressivamente as variantes [ʎj] e [lj]. Esta relação geográfica e os pontos mais favoráveis e menos favoráveis às variantes podem ser melhor observados no **gráfico 8**, e no final deste trabalho, onde apresentamos as cartas lingüísticas das cidades estudadas e as variações de [ʎ].

Gráfico 08 - Localidade



Pesos relativos das variantes de /ʌ/ em função da localidade

4.3.5 Questionário x Narrativa

Neste estudo consideramos também o uso do questionário e da narrativa pessoal, a fim de verificarmos o grau de atenção do falante quanto à sua fala e a sua percepção quanto ao grau de aceitação social das variantes. Assim sendo, analisaremos o comportamento dos dados sob a influência deste grupo de fatores.

Exemplos:

(45)	mais [ˈvɛɐ] falicida	‘mais velha falecida’	(CUFB1N)
(06)	[ˈtɛɐ]	‘telha’	(CUFB1Q)
(32)	...i [ɛhˈvɪʒjɐ]	‘...e ervilha’	(TUFA1N)
(08)	[ˈfoʒjɐs]	‘folhas’	(TUFA1Q)
(36)	tua [muˈlɛ] chegou	‘tua mulher chegou’	(DEFA1N)
(23)	[muˈʒjɛ]	‘mulher’	(DEFA1Q)
(05)	na [sɐˈhɪʒɐ] du ônibus	‘na serrilha do ônibus’	(ITMA1N)
(16)	[kahˈtɪʒjɐ]	‘cartilha’	(ITMA1Q)

TABELA - 11

QUESTIONÁRIO X NARRATIVA

	[λ]		[λj]		[lj]		[j]		[∅]		[l]	
	Freq./ %	Peso Rel.	Freq./ %	Peso Rel.	Freq./ %	Peso Rel.	Freq./ %	Peso Rel.	Freq./ %	Peso Rel.	Freq./ %	Peso Rel.
Narrativa	969/36	.51	1242/46	.51	92/3	.41	173/6	.66	131/5	.81	72/3	.41
Questionário	804/39	.49	823/40	.49	220/11	.62	30/1	.30	7/0	.13	193/9	.62
TOTAL	1773/37	-	2065/43	-	312/7	-	203/4	-	138/3	-	265/6	-

Os resultados da **Tabela 11** mostram que o uso da narrativa e do questionário para a obtenção dos dados exerce considerável influência sobre as escolhas das variantes. O questionário favorece o uso das variantes [lj] e [l] e desfavorece o uso das variantes [j] e [∅], com pesos relativos que refletem essa disparidade (.62) para as duas primeiras, (.30) e (.13) para as duas últimas. Os resultados indicam que o uso do questionário é caracterizado pelo direcionamento da fala e por maior grau de atenção por parte do falante, que apresenta como consequência uma fala de estilo mais cuidado. Deste modo, acreditamos que o questionário age como favorecedor das variantes de prestígio. Inclusive, no questionário o uso da variante [∅] apresenta o índice mais baixo da rodada.

Inversamente, a narrativa, que pode ser caracterizada pela fala espontânea, menos cuidada, favorece a realização de [j] e [∅], com pesos relativos altos (.66) e (.80), respectivamente.

As variantes [ʎ] e [ʎj] apresentam resultados desfavoráveis próximos da nulidade, por isso foram descartados pelo programa, para esta rodada.

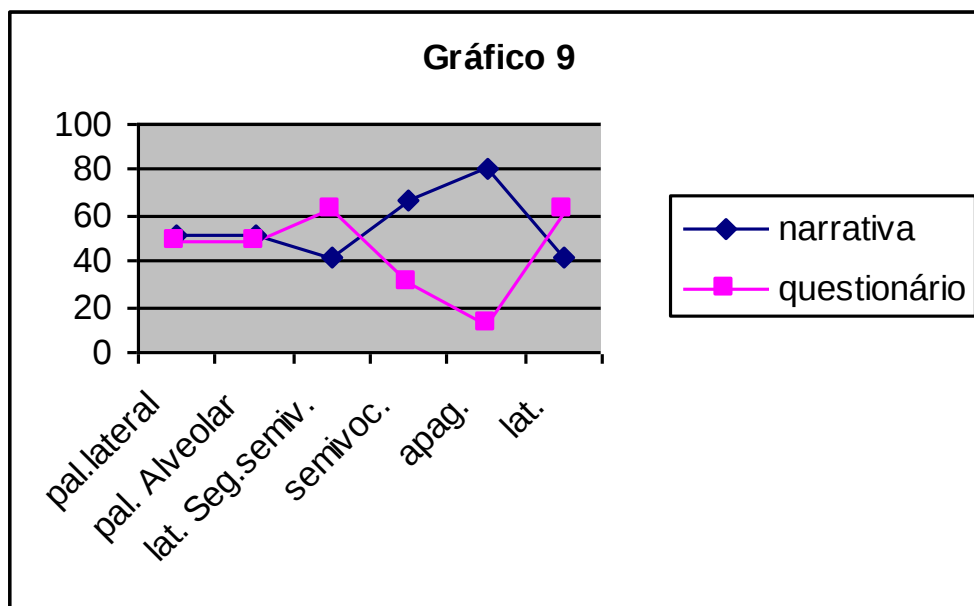
Por comparação, os resultados apontados por OLIVEIRA (1983), considerando a distinção formal/informal, confirma o favorecimento de [j] , na fala de Belo Horizonte, ao contrário dos resultados de MADUREIRA (1987) para o mesmo falar. Contudo, esta autora sugere que a metodologia por ela adotada na coleta de dados pode ter interferido nos resultados, pois sua hipótese é a de que o estilo informal favorece a ocorrência da semivocalizada em posição formal.

SOARES (2002) demonstra que em sua amostra há uma polarização entre as variantes [ʎj]-[j]. A realização [lj] tem resultados negativos na narrativa e no questionário, entretanto, a distância entre os pesos relativos demonstra que esta variante, em comparação com [ʎj], sofre menor restrição de uso na narrativa. Por outro lado, em comparação com [j], tem maior influência no questionário.

Os resultados gerados para o fator narrativa/questionário confirmam em parte as nossas hipóteses iniciais de que o questionário reflete o grau de atenção do falante no sentido de favorecer as variantes de prestígio, a confirmação só não existiu claramente, devido ao fato de o programa ter considerado como irrelevante as variantes [ʎ] e [ʎj], consideradas por nós como as variantes de maior probabilidade de uso na fala monitorada. Em contrapartida, os resultados gerados para a narrativa confirmam totalmente nossas hipóteses iniciais de que na fala informal o falante tende a produzir mais as variantes de baixa valorização social.

As tendências do comportamento lingüístico das variantes em relação às variáveis narrativa/questionário podem ser melhor entendidas com a visualização do **gráfico 9**.

Gráfico 09 – Narrativa/Questionário



Pesos relativos das variantes de /ʎ/ em função da narrativa / questionário

4.4 Sintetizando os resultados estatísticos

A análise do comportamento variável do fonema palatal lateral no falar de Curionópolis, Itupiranga, Dom Eliseu e Tucuruí, demonstrou - e em alguns casos confirmou as nossas hipóteses iniciais de - que as realizações das variantes são determinadas, em termos probabilísticos, tanto por condicionamentos estruturais quanto por condicionamentos sociais que concorrem simultaneamente para a variação deste fonema.

Os resultados estatísticos alcançados por meio do pacote computacional VARBRUL e as tendências favoráveis ou desfavoráveis à variação do fonema /ʎ/ estão sintetizadas no Quadro 5, de forma que seja possível uma visualização panorâmica dos mesmos.

O quadro foi organizado de acordo com os grupos de fatores – estruturais e sociais - em função das variantes, seguindo o critério de favorecimento e desfavorecimento, nesta ordem. Utilizamos os sinais matemáticos (+) e (-) para exprimir essa relação.

Neste sentido, o segmento antecedente [a] aparece como o mais produtivo entre três das seis variantes encontradas, sendo que os demais segmentos aparecem como menos produtivos, aparecendo uma vez cada. Por seu turno, o segmento subsequente que mais favoreceu e coincidentemente menos favoreceu as variantes foi o ditongo.

Dessa forma, com relação ao estudo das variantes encontradas resumimos assim seus principais contextos: o ambiente que mais favoreceu a produção das variantes foi o átono pósônico, nas palavras dissílabas, da classe gramatical dos adjetivos. No que diz respeito aos dados sociais, o ensino fundamental mostra-se como o mais favorável a ocorrência das variantes, havendo uma certa regularidade entre os fatores faixa etária e sexo dos informantes, no que os dados representam 50% para cada fator. Concernente a localidade, Curionópolis aparece como aquela que favorece 04 das 06 variantes encontradas. E por fim, a narrativa mostra-se como a técnica mais favorável à produção de 04 entre 06 das variantes catalogadas.

QUADRO 5 – Síntese dos Resultados⁴

Fator		Variantes											
		[Λ]		[Λj]		[lj]		[j]		[Ø]		[I]	
		+	-	+	-	+	-	+	-	+	-	+	-
ESTURAS	Seg. Antecedente	[u, ʊ]	[a]	[e]	[u,ʊ]	[a]	[e]	[a]	[ɔ]	[i]	[ɛ]	[a]	[o]
	Seg. Subseqüente	[õ]	Dit.	Dit.	[i]	[ã]	Dit.	[u,ʊ]	Dit.	dit.	[u,ʊ]	[i]	[u,ʊ]
	Tonicidade	T. O.	T. P.	T.P.	A. PS.	A.PS	T.P.	A. PS.	A. PR.	A. PR.	A. PS	A. PS.	T.O.
	Estrutura	3	2	4	2	3	4	2	3	2	4	2	4
	C. Gramatical	Pron.	Verbo	Adv.	Adj.	Subst.	Verbo	Adj.	Subst.	Adj.	Verbo	Adj.	Verbo
SOCIAIS	Escolaridade	S	F	F	S	F	S	F	S	F	S	S	F
	F. Etária	18-30	55-65	55-65	18-30	55-65	18-30	18-30	55-65	55-65	18-30	18-30	55-65
	Sexo	M	F	M	F	F	M	M	F	F	M	F	M
	Local	CU	TU	TU	CU	TU	CU	CU	DE	CU	IT	CU	DE
	Nar.x Quest.	N	Q	N	Q	Q	N	N	Q	N	Q	Q	N

⁴ Siglas adotadas: os símbolos + e – representam o favorecimento e o não favorecimento das variantes em relação ao grupo de fator, nesta ordem. As vogais [a, i, o, u, ʊ, ɔ e ɛ] representam o seg. antecedente. As vogais [õ, ã, i, u, dit e ʊ] representam o seg. subseqüente. As siglas: T.O. = tônica oxítônica, T.P.= tônica paroxítônica, A.P. = átona pretônica, A.P.S. = átona postônica. 2= dissílaba, 3= trissílaba 4= polissílaba. P= pronome, V= verbo, Adj =adjetivo, Adv= advérbio e Subst. =substantivo. E.F. = ensino fundamental e S = ensino superior. 18-30 = 1ª faixa etária e 55-65 = 2ª faixa etária. M = masculino e F = feminino. CU= Curionópolis, IT = Itupiranga, DE = Dom Eliseu e TU= Tucuruí. N= narrativa e Q= questionário.

4.5 Cartografia Lingüística

Neste trabalho pretendemos também um enfoque geolingüístico, o que só foi possível a partir do mapeamento das variações do fonema /ʎ/ nas 04 cidades pesquisadas em cartas lingüísticas apresentadas no Subitem 4.5.1.

O material cartográfico apresentado a seguir, visa abranger o espaço dialetal da variação do fonema estudado em função da sua localização no contexto do Sudeste paraense. No que revela distinções e semelhanças entre si. Em nenhuma carta, houve a realização de uma só variante, buscamos sempre mostrar a diversidade do fenômeno, fazendo uso, por vezes, de até cinco variantes em cada carta.

Por uma questão de não extensão no corpo do trabalho, todas as informações e dados necessários à compreensão das cartas estão presentes no volume II, anexos.

A primeira carta apresentada (carta 1), aponta os pontos de inquérito escolhidos para a composição do Atlas Geo-sociolingüístico do Pará – ALIPA. A carta 2, por sua vez, revela especificamente as cidades em que se deu nossa pesquisa. A terceira carta, também denominada de carta legenda, apresenta as convenções por nós utilizadas para a codificação.

A partir da carta 4, temos as realizações fonéticas do fonema /ʎ/ de acordo com a cidade em que foi realizado.

Desse modo, as cartas fonéticas, a seguir, buscam comprovar de forma cartográfica, o que já foi explanado acerca dos resultados estatísticos alcançados.

4.5.1 As cartas lingüísticas

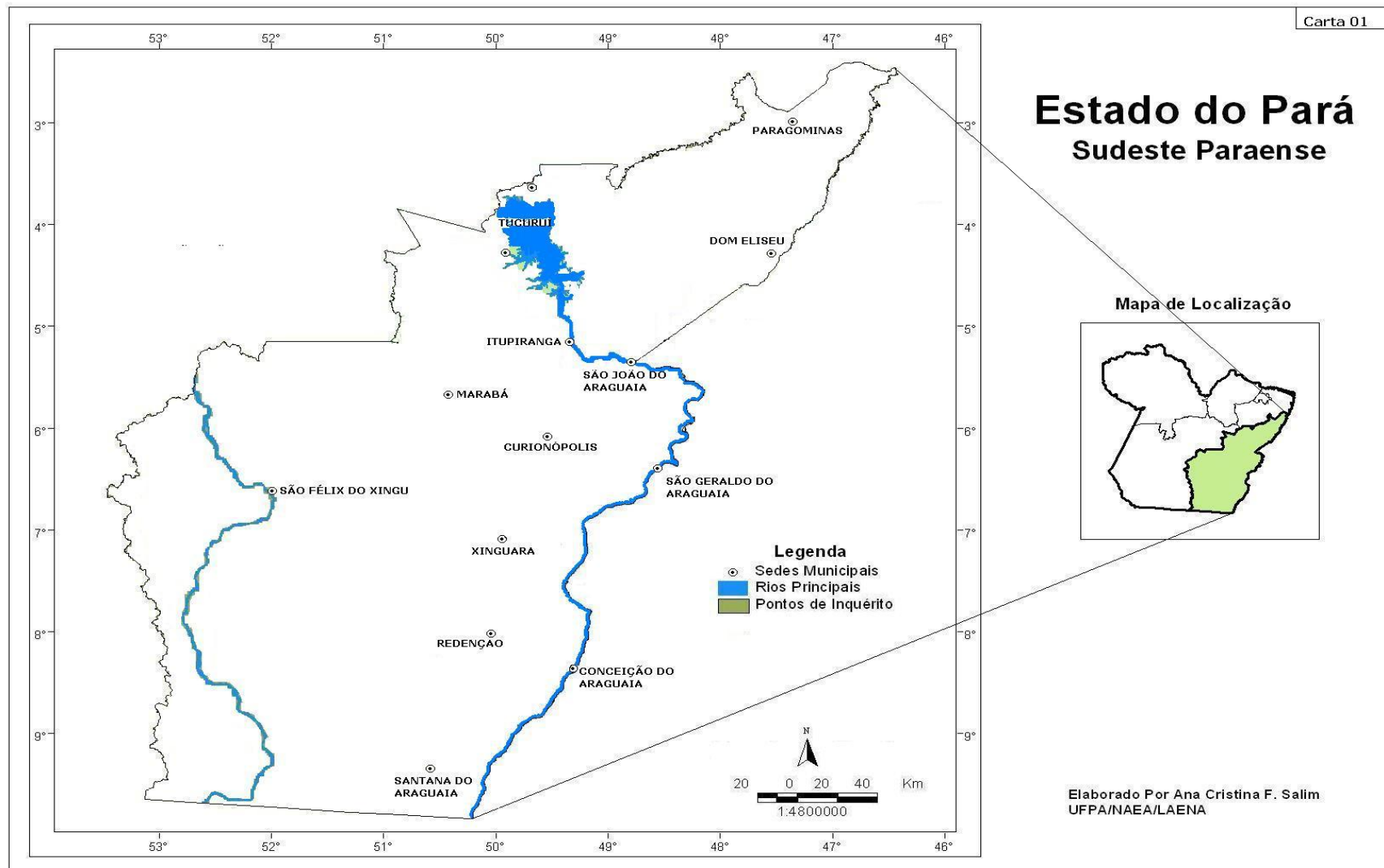


FIGURA 8 – Carta 01 (Sudeste Paraense e Pontos de Inquérito do ALIPA)

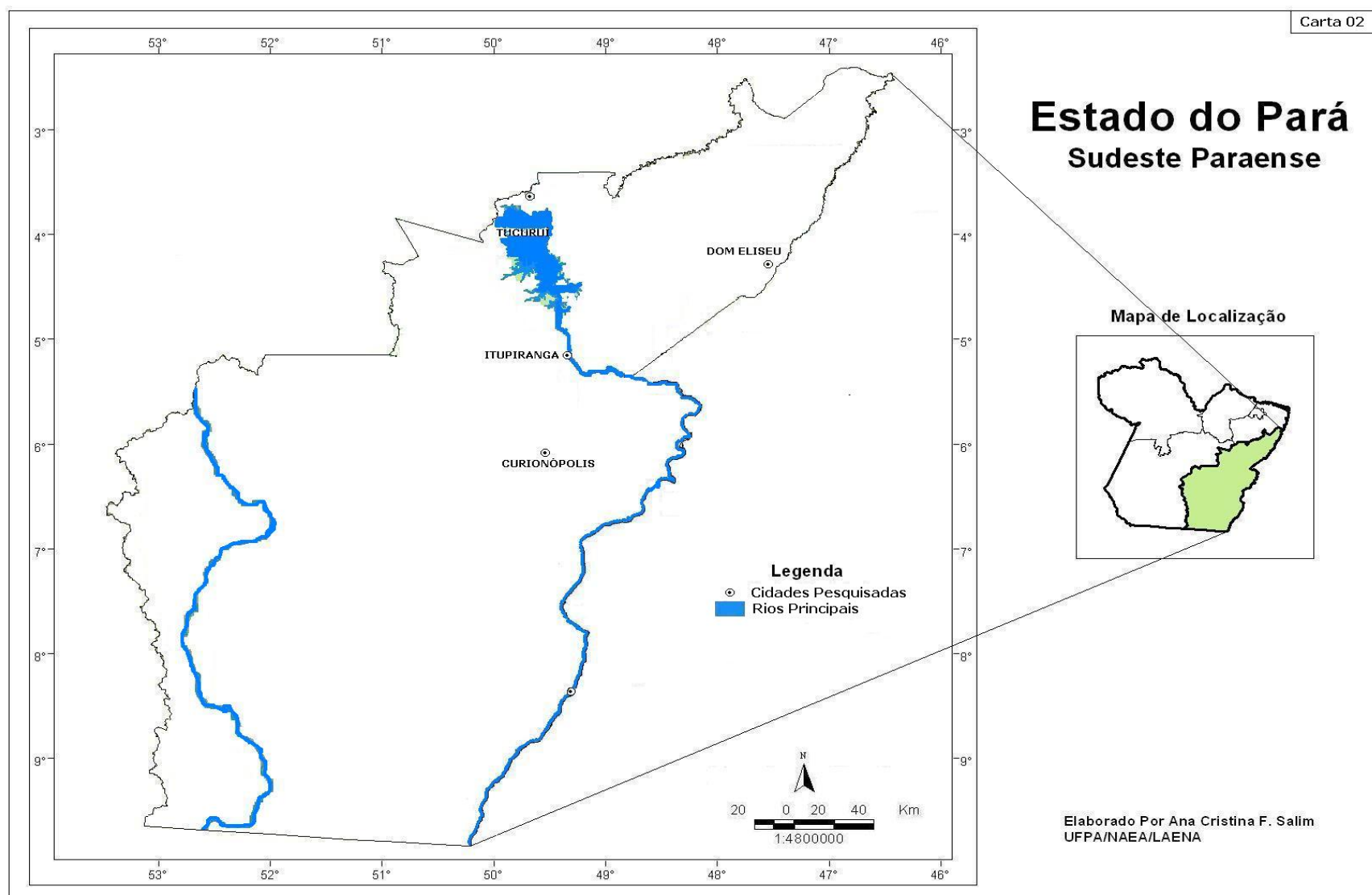


FIGURA 9 – Carta 02 (Cidades Pesquisadas)

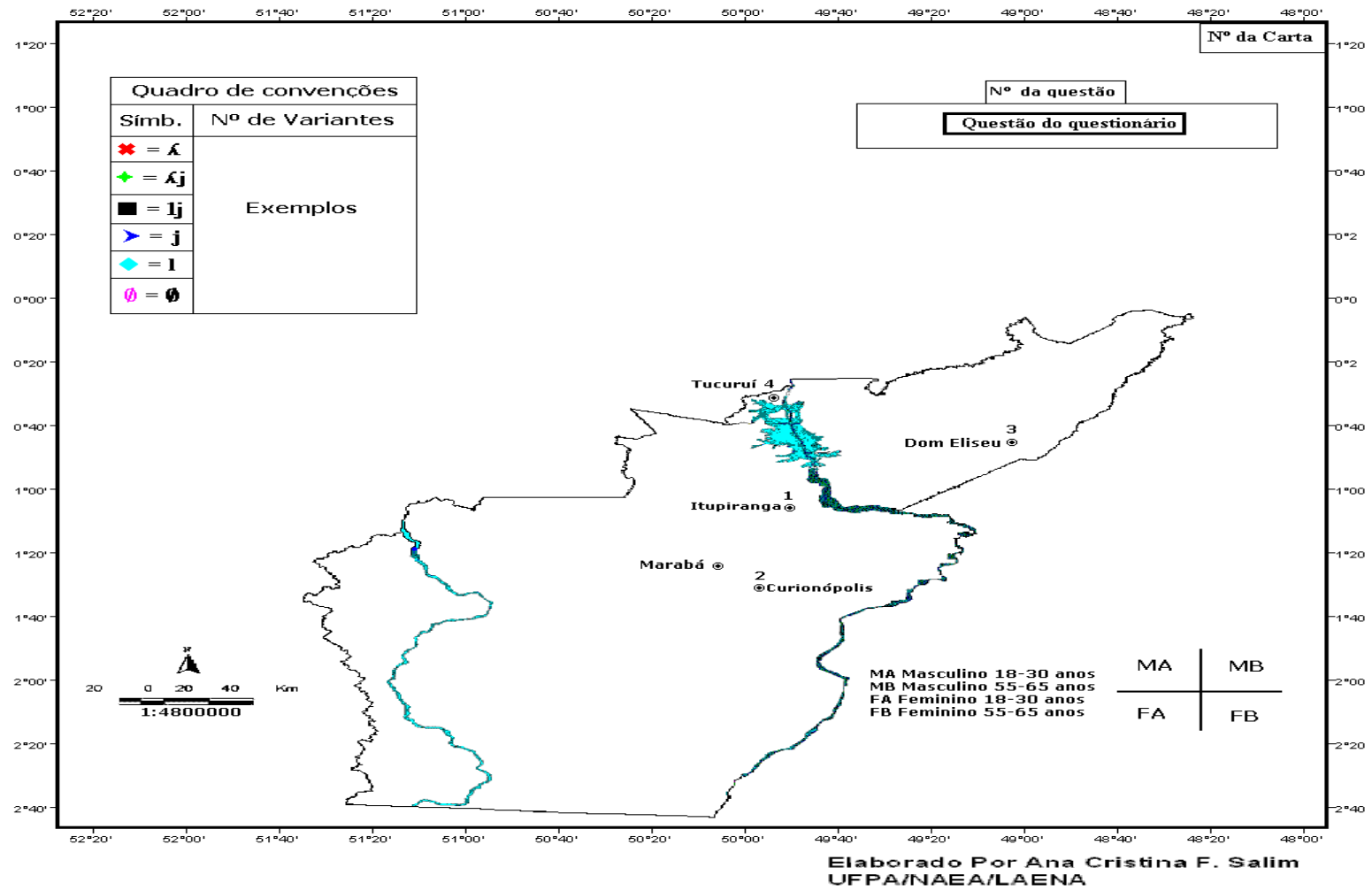


FIGURA 10 – Carta 3 (Carta Legenda)

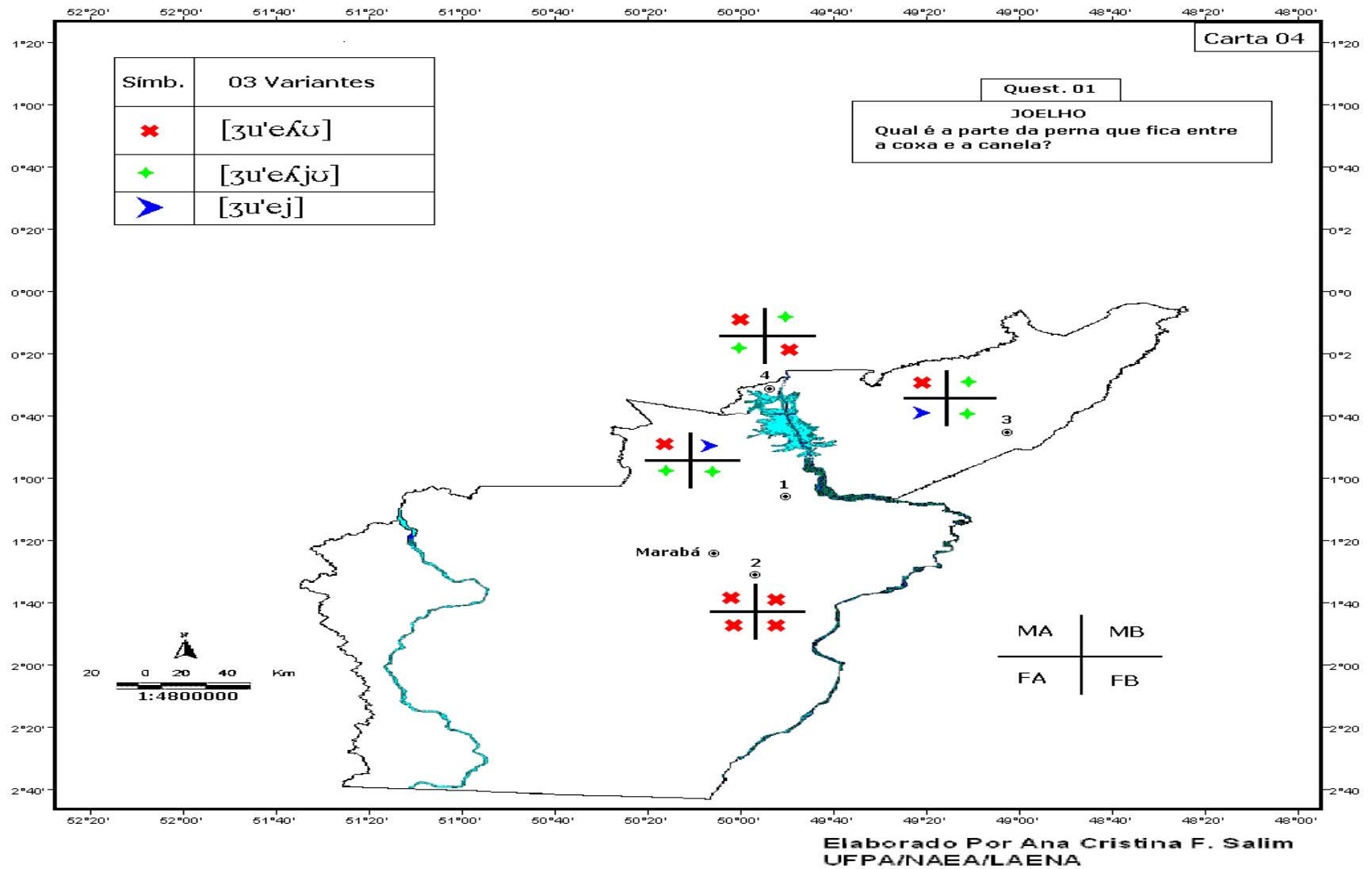


FIGURA 11 – Carta 04 (joelho)

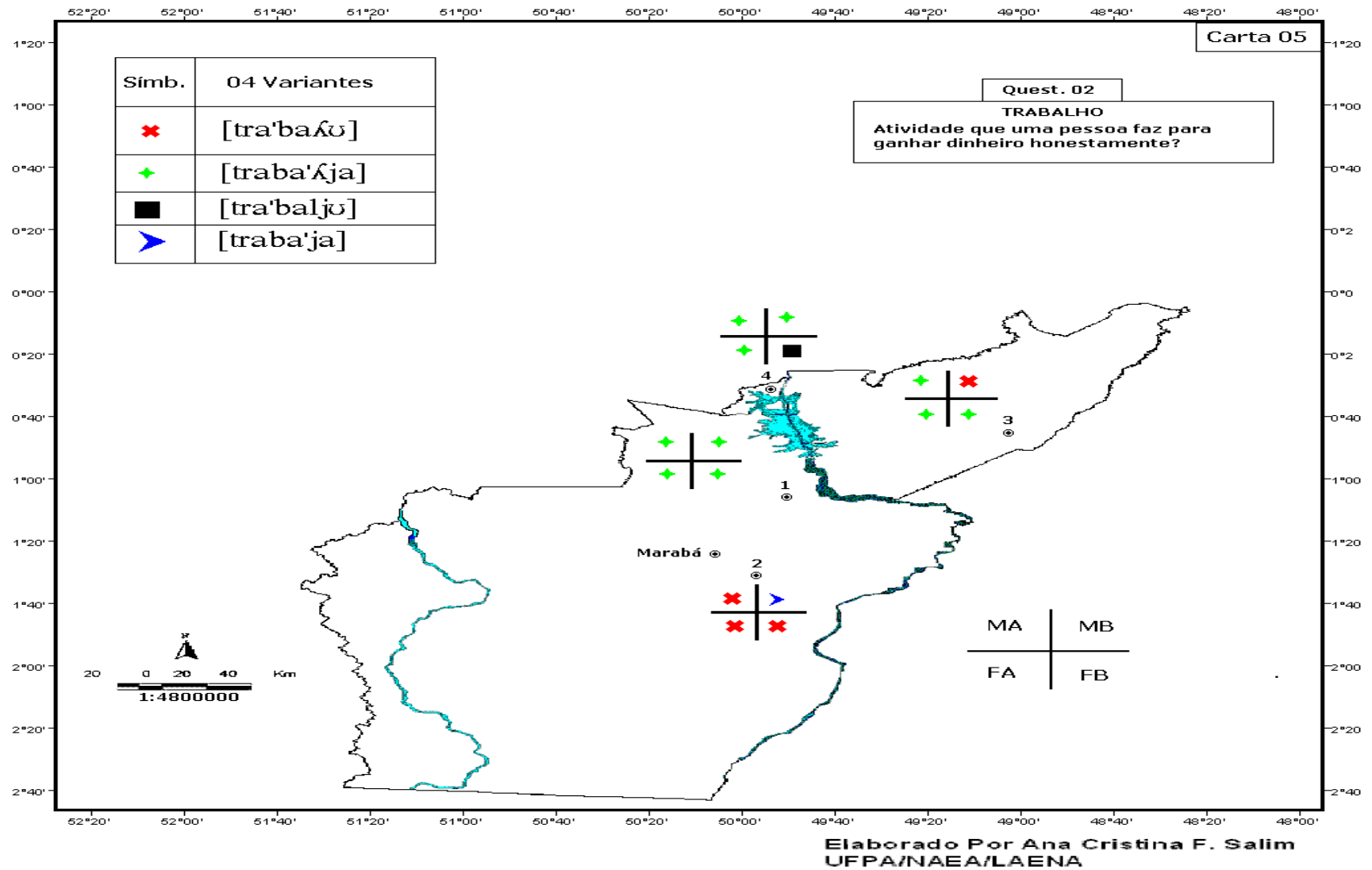


FIGURA 12 – Carta 5 (trabalho)

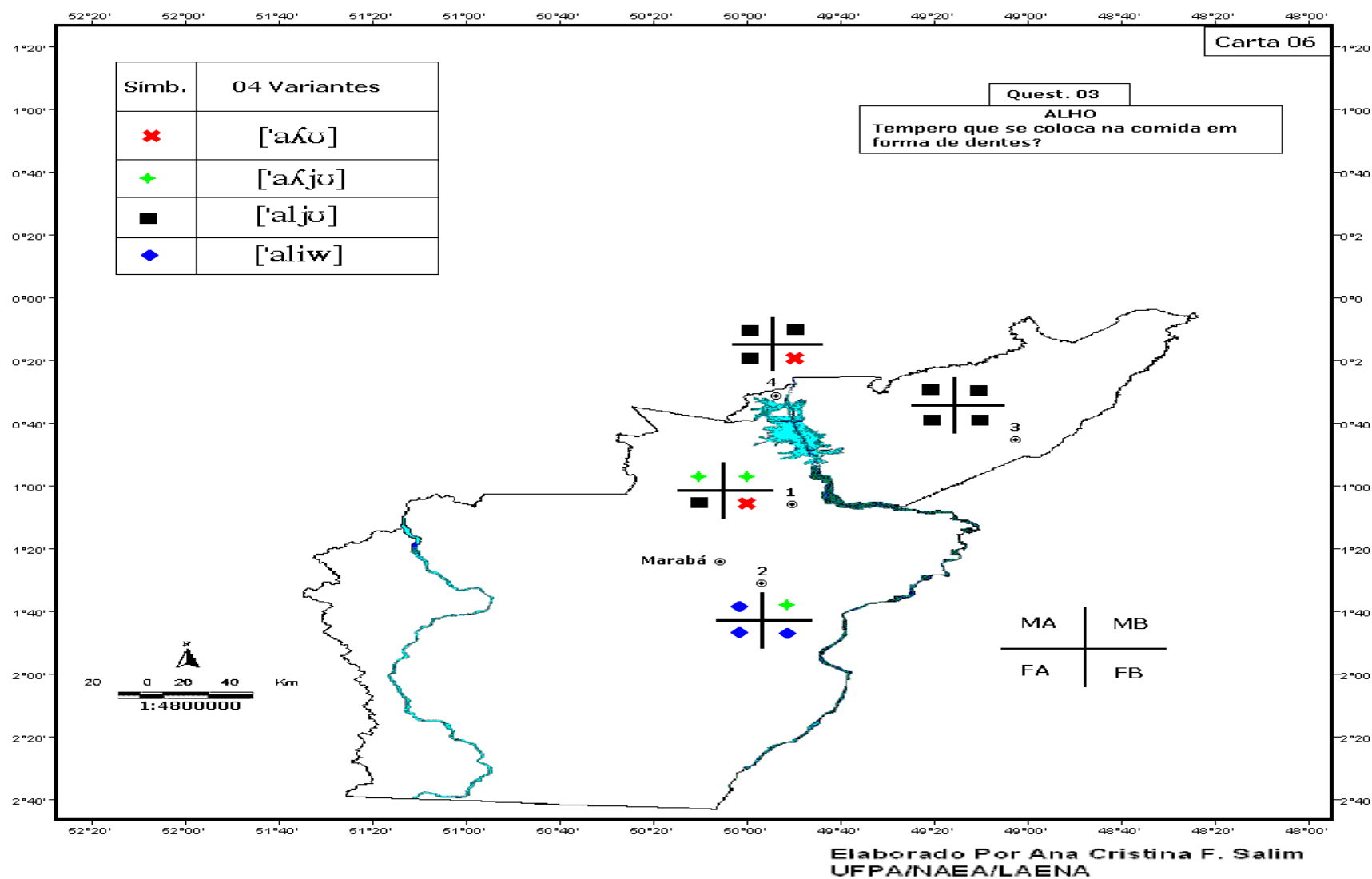


FIGURA 13 – Carta 6 (alho)

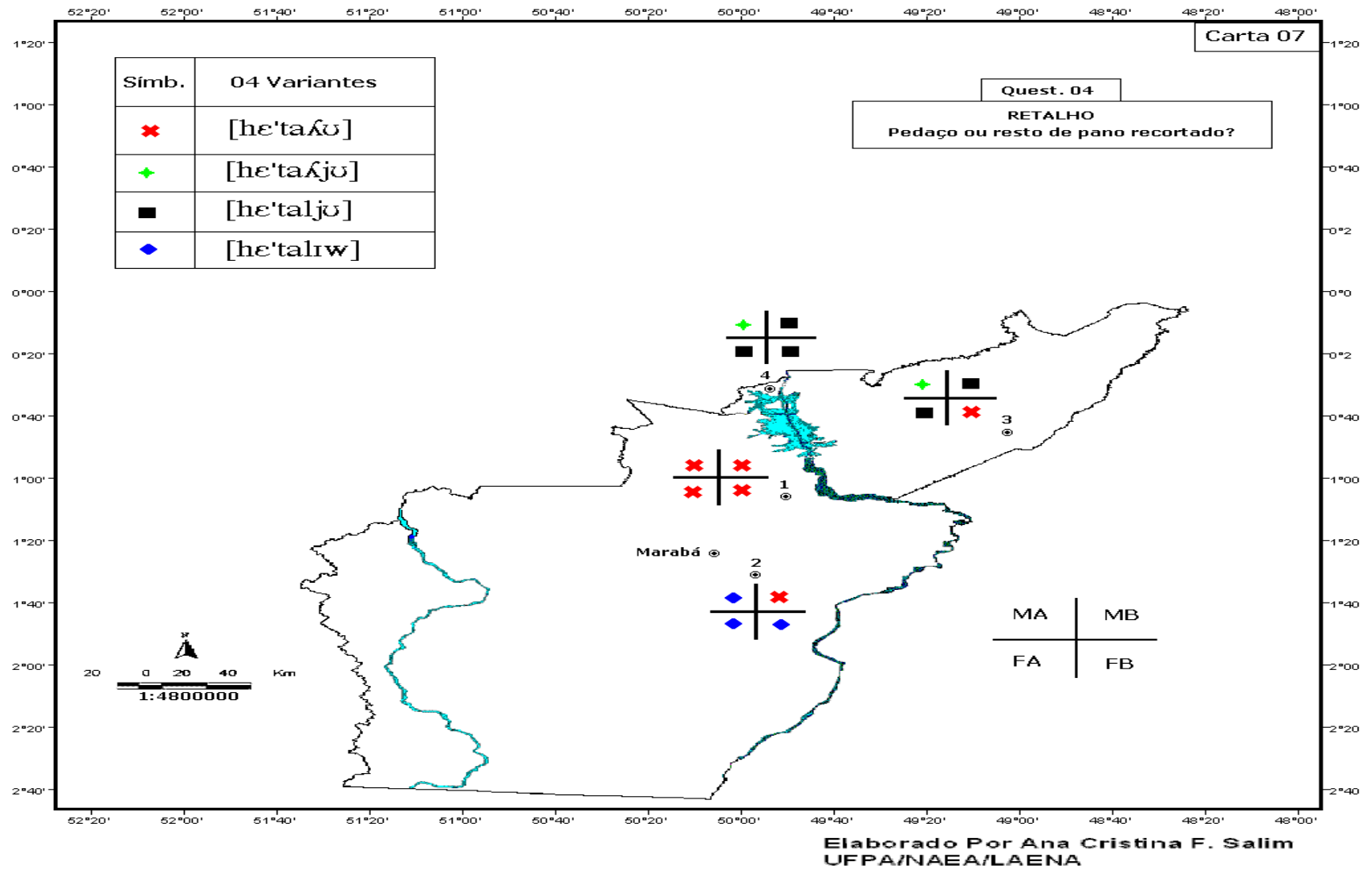


FIGURA 14 – Carta 7 (retalho)

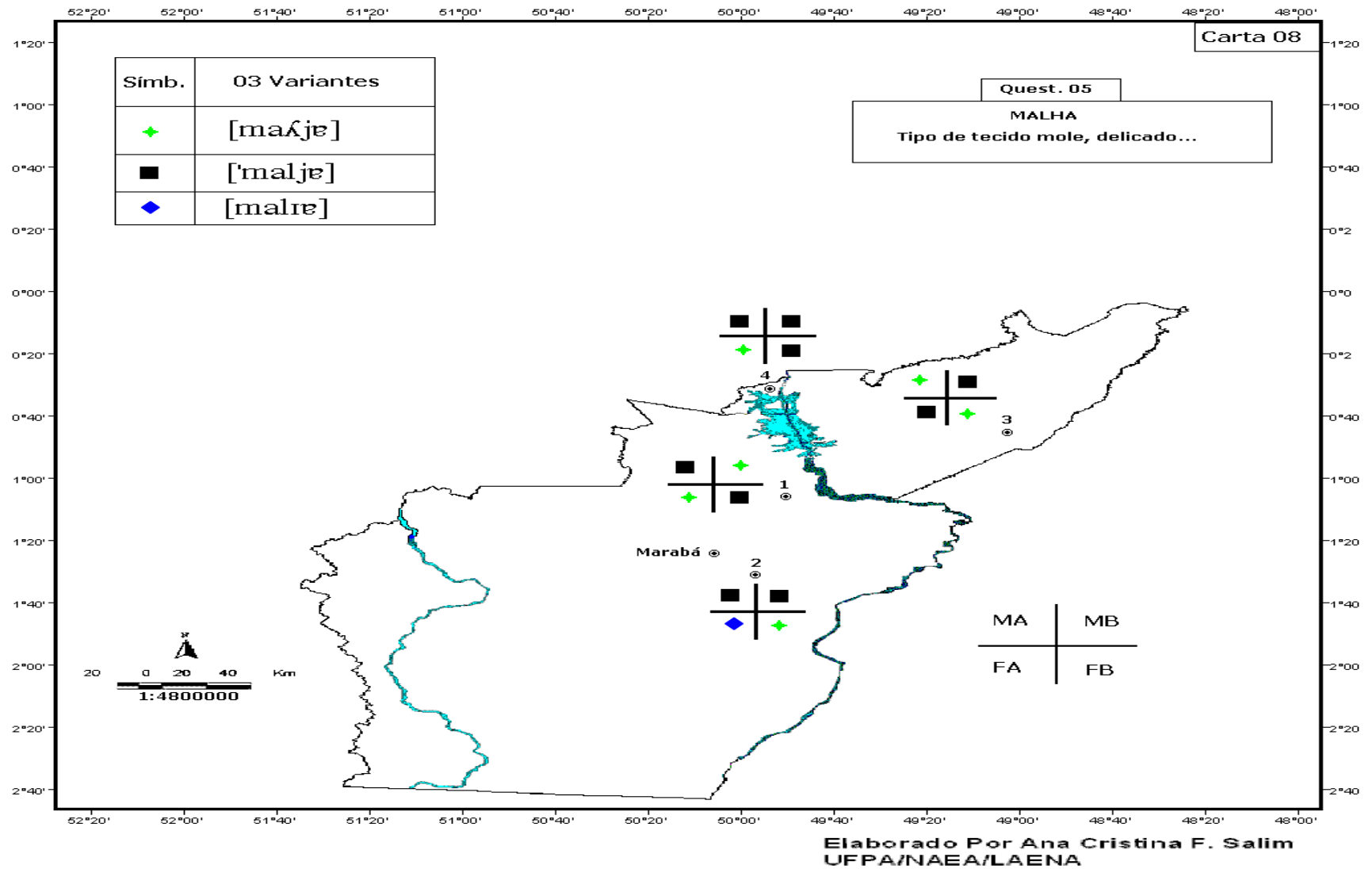


FIGURA 15 – Carta 8 (malha)

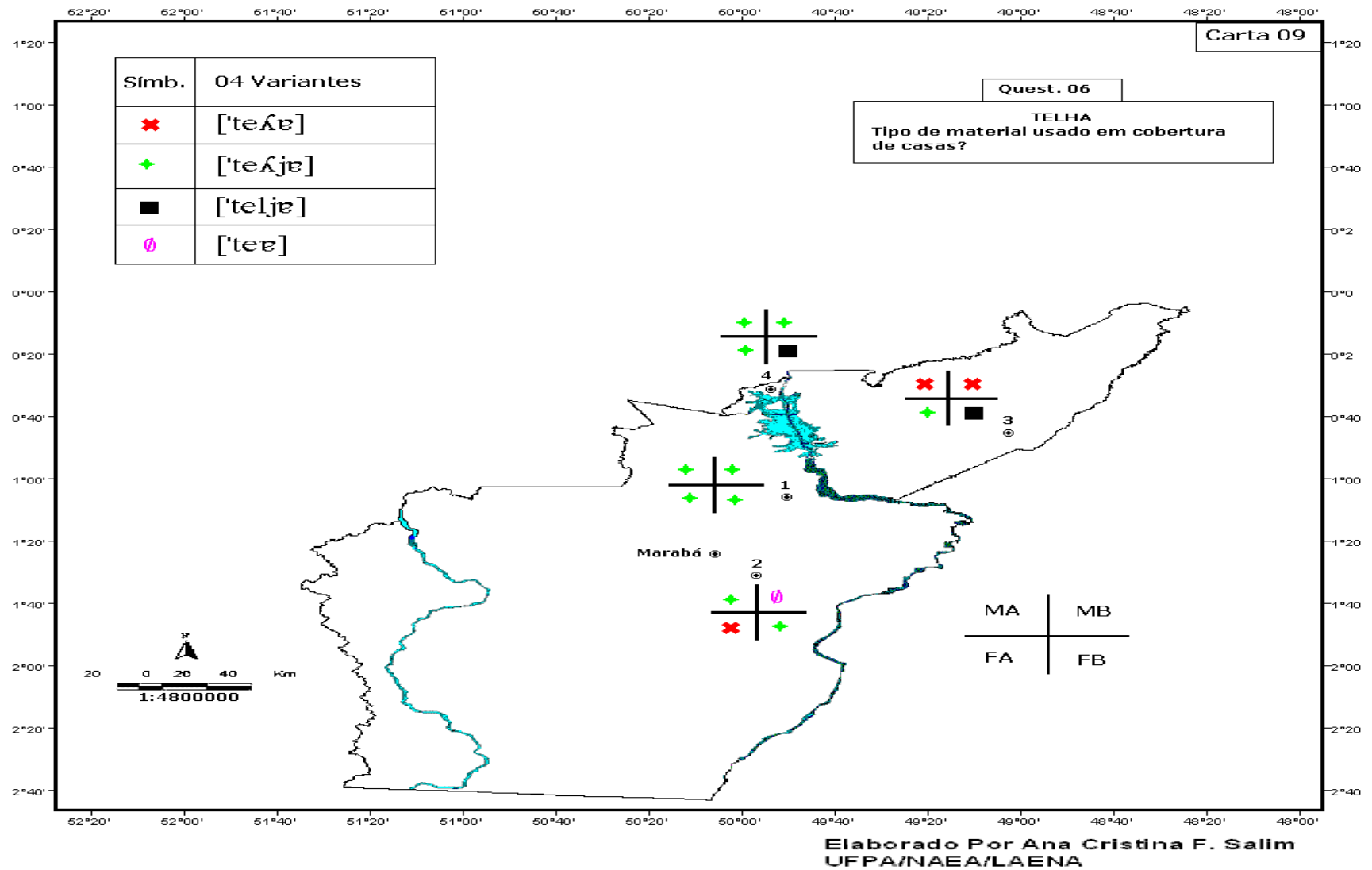


FIGURA 16 – Carta 9 (telha)

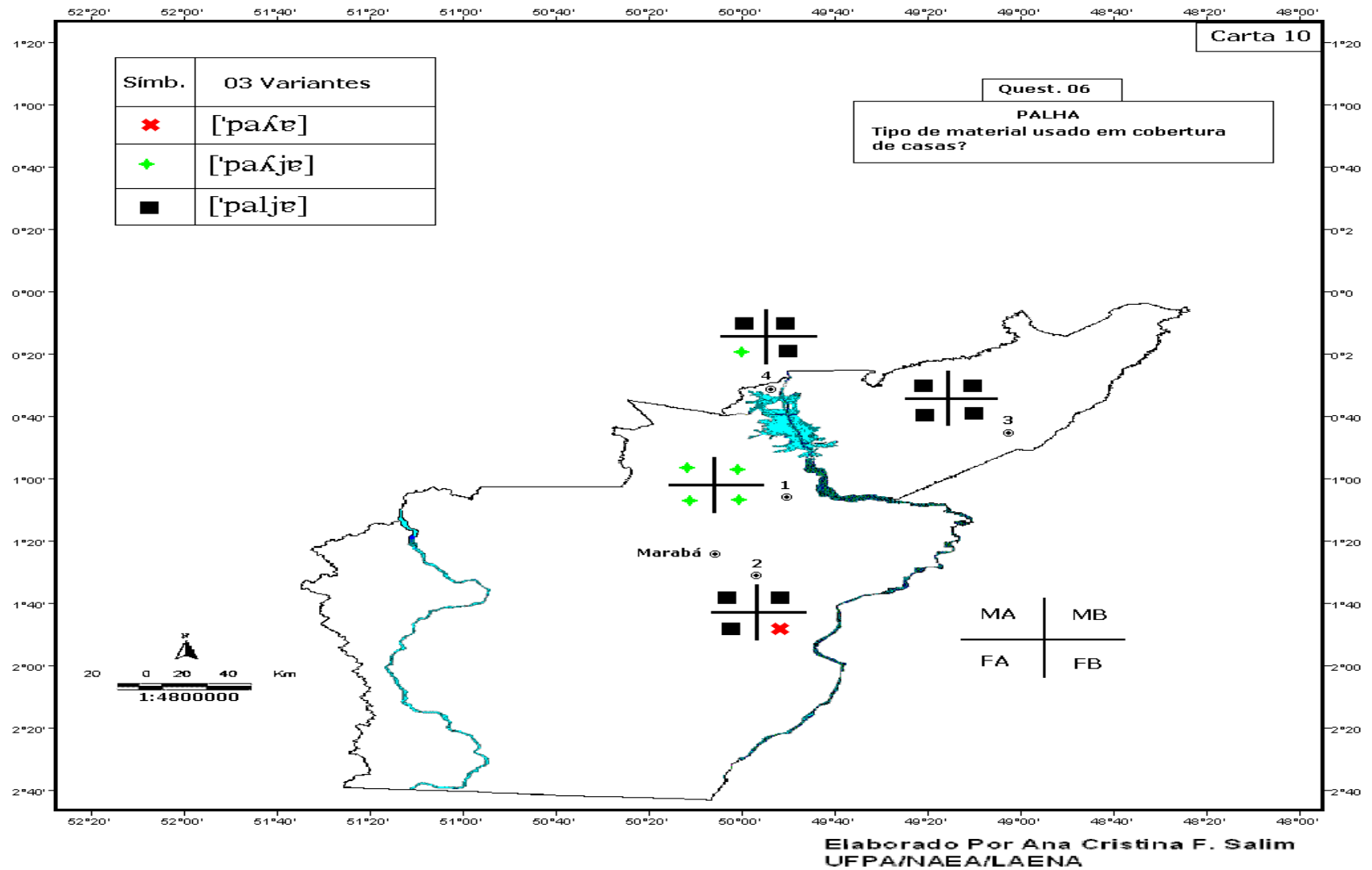


FIGURA 17 – Carta 10 (palha)

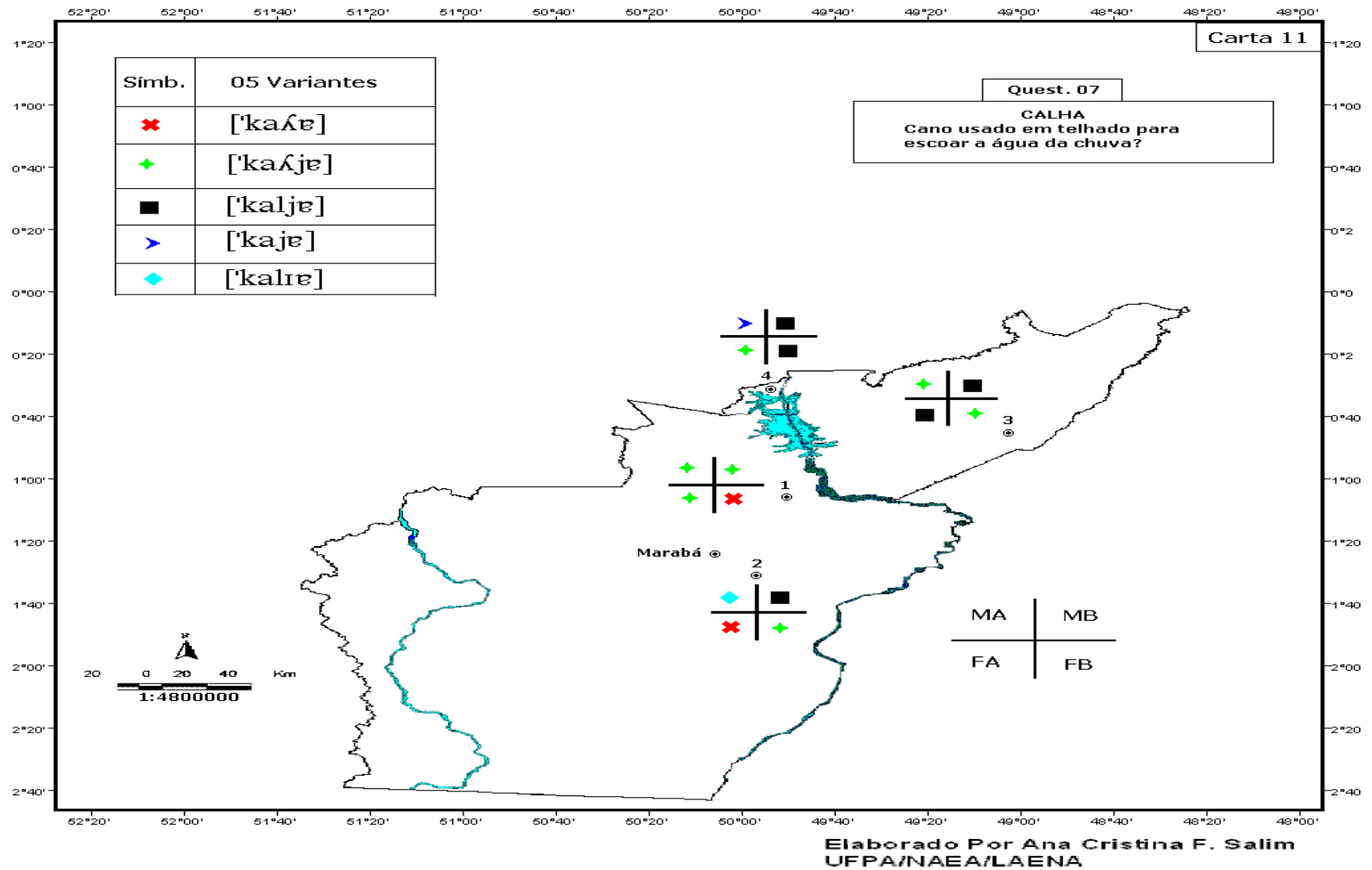


FIGURA 18 – Carta 11 (calha)

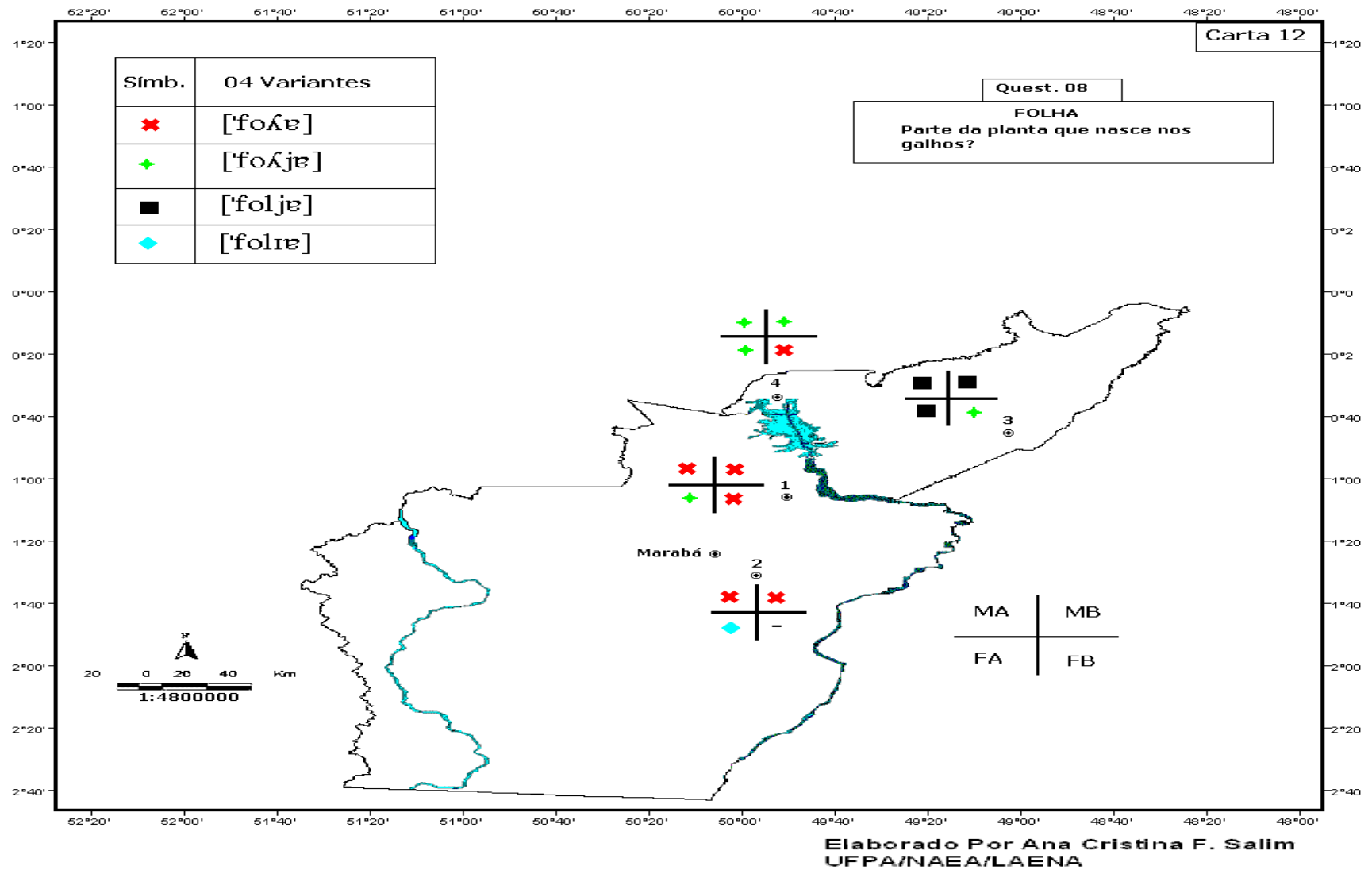


FIGURA 19 – Carta 12 (folha)

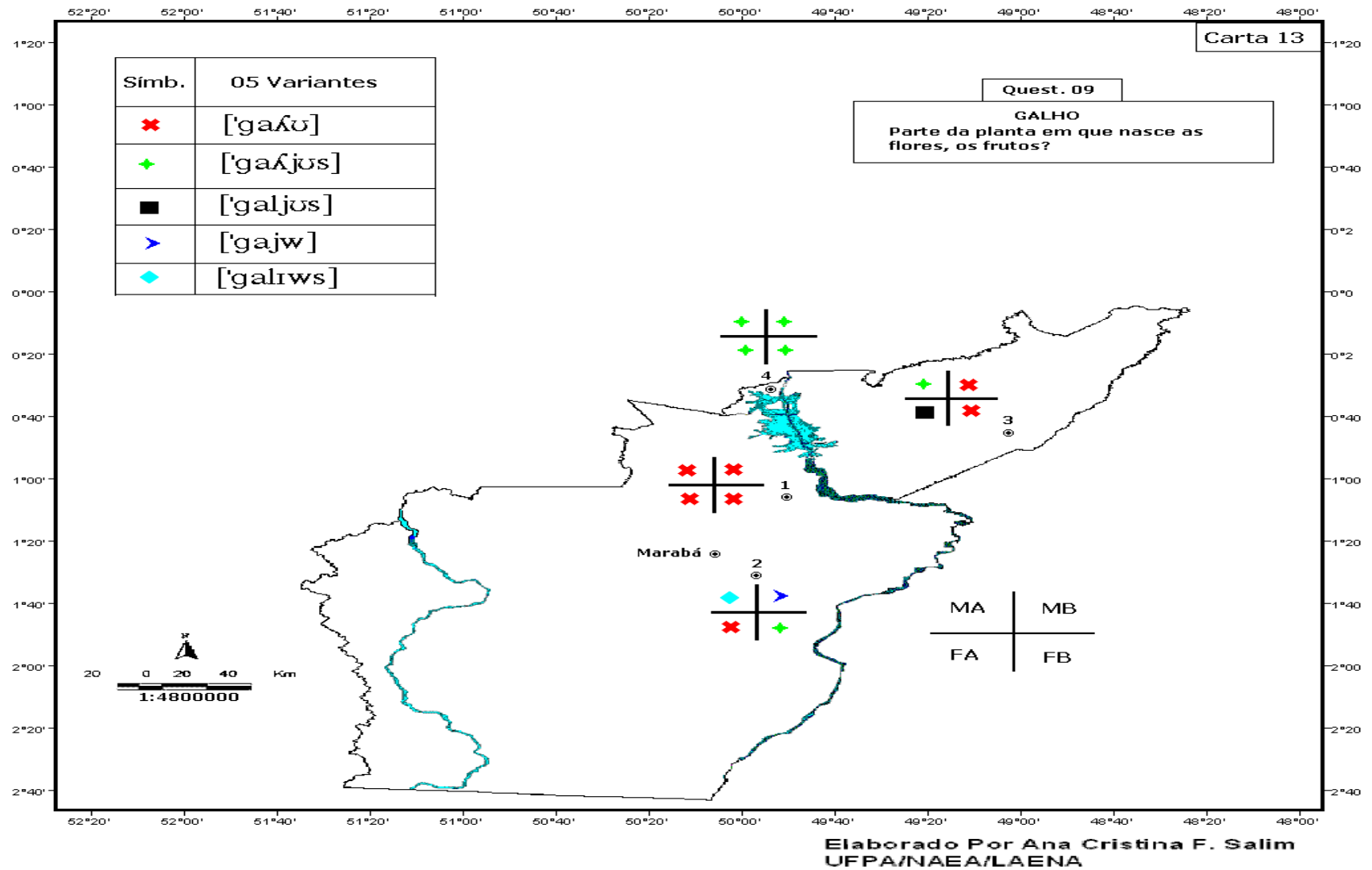


FIGURA 20 – Carta 13 (galho)

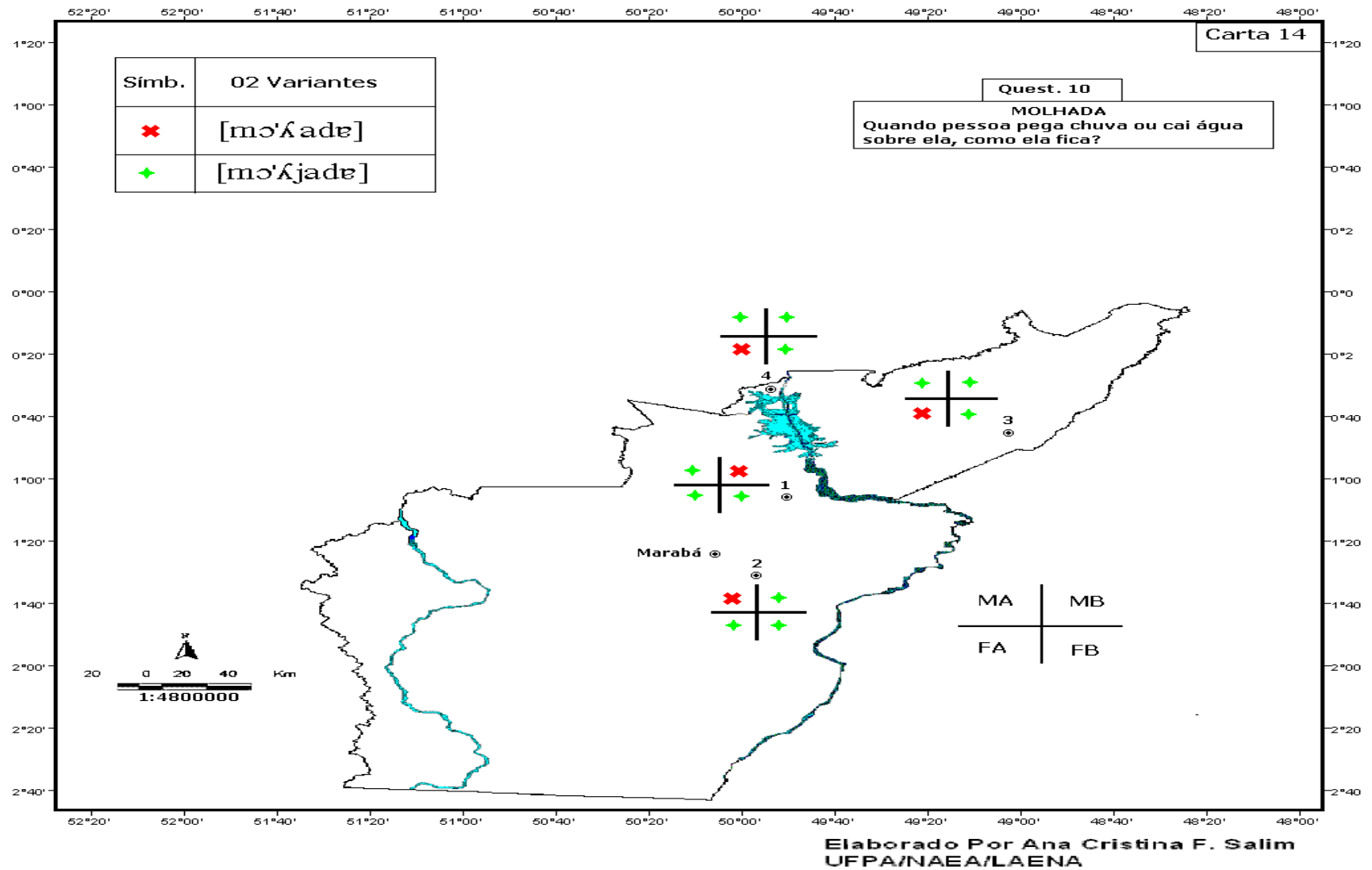


FIGURA 21 – Carta 14 (molhada)

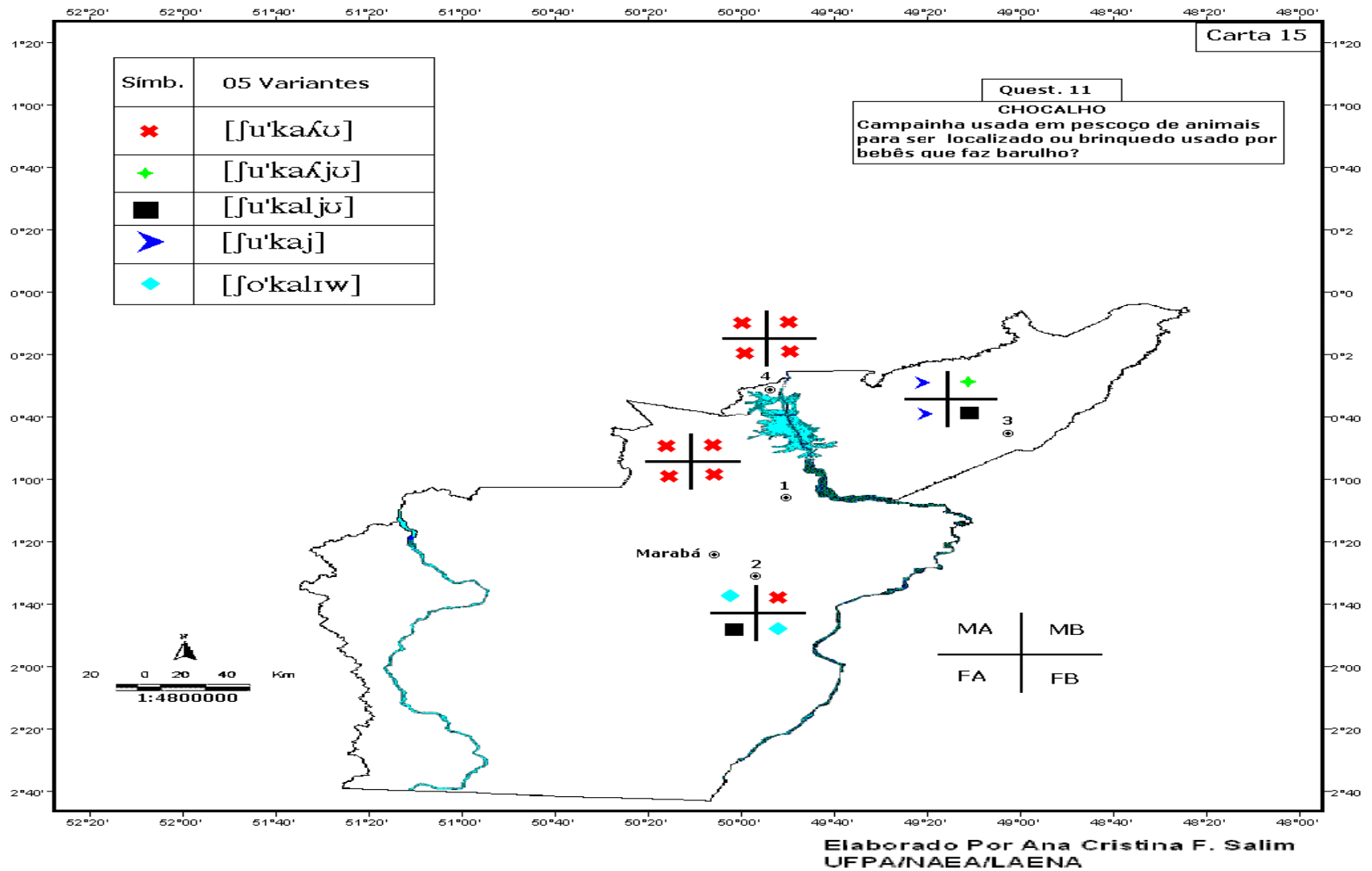


FIGURA 22 – Carta 15 (chocalho)

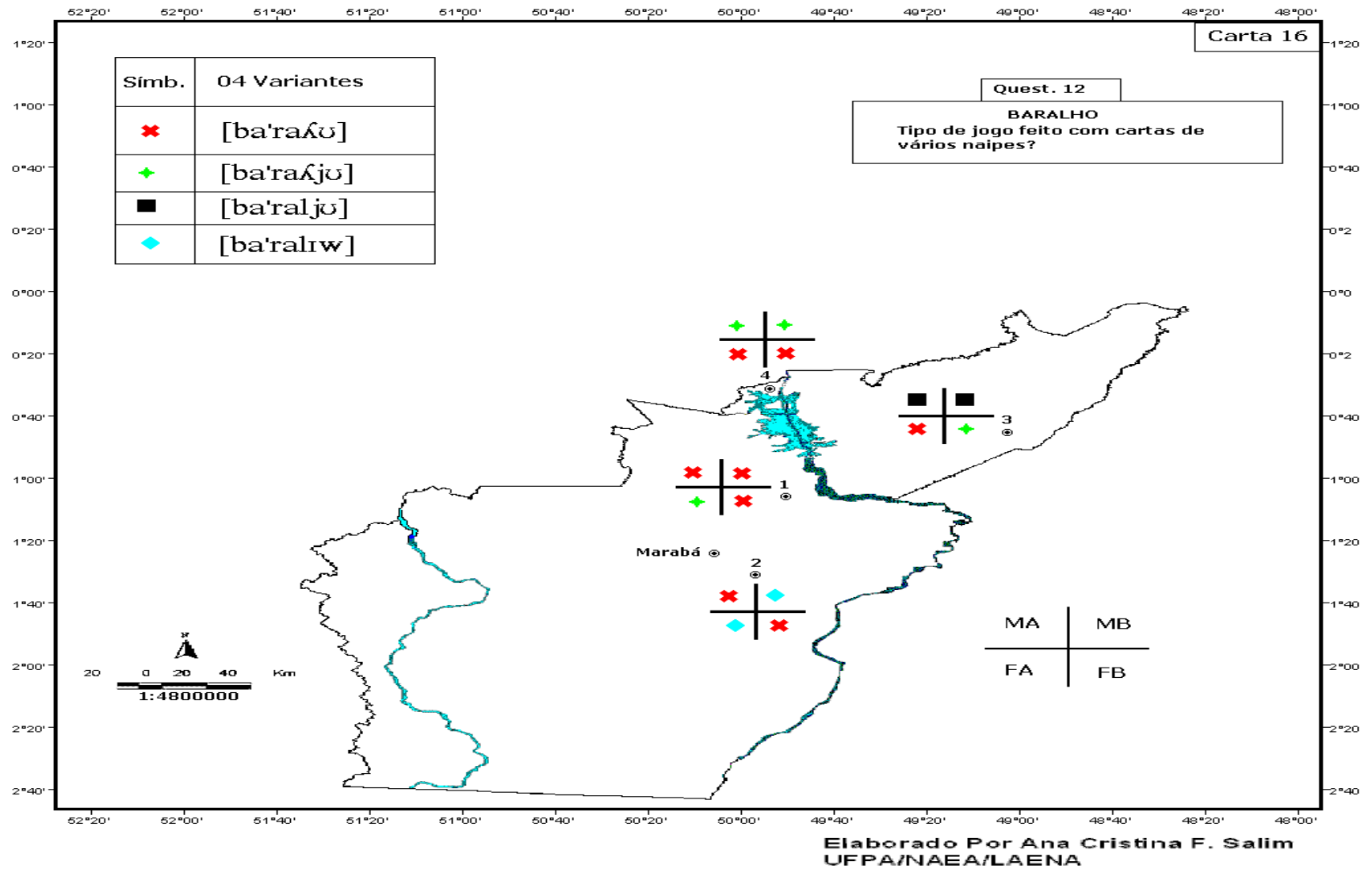


FIGURA 23 – Carta 16 (baralho)

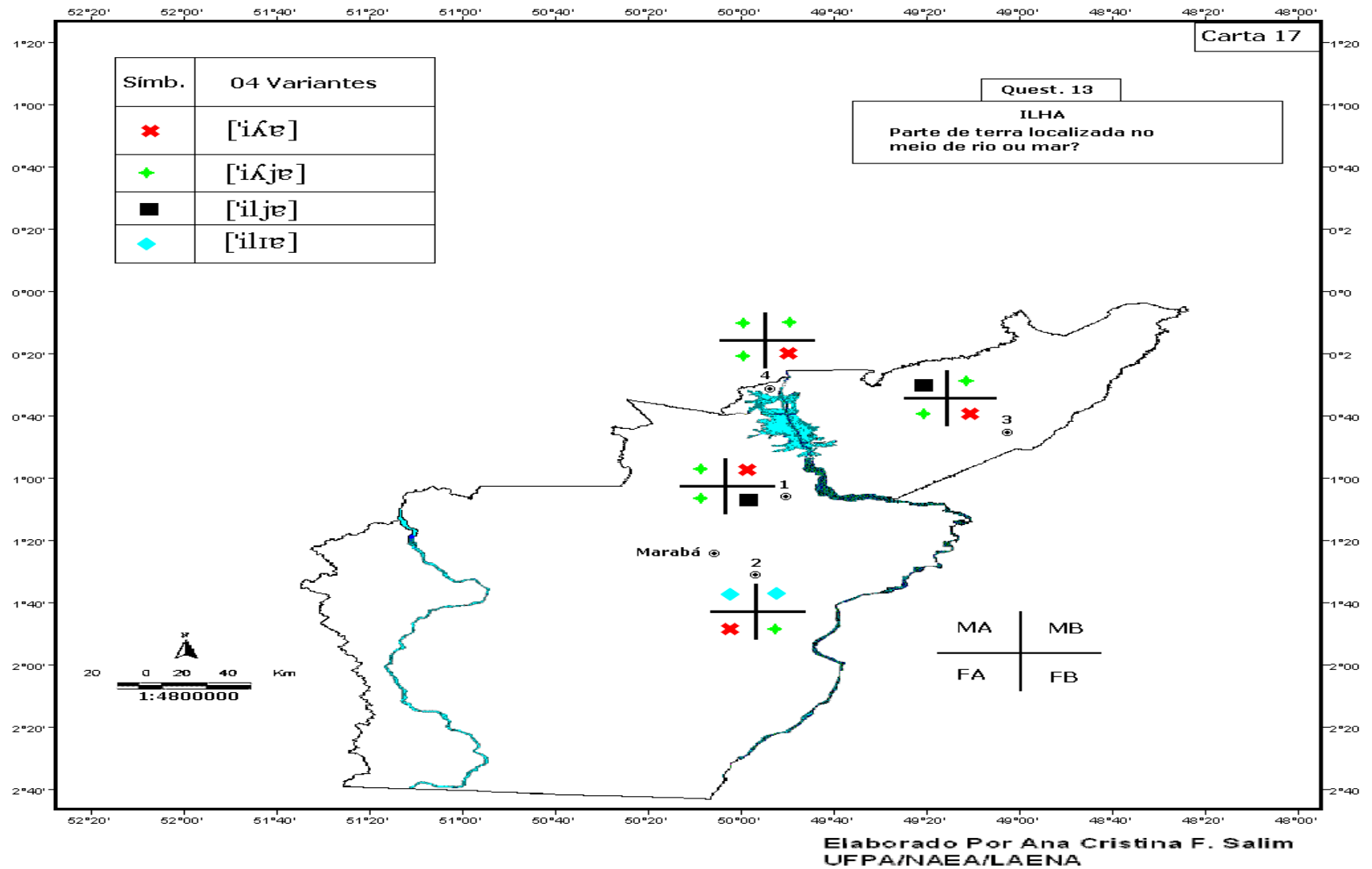


FIGURA 24 – Carta 17 (ilha)

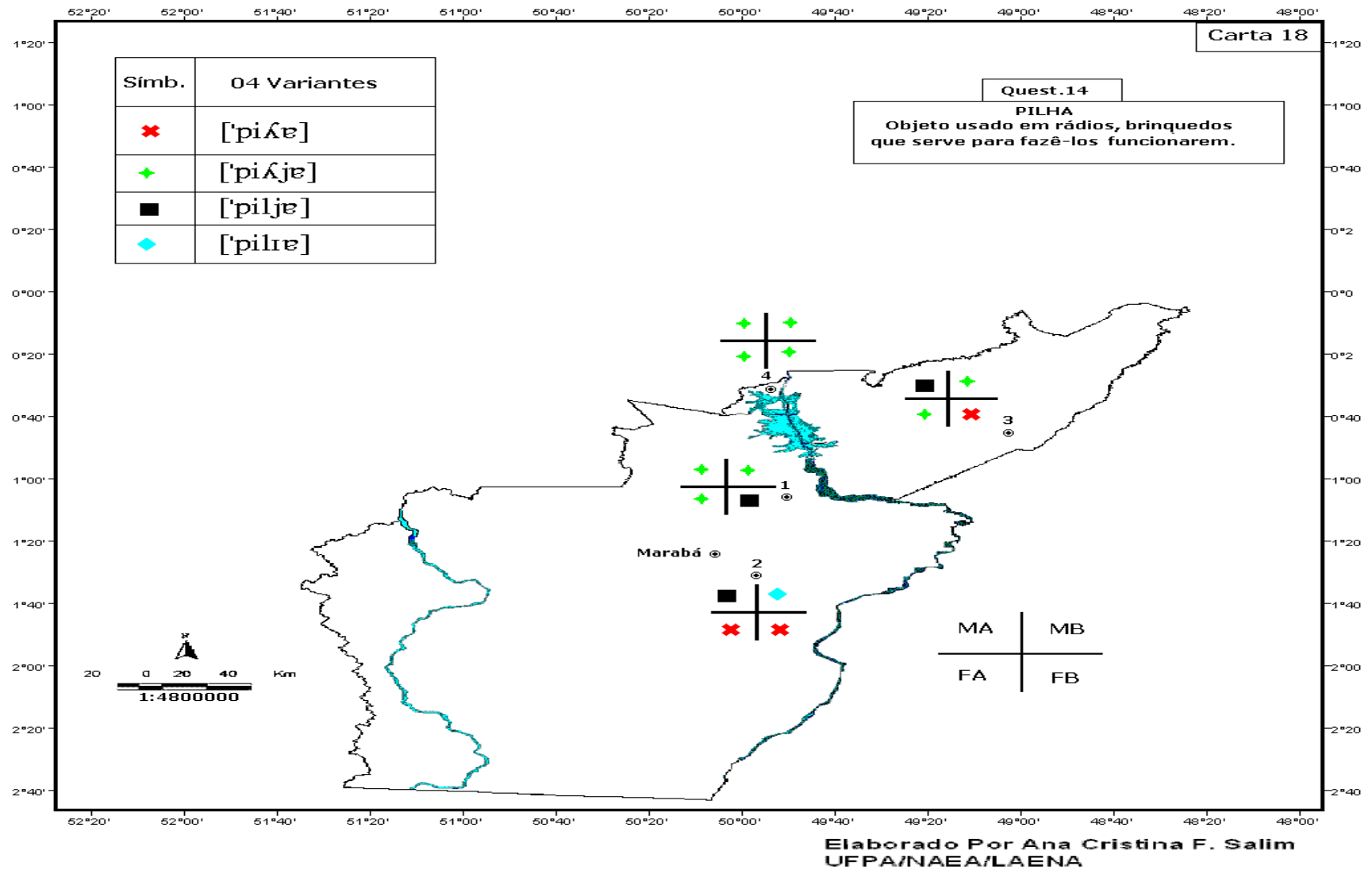


FIGURA 25 – Carta 18 (pilha)

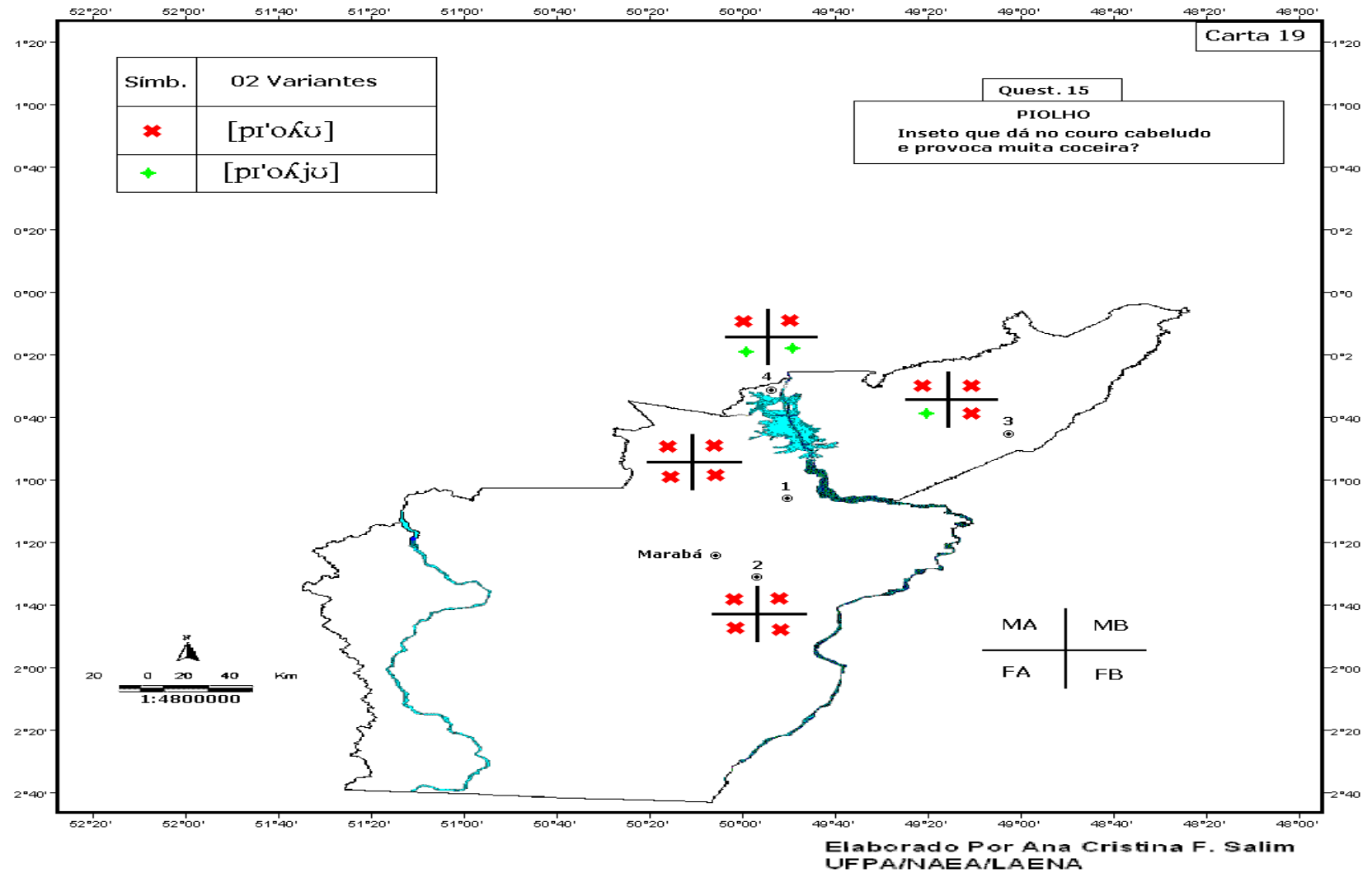


FIGURA 26 – Carta 19 (piolho)

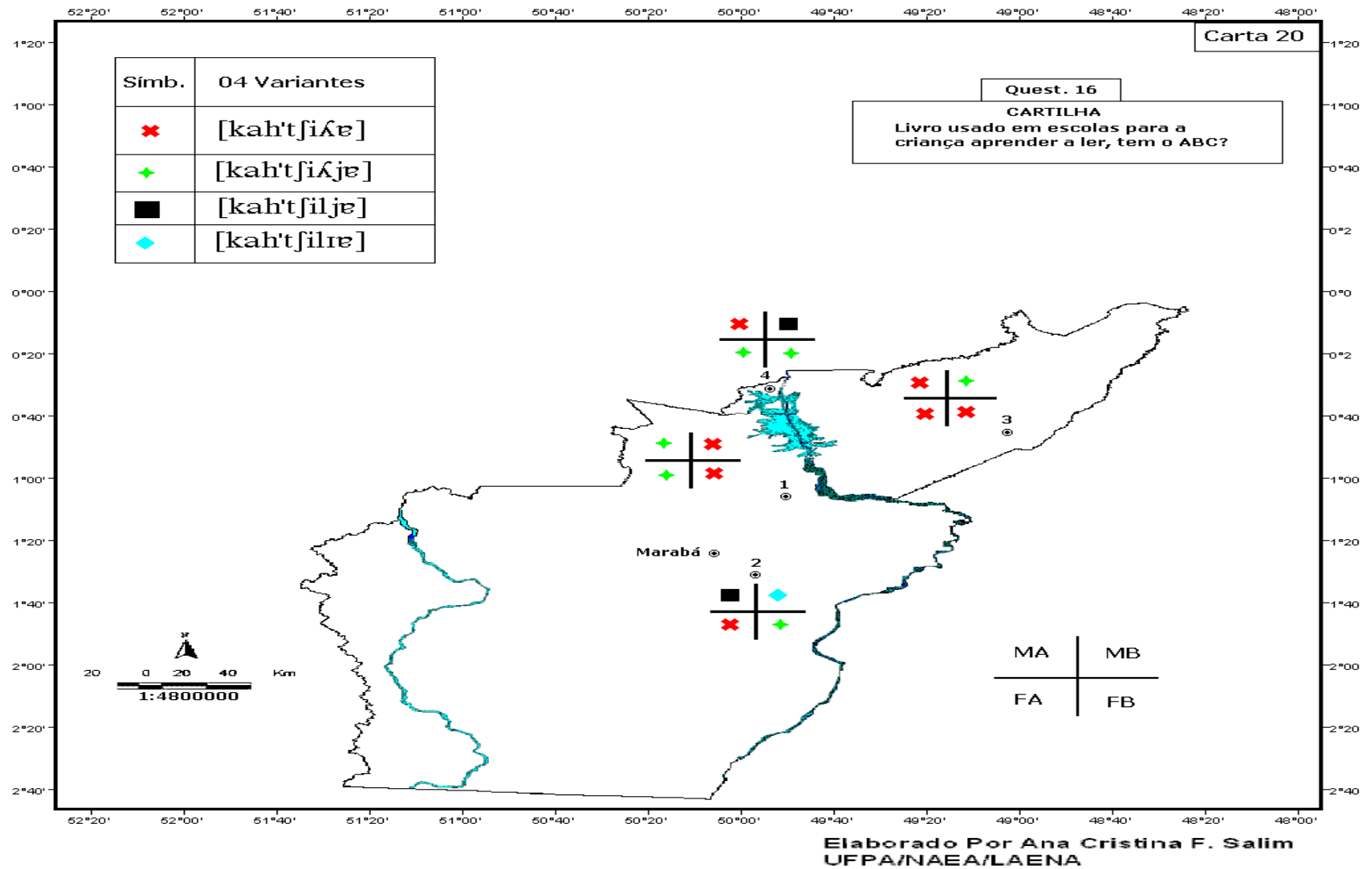


FIGURA 27 – Carta 20 (cartilha)

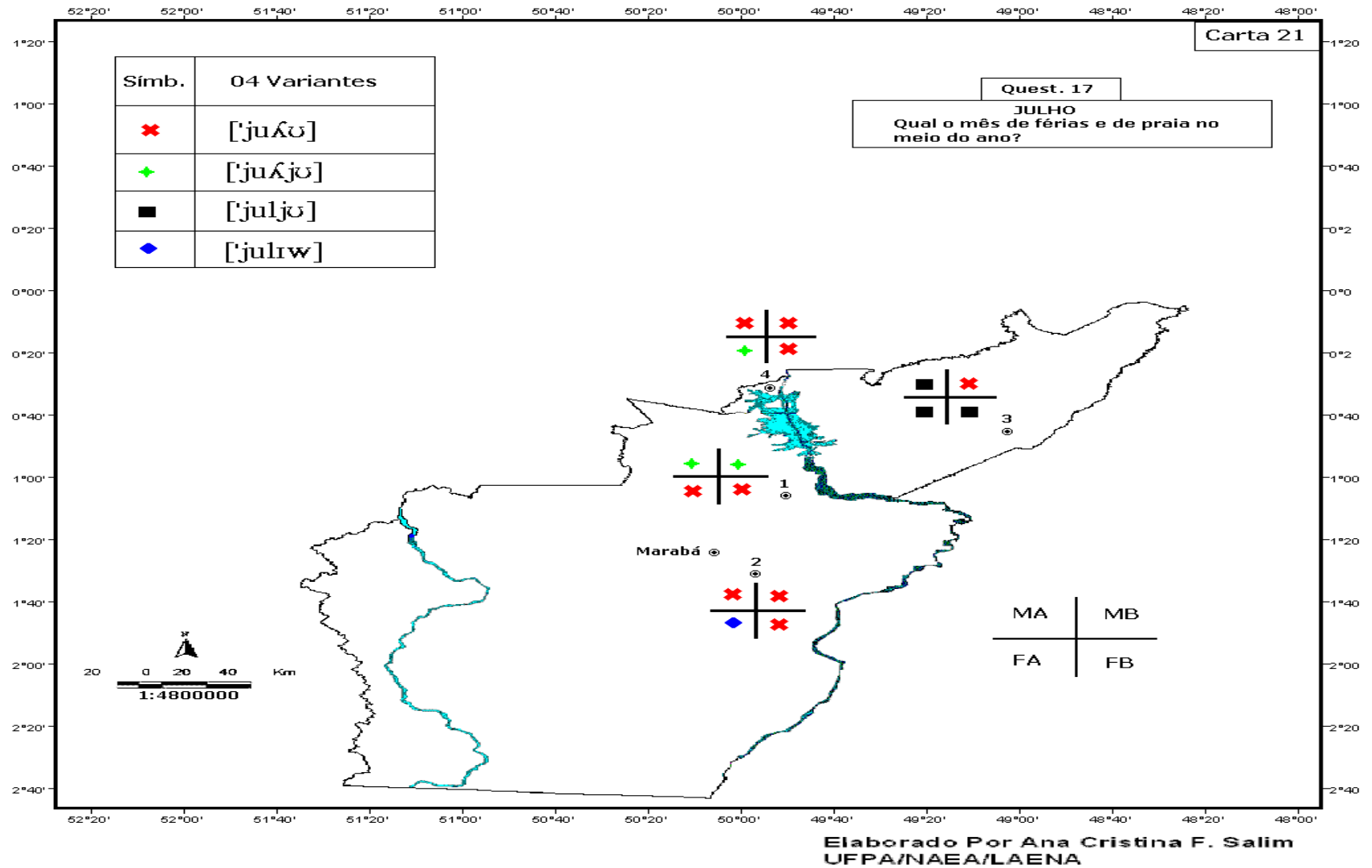


FIGURA 28 – Carta 21 (julho)

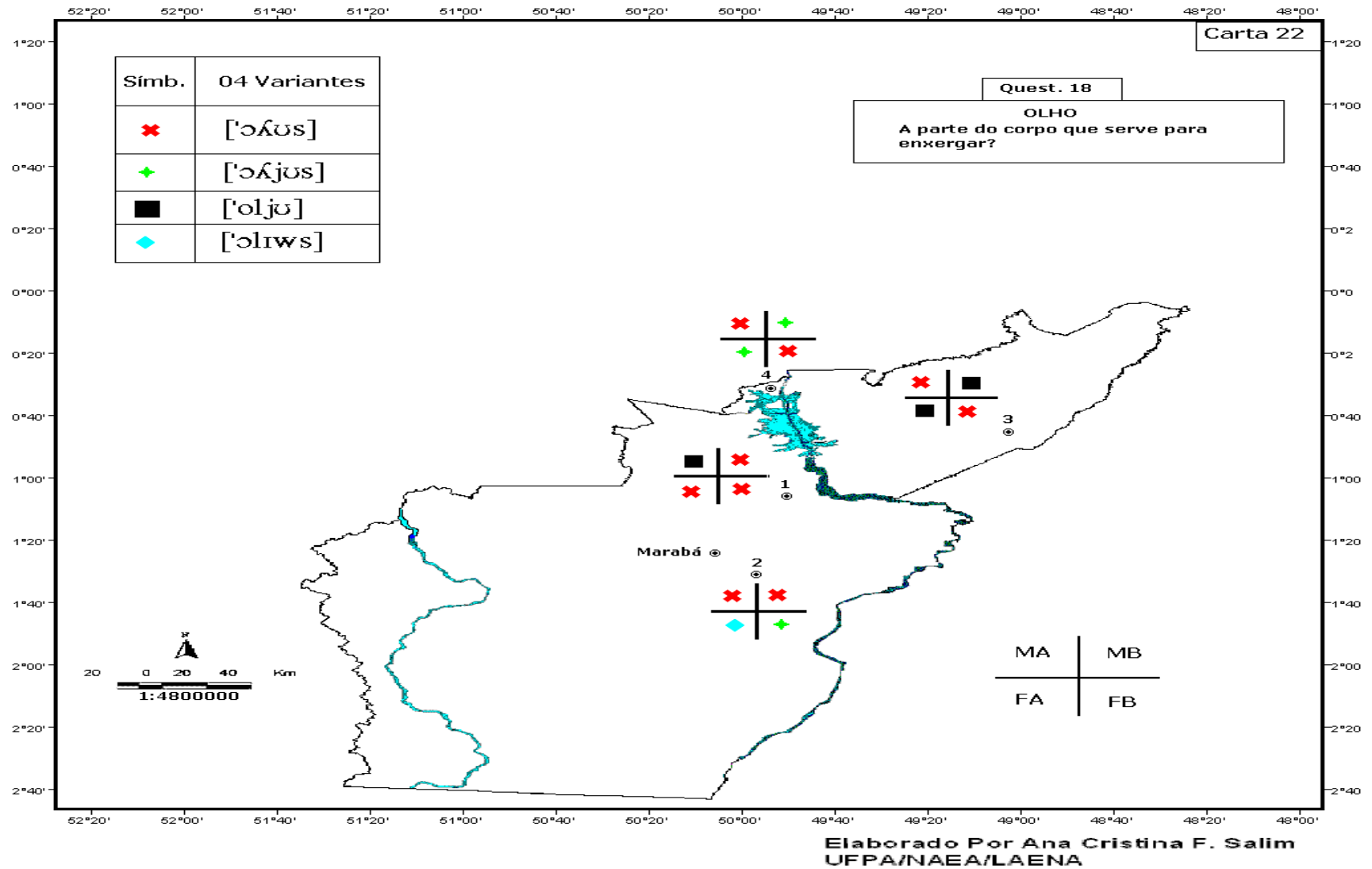


FIGURA 29 – Carta 22 (olho)

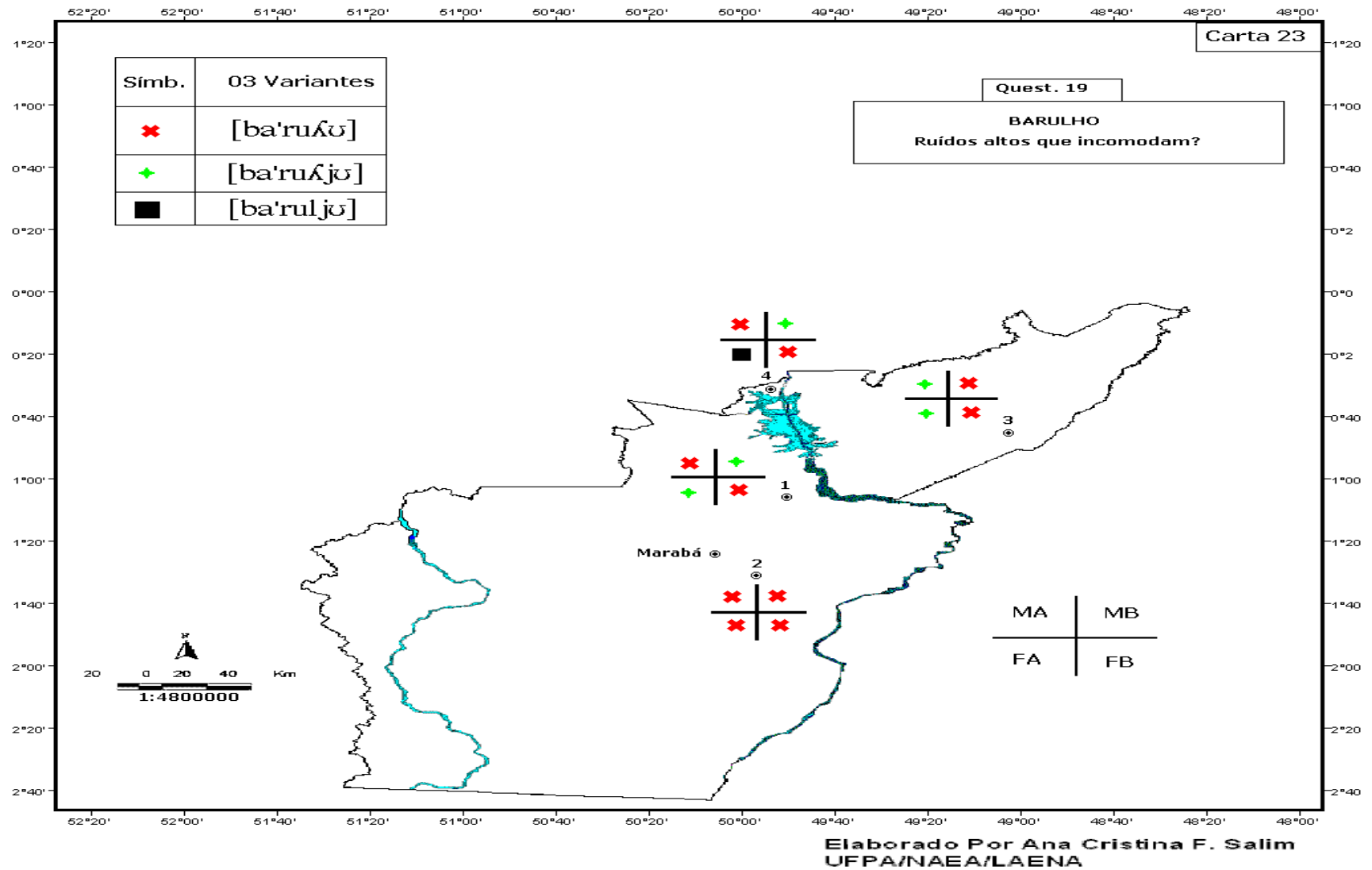


FIGURA 30 – Carta 23 (barulho)

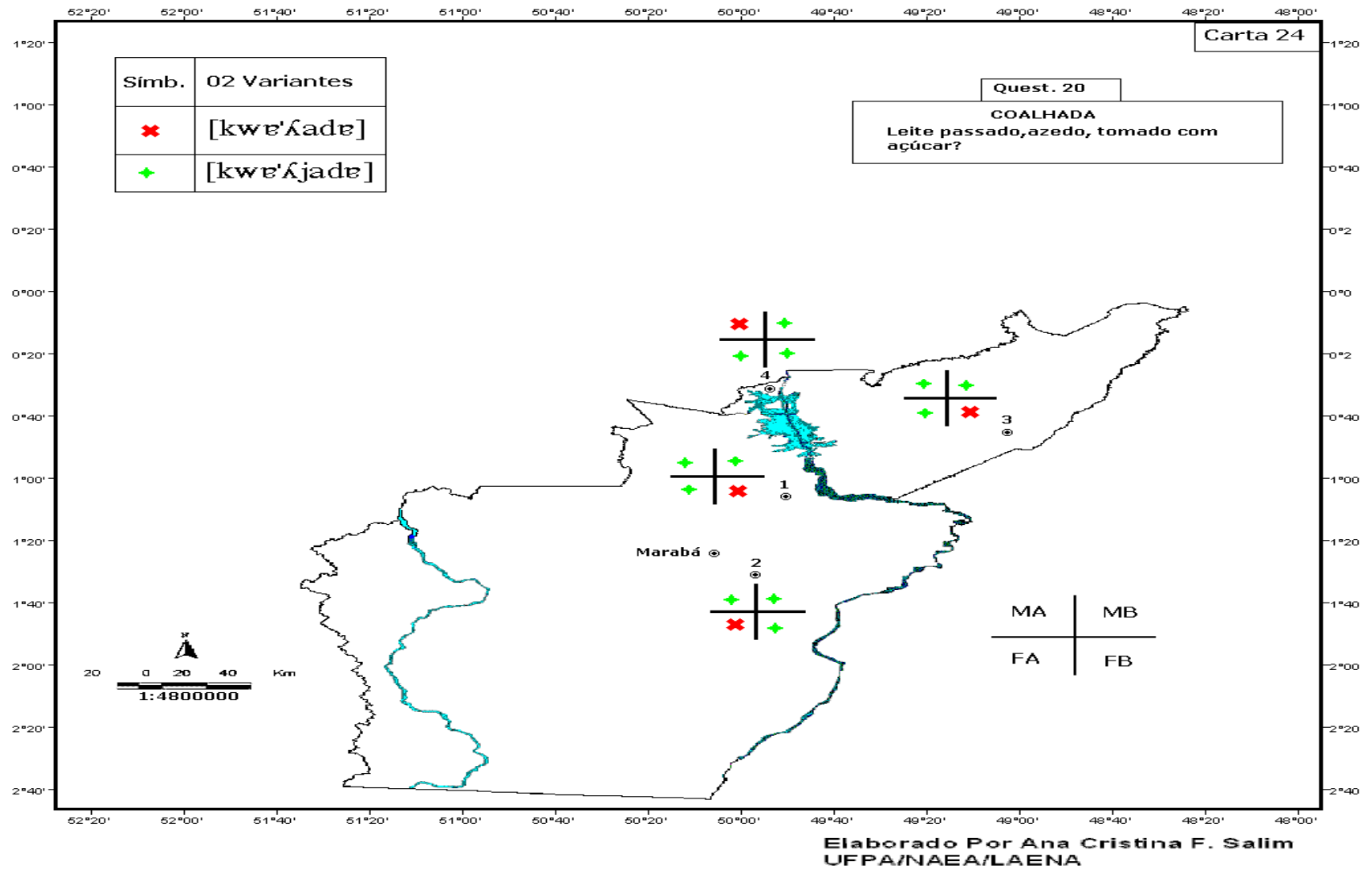


FIGURA 31 – Carta 24 (coalhada)

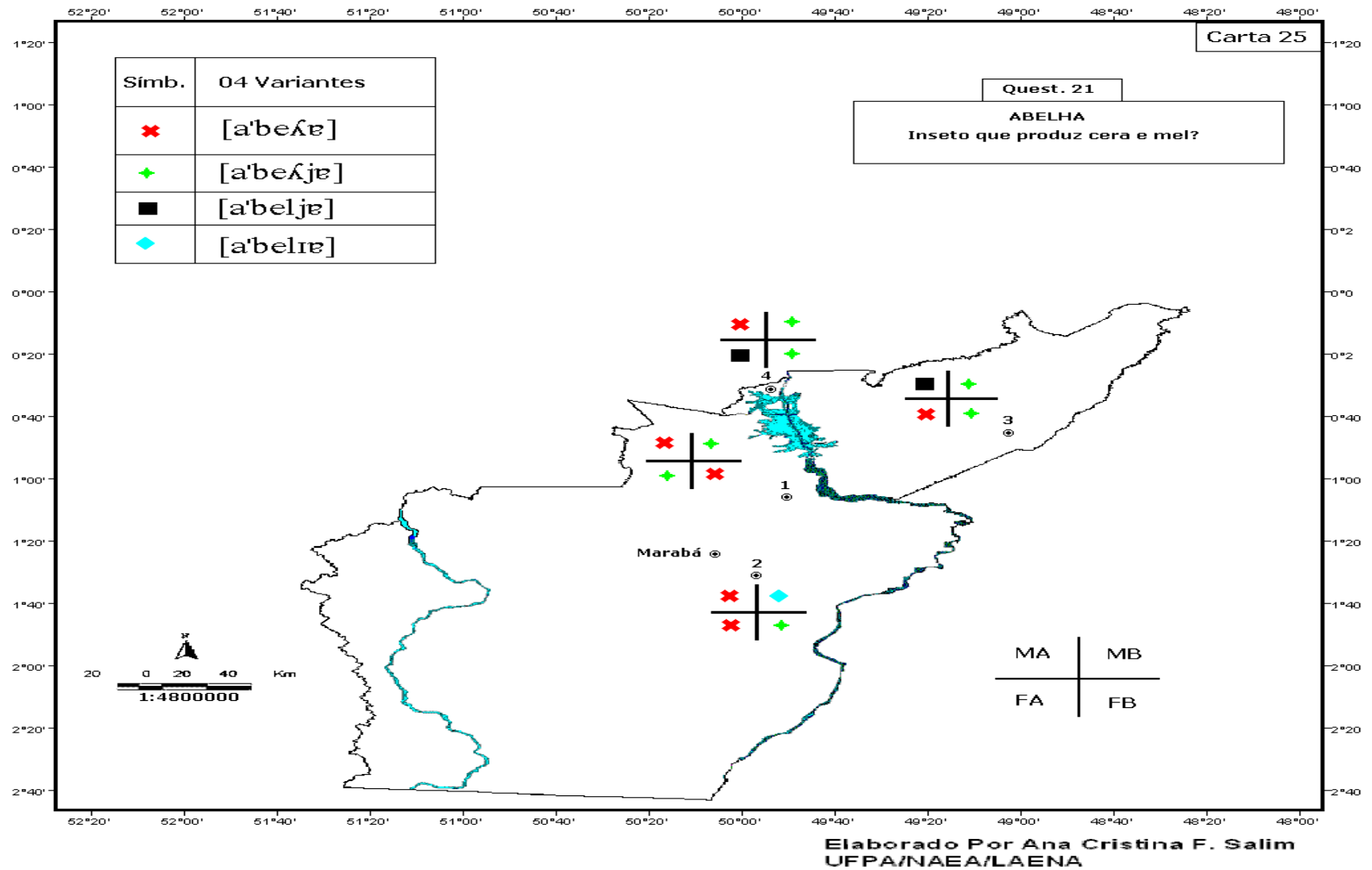


FIGURA 32 – Carta 25 (abelha)

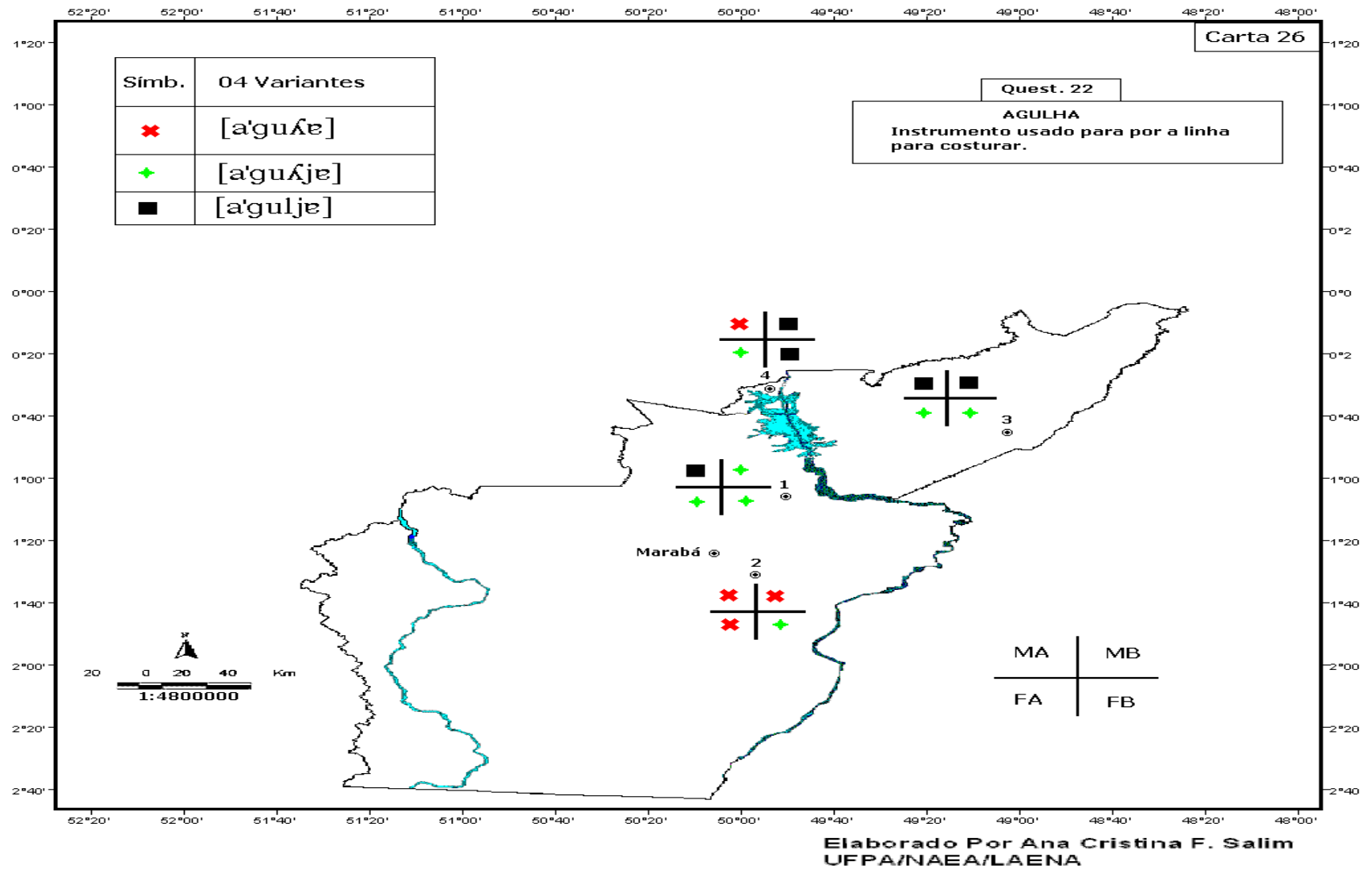


FIGURA 33 – Carta 26 (agulha)

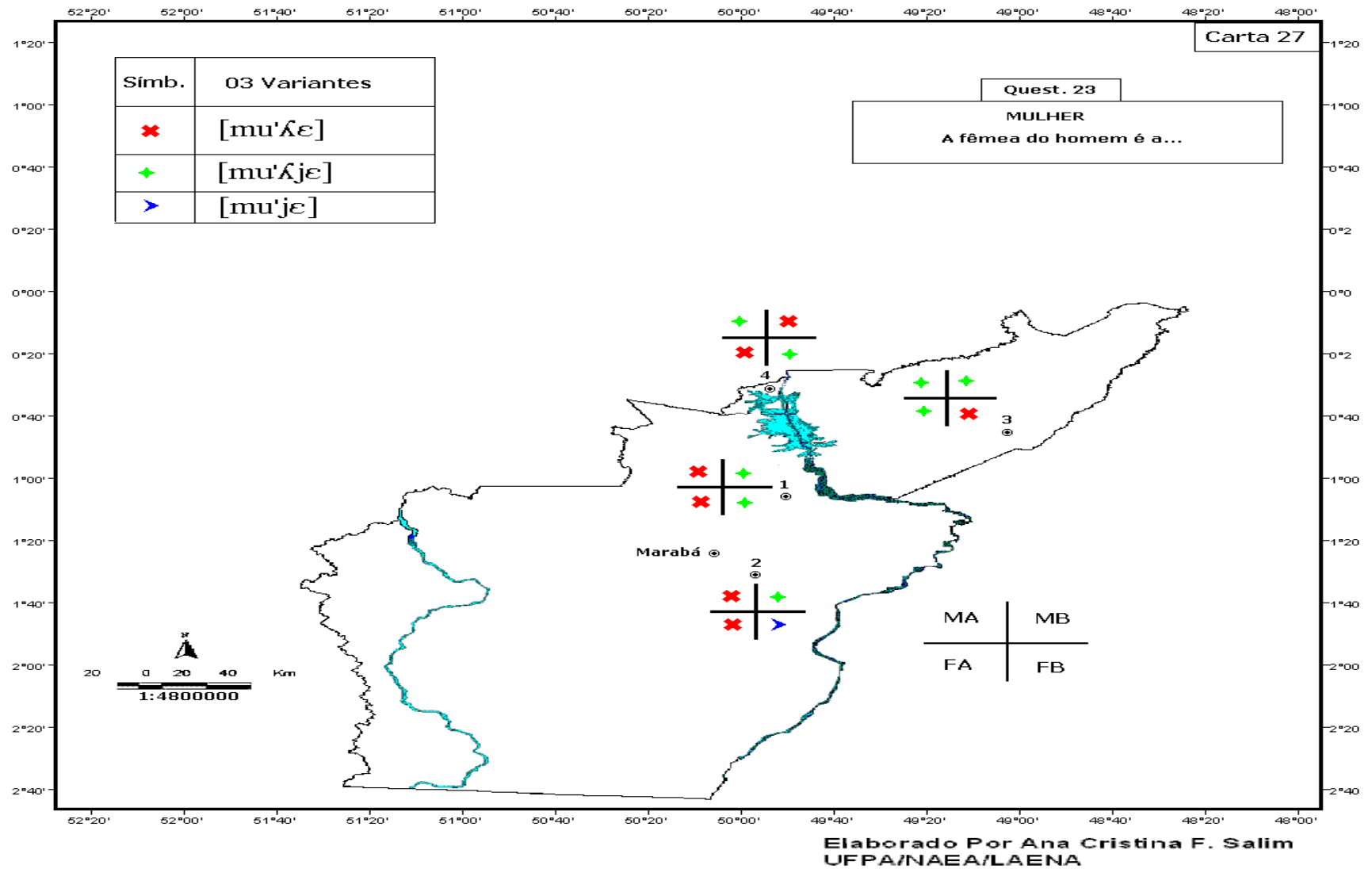


FIGURA 34 – Carta 27 (mulher)

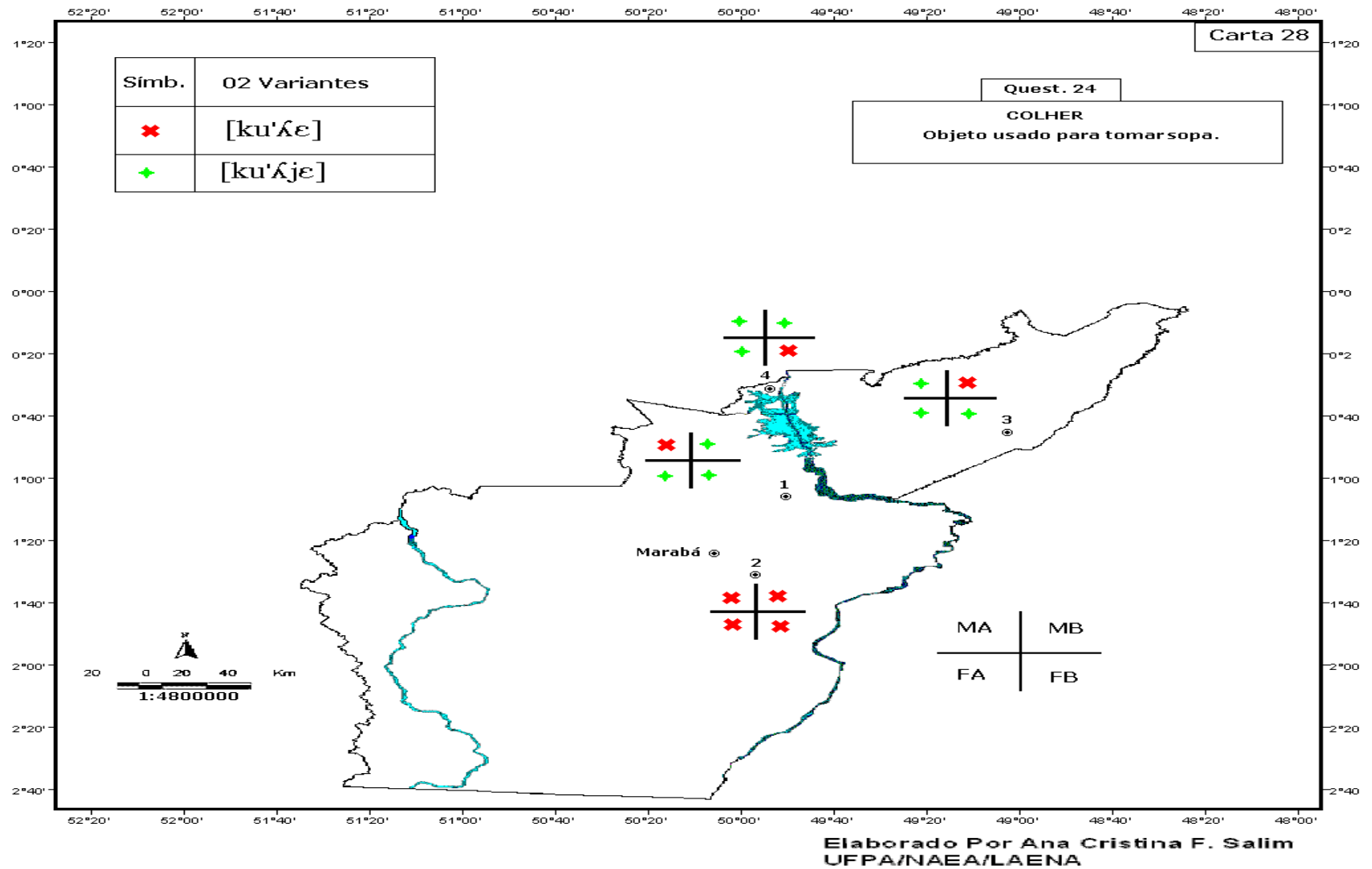


FIGURA 35 – Carta 28 (colher)

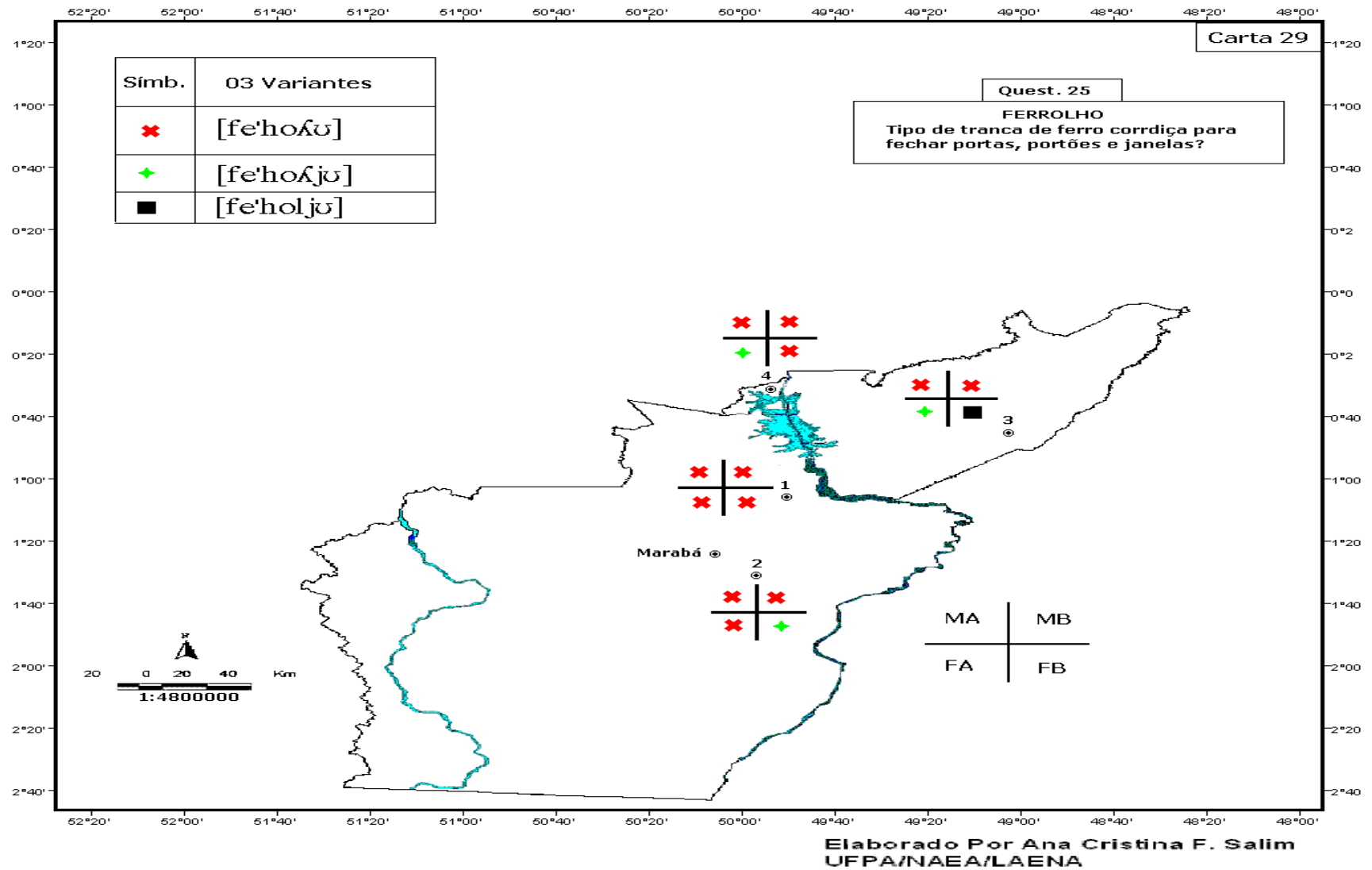


FIGURA 36 – Carta 29 (ferrolho)

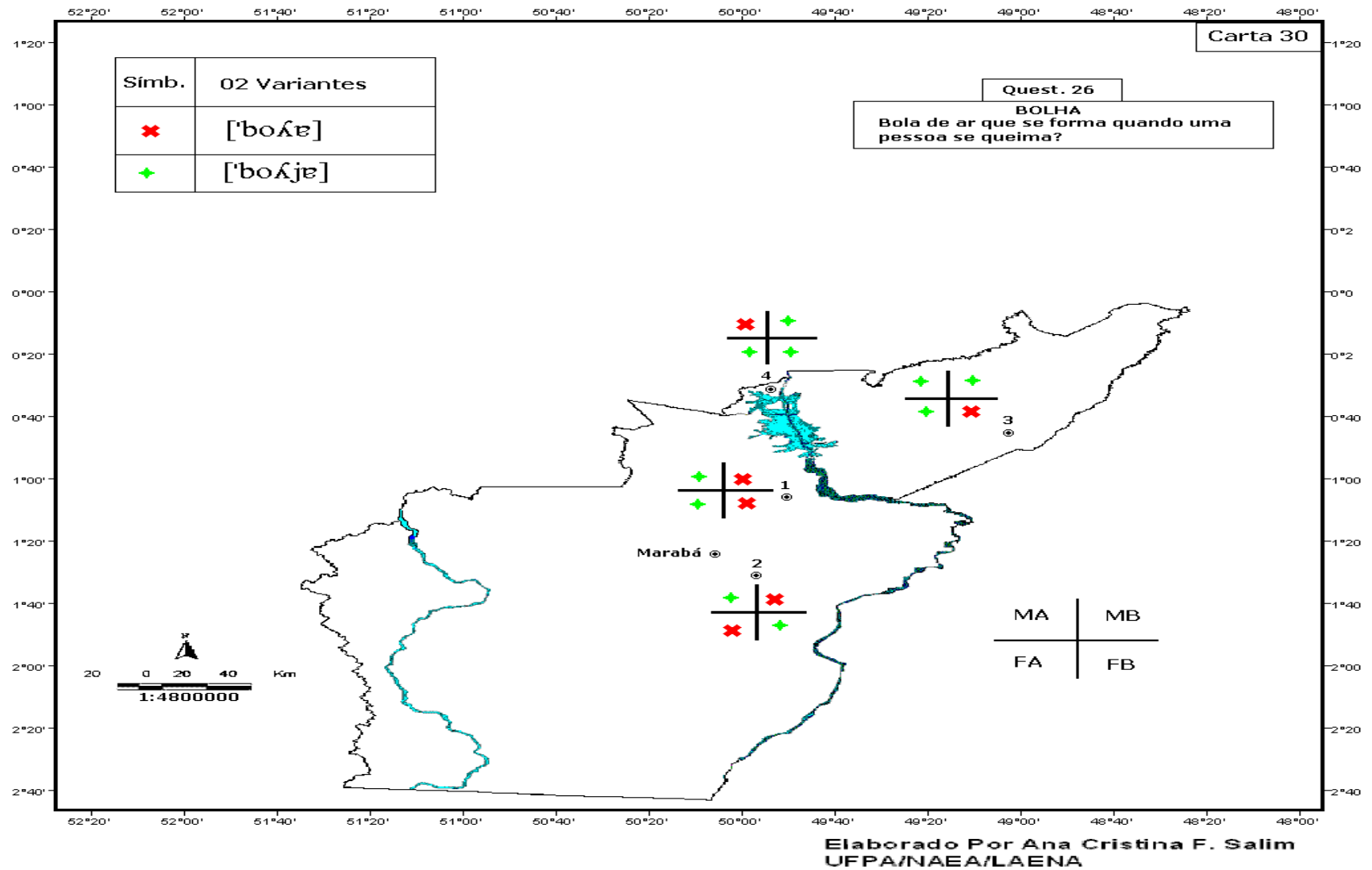


FIGURA 37 – Carta 30 (bolha)

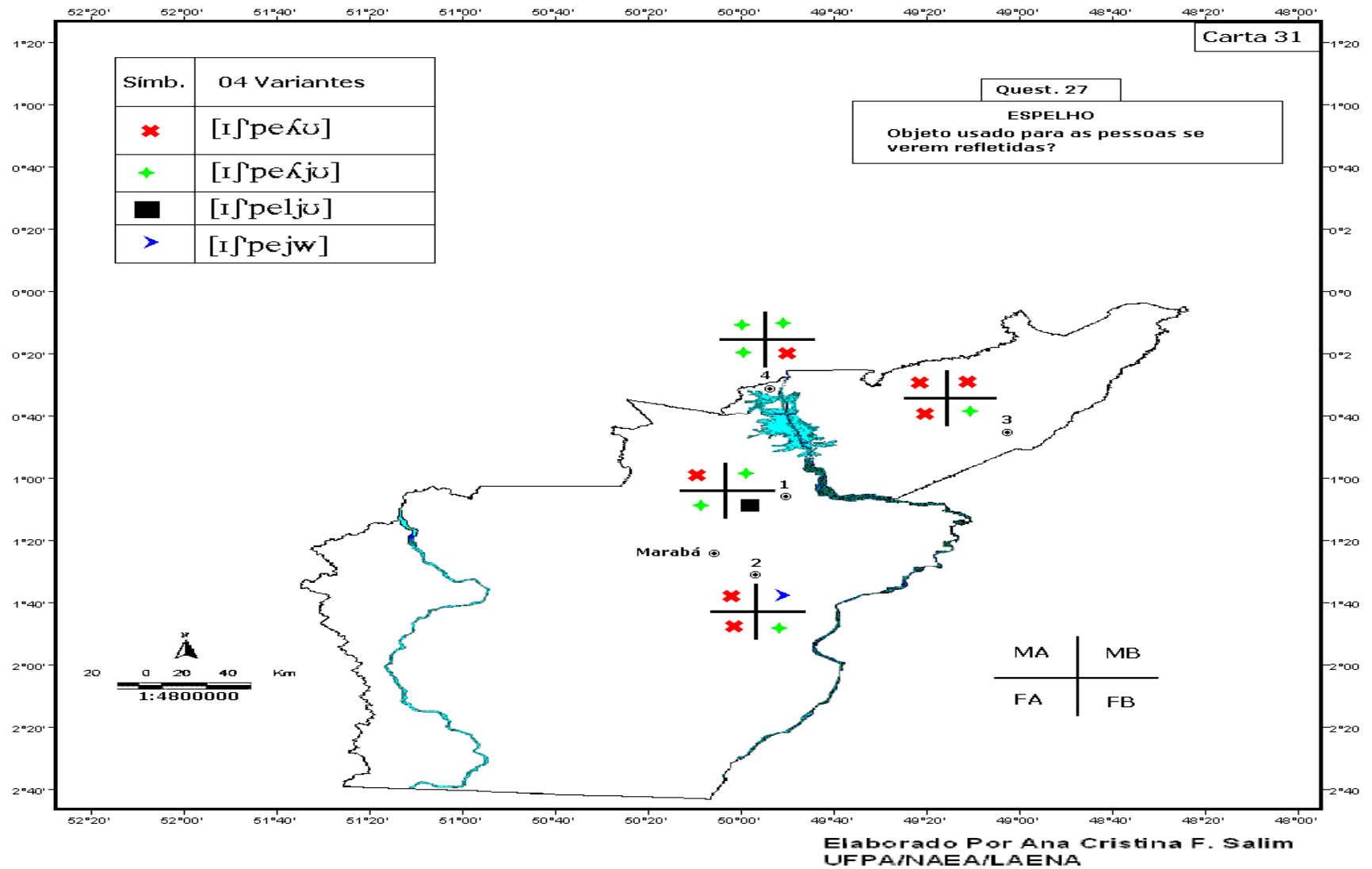


FIGURA 38 – Carta 31 (espelho)

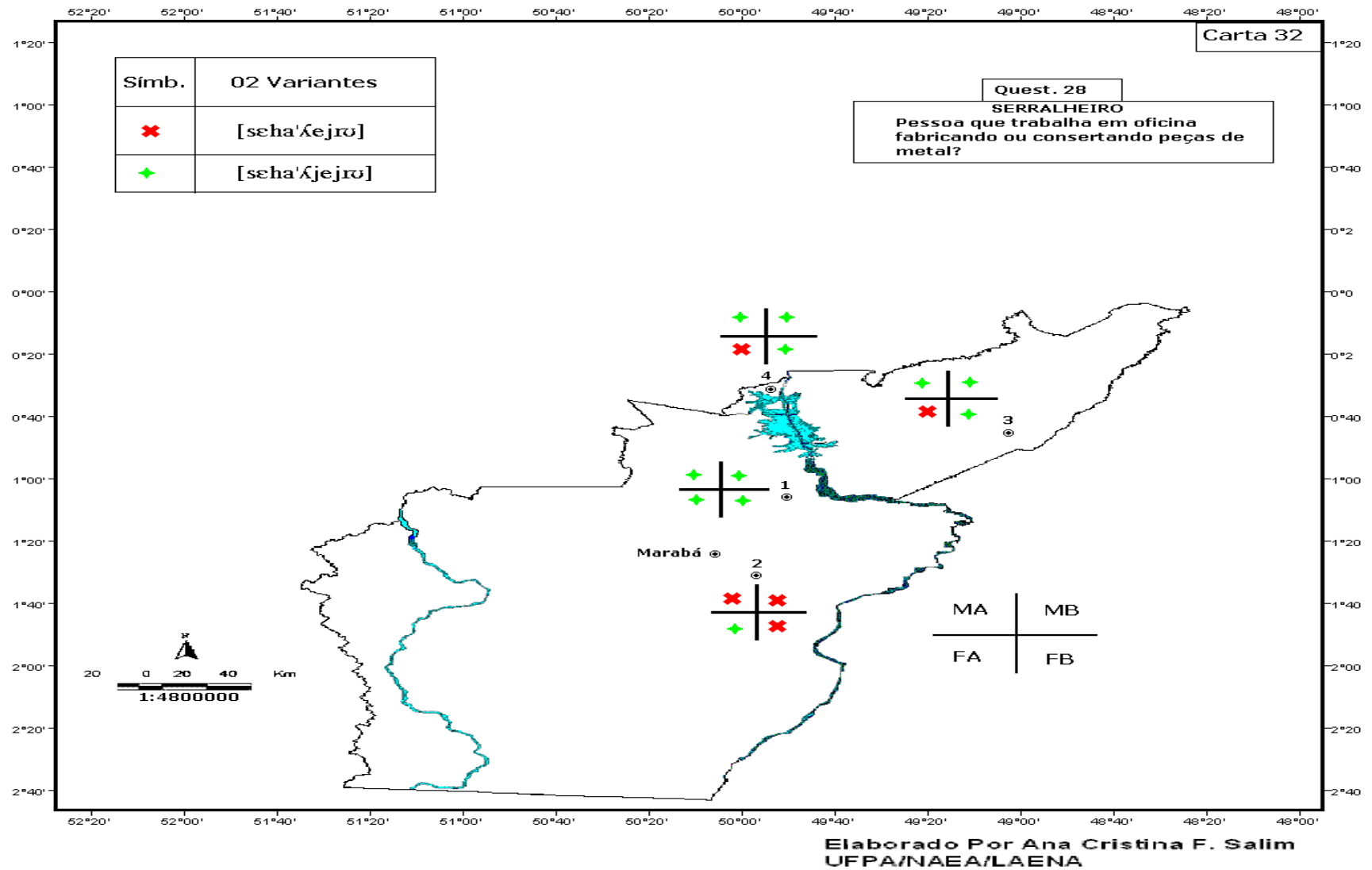


FIGURA 39 – Carta 32 (serralheiro)

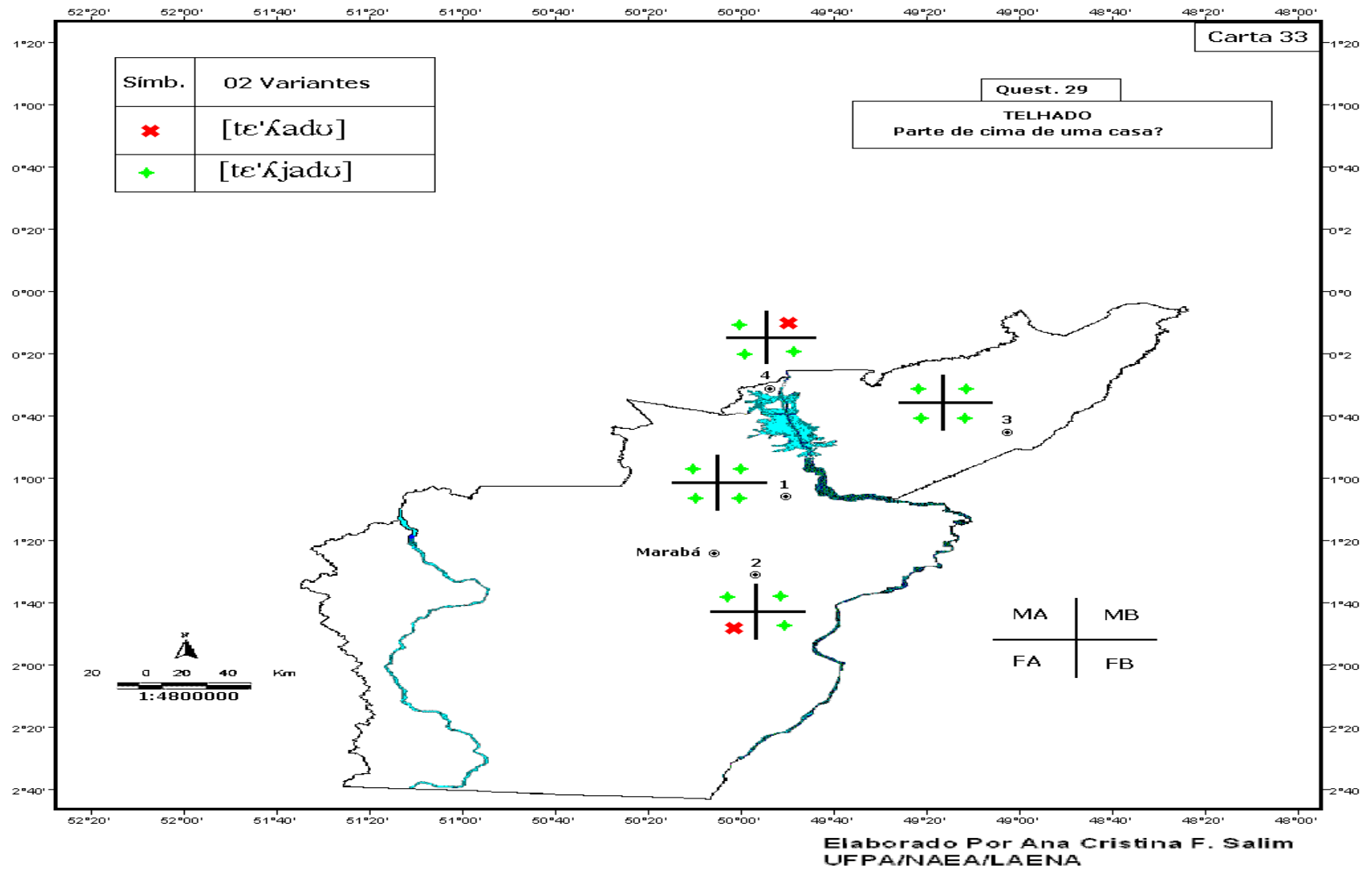


FIGURA 40 – Carta 33 (telhado)

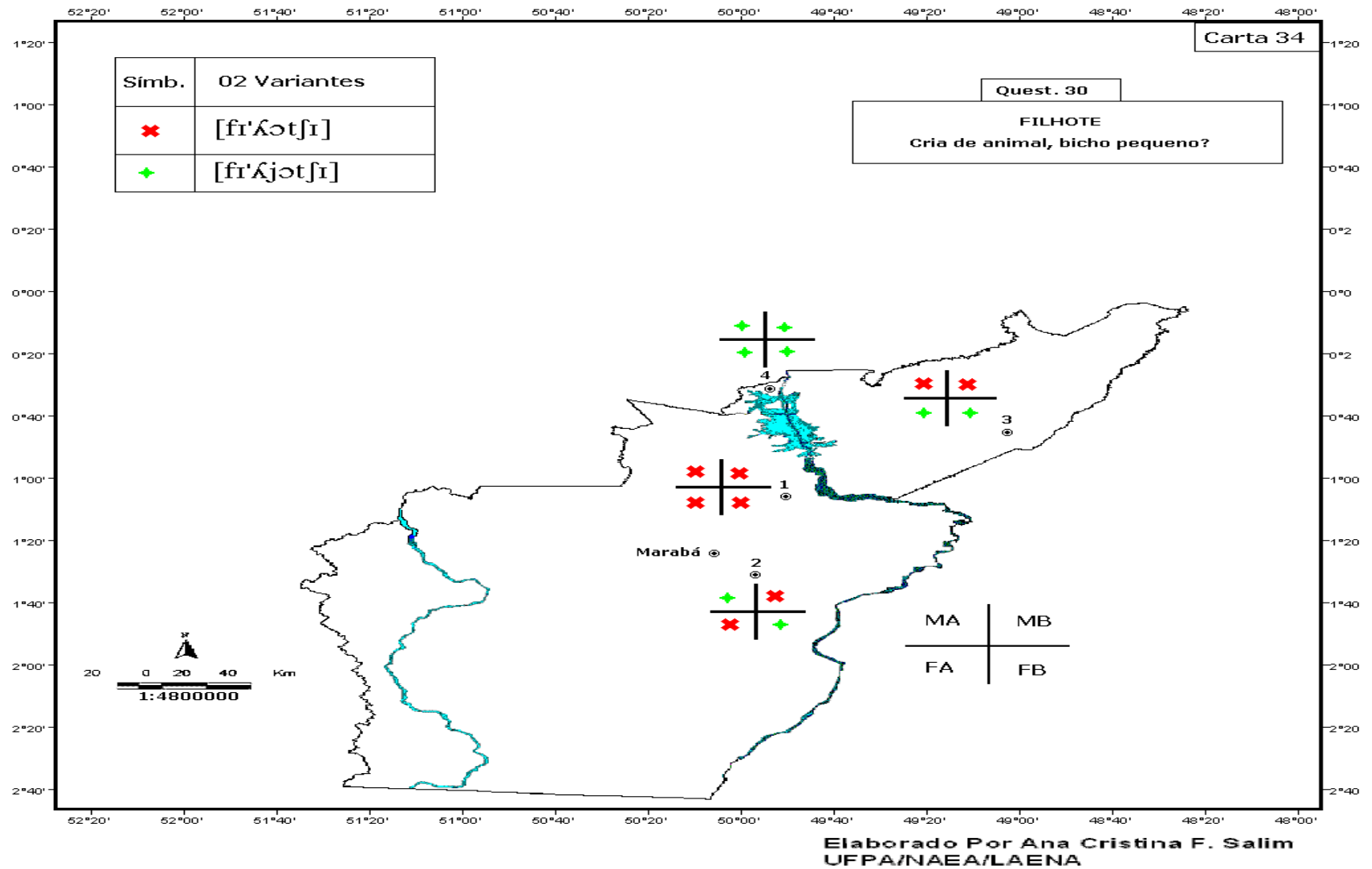


FIGURA 41 – Carta 34 (filhote)

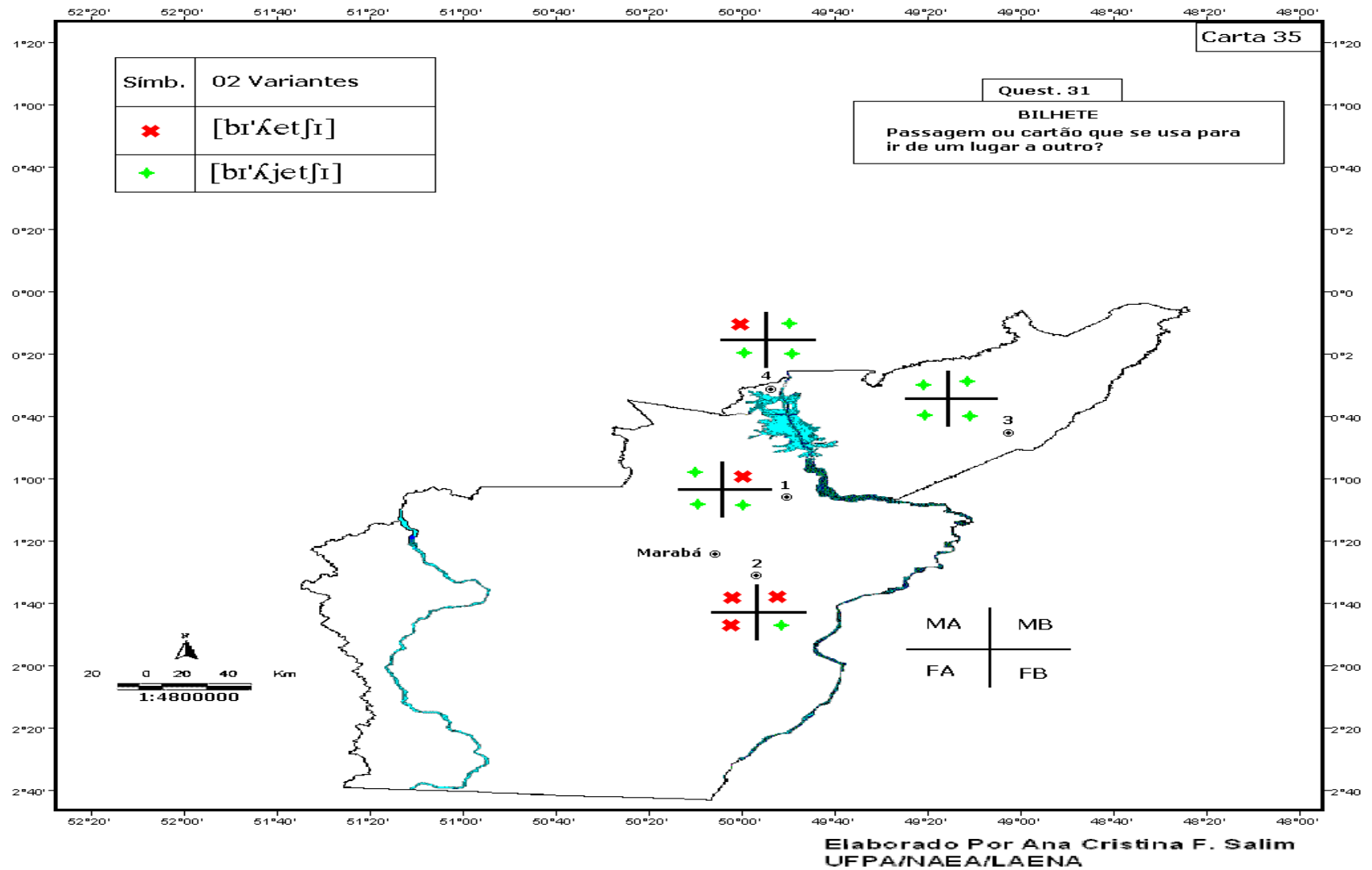


FIGURA 42 – Carta 35 (bilhete)

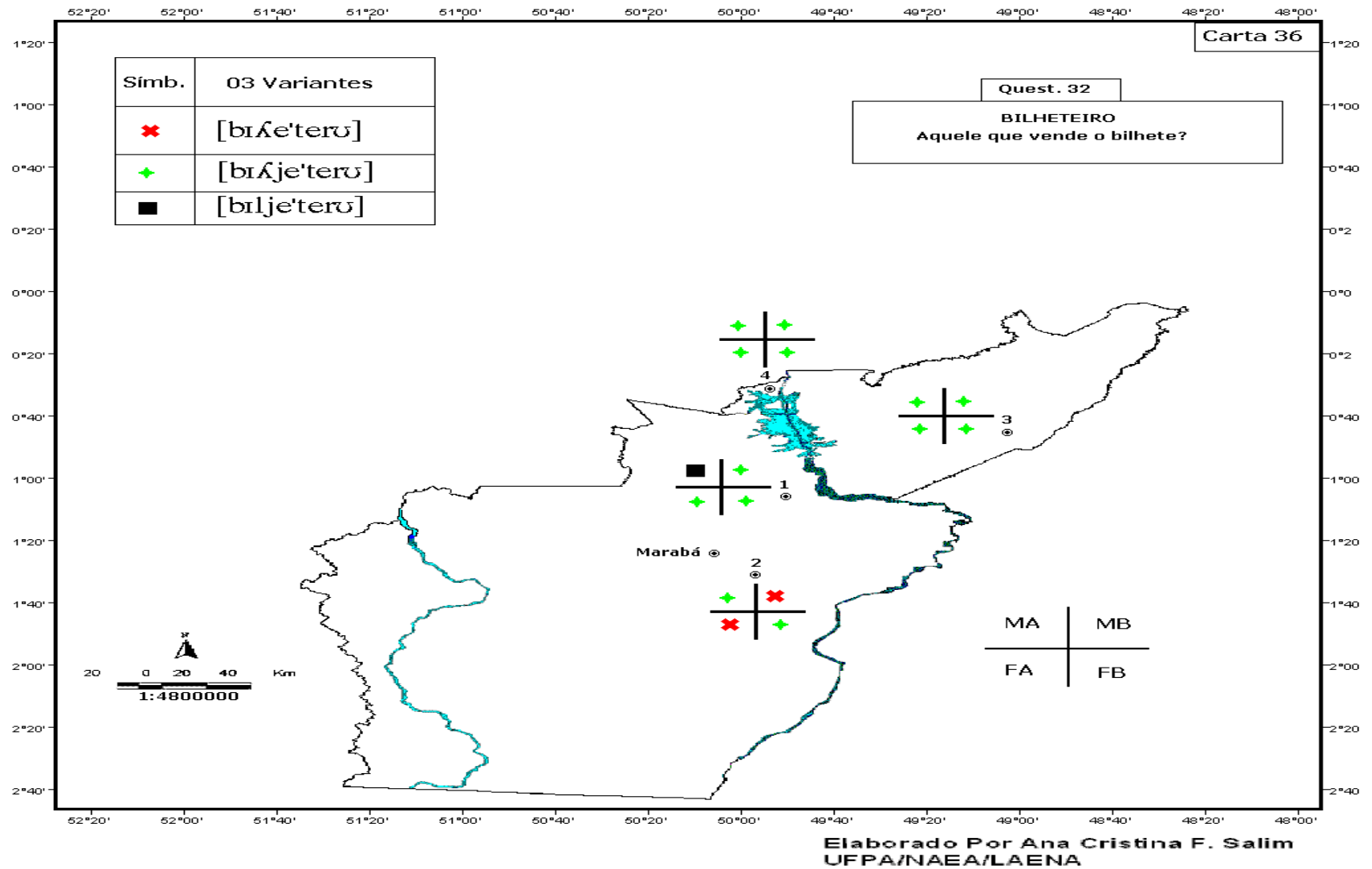


FIGURA 43 – Carta 36 (bilheteiro)

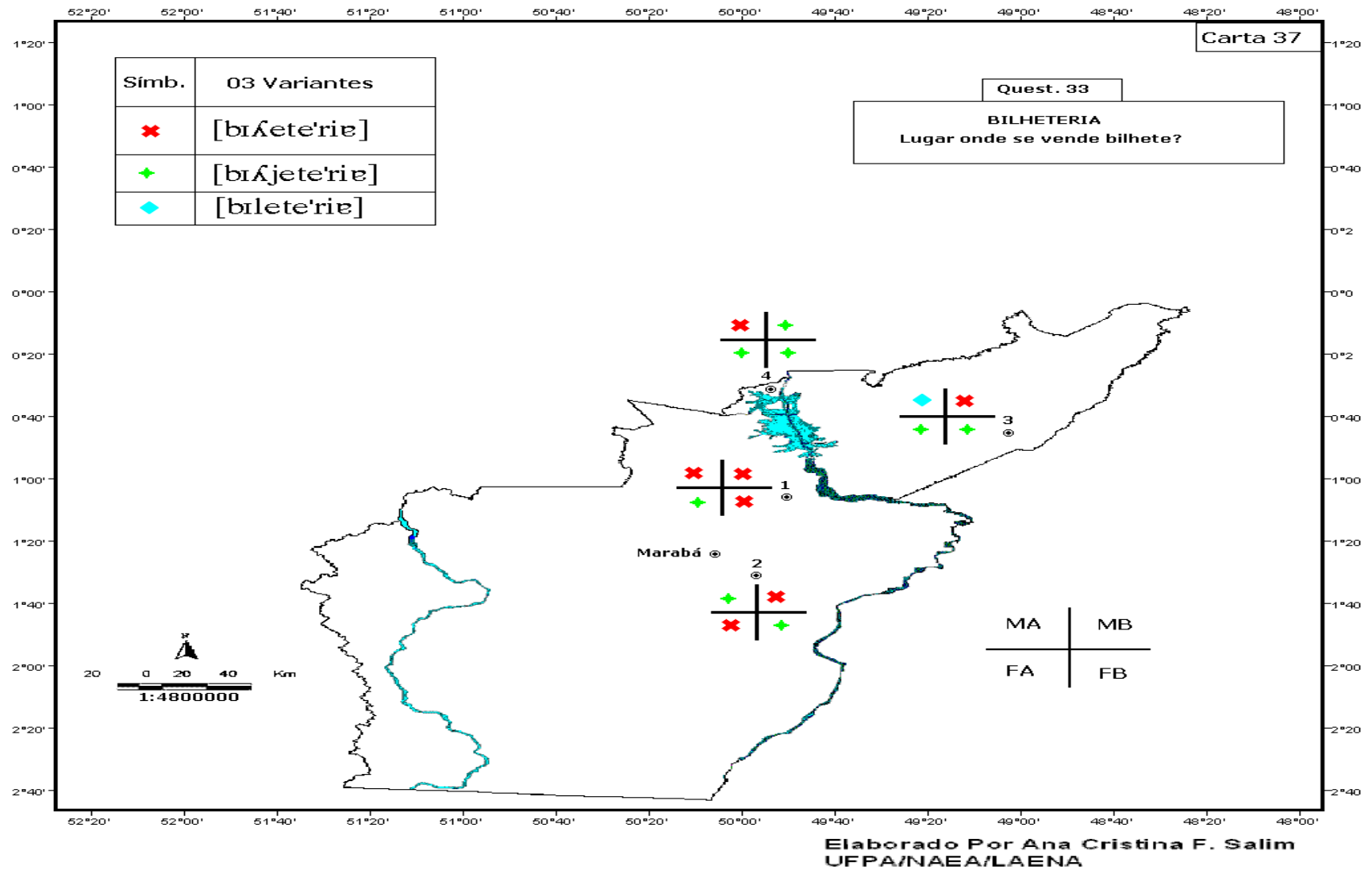


FIGURA 44 – Carta 37 (bilheteria)

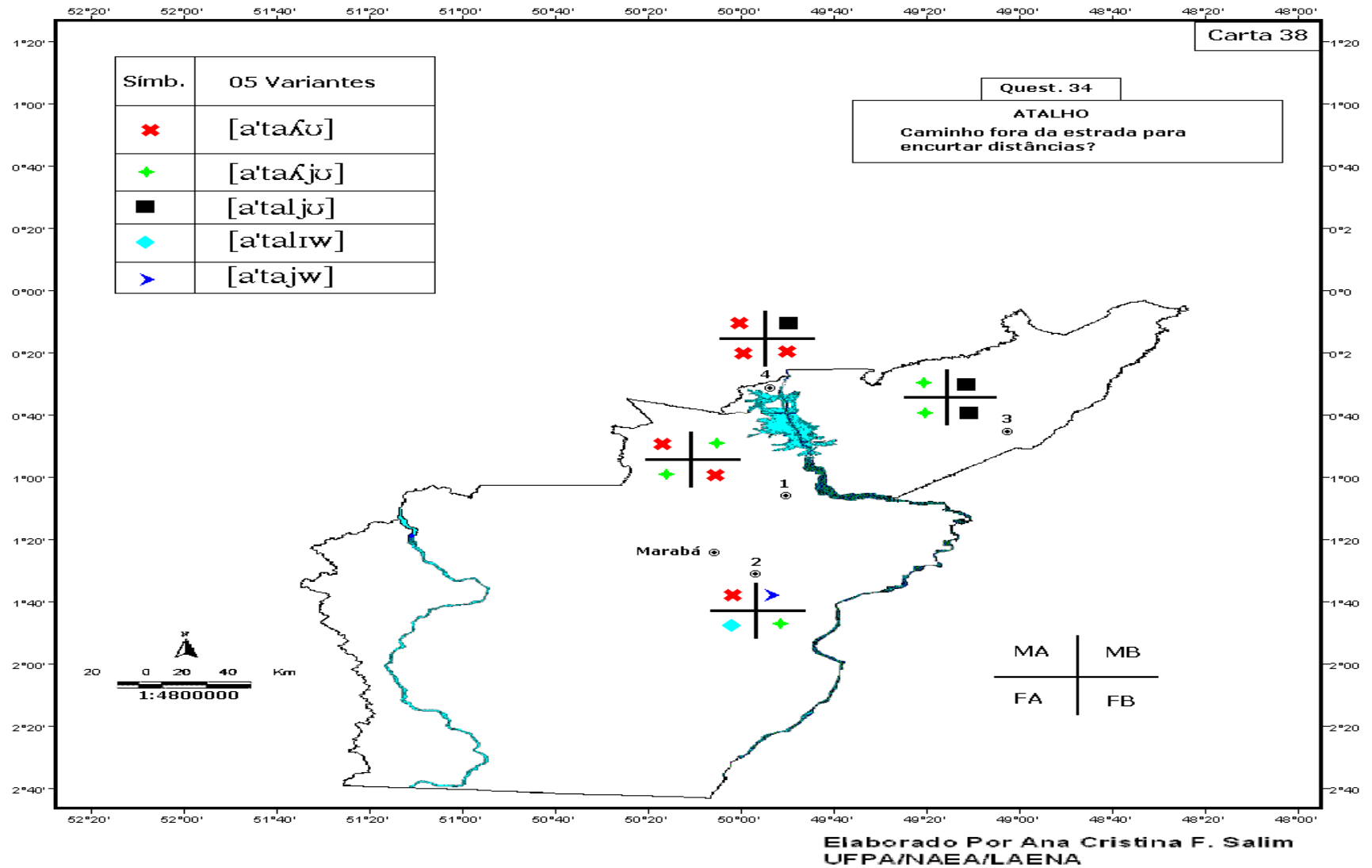


FIGURA 45– Carta 38 (atalho)

4. 5.2 Leitura das Cartas

As cartas lingüística apresentadas na seção anterior recobrem a variação espacial do fonema /k/ nas quatro localidades assim como, na maioria das vezes, confirmam os dados apresentados na análise estatística realizada no começo deste capítulo. Apresentamos nesta seção, uma breve leitura dessas cartas em função principalmente, das realizações de /k/ e de sua distribuição nas quatro localidades, que não se pretende exaustiva.

No que concerne a distribuição espacial das seis variantes de /k/ encontradas neste trabalho temos:

- a) a variante /k/ encontra-se registrada em todas as cartas apresentadas, com exceção da carta nº 08, o que demonstra o seu grau de ocorrência no corpus. Por sua vez, as cidades que mais a favorecem são Curionópolis e Itupiranga, sendo que nesta última é ainda mais recorrente. As cartas 19 e 10, relacionadas aos termos “piolho” e “palha”, respectivamente indicam o maior e o menor número de ocorrências desta variante, no que são produzidas com mais freqüência pelas informantes femininas, das duas faixas etárias;
- b) A segunda variante /kj/ encontra-se presente em todas as cartas. Esta foi a variante que mais ocorreu no corpus (2.065 vezes). Os falantes que mais a produzem são aqueles de Tucuruí e Dom Eliseu, havendo certa equivalência entre as duas cidades, relativa a freqüência dos dados apresentados. Por seu turno, a carta 14 “molhada” representa onde essa variante ocorre mais vezes e na carta 15 “chocalho” esta variante aparece somente na fala de uma informante do sexo feminino de idade mais alta;
- c) A variante [lj] ocorre em 25 das 35 cartas fonéticas apresentadas, sua maior ocorrência, entretanto, está impressa na carta 08 concernente ao vocábulo “malha”, seguida de perto pela carta 06 “alho”. Das quatro cidades estudadas, apresenta-se com mais freqüência em pelo menos três: Dom Eliseu, Tucuruí e

Curionópolis, nesta ordem. Está mais presente na fala das informantes femininas jovens com ensino fundamental;

- d) O fenômeno da semivocalização tão explorado por estudos acerca deste fonema encontra-se também registrado em 08 de nossas 38 cartas, sendo que destas 08 cartas (04, 05, 11, 13, 15, 27, 31 e 38), a variante é mais recorrente nas cidades de Curionópolis e Dom Eliseu. A semivocalização ocorre mais vezes na fala das informantes do sexo feminino e entre os mais jovens;
- e) Por sua vez, a variante [Ø], a qual apresentou menor número de ocorrências no corpus aparece registrada apenas na carta 09, na fala da informante do sexo feminino, da segunda faixa etária no município de Curionópolis. A baixa ocorrência desta variante nas cartas pode ter acontecido em função da técnica de coleta adotada, o questionário, uma vez que ela foi mais recorrente nas narrativas, onde o falante, na maioria das vezes, não policia tanto a sua fala e age de maneira mais espontânea;
- f) Por fim, a variante [l] encontra-se representada em 16 das 38 cartas apresentadas, ocorrendo em 15 cartas no município de Curionópolis e em 01 carta em Dom Eliseu (carta 37). Esta variante ocorre com maior frequência entre os falantes do sexo feminino da primeira faixa etária (18-30 anos) e entre os informantes do sexo masculino de ambas as idades, ocorrendo apenas três vezes entre informantes do sexo feminino da segunda faixa etária.

A despretensiva leitura das cartas que aqui apresentamos - a partir do corpus lingüístico fornecido pelas mesmas - serve apenas como uma amostra de como este estudo pode ser aproveitado para uma tentativa do conhecimento do português regional da variação do fonema lateral palatal /ɬ/.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dar como finalizado o presente estudo - que se constituiu numa tentativa de interação entre a sociolinguística e a geografia linguística - implica impor um limite que ainda não permitiu explorar todos os aspectos considerados importantes em relação aos resultados alcançados. Por isso, faz-se necessário nessas considerações finais elencarmos os principais achados, que não se pretendem definitivos.

Os índices probabilísticos indicam que no falar das 04 cidades estudadas a variante [ʎ] tem os maiores índices de conservação entre os homens, jovens, com nível superior. Enquanto as variantes ditas estigmatizadas [j] e [Ø] têm os maiores índices entre as mulheres, adultas, com baixa escolaridade e fazendo uso da narrativa. Apesar de esses dados igualarem os usos dessas variantes em termos de aceitação social, parece-nos que algumas ressalvas devem ser levadas em consideração, com fazemos a seguir.

Os resultados estatísticos demonstram que em termos de valorização social, a variante [ʎj] apresenta-se como a mais produtiva (43%), com um total de 2.065 ocorrências e a variante [Ø] como a menos produtiva (2,9%), com apenas 138 ocorrências.

Esses dados nos sugerem que os usos das variantes podem estar relacionados à distinção padrão X não-padrão. Talvez o uso de testes de percepção e sensibilidade linguística poderia revelar quais são as variantes padrão, conservadoras e de prestígio, em oposição às não-padrão, inovadoras e estigmatizadas. A partir da análise de nossos dados, as variantes palatais e palatalizadas parecem gozar do status de variante padrão, conservadoras e de prestígio, levando em conta os fatores sociais, ao contrário da semivocalizada e do apagamento.

Quando comparamos as ocorrências entre as variantes encontradas no corpus, percebemos claramente que [ʎ] e [ʎj] aparecem em número bem maior, o que nos leva a

concluir que estas são as variantes padrão no falar das quatro localidades estudadas, enquanto as variantes [j] e [Ø] são as variantes não-padrão. Entretanto, os dados nos mostram também que esta variação não implica mudança de sentido sendo um fenômeno comum ao que acontece no restante do país.

Por outro lado, não só à sociolinguística e aos números se restringiu o nosso estudo. Buscamos ao longo do trabalho a interação com a geografia linguística. O modelo cartográfico utilizado, nos possibilitou “fotografar” as variações do fonema /k/ e nele imprimir dados sociais dos informantes. Os resultados dessas fotografias, por sua vez, comprovam o que os dados estatísticos já haviam nos mostrado, no sentido de caracterizar as variantes encontradas no corpus e eleger aquela que se mostra como a mais produtiva [k] e aquela que se mostra como a variante mais inibida [Ø].

O que nos chama a atenção é o fato de que mesmo fazendo um recorte da amostra, isto é, quando retiramos apenas quatro informantes em cada cidade, de um total de doze, ainda assim as cartas revelam consonância com os dados quantitativos.

Em geral, os estudos de descrição de variedades linguísticas – de regiões, cidades, bairros, etc. – baseiam-se numa certa homogeneidade, forjada por algum recorte de cunho metodológico: ocupação, naturalidade, escolaridade, etc. Nosso trabalho coloca uma questão problemática para o pesquisador. Não pudemos proceder a qualquer recorte metodológico que congregasse um grupo homogêneo ou relativamente homogêneo. O recorte que fizemos nos permitiu observar e descrever a realidade linguística de quatro comunidades naturalmente heterogêneas, que possuem uma população diversificada, formada por indivíduos de origem diversas. Segue-se então, a dificuldade de caracterizar estas comunidades, mesmo em se tratando da análise de um único fonema. Como caracterizar a variedade linguística dessas comunidades novas e diversificadas? Será que

tais comunidades apresentam uma fala característica? Qual a face dessa variedade? Não há resposta definitiva, pelo menos, por enquanto.

Assim, o estudo da variedade lingüística das quatro localidades aqui estudadas, para que possa retratar fielmente a fala das mesmas, deve levar em consideração sua natureza diversificada. Desse modo, este trabalho se constitui como uma primeira abordagem da variedade dessas comunidades considerando a origem diversificada da atual população e seus aspectos diatópicos.

Por hora, o que se pode perceber é que não há na variedade aqui descrita, no que diz respeito exclusivamente *a variação do fonema /x/*, qualquer peculiaridade que possa caracterizar essas comunidades, qualquer marca que possa individualizá-las, diferenciá-las de outras comunidades lingüísticas brasileiras, ou seja, o fenômeno lingüístico registrado aqui pode ser encontrado em outras regiões do país. Exatamente como diz Celso Cunha (1975) quando explica que a migração interna no país “*produziu uma alteração profunda no tabuleiro lingüístico regional*” e que por isso se deve considerar que:

A inexistência de fronteiras dialetais definidas não implica a inexistência de dialetos, bem como os falares, não são coisas concretas, não correspondem a um território delimitado, no qual se esgotam os seus múltiplos traços lingüísticos. Não há talvez dialeto ou falar que não tenha traços comuns a outros; porém o que dá fisionomia própria não são os caracteres isolados, que podem separá-lo ou aproximá-lo de dialetos ou falares contíguos ou distantes, mas o conjunto de traços que apresenta e que nenhum outro reproduz totalmente (CUNHA, 1975, p.53).

Se considerarmos a afirmação feita por COSERIU (1973) de que entre língua e dialeto não há diferenças substanciais e que o comportamento de um é igual ao outro, podemos aplicar à variedade lingüística aqui estudada a tese de MENDONÇA (*apud* TEIXEIRA, 1938, p. 26) de que *um contato prolongado de duas línguas produz em ambas fenômenos de osmose*.

Ao invés de uma marca lingüística individual, o que encontramos nas 04 comunidades pesquisadas foi um número de variantes considerável do fonema /ʎ/ que apresentam um conjunto de traços que se combinam, alguns de forma variável, outros já estabilizados, que acaba por caracterizar as comunidades em questão, isto é, percebemos na fala dos nativos dessas cidades traços que são encontrados em Minas Gérias, em Goiás, em estados nordestinos, enfim, essas comunidades congregam traços lingüísticos do português brasileiro de várias partes do país, mas combinados entre si de forma única, o que pode acabar por caracterizar a fala local de cada cidade.

Assim, a partir dos resultados obtidos em nossa análise, comprovamos que o fenômeno da variação do fonema palatal lateral, no falar dessas 04 comunidades, resulta de um complexo processo de condicionamento que envolve tanto aspectos lingüísticos quanto extralingüísticos. Boa parte de nossas constatações confirmam algumas tendências já observadas por outros estudiosos quanto a realização desse fonema.

REFERÊNCIAS

- AGUILERA**, Vanderci de A. *Aspectos Lingüísticos do Paraná: Esboço de um Atlas Lingüístico de Londrina*. Dissertação de Mestrado. UNESP, Assis, São Paulo, 1987.
- _____. *O Fonema [ʎ]: Realizações Fonéticas. Descrição e sua Comprovação na Fala Popular Paranaense*. In: Encontro Nacional de Fonética e Fonologia, III. Anais. João Pessoa, UFPB, 1988.
- _____. *Atlas Lingüístico do Paraná – ALPR*. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado, 1996
- ALBAN**, Maria Del Rosário. *O que marcar e o que não marcar na transcrição de textos orais*. In: **CARDOSO**, Suzana A. Marcelino. *Diversidade Lingüística e Ensino*. 1ª ed. Editora da UFBA. Salvador, 2004.
- ALINEI**, Mario. *L'Atlas Linguarum Europae: risultati, struttura, storia, prospettivi*. In: **MOUTON**, Pilar García (Ed.). *Geolingüística*. Trabajos europeos. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, p. 1-39, 1994.
- ALVAR**, Manuel. *Estudios Canarios*. Las Palmas, Cabildo Insular de Gran Canaria, 1968.
- _____. *Hacia los Conceptos de lengua, dialecto y hablas*. Nueva Revista de Filología Hispánica. México, D. F. & Austin, Texas, 15, jan/jun, 1961.
- AMARAL**, Amadeu. *O Dialeto Caipira*. São Paulo: Editora Anhembi, 1920.
- ARAGÃO**, Maria do Socorro Silva de. *A Despalatalização e Iotização no Atlas Lingüístico da Paraíba*. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN, I. Atas, v. II, Dialetologia e Sociolingüística. Salvador: UFBA, 1997.
- _____. *A Despalatalização e a Iotização no Falar de Fortaleza*. In: JORNADA DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DO GELNE, XIV. Natal: UFRN, 1996.
- ARAGÃO**, M. do S. Silva de. *Atlas Lingüístico da Paraíba*. Cartas léxicas e fonéticas. Brasília: UFPB/ CNPq, 1984.
- BRANDÃO**, Silvia Figueiredo. *A Geografia Lingüística no Brasil*. Editora Ática. São Paulo, 1991.
- _____. *Sobre a Nasal e a Lateral Palatal no Português do Brasil*. UFRJ, 1996. (inédito).
- CAGLIARI**, Luiz Carlos. *A Palatalização em Português: Uma investigação Palatográfica*. Dissertação de Mestrado. Unicamp: Campinas, São Paulo, 1974.

CAMARA JR., Joaquim Mattoso. *História e Estrutura da Língua Portuguesa*. 3 ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1975.

_____. *Para o Estudo da Fonêmica Portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão Livraria Editora, 1977.

_____. *Princípios de Lingüística Geral*. 5. ed. Rio de Janeiro: Padrão Livraria Editora, 1980.

_____. *Dicionário de Lingüística e Gramática*. 17 Ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1986.

CARDOSO, S. A. M.; **MOTA**, J. A.; **AGUILERA**, V.; **KOCH**, W.; **ARAGÃO**, M. do S. & **ZÁGARI**, M. *Projeto Atlas Lingüístico do Brasil – ALIB*. Salvador; Instituto de Letras/ Universidade Federal da Bahia, 1997.

CARDOSO, Maria Alice Marcelino. *Atlas Lingüístico do Sergipe-II*. Salvador: EDUFBA, 2005.

CARUSO, Pedro. *A Iotização de LH Segundo o Atlas Prévio dos Falares Baianos*. Alfa. São Paulo, nº 27, p. 47-52, 1983.

CHAMBERS, J. K. & **TRUDGILL**, P. *Dialectology*. 4 ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1980.

COSERIU, E. *Teoria del language y lingüística general – cinco estudos* -3ª ed. Madrid: Gredos, 1973.

_____. *La geografia lingüística*. Cuadernos Del Instituto Lingüístico Latinoamericano, Montevideo, n. 11, 1965.

_____. *Sentido y tareas de la dialetología*. México : ALFAL, 1982.

COUTINHO. Ismael de Lima. *Pontos de Gramática Histórica*. 7. Ed. Ver. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.

CUNHA, Celso F. *Língua Portuguesa e realidade brasileira*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

DUBOIS, Jean et alli. *Dicionário de Lingüística*. São Paulo: Ática, 1995.

_____. *Dicionário de Lingüística*. 10 ed. São Paulo: Cultrix, 1998.

FERREIRA, C.; **FREITAS**, J.; **MOTA**, J.; **ANDRADE**, N.; **CARDOSO**, S.; **ROLLEMBERG**, V. & **ROSSI**, N. *Atlas Lingüístico de Sergipe*. Salvador: Universidade Federal da Bahia; Fundação Estadual de Cultura de Sergipe, 1987.

HAUY, Amini Boanain. *História da Língua Portuguesa*.: I. Séculos XII, XIII, XIV. 2 ed. São Paulo: Ática, 1994.

HOUAISS, Antonio. *O Português no Brasil*. 3. ed. Rio de Janeiro: Revan, 1992.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA-IBGE. Dados Preliminares do Censo 2005. Disponível: <<http://www.ibge.gov.br>> Acesso em: abril de 2005.

KOCH, M., KLASSMANN, S. & ALTENHOFEN, Cléo V. *Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil*. Porto Alegre/Florianópolis/Curitiba: Ed. UFRG/ Ed. UFSC/ Ed. UFPR, 2002.

LABOV, William. *The Social Stratification of English in New York City*. Washington, D. C.: Center for Applied Linguistics, 1966.

_____. *Sociolinguistics Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

MADUREIRA, Evelyne Dogliani. *Sobre as Condições da Vocalização da Lateral Palatal no Português*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1987.

MARROQUIM, M. *A Língua do Nordeste*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1934.

MELO, Gladstone Chaves de. *A Língua do Brasil*. 4. ed. Rio de Janeiro: Padrão Livraria Editora, 1981.

MENDONÇA, Renato. *A Influência Africana no Português do Brasil*. 3. ed. Porto: Figueirinhas, 1948.

MERCER, José Luiz. *Notas Sobre o Falar de Imperatriz*. Construtora, Revista de Lingüística, Língua e Literatura. Curitiba: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Católica do Paraná. 2(4): 264, dez, 1947.

MOLLICA, Maria Cecília, BRAGA Maria Luiza (orgs.). *Introdução à sociolingüística: o tratamento da variação*. 2. ed. – São Paulo: Contexto, 2004.

MONTEIRO, José Lemos. *Para Entender Labov*. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

NASCENTES, A. *O Linguajar carioca*. Rio de Janeiro: Organizações Simões, 1922.

OLIVEIRA, Marco Antonio. *Sobre os reflexos sociais da mudança em progresso*. Cadernos de Lingüística e Teoria da Literatura. Belo Horizonte, v. IV, nº 7, 1982.

PARÁ. Lei Estadual nº 062, artigo 36, de 31 de dezembro de 1947. *Estabelece a criação do município de Tucuruí*. Diário Oficial do Estado do Pará, Poder Executivo, Belém, Pa, 02 de janeiro de 1948.

_____. Lei Estadual nº 062, de 31 de dezembro de 1947. *Estabelece a criação do município de Itupiranga*. Diário Oficial do estado do Pará, Poder Executivo, Belém, Pa, 14 de julho de 1948.

_____. Lei Estadual nº 5.444, de 10 de maio de 1988. *Estabelece a criação do município de Curionópolis*. Diário Oficial do Estado do Pará, Poder Executivo, Belém, Pa, 10 de maio 1988.

_____. Lei Estadual nº 5450, de 1º de janeiro de 1989. *Estabelece a criação do município de Dom Eliseu Corolli*. Diário Oficial do Estado do Pará, Poder Executivo, Belém, Pa, 1º de janeiro de 1989.

PENHA, João Alves P. *Aspectos da Linguagem de São Domingos: Tentativa de Descrição da linguagem rural brasileira*. Franca, UNESP, 1972.

PEREIRA, R. C. Mendes. *As Vogais Médias Pretônicas na Fala Pessoaense Urbana*. João Pessoa: UFPB, 1997.

PINTZUK, Susan. *Programas Varbrul*. Trad. Ivone Isodoro Pinto. Rio de Janeiro: Rio de Janeiro: UFRJ, 1989.

PONTES, Ismael. *Regra Variável e Estrutura Sociolingüística: um caminho para sistematização da variação lingüística*. Tese de Doutorado. UNESP: Araraquara, São Paulo, 1996.

RAZKY, Abdelhak.(1998). *O Atlas Geo-Sociolingüístico do Pará: Abordagem Metodológica*. In: *A Geolingüística no Brasil: caminhos e Perspectivas*. UEL, Londrina. p. 155-164.

_____. *Atlas Lingüístico Sonoro do Pará*. Universidade Federal do Pará: CAPES, UTN, 2004.

RODRIGUES, A. N. *O Dialeto Caipira na Região de Piracicaba*. São Paulo: Ática, 1987.

ROMAINE, Suzane. *Language in Society: An Introduction to Sociolinguistics*. Oxford: Oxford University Press, 1994.

ROSSI, Nelson. *Atlas Prévio dos Falares Baianos (APFB)*. Rio de Janeiro: MEC – Instituto Nacional do Livro, 1963.

_____. *A iotização de –lh- em algumas localidades baianas*. In: SIMPÓSIO DE FILOGRAFIA ROMÂNICA. 1º Anais: Rio de Janeiro: MEC. p. 161-182, 1970.

_____. *Variação diatópica e sociolingüística*. In: CONGRESSO NACIONAL DE SÒCIO-ETNOLINGÜÍSTICA, 2, Niterói. Anais: UFF, 1980.

SANKOFF, David (ed). *Linguistics Variation: models and methods*. New York, Academic Press, p. 119-126, 1988.

SANKOFF, D. & LABOV, W. *On the Uses of Variables Rules*. Language Sociology, 8, 189-222, 1979.

SCHERRE, Maria Marta P. *Breve Histórico do Programa de Estudos Sobre o Uso da Língua*. In: SILVA, Giselle Machline de O., SCHERRE, MARTA P. (orgs.) 1996. *Padrões Sociolingüísticos: Análise de Fenômenos Variáveis na Cidade do Rio de Janeiro*. Tempo Brasileiro, 1996.

SILVA, Flávia R. Santoro & MOREIRA, Valéria Regina de O. *O Comportamento das Palatais Lateral e Nasal na Fala de Comunidades Pesqueiras Fluminense*. Jornada de Iniciação Científica da UFRJ, XIX. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, UFRJ, 1997.

SILVA, Thaís Cristófar. *Fonética e Fonologia do Português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2005.

SILVA NETO, Serafim. *Introdução ao Estudo da Língua Portuguesa no Brasil*. 5 ed. Rio de Janeiro: Presença, 1986.

SILVEIRA, Regina Célia Pagliuchi da. *Estudos de Fonologia Portuguesa*. São Paulo: Cortez, 1986.

SILVEIRA, Sousa da. *Lições de Português*. 10 ed. Rio de Janeiro: Ed. Presença, 1988.

SOARES, Eliane P. Machado. *Variações dos Fonemas Palatais Lateral e Nasal no Falar de Marabá – PA*. Dissertação de Mestrado, p. 95, Universidade Federal do Pará, Belém, 2002.

SPINA, Segismundo. *História da Língua Portuguesa. III. Segunda Metade do século XVI e Século XVII*. São Paulo: Ática, 1987.

TARALLO, Fernando. *A Pesquisa Sociolingüística*. 7. ed. São Paulo: Ática, 2003.

TEIXEIRA, J. de Ap. *O falar Mineiro*. Separata do Arquivo Municipal de São Paulo, 1938.

ZÁGARI, M. R. Lobuglio; RIBEIRO, José; PASSINI, José & GAIO, A. Pereira. *Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais*. Rio de Janeiro: MEC; Casa Rui Barbosa; Universidade Federal de Juiz de Fora, 1977.

ANEXOS

VOLUME II

ANEXO A

CÓD. _____

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO DO INFORMANTE

Nome:	
Idade:	
Sexo:	Masculino () Feminino ()
Estado civil:	Solteiro () Casado () Outros ()
Local de Nascimento:	
Já viajou:	Sim () Não ()
Tempo fora da localidade:	
Nome da mãe:	
Nome do pai:	
Naturalidade dos pais: mãe	
Pai	
Profissão da mãe:	
Profissão do pai:	
Escolaridade dos pais: mãe	
Pai	
Profissão:	
Prestou serviço militar:	Sim () Não ()
Pretende continuar morando nesta cidade: Sim () Não ()	
Aparelho Fonador:	
Características psicológicas:	Tímido () Inteligente () Sarcástico ()
Grau de espontaneidade da fala:	
Local da entrevista:	
Duração da entrevista:	
Duração do questionário:	
Observações sobre a entrevista:	
Observações sobre o questionário:	
Data da aplicação:	
Inquiridor:	
Condições do tempo:	

ANEXO B

QUESTIONÁRIO FONÉTICO-LEXICAL

OBJETIVO: Realizações de /ʎ/

1. Qual é a parte da perna que fica entre a coxa e a canela. (JOELHO)
2. A atividade que uma pessoa faz para ganhar dinheiro honestamente. (TRABALHO)
3. Tempero que se coloca em comida, em forma de dentes. (ALHO)
4. Pedaco ou resto de pano recortado. (RETALHO)
5. Tipo de tecido, mole, delicado. (MALHA)
6. Tipo de material usado em cobertura de casas. (TELHA, PALHA)
7. Cano usado para escoar a água da chuva. (CALHA)
8. Parte da planta que nasce nos galhos. (FOLHA)
9. Parte da planta em que nasce as flores, os frutos. (GALHO)
10. Quando uma pessoa pega chuva ou cai água sobre ela, como ela fica. (MOLHADA)
11. Campainha usada no pescoço de animais para ser localizado (ou brinquedo usado por bebês que faz barulho). (CHOCALHO)
12. Tipo de jogo feito com cartas de vários naipes. (BARALHO)
13. Parte de terra localizada no meio de rio ou mar. (ILHA)
14. Objeto usado em rádios, brinquedos que serve para fazê-los funcionarem. (PILHA)
15. Inseto que dá no couro cabeludo e provoca muita coceira. (PIOLHO)
16. Livro usado em escolas para a criança aprender a ler, que tem o ABC. (CARTILHA)

17. Qual o mês de férias e de praia na cidade no meio do ano. (JULHO)
18. Parte do corpo que serve para enxergar. (OLHO)
19. Ruídos altos, fortes que incomodam. (BARULHO)
20. Leite passado, azedo, tomado com açúcar. (COALHADA)
21. Inseto que produz cera e mel. (ABELHA)
22. Instrumento usado para por a linha para costurar. (AGULHA)
23. A fêmea do homem é a... (MULHER)
24. Objeto usado para tomar sopa. (COLHER)
25. Tipo de tranca de ferro corrediça para fechar portas, portões e janelas. (FERROLHO)
26. Bola de ar que se forma por causa da água ou quando uma pessoa se queima. (BOLHA)
27. Objeto usado para as pessoas se verem refletidas. (ESPELHO)
28. Pessoa que trabalha em oficina consertando ou fabricando peças de metal: portas, janelas, portões. (SERRALHEIRO)
29. Cria de animal, bicho pequeno. (FILHOTE)
30. Passagem ou cartão que se usa para ir de um lugar para outro. (BILHETE)
31. Aquele que vende bilhete. (BILHETEIRO)
32. Lugar onde se vende bilhete. (BILHETERIA)
33. Caminho fora da estrada para encurtar distâncias. (ATALHO)

ANEXO C

ROTEIRO DAS ENTREVISTAS

- 1 – Você gosta da sua cidade? O que ela tem de bom, de bonito?
- 2 – Quais as vantagens e desvantagens de morar aqui?
- 3 – O que falta na sua cidade? (sobre: saúde, educação, saneamento básico, diversão)
- 4 – O que você costuma fazer nos finais de semana? Que lugares você costuma freqüentar? Quais são as festas tradicionais da cidade?
- 5 – Quais são as comidas típicas daqui? Do que você gosta?
- 6 – Você gosta de cozinhar? O que você faz melhor? – receitas – (somente para mulheres)
- 7 – O que você espera da atuação do Brasil na copa do mundo? (somente para os homens)
- 8 – Qual a sua religião?
- 9 – O que Deus significa para você?
- 10 – O que é pecado para você?
- 11 – Você tem medo da morte? Qual a sua opinião a respeito?
- 12 – Você se lembra de alguma história que o povo mais antigo daqui conta?
- 13 – O que você acha que pode melhorar em sua cidade, quais são suas expectativas para o futuro de sua cidade?

ANEXO D



Hidrelétrica de Tucuruí - Pa



Centro de Tucuruí-Pa



Plantação de soja, Dom Eliseu-Pa



Pôr-do-sol (Praia do Macaco), Itupiranga-Pa



Rua 04, Centro de Curionópolis – Pa/2005



Garimpo de Serra Pelada -Pa /1985



Garimpo de Serra Pelada -Pa/2005

ANEXO E

PONTOS LINGÜÍSTICOS INVESTIGADOS

ASPECTOS GEO-ECONÔMICOS E HISTÓRICOS DOS MUNICÍPIOS

Serviram como fonte dos dados referentes aos aspectos geográficos, econômicos e históricos dos 04 (quatro) pontos lingüísticos pesquisados os seguintes órgãos:

Apostilas escolares fornecidas pelas Prefeituras Municipais

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, site: www.ibge.com.br

Enciclopédia dos Municípios Brasileiros (1999)

Municípios do Pará (2004)

Constituição do estado do Pará (2004)

Ponto 01 – ITUPIRANGA

A origem do Município de Itupiranga está na povoação de Lago Vermelho fundado por volta de 1896, por extratores de caucho vindos do Estado de Goiás. O nome Itupiranga é de origem tupi e significa Lago Vermelho ou Cachoeira Vermelha.

Data de criação do município: 14 de julho de 1948.

Nomes anteriores: Lago Vermelho

População - 2005: 60.691 habitantes

Altitude: entre 90 e 150 m

Mesorregião: Sudeste e microrregião de Tucuruí

Área total: 7.914,60 km²

Municípios mais próximos: Marabá, Jacundá, Tucuruí, Novo Repartimento, Nova Ipixuna, José Porfírio e Pacajá.

História geral do município: Inicialmente, Itupiranga pertencia ao Município de Baião e, em 1915, foi desanexado, passando a fazer parte do novo Município de Marabá. Com a Lei n.º 8, de 31 de outubro de 1935, Itupiranga apresentou-se como distrito de Marabá.

No Decreto-Lei n.º 3.131, de 31 de outubro de 1938, que estabeleceu a divisão territorial do Estado, a vigorar no quinquênio 1939-1943, Itupiranga continuou a fazer parte de Marabá como distrito. A mesma divisão continuou para o quinquênio 1944-1948, fixada pelo Decreto-Lei n.º 4.505, de dezembro de 1943.

Em 31 de dezembro de 1947, através da Lei n.º 62, os distritos de Itupiranga e Jacundá foram desanexados de Marabá para formarem o Município de Itupiranga, o qual foi instalado em 14 de julho de 1948. Gentil Bittencourt Cohen foi eleito e empossado como primeiro prefeito do Município. Com o disposto na Lei n.º 158, de 31 de dezembro de 1948, o Município era formado dos distritos de Itupiranga e Jacundá.

Em 29 de dezembro de 1961, pela Lei n.º 2.460, Jacundá foi elevado à categoria de Município, sendo, portanto, seu território desanexado de Itupiranga.

Cerca de 60 habitantes compõem a população de Itupiranga. Desse total 29.812 são mulheres e 33.044 são homens. Os habitantes da Zona Rural estão em maior número, 44.180 enquanto os da Zona Urbana significam apenas 18.676.

A sociedade encontra-se estratificada em diversas camadas. Há profissionais de todas as áreas, desde aqueles que prestam serviços públicos até aqueles do setor privado. No que são atendidos com sistema de água tratada e fornecimento de energia elétrica, 09 (nove) estabelecimentos de saúde, escolas que oferecem desde o Ensino Fundamental ao Médio, um

pólo de uma universidade particular, 02 (duas) agências bancárias. Nas últimas eleições 25.411 eleitores votaram.

Sua economia é de predominância rural: agricultura (milho, arroz, castanha-do-pará) e pecuária (bovino).

O município é servido por rodovia asfaltada, Rodovia Transamazônica (BR-230), distando da capital estadual 356 km.

Atualmente, Itupiranga é constituído somente do distrito - sede.

Ponto 02 – CURIONÓPOLIS

O nome Curionópolis foi escolhido em homenagem ao “Major Curió”, que exerceu grande autoridade e liderança sobre os garimpeiros, no período de 1981-82, quando era coordenador do garimpo de Serra Pelada.

Data de criação do município: 01 de janeiro de 1989.

Nomes anteriores: km 30

Localização: O município de Curionópolis está localizado a uma distância de 615 km, da capital do estado, Belém. Chega-se a cidade através de duas vias de acesso, pela PA-150 e pela PA – 275. Limita-se ao Norte com Marabá, a Leste com São Geraldo do Araguaia, ao Sul com Xinguara e a Oeste com Parauapebas.

População - 2005: 19.486 habitantes

Altitude:

Mesorregião: Sudeste e microrregião de Marabá

Área total: 2.289,10 km²

Municípios mais próximos: Eldorado do Carajás, Parauapebas e Marabá

História geral do município: Curionópolis originou-se, como município, do desdobramento do Município de Marabá e surgiu de um aglomerado de pessoas que, no final da década de 70, se localizou no km 30 da rodovia PA-275, na expectativa de trabalho na implantação do projeto Ferro Carajás, na construção da estrada de ferro Carajás - Ponta da Madeira ou em busca de ouro, nas dezenas de pequenos garimpos que proliferaram naquela região.

Com a ocorrência de ouro na Serra Pelada, no início dos anos 80, Curionópolis consolidou-se como núcleo de apoio a essa atividade e como local de residência das mulheres e filhos de garimpeiros que à época, eram impedidos de ingressar na Serra Pelada.

Desenvolveu-se, assim, um comércio diversificado e um setor de serviços: hotéis, pensões, bares, lanchonetes, boites entre outros, que consolidou Curionópolis como povoação, definitiva, mesmo depois que o ouro daquele garimpo escasseou-se.

Em 10 de maio de 1988, através da Lei Estadual n.º 5.444, Curionópolis foi elevado à condição de município. Sua instalação ocorreu em 1º de janeiro de 1989, com a posse do prefeito Salatiel Almeida, eleito em 15 de novembro de 1988.

A economia da cidade recebe incentivos da empresa Vale do Rio Doce, no sentido de explorar ao máximo as riquezas minerais ali existentes, o que impulsiona os números da economia. Região fortemente colonizada por migrantes de toda parte do país, devido a exploração do garimpo de Serra Pelada, o município recebe ainda, mas não com tanta intensidade, garimpeiros que tentam achar a sorte grande.

A cidade conta ainda com estação de água tratada e fornecimento de energia elétrica, inclusive em alguns pontos da zona rural. Há 06 (seis) estabelecimentos de saúde, 01 (uma)

agência bancária. Nas últimas eleições cerca de 9.000 (nove) mil eleitores compareceram às suas seções para votar.

O Município é constituído somente do distrito - sede.

Ponto 03 – DOM ELISEU

O nome Dom Eliseu foi escolhido em homenagem ao bispo Dom Eliseu

Data de criação do município: 01 de janeiro de 1989.

Nomes anteriores: Felinto Muller

Localização: Está localizado a uma distância de 450 Km da capital do estado, Belém. Chega-se a Dom Eliseu por duas vias de acesso: BR-316 e BR-010. O município faz limite ao Norte com as cidades de Paragominas e Ulianópolis. Ao Sul com o Estado do Maranhão e com a cidade de Rondon do Pará. À Leste com o Estado do Maranhão e a Oeste com os municípios de Rondon do Pará e Goianésia do Pará.

População - 2005: 19.486 habitantes

Altitude:

Mesorregião: Sudeste e microrregião de Paragominas

Área total: 5.297,40 km²

Municípios mais próximos: Rondon do Pará, Abel Figueiredo e Utinga

História geral do município: A história de formação de Dom Eliseu está relacionada ao Município de Paragominas, pois Dom Eliseu pertencia àquele Município, como povoado, com o nome de Felinto Muller, até que, em 14 de setembro de 1983, foi elevado à categoria de distrito com o nome de Dom Eliseu. Em 10 de maio de 1989, através da Lei n.º 5.450, Dom Eliseu passou à condição de Município, sendo seu território desmembrado do município de

Paragominas. A instalação do Município ocorreu em 1º de janeiro de 1989, com a posse do prefeito eleito, senhor Antônio Jesus de Oliveira.

O Município é constituído somente do distrito - sede.

A população de Dom Eliseu, assim como aconteceu em boa parte do território paraense, é uma população híbrida, composta na sua maioria por imigrantes vindos de toda parte do país. Segundo dados preliminares do IBGE para 2005, sua população é composta por cerca de 39.428 habitantes, dentre os quais 14.019 são mulheres e 14.842 são homens e 10.567 crianças com idade inferior a dez anos. Deste total 55% são residentes na Zona Urbana e os outros 45% na Zona Rural.

A economia está basicamente ligada à indústria madeireira e à agropecuária. (soja, milho e feijão). O município conta com 11 (onze) estabelecimentos de saúde, 03 (três) agências bancárias, 35 escolas de Ensino Fundamental e 01 de Ensino Médio, Há fornecimento de água tratada e energia elétrica, assim como serviço de telefonia fixa e móvel. Nas últimas eleições, 23.772 eleitores compareceram às urnas para votar.

Ponto 04 – TUCURUÍ

O nome Tucuruí é de origem Tupi, língua das várias tribos indígenas que ainda habitam a região. Para alguns autores o vocábulo viria de: Tucuruí - gafanhoto e Y - rio; assim, Tucuruí + y seria rios dos gafanhotos.

Data de criação do município: dezembro de 1943

Nomes anteriores: Freguesia de São Pedro do Alto Tocantins e São Pedro de Alcobaça

Localização: Tucuruí está situada a uma distância de 385 km da capital do estado, Belém. O acesso à cidade se dar pela PA-150 e pelo Rio Tocantins. Ao Norte limita-se com o município de Baião, ao Sul com Novo Repartimento, a Leste com Breu Branco e a Oeste com Pacajá.

População - 2005: 73.798 habitantes

Altitude:

Mesorregião: Sudeste

Área total: 2.095,5 km²

Municípios mais próximos: Breu Branco, Pacajá, Novo Repartimento e Jacundá.

História geral do município: O município de Tucuruí foi fundado em 1781, pelo governador e capitão-general, José Nápoles Telles de Menezes, mas não com este nome. Nessa época, o lugar era um povoado, com duplo caráter sobre a navegação do rio Tocantins, o fiscal e o militar. Depois, pela Lei n.º 661, de 31 de outubro de 1870 foi criada a Freguesia de São Pedro do Alto Tocantins, no lugar Pederneiras, dentro do Município de Baião, sendo substituído mais tarde, pelo de São Pedro de Alcobaça, através da Lei n.º 839, de abril de 1875. Essa denominação continuou até dezembro de 1943, quando, pelo decreto - Lei n.º 4.505 surgiu o nome de Tucuruí. Só quatro anos depois, no governo de Moura Carvalho, o município foi desmembrado de Baião, tornando-se independente. As primeiras eleições para prefeito de Tucuruí aconteceram em 1948, nesse mesmo ano a Câmara Municipal foi instalada pela primeira vez.

A colonização do lugar deveu-se a grande procura de pessoas pela região do Tocantins, não só atrás das riquezas naturais, como também pela comunicação com o Estado de Goiás.

O nome Tucuruí é de origem Tupi, língua das várias tribos indígenas que ainda habitam a região. Para alguns autores o vocábulo viria de: Tucuruí - gafanhoto e Y - rio; assim, Tucuruí + y seria rios dos gafanhotos. Mas alguns autores, como Danúzio Pompeu, consideram essa uma interpretação equivocada. Fundamentado numa obra de Luiz Caldas Tibiriçá, Dicionário de

Topônimos Brasileiros de Origem Tupi, o verbete Tucuruí viria de Tycu - roy - líquido frio, gelado. De acordo com autor, essa definição seria mais aceitável, porque nas imediações da cidade, os rios e os igarapés são de águas frías.

O desenvolvimento propriamente dito do município de Tucuruí se deu por volta de 1957, quando começaram os primeiros estudos para a construção de uma hidrelétrica e assim aproveitar o potencial do rio Tocantins. Esses estudos iniciais continuaram pela década de sessenta. Mas os trabalhos para a construção da hidrelétrica só foram intensificados na década seguinte.

A construção da Vila Permanente para abrigar os operários da obra quebra todos os recordes mundiais de terraplanagem. As vilas da Eletronorte, verdadeiros condomínios fechados, são o primeiro mundo encravado na Amazônia com água e esgoto tratados, ruas pavimentadas, supermercados, escolas e creches.

Finalizada a etapa de construção da hidrelétrica, na segunda metade da década de oitenta, a desativação gradual das vilas Temporária I e II propiciaram uma melhoria na infra-estrutura urbana de Tucuruí. A Usina Hidrelétrica de Tucuruí foi inaugurada em 22 de novembro de 1984 pelo presidente João Figueiredo. Com os *royalties* da produção de energia elétrica e da área inundada pela barragem, Tucuruí só perde em arrecadação para a capital do Estado. Assim é que a cidade, a partir dos anos noventa, muda radicalmente a sua face. Passando a dispor de uma belíssima urbanização e a gozar de uma boa infra-estrutura governamental.

Foi com o advento da obra da hidrelétrica que se fez a reforma agrária às margens do lago da hidrelétrica, onde foram construídas estradas vicinais e assentados milhares de pequenos agricultores. A inundação de vários povoados pelo lago da hidrelétrica obrigou a Eletronorte a construir dois povoados com infra-estrutura urbana: Novo Repartimento na porção sudoeste e Breu Branco a leste foram emancipados de Tucuruí em 31 de dezembro de 1992.

Assim, observa-se que o desenvolvimento e prosperidade de Tucuruí sempre vieram atrelados aos grandes projetos e incentivos do Governo Federal. Agora, está em andamento a construção das eclusas, que proporcionarão a navegabilidade do rio Tocantins até o planalto central, assim como, a segunda etapa da Usina, que duplicará a sua capacidade geradora.

O município de Tucuruí, localizado no Sudeste do Pará, já é, há vários anos, reconhecido pela Empresa Brasileira do Turismo (EMBRATUR) como Município Turístico, o que significa dizer que o lugar está entre aqueles considerados capazes de gerar um mercado turístico efetivo, com deslocamentos e estadas de fluxo permanente. Além disso, Tucuruí possui atrativos naturais que o qualificam como um pólo receptor de turistas.

A população de Tucuruí é composta de 85.499 habitantes, sendo que destes 42.321 são mulheres e 43.178 são homens. A maioria da população se concentra na Zona Urbana cerca de 70.577 e 14.922 na Zona Rural.

A sociedade é composta desde engenheiros, advogados, médicos, professores, comerciantes até pescadores. A par do que acontece em outras cidades do Brasil, Tucuruí tem sua população claramente dividida. Primeiro há aqueles que habitam as vilas construídas pela Eletronorte e recebem qualidade de vida comparada aos grandes centros do resto do país e segundo, há aqueles que habitam a cidade propriamente dita, que por sua vez não têm o mesmo privilégio de desfrutar dos serviços oferecidos aos habitantes das vilas.

É sabido que a economia de Tucuruí está diretamente ligada ao incentivo do governo federal, mas nem só a este ramo se reduz. O município é conhecido também pelo seu imenso potencial pesqueiro, sendo um dos principais fornecedores de peixe do estado. Não esquecendo ainda a pecuária e a agricultura que também contribuem para o desenvolvimento do município.

O município conta ainda com 22 (vinte e dois) estabelecimentos de saúde, 06 (seis) agências bancárias, rede de supermercados, escolas particulares e públicas, dentre as quais um

campus da Universidade Federal do Pará que oferece cursos de graduação e, é claro, o turismo, principal atividade econômica e impulsionadora do desenvolvimento da cidade. Nas últimas eleições cerca de 53.513 eleitores compareceram às urnas para votar.

ANEXO F

CARACTERIZAÇÃO DOS INFORMANTES POR LOCALIDADE

Designamos por A as informantes do sexo feminino e por B os informantes do sexo masculino. As informações apresentadas abaixo obedecem à seguinte ordem: Iniciais do nome completo. Escolaridade. Local de nascimento. Idade. Profissão. Tempo de residência no local. Estado civil. Viagens realizadas. Local de nascimento dos pais. Local da entrevista. Período do dia (manhã, tarde, noite). Condições do tempo. Inquiridor (C.F.N. para Carlene Ferreira Nunes) e Data da entrevista.

01 – Itupiranga

(Inf. A) – **A. S. F.** Nível Superior. Itupiranga (PA). 30 anos. Pedagoga. 30 anos. Casada. Viagens de férias para cidades vizinhas. Pais do interior do Pará. Casa da informante. Noite (21:00 h). Boa. C.F.N. 26/01/2006.

(Inf. A) – **E. S. A.** Ensino Fundamental (8ª série). Itupiranga (PA). 28 anos. Balconista em uma lanchonete. 28 anos. Solteira. Nunca viajou. Pais do interior do Maranhão. Local de trabalho. Cair da tarde (17:30 h). Amena. C.F.N. 25/01/2006.

(Inf. A) – **Z. S. S.** Ensino Fundamental (8ª série). Itupiranga (PA). 30 anos. Dona-de-casa. 30 anos. Solteira. Nunca viajou. Pais do interior do Maranhão. Casa da informante. Tarde (14:00 h). Chuvoso. C. F. N. 26/01/2006.

(Inf. A) – **E. A. L. S.** Ensino Superior. Itupiranga (PA). 65 anos. Professora aposentada. Viúva. 65 anos. Viagens de férias em municípios vizinhos. Mãe Itupiranguense e pai paraense de outra localidade. Casa da informante. Manhã (09:00 h). Ensolarado. C.F.N. 24/01/2006.

(Inf. A) – **M. I. M. L.** Ensino Fundamental (4ª série). Itupiranga (PA). 57 anos. Dona-de-casa. 57 anos. Casada. Nunca viajou. Pais do interior do Maranhão. Casa da informante. Tarde (15:00 h). Ensolarado. C.F.N. 24/01/2006.

(Inf. A) – **M. R. M.** Não-escolarizada. Itupiranga (PA). 65 anos. Dona-de-casa. 65 anos Casada. Nunca viajou. Mãe paraense e pai maranhense. Casa da informante. Cair da tarde. (17:30 h). Boa. C.F.N. 20/01/2006.

(Inf. B) – **H. S. L** Nível Superior. Itupiranga (PA). 30 anos. Pedagogo. 30 anos. Casado. Nunca viajou. Pais naturais de Itupiranga. Casa do informante. Tarde (14:20 h). Chuvoso. C.F.N. 19/01/2006.

(Inf. B) – **M. A .S.** Ensino Fundamental (7ª série). Itupiranga (PA). 23 anos. Estudante. 23 anos. Solteiro. Viagens de férias para a capital paulista. Mãe paraense e pai cearense. Casa do informante. Manhã (10:00 h). Ensolarado. C.F.N. 15/01/2006.

(Inf. B) – **D. C. S.** Ensino Fundamental (7ª série). Itupiranga (PA). 27 anos. Comerciante. 27 anos. Viúvo. Viagens a trabalho em cidades vizinhas. Mãe goiana e pai mineiro. Casa do informante. Tarde (16:00 h). Ensolarado. C. F. N. 15/01/2006.

(Inf. B) – **J. F. L.** Nível Superior. Itupiranga (PA). 58 anos. Professor de Matemática. 57 anos. Divorciado. 01 ano em Belém para concluir curso superior. Mãe de Tocantins e pai paraense. Local de trabalho. Manhã (08:00 h). Ensolarado. C. F. N. 23/01/2006.

(Inf. B) - **L. S. M.** Não-escolarizado. Itupiranga (PA) 65 anos. Pescador aposentado. 65 anos. Casado. Uma viagem a Belém. Mãe paraense e pai maranhense. Casa do informante. Cair da tarde (17:45 h). Ameno. C. F. N. 23/01/2006.

(Inf. B) – **G. P. N.** Não-escolarizado. Itupiranga (PA). 65 anos. Lavrador e político aposentado. 55 anos. Casado. Viagens a trabalho para a capital do estado. Pais cearenses. Casa do informante. Tarde (14:00 h). Ensolarado. C.F.N. 20/01/2006.

02 – Curionópolis

(Inf. A) – **E. S. S. C.** Nível Superior. Imperatriz (MA). 24 anos. Tecnóloga em saúde pública. 23 anos. Solteira. Viagem de 01 ano para Teresina. Mãe maranhense e pai piauiense. Local de trabalho. Manhã (09:00 h). Ensolarado. C.F.N. 20/12/2005.

(Inf. A) – **F. S. C.** Ensino Fundamental (8ª série). Curionópolis (PA). 23 anos. Estudante. 23 anos. Solteira. Uma viagem de férias a capital do estado. Pais naturais do Maranhão. Casa da informante. Tarde (13:00 h). Ensolarado. C. F. N. 16/12/2005.

(Inf. A) - **A. S. C.** Ensino Fundamental (8ª série). Curionópolis (PA). 22 anos. Estudante. 22 anos. Solteira. Nunca viajou. Casa da informante. Tarde (16:00 h). Amena. C. F. N. 16/12/2005.

(Inf. A) – **S. P. G.** Nível Superior. Itambacuri (MG). 60 anos. Pedagoga. 30 anos. Casada. Algumas viagens de férias. Local de trabalho (escola). Manhã (11:00 h). Ensolarado. C. F. N. 17/12/2005.

(Inf. A) – **E¹. B. S.** Não – escolarizada. Olho d’água Tolentino (MA). 65 anos. Lavradora aposentada. 35 anos. Divorciada. Nunca viajou. Hospital em que estava internada. Manhã (08:20 h). Ensolarado. C. F. N. 11 e 12/12/2005.

¹ Informante já morava no Km 30 há pelo menos 15 anos.

(Inf. A) – **F. S. C.** Ensino Fundamental (4ª série). Apazível (PI). 55 anos. Dona-de-casa. 45 anos. Viúva. Nunca viajou. Pais naturais do estado do Piauí. Casa da informante. Tarde (15:00 h). Chuvoso. C. F. N. 17/12/2005.

(Inf. B) – **J. Z. M.** Nível Superior. Tucuruí (PA). 27 anos. Secretário de saúde. 23 anos. Casado. Viagens a trabalho a capital do estado. Mãe mineira e pai capixaba. Local de trabalho (hospital). Tarde (14:00 h). Ensolarado. C. F. N. 12/12/2005.

(Inf. B) – **J. C. O. S.** Ensino Fundamental (8ª série). Matias Olímpios (PI). 28 anos. Agente de saúde. 27 anos. Solteiro. Nunca viajou. Pais maranhenses. Casa do informante. Manhã (11:00 h). Ensolarado. C. F. N. 13/12/2005.

(Inf. B) – **I. O. S.** Ensino Fundamental (8ª série). Curionópolis (PA). 26 anos. Vigilante. 26 anos. Solteiro. Nunca viajou. Pais maranhenses. Casa do informante. Tarde (13:00 h). Ensolarado. C. F. N. 13/12/2005.

(Inf. B) – **R. A. G.** Nível Superior. Belém (PA). 55 anos. Professor de Matemática. 25 anos. Casado. Viagens a trabalho. Pais paraenses. Casa do informante. Manhã (08:00 h). Ensolarado. C. F. N. 18/12/2005.

Obs.: Como explicado no corpo do trabalho, nesta localidade não conseguimos encontrar os dois informantes do sexo masculino com idade entre 55 e 65 anos com ensino fundamental.

03 – Dom Eliseu

(Inf. A) – **A. C. C.** Nível Superior. Dom Eliseu (PA). 28 anos. Pedagoga. 28 anos. Solteira. Viagem a trabalho para a capital do estado. Pais naturais da Bahia. Casa da informante. Manhã (08:00 h). Ensolarado. C. F. N. 20/03/2006.

(Inf. A) – **M. B. L. S.** Não-escolarizada. Dom Eliseu (PA). 27 anos. Serviços Gerais. 27 anos. Divorciada. Nunca viajou. Pais naturais do Maranhão. Local de trabalho (hotel). Tarde (13:00 h). Ensolarado. C. F. N. 22/03/2006.

(Inf. A) – **J. C. S.** Ensino Fundamental (8ª série). Dom Eliseu (PA). 25 anos. Recepcionista. 25 anos. Solteira. Viagem por motivo de doença para Teresina (PI). Pais naturais da Bahia. Local de trabalho (hotel). Noite (19:30 h). Chuvoso. C. F. N. 22/03/2006.

(Inf. A). **V. B. S.** Nível Superior. Belém (PA). 56 anos. Professora de Português. 27 anos. Casada. Viagem a trabalho para a capital do estado. Pais naturais de Belém. Casa da informante. Manhã (09:00 h). Ensolarado. C. F. N. 23/03/2006.

(Inf. A) – **I. J. S.** Ensino Fundamental (8ª série). Rondon do Pará (PA). 55 anos. Comerciante. 35 anos. Divorciada. Viagem só a trabalho. Mãe mineira e pai baiano. Casa da informante. Noite (20:00 h). Amena. C. F. N. 24/03/2006.

(Inf. A) – **I. J. S.** Ensino Fundamental (4ª série). Jacobina (BA). 60 anos. Comerciante. 36 anos. Viúva. Viagem de férias para municípios vizinhos. Pais naturais da Bahia. Casa da informante. Cair da tarde (17:50 h). Amena. C. F. N. 20/03/2006.

(Inf. B) – **J. L. S. P.** Nível Superior. Dom Eliseu (PA). 25 anos. Técnico em Informática. 25 anos. Casado. Viagem a trabalho. Pais naturais de Belém. Casa do informante. Noite (21:00 h). Ameno. C. F. N. 19/03/2006.

(Inf. B) – **W. A. L. S.** Ensino Fundamental (8ª série). Dom Eliseu (PA). 22 anos. Atendente de hotelaria. 22 anos. Solteiro. Nunca viajou. Pais naturais do Maranhão. Local de trabalho (hotel). Cair da tarde (18:00 h). Amena. C. F. N. 21/03/2006.

(Inf. B) – **M. A. C.** Não-escolarizado. Dom Eliseu (PA). 25 anos. Recepcionista. 25 anos. Solteiro. Nunca viajou. Pais naturais do Maranhão. Local de trabalho (hotel). Noite (22:00 h). Chuvoso. 18/03/2006.

(Inf. B) – **G. F.** Nível Superior. Belém (PA). 55 anos. Administrador de empresas. 25 anos. Casado. Viagem a trabalho. Pais naturais de Belém. Casa do informante. Manhã (10:30 h). Ensolarado. C. F. N. 15/03/2006.

(Inf. B) – **V. F.** Ensino Fundamental (5ª série). Pâncreas (ES). 55 anos. Mecânico. 40 anos. Casado. Nunca viajou. Pais naturais de Minas Gerais. Local de trabalho (hotel). Manhã (07:30 h). Chuvoso. C. F. N. 14/03/2006.

(Inf. B) – **B. B. M.** Ensino Fundamental (8ª série). Ourém (PA). 55 anos. Agente de saúde. 45 anos. Casado. Viagem a trabalho. Pais naturais do Pará. Hotel. Manhã (07:00 h). Amena. C. F. N. 13/03/2006.

04 – Tucuruí

(Inf. A) - **A. C. D. L.** Nível Superior. Tucuruí (PA). 28 anos. Professora de Português. 28 anos. Solteira. Viagens só de férias. Pais naturais de Tucuruí. Casa da informante. Tarde (14:00 h). Chuvoso. C. F. N. 10/02/2006.

(Inf. A) – **F. E. S.** Ensino Fundamental (7ª série). Tucuruí (PA). 29 anos. Dona-de-casa. 29 anos. Solteira. Nunca viajou. Pais naturais do Ceará. Biblioteca da escola. Manhã (11:25 h). Ensolarada. C. F. N. 22/02/2003.

(Inf. A) – **F. F. B.** Ensino Fundamental (7ª série). Tucuruí (PA). 24 anos. Auxiliar administrativo. 24 anos. Casada. Nunca viajou. Mãe natural de Porto Velho e pai natural de Cametá. Biblioteca da escola. Manhã (11:00 h). Ensolarado. C. F. N. 23/02/2006.

(Inf. A) – **C. M. C. V.** Nível Superior. Colinas (MA). 55 anos. Diretora de escola. 30 anos. Casada. Viagens a trabalho. Pais naturais do Maranhão. Biblioteca da escola. Tarde (17:00 h). Chuvoso. C. F. N. 22/02/2006.

(Inf. A) – **M. A.C.** Não-escolarizada. Cametá (PA). 55 anos. Merendeira. 50 anos. Divorciada. Nunca viajou. Pais naturais do Pará. Local de trabalho (biblioteca da escola). Noite (19:25 h). C. F. N. 24 e 25/02/2006.

(Inf. A) – **A. M. S.** Não-escolarizada. Tucuruí (PA). 55 anos. Dona-de-casa. 55 anos. Viúva. Nunca viajou. Pais naturais do Pará. Casa da informante. Noite (20:00 h) C. F. N. 26/02/2006.

(Inf. B) – **J. B.** Nível Superior. Tucuruí (PA). 26 anos. Digitador. 26 anos. Solteiro. Nunca viajou. Pais naturais de Tucuruí. Casa do informante. Manhã (09:30 h). C. F. N. 12/02/2006.

(Inf. B) – **M. E. S. V.** Ensino Fundamental (8ª série). Tucuruí (PA). 29 anos. Autônomo. 29 anos. Solteiro. Viagens de férias pelo interior do estado. Pais naturais de Cametá. Biblioteca da escola. Noite (19:00 h) C. F. N. 23/02/2006.

(Inf. B) - **A. S. L.** Ensino Fundamental (6ª série). Tucuruí (PA). 23 anos. Técnico em piscicultura. 23 anos. Solteiro. Viagem a capital do Maranhão. Pais naturais do Maranhão. Biblioteca da escola. Noite (19:00 h) C. F. N. 18/02/2006.

(Inf. B) – **L. H. B. S.** Nível Superior. Jacundá (PA). 61 anos. Diretor de escola. 54 anos. Divorciado. Viagens a trabalho. Mãe natural do Maranhão e pai natural do Ceará. Local de trabalho (biblioteca da escola). Manhã (08:00 h). C. F. N. 03/02/2006.

(Inf. B) – **P. C.** Ensino Fundamental (8ª série). Tucuruí (PA). 55 anos. Técnico em telecomunicações. 55 anos. Casado. Viagens de férias. Pais naturais de Belém. Casa do informante. Tarde (16:00 h). C. F. N. 17/02/2006.

(Inf. B) – **T. M. R.** Ensino Fundamental. Cametá (PA). 62 anos. Aposentado. 52 anos. Casado. Nunca viajou. Pais naturais de Cametá. Local de trabalho (loja). Manhã (08:00 h). C. F. N. 24/02/2006.

ANEXO G

DADOS DO VARBRUL

Arquivo de especificação

11
d

coluna 1: variantes realizadas
A lateral palatal
B lateral palato alveolar
C lateral seguida de semivogal
D semivocalização
F apagamento
G lateral alveolar

ABCDFG
nil

coluna 2: segmento fonético antecedente
a baixa central
i alta anterior fechada
u alta posterior fechada
E média anterior aberta
o média posterior fechada
e média anterior fechada
O média posterior aberta
aiuEoeO
/

coluna 3: segmento fonético subsequente
b alta posterior
c alta anterior
d ditongo
f baixa
g média anterior
h média posterior
j média anterior nasal
l baixa nasal
Q média posterior nasal
bcd fghj lQ
nil

coluna 4: tonicidade da sílaba
m átona pretônica
n átona postônica
p tônica oxítônica
q tônica paroxítônica
mnpq
nil

coluna 5: estrutura silábica da palavra
r dissílaba
s trissílaba
t polissílaba
rst
nil

coluna 6: classe gramatical da palavra
u substantivo
v verbo
x adjetivo
z advérbio
y pronome
uvxzy
nil

coluna 7: sexo

H homem
M mulher
HM
nil

coluna 8: idade
1 18-30 anos
2 50-65 anos
12
nil

coluna 9: escolaridade
3 fundamental
4 superior
34
nil

coluna 10: localidade
5 curionópolis
6 itupiranga
7 tucuruí
8 dom eliseu
5678
nil

coluna 11: narrativa x questionário
N narrativa
Q questionário
NQ
nil
.....

ANEXO H

Arquivo de dados - Os dados apresentados no arquivo de dados e os respectivos códigos dizem respeito ao que está no arquivo de especificação.

Itupiranga Alessandra Silva de Figueiredo feminino 30 anos superior

(AabnsuM146N 1- karvalho)
(AEbnrxM146N 2- velhu)
(AifnruM146N 3- filha)
(AibnruM146N 4- filhus)
(AibnruM146N 5- filhu)
(AEhprxM146N 6- melhor)
(AubnruM146N 7- julhu)
(AalqtvM146N 8- trabalhandu)
(AibnruM146N 9- filhu)
(BafptvM146N 10- atrapalhar)
(BabnsuM146N 11- trabalho)
(AabnsuM146N 12- trabalho)
(AEhprxM146N 13- melhor)
(AabnsuM146N 14- trabalho)
(AafnsvM146N 15- trabalha)
(BabnsuM146N 16- trabalho)
(COfprvM146N 17- olhar)
(COfprvM146N 18- olhar)
(COfprvM146N 19- olhar)
(COLqsvM146N 20- olhandu)
(COLqsvM146N 21- olhandu)
(CubnruM146N 22- julhu)
(AebnsuM146Q 23- joelhu)
(BafpsvM146Q 24- trabalhar)
(CabnsuM146Q 25- alhu)
(CabnsuM146Q 26- retalhu)
(BafnruM146Q 27- malha)
(BefnruM146Q 28- telha)
(BafnruM146Q 29- palha)
(BafnruM146Q 30- kalha)
(AofnruM146Q 31- folha)
(AabnruM146Q 32- galhu)
(BOfqsxM146Q 33- molhada)
(AofqsuM146Q 34- chocalhu)
(AabnsuM146Q 35- baralhu)
(BifnruM146Q 36- ilha)
(BifnruM146Q 37- pilha)
(CobnsuM146Q 38- piolhu)
(BifnsuM146Q 39- cartilha)
(AubnruM146Q 40- julhu)
(CobnruM146Q 41- olhu)
(AabnsuM146Q 42- barulhu)
(BafqsuM146Q 43- coalhada)
(AefnsuM146Q 44- abelha)
(AufnsuM146Q 45- agulha)
(AugpruM146Q 46- mulher)
(AogpruM146Q 47- colher)
(CobnsuM146Q 48- ferrolhu)
(BofnruM146Q 49- bolha)
(AebnsuM146Q 50- espelhu)
(AadqtuM146Q 51- serralheiru)
(BefqsuM146Q 52- telhadu)
(AigqsuM146Q 53- filhoti)
(BigqsuM146Q 54- bilheti)
(AigmtuM146Q 55- bilheteiru)
(AigmtuM146Q 56- bilheteria)
(AabnsuM146Q 57- atalhu)

Itupiranga Edna Alair Lemos feminino 65 anos superior

(BEfnrxM246N 01- velha)
(BifnruM246N 02- filhas)

(AOgpsvM246N 03- escolher)
 (AOgqtvM246N 04- escolheru)
 (AOgqtvM246N 05- escolheru)
 (BOfnrvM246N 06- olha)
 (AubnruM246N 07- julhu)
 (AubnruM246N 08- julhu)
 (AihqtxM246N 09- maravilhosa)
 (BifnruM246N 10- filha)
 (CubnruM246N 11- julhu)
 (CubnruM246N 12- julhu)
 (CubnruM246N 13- julhu)
 (AEbnrxM246N 14- velhu)
 (AifnruM246N 15- filha)
 (AalqtuM246N 16- magalhães)
 (BOfqsvM246N 17- olhada)
 (CodqsvM246N 18- olhou)
 (CEbnrxM246N 19- velhu)
 (AOfnrvM246N 20- olha)
 (AibnruM246N 21- filha)
 (BafnsvM246N 22- trabalha)
 (AebnsuM246N 23- conselho)
 (DecpsuM246Q 24- juei)
 (AalqtvM246Q 25- trabalhandu)
 (AabnruM246Q 26- alhu)
 (AabnsuM246Q 27- retalhu)
 (AafnruM246Q 28- malha)
 (AefnruM246Q 29- telha)
 (BafnruM246Q 30- palha)
 (BafnruM246Q 31- calha)
 (AofnruM246Q 32- folha)
 (BahnruM246Q 33- galhos)
 (AOfqsxM246Q 34- molhada)
 (AabnsuM246Q 35- chocalhu)
 (AabnsuM246Q 36- baralhu)
 (BifnruM246Q 37- ilha)
 (AifnruM246Q 38- pilha)
 (AobnsuM246Q 39- piolhu)
 (AifnsuM246Q 40- cartilha)
 (AubnruM246Q 41- julhu)
 (AObnruM246Q 42- olhus)
 (AubnsuM246Q 43- barulhu)
 (BafqsuM246Q 44- coalhada)
 (BefnsuM246Q 45- abelha)
 (BufnsuM246Q 46- agulha)
 (AugpruM246Q 47- mulher)
 (AOgpruM246Q 48- colher)
 (AobnsuM246Q 49- ferrolhu)
 (AofnruM246Q 50- bolha)
 (AebnsuM246Q 51- espelhu)
 (AadqtuM246Q 52- serralheiru)
 (BefqsuM246Q 53- telhadu)
 (AihqsuM246Q 54- filhoti)
 (AigqsuM246Q 55- bilheti)
 (AigmtuM246Q 56- bilheteiru)
 (AigmtuM246Q 57- bilheteria)
 (CacnsuM246Q 58- atalhu)

 Itupiranga Zelia de Sena Santos feminino 30 anos fundamental

(AibnruM136N 01- filhus)
 (AugpruM136N 02- mulher)
 (AibnruM136N 03- filhu)
 (AibnruM136N 04- filhu)
 (AibnruM136N 05- filhu)
 (BafpsvM136N 06- trabalhar)
 (BafpsvM136N 06- trabalhar)
 (CafnruM136N 07- palia)
 (CafmtuM136N 08- paliazia)
 (CafnruM136N 09- palia)
 (BEhmtvM136N 10- melhorandu)

(BEhmtvM136N 11- melhoranu)
(AifnruM136N 12- filhus)
(BugpruM136N 13- mulher)
(AifnruM136N 14- filhus)
(AifnruM136N 15- filhus)
(BafpsvM136N 16- trabalhar)
(BadpsvM136N 17- trabalhei)
(CabnsuM136N 18- trabalhu)
(BafpsvM136N 19- trabalhar)
(BadpsvM136N 20- trabalhei)
(AibnruM136N 21- filhu)
(BadpsvM136N 22- trabalhei)
(BafpsvM136N 23- trabalhar)
(CabnsuM136N 24- trabalhu)
(AibnruM136N 25- filhu)
(BadpsvM136N 26- trabalhei)
(BafpsvM136N 27- trabalhar)
(BafqtvM136N 28- trabalhava)
(AEhqsxM136N 29- melhoris)
(AubnruM136N 30- julhu)
(AifntuM136N 31- maravilha)
(AogpruM136N 32- molher)
(AubnruM136N 33- julhu)
(AugpruM136N 34- mulher)
(AifntuM136N 35- maravilha)
(BOfnrvM136N 36- olha)
(GubnruM136N 37- julhu)
(BifntuM136N 38- maravilha)
(CubnruM136N 39- juliu)
(CubnruM136N 40- juliu)
(CubnruM136N 41- juliu)
(AifntuM136N 42- maravilha)
(AifntuM136N 43- maravilha)
(COfnrvM136N 44- olia)
(AifntuM136N 45- maravilha)
(AibnruM136N 46- filhu)
(AibnruM136N 47- filhu)
(AibnruM136N 48- filhu)
(AehnrxM136N 49- melhor)
(AibnruM136N 50- filhus)
(AEhnrxM136N 51- melhor)
(GEfnrxM136N 52- velia)
(AugpruM136N 53- mulher)
(AibnruM136N 54- filhus)
(BafpsvM136N 55- trabalhar)
(BafpsvM136N 56- trabalhar)
(BafpsvM136N 57- trabalhar)
(GEfnrxM136N 58- velia)
(GEfnrxM136N 59- velia)
(AibnruM136N 60- filhu)
(AibnruM136N 61- filhus)
(AibnruM136N 62- filhus)
(BugpruM136N 63- mulher)
(BafqtvM136N 64- trabalhava)
(DugpruM136N 65- muie)
(AibnruM136N 66- filhu)
(AibnruM136N 67- filhu)
(AibnruM136N 68- filhu)
(AibnruM136N 69- filhu)
(AibnruM136N 70- filhu)
(GEfnrxM136N 71- velia)
(BifnruM136N 72- filha)
(AebnsuM136Q 73- joelhu)
(BafpsvM136Q 74- trabalhar)
(AabnruM136Q 75- alhu)
(AabnsuM136Q 76- retalhu)
(GafnruM136Q 77- malia)
(BefnruM136Q 78- telha)
(GafnruM136Q 79- palia)
(GafnruM136Q 80- calia)
(GofnruM136Q 81- folias)

(AabnruM136Q 82- galhus)
 (AOfqsxM136Q 83- molhadu)
 (CabnsuM136Q 84- chucalhu)
 (CabnsuM136Q 85- baralhu)
 (GicnruM136Q 86- ilha)
 (GicnruM136Q 87- pilha)
 (AobnsuM136Q 88- piolhu)
 (GicnsuM136Q 89- cartilia)
 (GubnruM136Q 90- juliu)
 (CObnruM136Q 91- olius)
 (AubnsuM136Q 92- barulhu)
 (BafqsuM136Q 93- coalhada)
 (GecnsuM136Q 94- abelia)
 (GucnsuM136Q 95- agulia)
 (AugpruM136Q 96- mulher)
 (AogpruM136Q 97- colher)
 (AobnsuM136Q 98- ferrolhu)
 (BofnruM136Q 99- bolia)
 (BebnsuM136Q 100- ispelhu)
 (GagqtuM136Q 101- serraluru)
 (BefqsuM136Q 102- telhadu)
 (AigqsuM136Q 103- filhoti)
 (GigqsuM136Q 104- bilete)
 (GigmtuM136Q 105- bileteru)
 (GigmtuM136Q 106- bileteria)
 (AabnsuM136Q 107- atalhu)

 Itupiranga Maria Irene Milhomen Lima feminino 57 anos fundamental

(BiQqsuM236N 01- milhomi)
 (BifnruM236N 02- filha)
 (BibnruM236N 03- filhus)
 (BifnruM236N 04- filha)
 (BibnruM236N 05- filhus)
 (BabnsuM236N 06- trabalhu)
 (BabnsuM236N 07- trabalhu)
 (BafpsvM236N 08- trabalhar)
 (BafmtuM236N 09- trabalhadoris)
 (BafntvM236N 10- atrapalha)
 (BabnsuM236N 11- trabalhu)
 (AugpruM236N 12- mulher)
 (BEbnrxM236N 13- velhus)
 (BabnsuM236N 14- trabalhu)
 (BEgprxM236N 15- melhor)
 (BugqsuM236N 16- mulheris)
 (BabnsuM236N 17- trabalhu)
 (BegprxM236N 18- melhor)
 (BafnruM236N 19- palhia)
 (DE/nrxM236N 20- vei)
 (BafpsvM236N 21- trabalhar)
 (BafpsvM236N 22- trabalhar)
 (BafpsvM236N 23- trabalhar)
 (AugpruM236N 24- mulher)
 (AugpruM236N 25- mulher)
 (BOfnrvM236N 26- olha)
 (BafpsvM236N 27- trabalhar)
 (BafqtvM236N 28- trabalhavu)
 (BafqtvM236N 29- trabalhavu)
 (BugqsuM236N 30- mulheris)
 (BabnsuM236N 31- carvalhu)
 (AubnruM236N 32- julhu)
 (CObnruM236N 33- oleo)
 (BOfnrvM236N 34- olha)
 (CEdnuM236N 35- deliu)
 (BebnsuM236Q 36- juelhu)
 (BaQqtvM236Q 37- trabalhandu)
 (BabnruM236Q 38- alhu)
 (BabnsuM236Q 39- retalhu)
 (BafnruM236Q 40- malhia)

(BefnruM236Q 41- telhia)
(BafnruM236Q 42- malhia)
(BafnruM236Q 43- calhia)
(BofnruM236Q 44- folhias)
(BabnruM236Q 45- galhius)
(BOFqsxM236Q 46- molhiada)
(BabnsuM236Q 47- chucalhiu)
(BabnsuM236Q 48- baralhiu)
(BifnruM236Q 49- ilhia)
(BifnruM236Q 50- pilhia)
(BobnsuM236Q 51- piolhu)
(BifnsuM236Q 52- cartilha)
(BubnruM236Q 53- julhu)
(BobnruM236Q 54- olhu)
(BubnsuM236Q 55- barulhu)
(BafqsuM236Q 56- coalhada)
(BefnsuM236Q 57- abelhia)
(BufnsuM236Q 58- agulhia)
(BugpruM236Q 59- mulher)
(BOgpruM236Q 60- colher)
(BobnsuM236Q 61- ferrolhu)
(BofnruM236Q 62- bolhia)
(BebnsuM236Q 63- ispelhu)
(BadqtuM236Q 64- serralheiru)
(BefqsuM236Q 65- telhadu)
(AigqsuM236Q 66- filhoti)
(BigqsuM236Q 67- bilheti)
(BigntuM236Q 68- bilheteru)
(BigntuM236Q 69- bilheteria)
(BabnsuM236Q 70- atalhiu)

Itupiranga Edileuza da Silva Almeida feminino 28 anos fundamental

(BifnruM136N 01- filha)
(BebnsuM136N 02- jetulhiu)
(AabnsuM136N 03- trabalho)
(BabnsuM136N 04- trabalhiu)
(BadpsvM136N 05- trabalhei)
(BafqtvM136N 06- trabalhava)
(BafpsvM136N 07- trabalhar)
(AabnsuM136N 08- trabalho)
(BafqtvM136N 09- trabalhava)
(BifnruM136N 10- filha)
(AibnruM136N 11- filhu)
(BalqtvM136N 12- trabalhandu)
(BafpsvM136N 13- trabalhar)
(AebnsuM136N 14- jetulhu)
(AugpruM136N 15- mulher)
(BalqtvM136N 16- trabalhandu)
(BEfnrxM136N 17- velhia)
(AobnruM136N 18- olhu)
(DE/nrxM136N 19- vei)
(DolqsuM136N 20- oiã)
(DafqtvM136N 21- trabaiava)
(BafpsvM136N 22- trabalhar)
(BibnruM136N 23- filhiu)
(AibnruM136N 24- filhu)
(AubnruM136N 25- julhu)
(AubnruM136N 26- julhu)
(AubnruM136N 27- julhu)
(BabnsuM136N 28- trabalhiu)
(AabnsuM136N 29- trabalho)
(AibnruM136N 30- filhu)
(AabnsuM136N 31- trabalho)
(AEhprxM136N 32- melhor)
(BafqtvM136N 33- trabalhava)
(AEhprxM136N 34- melhor)
(AibnruM136N 35- filhu)
(AigqsuM136N 36- bilheti)
(AibnruM136N 37- filhu)

(AabnsuM136N 38- trabalhu)
 (AEhprxM136N 39- melhor)
 (DalqtvM136N 40- trabaiandu)
 (DafnsvM136N 41- trabaia)
 (BafnsvM136N 42- trabalha)
 (DabnsuM136N 43- trabaia)
 (AafnsvM136N 44- trabalha)
 (AafqtvM136N 45- trabalhava)
 (DafqtvM136N 46- trabaia)
 (AafqtvM136N 47- trabalhava)
 (AibnruM136N 48- milhu)
 (AibnruM136N 49- milhu)
 (AibnruM136N 50- filhu)
 (AugpruM136N 51- mulher)
 (AugpruM136N 52- mulher)
 (AebnsuM136N 53- juelhu)
 (BabnsuM136N 54- trabalhu)
 (BabnruM136N 55- alhiu)
 (BabnsuM136N 56- retalhiu)
 (BafnruM136N 57- malhia)
 (BefnruM136N 58- telhia)
 (BafnruM136N 59- palhia)
 (BafnruM136N 60- calhia)
 (AofnruM136N 61- folha)
 (AabnruM136N 62- galhu)
 (AOfgsxM136N 63- molhada)
 (AabnsuM136N 64- chucalhu)
 (AabnsuM136N 65- baralhu)
 (BifnruM136N 66- ilhia)
 (BifnruM136N 67- pilhia)
 (BobnsuM136N 68- piolhiu)
 (BifnsuM136N 69- cartilha)
 (BubnruM136N 70- julhiu)
 (CobnruM136N 71- oliu)
 (CubnsuM136N 72- barulhiu)
 (AafqsuM136N 73- coalhada)
 (BefnsuM136N 74- abelhia)
 (BufnsuM136N 75- agulhia)
 (AugpruM136N 76- mulher)
 (AugpruM136N 77- culher)
 (BobnsuM136N 78- ferrolhu)
 (BofnruM136N 79- bolhias)
 (BadqtuM136N 80- serralheiru)
 (BebnsuM136N 81- ispelhu)
 (BefqsuM136N 82- telhadu)
 (AihqsuM136N 83- filhoti)
 (AigqsuM136N 84- bilheti)
 (AigmtuM136N 85- bilheteiru)
 (AigmtuM136N 86- bilheteria)
 (BabnsuM136N 87- atalhiu)

Itupiranga Maria Rodrigues Milhomen feminino 65 anos fundamental

(BiQqsuM236N 01- milhomi)
 (BafnruM236N 02- palhia)
 (BEhpsuM236N 03- melhor)
 (BafqtvM236N 04- trabalhava)
 (BugqsuM236N 05- mulheris)
 (Di/nruM236N 06- fii)
 (Di/nruM236N 07- fii)
 (AugqsuM236N 08- mulher)
 (BibnruM236N 09- filhiu)
 (BEhmsvM236N 10- melhorar)
 (BoQqsvM236N 11- olhiandu)
 (BifnsuM236N 12- quadrilha)
 (AabnsuM236N 13- carvalho)
 (AabnsuM236N 14- carvalho)
 (BEhmtvM236N 15- melhorandu)
 (BugmtuM236N 16- mulherada)

(BugqtxM236N 17- barulheru)
 (AibnruM236N 18- filhu)
 (BifnruM236N 19- filha)
 (DugpruM236N 20- muié)
 (BofqsvM236N 21- olhava)
 (Da/nsuM236N 22- trabai)
 (BaQpsvM236N 23- trabalho)
 (DE/nrxM236N 24- vei)
 (DugpruM236N 25- muié)
 (BafpsvM236N 26- trabalhar)
 (AibnruM236N 27- filhu)
 (DE/nruM236N 28- vei)
 (AebnsuM236Q 29- juelhu)
 (BafpsvM236Q 30- trabalhar)
 (AabnruM236Q 31- alhu)
 (BafnruM236Q 32- malhia)
 (BefnruM236Q 33- telhia)
 (BafnruM236Q 34- palhia)
 (BafnruM236Q 35- calhia)
 (AofnruM236Q 36- folha)
 (AabnruM236Q 37- galhu)
 (BofqsxM236Q 38- molhiada)
 (AabnsuM236Q 39- chucalhu)
 (AabnsuM236Q 40- baralhu)
 (BifnruM236Q 41- ilhia)
 (AifnruM236Q 42- pilha)
 (AobnsuM236Q 43- piolhu)
 (AifnsuM236Q 44- cartilha)
 (AubnruM236Q 45- julhu)
 (CObnruM236Q 46- olhius)
 (AubnsuM236Q 47- barulhu)
 (BafgsuM236Q 48- coalhada)
 (BefnsuM236Q 49- abelhia)
 (BefnsuM236Q 50- agulhia)
 (AugpruM236Q 51- mulhé)
 (AugpruM236Q 52- culhé)
 (AobnsuM236Q 53- ferrolhu)
 (BofnruM236Q 54- bolhia)
 (AebnsuM236Q 55- ispelhu)
 (BadqtuM236Q 56- serralheiru)
 (BefgsuM236Q 57- telhiadu)
 (BigqsuM236Q 58- bilheti)
 (BigmtuM236Q 59- bilheteiru)
 (BigmtuM236Q 60- bilheteria)
 (BabnsuM236Q 61- atalhiu)

Itupiranga Divino Camargo dos Santos masculino 27 anos fundamental

(AibnruH136N 01- filhu)
 (BugpruH136N 02- mulhé)
 (AaQqtvH136N 03- trabalhandu)
 (BugpruH136N 04- mulhé)
 (BifnruH136N 05- filha)
 (BugpruH136N 06- mulhé)
 (AifnruH136N 07- filha)
 (AafqtvH136N 08- trabalhava)
 (BafqtvH136N 09- trabalhiava)
 (AaQqtvH136N 10- trabalhandu)
 (AEBnrXH136N 11- velhu)
 (AubnruH136N 12- julhu)
 (AubnruH136N 13- julhu)
 (AubnruH136N 14- julhu)
 (AubnruH136N 15- julhu)
 (AubnruH136N 16- julhu)
 (BugpruH136N 17- mulhé)
 (BugpruH136N 18- mulhé)
 (AugqsuH136N 19- mulheris)
 (AubnruH136N 20- julhu)
 (AubnruH136N 21- julhu)
 (AibnruH136N 22- filhu)

(BafqtvH136N 23- trabalhiava)
 (AOQqsvH136N 24- olhandu)
 (AafnsvH136N 25- trabalha)
 (AugpruH136N 26- mulhé)
 (AugpruH136N 27- mulhé)
 (AugpruH136N 28- mulhé)
 (AibnruH136N 29- filhu)
 (AibnruH136N 30- filhu)
 (BafqtvH136N 31- trabalhiava)
 (CObnruH136N 32- olhius)
 (DaQqtvH136N 33- trabaiandu)
 (BEhprxH136N 34- melhó)
 (BugpruH136N 35- mulhé)
 (BugpruH136N 36- mulhé)
 (BafqtvH136N 37- trabalhiava)
 (BifnruH136N 38- filhia)
 (DaQqtvH136N 39- trabaiandu)
 (AaQqtvH136N 40- trabalhandu)
 (DafpsvH136N 41- trabaiá)
 (BaQqtvH136N 42- trabalhandu)
 (AehprxH136N 43- melhó)
 (AahmsuH136N 44- palhoçau)
 (AugqsuH136N 45- mulheris)
 (Aecnr/H136N 46- elhi)
 (Aecnr/H136N 47- elhi)
 (AabnsuH136N 48- trabalho)
 (AEgpsvH136N 49- melhorá)
 (AOfprvH136N 50- olhá)
 (AEhprxH136N 51- melhó)
 (AebnsuH136Q 52- juelhu)
 (BafpsvH136Q 53- trabalhá)
 (BabnruH136Q 54- alhu)
 (BabnsuH136Q 55- retalhu)
 (BafnruH136Q 56- malhia)
 (BefnruH136Q 57- telhia)
 (AafnruH136Q 58- palha)
 (BafnruH136Q 59- calhia)
 (AofnruH136Q 60- folha)
 (AabnruH136Q 61- galhu)
 (BOfqsxH136Q 62- molhiada)
 (AabnsuH136Q 63- chucahu)
 (AabnsuH136Q 64- baralhu)
 (BifnruH136Q 65- ilhia)
 (BifnruH136Q 66- pilhia)
 (AobnsuH136Q 67- piolhu)
 (BifnsuH136Q 68- cartilhia)
 (AubnruH136Q 69- julhu)
 (AObnruH136Q 70- olhus)
 (AubnsuH136Q 71- barulhu)
 (BafqsuH136Q 72- coalhada)
 (BefnsuH136Q 73- abelhia)
 (BufnsuH136Q 74- agulhia)
 (BugpruH136Q 75- mulhé)
 (BugpruH136Q 76- culhé)
 (AobnsuH136Q 77- ferrolhu)
 (BofnruH136Q 78- bolhia)
 (AebnsuH136Q 79- ispelhu)
 (BagqtuH136Q 80- serralheru)
 (BedqsuH136Q 81- telhiadu)
 (AihqsuH136Q 82- filhoti)
 (BigqsuH136Q 83- bilheti)
 (AigmtuH136Q 84- bilheteru)
 (BigmtuH136Q 85- bilheteria)
 (AabnsuH136Q 86- atalhu)

Itupiranga Gabriel Pereira Nonato masculino 65 anos fundamental

(AEbnsxH236N 01- vermelhu)
 (AEbnsxH236N 02- vermelhu)
 (BafnruH236N 03- palhia)

(BefnruH236N 04- telhia)
(AafnsvH236N 05- trabalha)
(AadpsvH236N 06- trabalhei)
(AaQgtvH236N 07- trabalhandu)
(AafpsvH236N 08- trabalhar)
(DafqtvH236N 09- trabaiava)
(AudqsuH236N 10- culheita)
(AucnruH236N 11- culhia)
(BabnsuH236N 12- carvalhiu)
(AecnruH236N 13- elhi)
(BafpsvH236N 14- trabalhar)
(BabnsuH236N 15- carvalhiu)
(AaQpsvH236N 16- trabalhô)
(BafpsvH236N 17- trabalhíá)
(BEhpsvH236N 18- melhorá)
(AibnruH236N 19- filhu)
(AibnruH236N 20- filhu)
(AaQgtvH236N 21- trabalhandu)
(AifnruH236N 22- ilha)
(AEbnruH236N 23- pelhi)
(AEbnruH236N 24- pelhi)
(AEhpsvH236N 25- melhorá)
(AihpsvH236N 26- milhorá)
(AabnsuH236N 27- barbalhu)
(DafqtvH236N 28- trabaiava)
(BafpsvH236N 29- trabalhíá)
(BafpsvH236N 30- trabalhíá)
(AabnsuH236N 31- trabalhu)
(AubnruH236N 32- julhu)
(AEhpsvH236N 33- melhorá)
(AadpsvH236N 34- trabalhei)
(AafqtvH236N 35- trabalhava)
(AugpruH236N 36- mulhé)
(AEfnrxH236N 37- velha)
(AehmtvH236N 38- melhorandu)
(AugpruH236N 39- mulhé)
(AugpruH236N 40- mulhé)
(BifnruH236N 41- filhia)
(BibnruH236N 42- filhiu)
(AifnruH236N 43- filha)
(AibnruH236N 44- filhu)
(AugpruH236N 45- mulhé)
(AugpruH236N 46- mulhé)
(BEfnrxH236N 47- velhia)
(AafpsvH236N 48- trabalhá)
(BafqtvH236N 49- trabalhiava)
(BafpsvH236N 50- trabalhíá)
(AihprxH236N 51- milhó)
(AihprxH236N 52- milhó)
(AibnruH236N 53- filhu)
(AibnruH236N 54- filhu)
(BebnsuH236Q 55- juelhiu)
(BaQgtvH236Q 56- trabalhíandu)
(BabnruH236Q 57- alhu)
(BabnsuH236Q 58- retalhiu)
(BafnruH236Q 59- malhia)
(BefnruH236Q 60- telhia)
(BafnruH236Q 61- palhia)
(BafnruH236Q 62- calhia)
(BofnruH236Q 63- folhia)
(AabnruH236Q 64- galhu)
(AOfqsxH236Q 65- molhada)
(AabnsuH236Q 66- chucalhu)
(AabnsuH236Q 67- baralhu)
(BifnruH236Q 68- ilhia)
(BifnruH236Q 69- pilhia)
(AobnsuH236Q 70- piolhu)
(BifnsuH236Q 71- cartilha)
(AubnruH236Q 72- julhu)
(AObnruH236Q 73- olhus)
(AubnsuH236Q 74- barulhu)

(AafqsuH236Q 75- coalhada)
(DefnsuH236Q 76- abeia)
(AufnsuH236Q 77- agulha)
(AugpruH236Q 78- mulhé)
(AugpruH236Q 79- culhé)
(AobnsuH236Q 80- ferrolhu)
(BofnruH236Q 81- bolhia)
(AebnsuH236Q 82- ispelhu)
(AagqtuH236Q 83- serralheru)
(AihqsuH236Q 84- filhoti)
(AigqsuH236Q 85- bilheti)
(AigmtuH236Q 86- bilheteru)
(AigmtuH236Q 87- bilheteria)
(AabmruH236Q 88- atalhu)

Itupiranga Hilderanes de Souza Lima masculino 30 anos superior

(AibnruH146N 01- filhu)
(AibnruH146N 02- filhu)
(BafnsuH146N 03- idalhia)
(BafpsvH146N 04- trabalhíá)
(BafpsvH146N 05- trabalhíá)
(BafpsvH146N 06- trabalhíá)
(BibnruH146N 07- filhiu)
(BafqtvH146N 08- trabalhiava)
(BafpsvH146N 09- trabalhá)
(BugqsuH146N 10- mulheris)
(BafqtvH146N 11- trabalhiava)
(DaQqtvH146N 12- trabaiandu)
(DafqtvH146N 13- trabaiaiva)
(DafptvH146N 14- trabaiaí)
(BafqtvH146N 15- trabalhiava)
(BafqtvH146N 16- trabalhiava)
(BafqtvH146N 17- trabalhiava)
(GagnrxH146N 18- alea)
(GagnrxH146N 19- alea)
(DadpsvH146N 20- trabaei)
(BadpsvH146N 21- trabalhei)
(BafqtvH146N 22- trabalhadu)
(BaQqtvH146N 23- trabalhandu)
(BadpsvH146N 24- trabalhei)
(DafqtvH146N 25- trabaiaiva)
(BEhntuH146N 26- melhorada)
(BEhntuH146N 27- melhorada)
(BEhnsuH146N 28- melhiora)
(BafpsvH146N 29- trabalhá)
(DafpsvH146N 30- trabaiaí)
(FadpsvH146N 31- trabaei)
(BadpsvH146N 32- trabalhei)
(BafpsvH146N 33- trabalhá)
(BafmtxH146N 34- trabalhadores)
(BibnruH146N 35- filhiu)
(BEhprxH146N 36- melhió)
(BifnruH146N 37- filhia)
(BEhprxH146N 38- melhó)
(BEhpsvH146N 39- melhorá)
(BebnsuH146Q 40- juelhiu)
(BabnsuH146Q 41- trabalhiu)
(BabnruH146Q 42- alhiu)
(BabnsuH146Q 43- retalhiu)
(BafnruH146Q 44- malhia)
(BefnruH146Q 45- telhia)
(BafnruH146Q 46- palhia)
(BafnruH146Q 47- calhia)
(BofnruH146Q 48- folhia)
(BabnruH146Q 49- galhiu)
(BOfgsxH146Q 50- molhiada)
(BabnsuH146Q 51- chucalhiu)
(BabnsuH146Q 52- baralhiu)

(BifnruH146Q 53- ilhias)
 (BifnruH146Q 54- pilhias)
 (BobnsuH146Q 55- piolhiu)
 (BifnsuH146Q 56- cartilhia)
 (BubnruH146Q 57- julhiu)
 (BObnruH146Q 58- olhius)
 (BubnsuH146Q 59- barulhiu)
 (BafqsuH146Q 60- coalhada)
 (BefnsuH146Q 61- abelhia)
 (BufnsuH146Q 62- agulhia)
 (BugpruH146Q 63- mulhé)
 (BogpruH146Q 64- colhé)
 (BobnsuH146Q 65- ferrolhiu)
 (BofnruH146Q 66- bolhia)
 (BebnsuH146Q 67- ispelhiu)
 (BadqtuH146Q 68- serralheiru)
 (BefqsuH146Q 69- telhiadu)
 (BihqsuH146Q 70- filhoti)
 (BigqsuH146Q 71- bilheti)
 (BigmtuH146Q 72- bilheteru)
 (BigmtuH146Q 73- bilheteria)
 (BabnsuH146Q 74- atalhiu)

 Itupiranga Joao Ferreira Lemos masculino 58 anos superior

(BafnsvH246N 01- trabalhia)
 (BabnsuH246N 02- trabalhiu)
 (BafqtvH246N 03- trabalhiava)
 (BafqtxH246N 04- trabalhia doris)
 (BafqtxH246N 05- trabalhia doris)
 (BihprxH246N 06- milhó)
 (BucqtvH246N 07- isculhidu)
 (BafqtvH246N 08- trabalhiava)
 (BaQqtvH246N 09- trabalhia ndu)
 (BujprvH246N 10- culhé)
 (BafpsvH246N 11- trabalhia)
 (BabnsuH246N 12- carvalhiu)
 (BubnruH246N 13- julhiu)
 (BebnsxH246N 14- vermelhiu)
 (BefnruH246N 15- telhia)
 (BabnsuH246N 16- trabalhiu)
 (BafpsvH246N 17- trabalhia)
 (BOfnrvH246N 18- olhia)
 (BabnsuH246N 19- barbalhiu)
 (BebntuH246N 20- aparelhiu)
 (BabnsuH246N 21- trabalhiu)
 (BOfnrvH246N 22- olhia)
 (BafnsvH246N 23- trabalhia)
 (BOfnsvH246N 24- olhia)
 (BafnsvH246N 25- olhia)
 (BebnsuH246Q 26- juelhiu)
 (BaQqtvH246Q 27- trabalhia ndu)
 (AabnruH246Q 28- alhu)
 (AabnsuH246Q 29- retalhu)
 (BafnruH246Q 30- malhia)
 (AefnruH246Q 31- telha)
 (AafnruH246Q 32- palha)
 (BafnruH246Q 33- calhia)
 (BofnruH246Q 34- folhia)
 (AabnruH246Q 35- galhu)
 (AOfqsxH246Q 36- molhada)
 (AabnsuH246Q 37- chucalhu)
 (AabnsuH246Q 38- baralhu)
 (AifnruH246Q 39- ilha)
 (AifnruH246Q 40- pilha)
 (AobnsuH246Q 41- piolhu)
 (AifnsuH246Q 42- cartilha)
 (AubnruH246Q 43- julhu)
 (AobnruH246Q 44- olhu)
 (AubnsuH246Q 45- barulhu)

(BafqsuH246Q 46- coalhada)
(BefnsuH246Q 47- abelhia)
(BufnsuH246Q 48- agulhia)
(AugpruH246Q 49- mulhé)
(AugpruH246Q 50- culhé)
(BobnsuH246Q 51- ferrolhu)
(BofnruH246Q 52- bolhia)
(BebnsuH246Q 53- ispelhiu)
(BagqtuH246Q 54- serralheru)
(BEfqsuH246Q 55- telhiadu)
(AibnruH246Q 56- filhu)
(BigqsuH246Q 57- bilheti)
(BigmtuH246Q 58- bilheteru)
(BigmtuH246Q 59- bilheteria)
(BahnsuH246Q 60- atalhio)

Itupiranga Matusalém Alves de Souza masculino 23 anos fundamental

(AubnsuH136N 01- barulhu)
(CafnsuH136N 02- idalja)
(AugqsuH136N 03- mulheris)
(AifnsuH136N 04- cartilha)
(AifnsuH136N 05- serrilha)
(AifnruH136N 06- ilha)
(BicmtuH136N 07- familjaris)
(AabnsuH136N 08- trbalhu)
(AubnruH136N 09- julhu)
(BifnruH136N 10- ilhia)
(AEbnrxH136N 11- velhu)
(AibnruH136N 12- filhu)
(BadpsvH136N 13- trabalhei)
(BafqtvH136N 14- trabalhiava)
(AebnruH136N 15- juelhu)
(AebnruH136N 16- juelhu)
(AebnruH136N 17- juelhu)
(AibnruH136N 18- filhu)
(AEhprxH136N 19- melhó)
(AugmtuH136N 20- mulhezada)
(DugmtuH136N 21- muiezada)
(DugpruH136N 22- muié)
(AugpruH136N 23- mulhé)
(AabnsuH136N 24- trbalhu)
(DafnsvH136N 25- trabaia)
(AubnruH136N 26- julhu)
(AubnruH136N 27- julhu)
(AubnruH136N 28- julhu)
(AubnruH136N 29- julhu)
(AubnruH136N 30- julhu)
(BifnruH136N 31- ilhia)
(BifnruH136N 32- ilhia)
(AibnruH136N 33- filhu)
(AibnruH136N 34- filhu)
(AebnsuH136N 35- juelhu)
(BalqtvH136N 36- trbalhandu)
(AabnruH136N 37- alhu)
(AabnsuH136N 38- retalhu)
(BafnruH136N 39- malhia)
(BefnruH136N 40- telhia)
(BafnruH136N 41- palhia)
(BafnruH136N 42- calhia)
(BofnruH136N 43- folhia)
(AabnruH136N 44- galhu)
(BafqsxH136N 45- molhiada)
(AabnsuH136N 46- chucalhu)
(AabnsuH136N 47- baralhu)
(BifnruH136N 48- ilhia)
(BifnruH136N 49- pilhia)
(AobnruH136N 50- piolhu)
(BifnsuH136N 51- cartilhia)

(CubnruH136N 52- juliu)
 (CObnruH136N 53- olius)
 (AubnsuH136N 54- barulhu)
 (BafqsuH136N 55- coalhada)
 (BefnsuH136N 56- abelhia)
 (BufnsuH136N 57- agulhia)
 (AugpruH136N 58- mulhé)
 (AogpruH136N 59- colhé)
 (BobnsuH136N 60- ferrolhu)
 (BofnruH136N 61- bolhia)
 (AebnsuH136N 62- ispelhu)
 (BadqtuH136N 63- serraheiru)
 (BefqsuH136N 64- telhiadu)
 (BihqsuH136N 65- filhioti)
 (BigqsuH136N 66- bilhieti)
 (BigmtuH136N 67- bilheteru)
 (BigmtuH136N 68- bilhieteria)
 (CabnsuH136N 69- ataliu)

Itupiranga Lauro de Souza Milhomes masculino 65 anos fundamental

(BiQqsuH236N 01- milhomi)
 (AugpruH236N 02- mulhé)
 (BiQqsuH236N 03- milhomi)
 (De/nsxH236N 04- vermei)
 (BugpsvH236N 05- isculhé)
 (BifnsuH236N 06- familia)
 (BafpsvH236N 07- trabalhía)
 (FahnsuH236N 08- trabao)
 (BafnsvH236N 09- trabalhia)
 (BibnruH236N 10- milhiu)
 (BafmtuH236N 11- malhada)
 (BofnruH236N 12- colha)
 (BiQqsuH236N 13- milhóis)
 (BiQqsuH236N 14- milhóis)
 (AacpruH236N 15- alhi)
 (BibnruH236N 16- filhiu)
 (DugpruH236N 17- muié)
 (BEbnsuH236N 18- amélhiu)
 (AefnruH236N 19- telha)
 (DofqsvH236N 20- oiaru)
 (AugpruH236N 21- mulhé)
 (BaQqtxH236N 22- toalhiona)
 (DugpruH236N 23- muié)
 (BofqsvH236N 24- olhiava)
 (AihmtuH236N 25- filhotizin)
 (DECnrXH236N 26- vei)
 (BObnruH236N 27- ólhiu)
 (BafpsvH236N 28- trabalhá)
 (AibnruH236N 29- filhu)
 (DafpsvH236N 30- trabaiá)
 (BafqtvH236N 31- trabalhia)
 (BafqtvH236N 32- trabalhia)
 (BodprvH236N 33- olhei)
 (AafmtxH236N 34- trabalhado)
 (BifnruH236N 35- filhia)
 (Di/nruH236N 36- fij)
 (BugpruH236N 37- mulhé)
 (AafnsvH236N 38- trabalha)
 (FifnruH236N 39- fia)
 (BugpruH236N 40- mulhé)
 (BugpruH236N 41- mulhé)
 (BebnsuH236N 42- cuelhu)
 (AibnruH236N 43- filhu)
 (BugpruH236N 44- mulhé)
 (AibmruH236N 45- filhu)
 (BugpruH236N 46- mulhé)
 (BodnrvH236N 47- olhei)
 (BugmtxH236N 48- mulhezona)
 (DEQqsxH236N 49- veiona)

(BolqsvH236N 50- olhandu)
(BiQqsuH236N 51- milhomi)
(CoQprvH236N 52- oljiô)
(AibnruH236N 53- filhu)
(CoQprvH236N 54- oljiô)
(AebnsuH236Q 55- juelhu)
(BalqtvH236Q 56- trabalhandu)
(BabnruH236Q 57- alhiu)
(AabnsuH236Q 58- retalhu)
(CafmruH236Q 59- malja)
(BefnruH236Q 60- telhia)
(BafnruH236Q 61- palhia)
(AafnruH236Q 62- calha)
(AofnruH236Q 63- folha)
(AabnruH236Q 64- galhu)
(CofmtxH236Q 65- molhadinha)
(AabnsuH236Q 66- chucalhu)
(AabnsuH236Q 67- baralhu)
(CifnruH236Q 68- iljia)
(CifnruH236Q 69- piljia)
(BobnsuH236Q 70- piolhu)
(AifnsuH236Q 71- cartilha)
(AubnruH236Q 72- julhu)
(CobnruH236Q 73- oljiu)
(AubnsuH236Q 74- barulhu)
(AafqsuH236Q 75- coalhada)
(AefnsuH236Q 76- abelha)
(DufnsuH236Q 77- aguja)
(BugpruH236Q 78- mulhé)
(BugpruH236Q 79- culhé)
(AobnsuH236Q 80- ferrolhu)
(BofnruH236Q 81- bolhia)
(CebnsuH236Q 82- ispeljiu)
(BagqtuH236Q 83- serralheru)
(BEfqsuH236Q 84- telhiadu)
(BihqsuH236Q 85- filhoti)
(AigqsuH236Q 86- bilheti)
(AigmtuH236Q 87- bilheteru)
(AigmtuH236Q 88- bilheteria)
(AabnruH236Q 89- atalhu)

Tucuruí Marcia Araújo feminino 28 anos superior

(AafpsvM147N 01- trabalhá)
(AafpsvM147N 02- trabalhá)
(AafqtvM147N 03- trabalhava)
(AabnsuM147N 04- trabalhu)
(AafpsvM147N 05- trabalhá)
(AefnsxM147N 06- vermelha)
(AafqtvM147N 07- trabalhava)
(AebnruM147N 08- juelhu)
(AujqtxM147N 09- barulhenta)
(AubnsuM147N 10- barulhu)
(AubnsuM147N 11- barulhu)
(AugpruM147N 12- mulhé)
(AOfnrvM147N 13- olha)
(AEhprxM147N 14- melhó)
(AEhprxM147N 15- melhó)
(AujqtxM147N 16- barulhenta)
(AOfnrvM147N 17- olha)
(AOfnrvM147N 18- olha)
(AEhprxM147N 19- melhó)
(AugpruM147N 20- mulhé)
(AugpruM147N 21- mulhé)
(AEBnruM147N 22- élhui)
(AijqsuM147N 23- vilhena)
(AEhprxM147N 24- melhó)
(AijqsuM147N 25- vilhena)
(AogpsvM147N 26- iscolhê)
(AifnruM147N 27- filha)

(AefnsxM147N 28- vermelha)
(AebnsxM147N 29- vermelhu)
(AefnsxM147N 30- vermelha)
(GEfnsuM147N 31- detali)
(GEfnsuM147N 32- detali)
(AOfnrvM147N 33- olha)
(AOfnrvM147N 34- olha)
(AOfnrvM147N 35- olha)
(AOlqsvM147N 36- olhandu)
(AEhprxM147N 37- melhó)
(FifnruM147N 38- fia)
(AujqtvM147N 39- barulhenta)
(AEhprxM147N 40- melhó)
(AehpsvM147N 41- melhoró)
(AehpsvM147N 42- melhoró)
(AEbnrxM147N 43- velhu)
(AEbnrxM147N 44- velhu)
(AOfnrvM147N 45- olha)
(GacmsuM147N 46- detali)
(AugpruM147N 47- mulhé)
(AugpruM147N 48- mulhé)
(AugpruM147N 49- mulhé)
(AugpruM147N 50- mulhé)
(AOlqsvM147N 51- olhandu)
(AifnsuM147N 52- vazilha)
(AifnsuM147N 53- vazilha)
(AabnruM147N 54- alhu)
(AifnruM147N 55- filha)
(AifnruM147N 56- filha)
(AifnruM147N 57- filha)
(AibnruM147N 58- filhu)
(AibnruM147N 59- filhu)
(AEbnrxM147N 60- velhu)
(AifnruM147N 61- filha)
(AOfnrvM147N 62- olha)
(AacqtuM147N 63- sucalhinho)
(AibnruM147N 64- filhu)
(AEhprxM147N 65- melhó)
(AibmtuM147N 66- bilhetinho)
(AugpruM147N 67- mulhé)
(AibmtuM147N 68- bilhetinho)
(AibmtuM147N 69- bilhetinho)
(AigqsuM147N 70- bilheti)
(AigqsuM147N 71- bilheti)
(AEhprxM147N 72- melhó)
(GacmsuM147N 73- detali)
(AOfnrvM147N 74- olha)
(CifnsuM147N 75- brasilhia)
(AOfnrvM147N 76- olha)
(AujqtxM147N 77- barulhenta)
(AEhprxM147N 78- melhó)
(AEhprxM147N 79- melhó)
(AEhprxM147N 80- melhó)
(AEhprxM147N 81- melhó)
(AEhprxM147N 82- melhó)
(AEhqsxM147N 83- melhoris)
(AEhprxM147N 84- melhó)
(AiQqtxM147N 85- maravilhoso)
(AihqtxM147N 86- maravilhosa)
(AEhmtvM147N 87- melhorandu)
(BafnruM147N 88- palhia)
(BefnruM147N 89- telhia)
(BefnruM147N 90- telhia)
(BefnruM147N 91- telhia)
(AabnsuM147N 92- atalhu)
(AOfnrvM147N 93- olha)
(AEhqsxM147N 94- melhoris)
(AabnsuM147N 95- trabalhu)
(AabnsuM147N 96- trabalhu)
(AabnsuM147N 97- trabalhu)
(AabnsuM147N 98- trabalhu)

(AEhmtvM147N 99- melhorarem)
 (AEhmtvM147N 100- melhorarem)
 (AEhpsvM147N 101- melhorá)
 (AEhpsvM147N 102- melhorá)
 (AEhpsvM147N 103- melhorá)
 (AEhpsvM147N 104- melhorá)
 (AEhpsvM147N 105- melhorá)
 (GacnsuM147N 106- detalis)
 (AebnruM147Q 107- juelhu)
 (AabnsuM147Q 108- trabalhu)
 (CabnruM147Q 109- alju)
 (CabnsuM147Q 110- retalju)
 (CafnruM147Q 111- malja)
 (AefnruM147Q 112- telha)
 (CafnruM147Q 113- palja)
 (AafnruM147Q 114- calha)
 (AofnruM147Q 115- folha)
 (AabnruM147Q 116- galhu)
 (AOfqsxM147Q 117- molhada)
 (AabnsuM147Q 118- chucalhu)
 (BabnsuM147Q 119- baralju)
 (AifnruM147Q 120- ilha)
 (AifnruM147Q 121- pilha)
 (AobnruM147Q 121- piolhu)
 (AifnsuM147Q 122- cartilha)
 (AubnruM147Q 123- julhu)
 (AobnruM147Q 124- olhu)
 (AubnsuM147Q 125- barulhu)
 (AafqsuM147Q 126- coalhada)
 (AefnruM147Q 127- abelha)
 (AufnruM147Q 128- agulha)
 (AugpruM147Q 129- mulhé)
 (AugpruM147Q 130- culhé)
 (AobqsuM147Q 131- filhoti)
 (AofnruM147Q 132- bolha)
 (AebnsuM147Q 133- ispelhu)
 (AagqtuM147Q 134- serralheru)
 (AefnsuM147Q 135- telhadu)
 (AihqsuM147Q 136- filhoti)
 (AigqsuM147Q 137- bilheti)
 (AigmtuM147Q 138- bilheteru)
 (AigmtuM147Q 139- bilheteria)
 (AabnsuM147Q 140- atalhu)

Tucuruí Francilene Freitas Barra feminino 24 anos fundamental

(BibnruM137N 01- filhius)
 (AifnruM137N 02- filhia)
 (BEfnrxM137N 03- velhia)
 (BibnruM137N 04- filhiu)
 (AecnryM137N 05- elhi)
 (AecnryM137N 06- elhi)
 (AecnryM137N 07- elhi)
 (AecnryM137N 08- delhi)
 (AecnryM137N 09- elhi)
 (AecnryM137N 10- elhi)
 (AecnryM137N 11- delhi)
 (AecnryM137N 12- elhi)
 (A/cmrvm137N 13- lhimpu)
 (A/cmrvm137N 14- lhimpu)
 (A/cmrvm137N 15- lhimpu)
 (BEhpsvM137N 16- melhorô)
 (AicmtvM137N 17- agilhizá)
 (AicmtvM137N 18- agilhizô)
 (BibnruM137N 19- filhiu)
 (AicptvM137N 20- auxilhia)
 (A/cmsvM137N 21- lhiquida)
 (BugpruM137N 22- mulhé)
 (A/cmrvm137N 23- lhigui)

(A/cmrvm137N 24- lhigui)
 (BibnruM137N 25- filhiu)
 (BelptuM137N 26- orelhiãu)
 (BibnruM137N 27- filhius)
 (BibnruM137N 28- filhius)
 (BebntuM137N 29- aparelhiu)
 (A/cmrvm137N 30- lhigá)
 (BOfnrvM137N 31- olhia)
 (BibnruM137N 32- filhiu)
 (AecnryM137N 33- delhi)
 (BifnruM137N 34- filhia)
 (BefqsuM137N 35- telhiadu)
 (BibnruM137N 36- filhiu)
 (BibnruM137N 37- filhiu)
 (BOfnrvM137N 38- olhia)
 (AecmtuM137N 39- relhigiãu)
 (BafpsvM137N 40- trabalhá)
 (BalqtvM137N 41- trabalhjádu)
 (BibnruM137N 42- filhiu)
 (BabnsuM137N 43- trabalhíu)
 (BifnruM137N 44- filhia)
 (BEfnrxM137N 45- velhia)
 (BifnruM137N 46- filhia)
 (AucnsuM137N 47- júlhia)
 (BibnruM137N 48- filhiu)
 (BibnruM137N 49- filhiu)
 (AebnruM137Q 50- juelhu)
 (BalqtvM137Q 51- trabalhãdu)
 (CabnruM137Q 52- alju)
 (BabnsuM137Q 53- retalhius)
 (BafnruM137Q 54- malhia)
 (BefnruM137Q 55- telhia)
 (CafnruM137Q 56- palja)
 (CafnruM137Q 57- calja)
 (BofnruM137Q 58- folhias)
 (BabnruM137Q 59- galhius)
 (AOfqsxM137Q 60- molhada)
 (AabnsuM137Q 61- chucalhu)
 (AabnsuM137Q 62- baralhu)
 (BifnruM137Q 63- ilhia)
 (BifnruM137Q 64- pilhia)
 (AobnruM137Q 65- piolhu)
 (AifnsuM137Q 66- cartilha)
 (AubnruM137Q 67- julhu)
 (BobnruM137Q 68- olhiu)
 (BafqsuM137Q 69- coalhada)
 (AefnruM137Q 70- abelha)
 (AabnruM137Q 71- agulha)
 (AugpruM137Q 72- mulhé)
 (AogpruM137Q 73- colhé)
 (AobnsuM137Q 74- ferrolhu)
 (AofnruM137Q 75- bolha)
 (AebnsuM137Q 76- ispelhu)
 (BagqtuM137Q 77- serralheru)
 (BefqsuM137Q 78- telhada)
 (BihqsuM137Q 79- filhoti)
 (BigqsuM137Q 80- bilheti)
 (BifmtuM137Q 81- bilheteru)
 (BifmtuM137Q 82- bilheteria)
 (AabnsuM137Q 83- atalhu)

Tucuruí Luiz Henrique Barros da Silva masculino 61 anos superior

(BifnsuH247N 01- familia)
 (BafqtvH247N 02- ispalhiada)
 (BalqtuH247N 03- magalhães)
 (BacprzH247N 04- alhi)
 (A/cmsuH247N 05- lhigaçaú)
 (AucqtuH247N 06- gasulhina)

(AucqsxH247N 07- paulhista)
(AecnryH247N 08- elhi)
(AicnsuH247N 09- brasilhia)
(BacprzH247N 10- alhi)
(BafqtvH247N 11- trabalhiava)
(BalqtvH247N 12- trabalhâmu)
(AacmtuH247N 13- realhidade)
(AicnsuH247N 14- familia)
(AEcnsuH247N 15- cornélhiu)
(AicnsuH247N 16- familia)
(BafnsuH247N 17- trabalhia)
(BadpsvH247N 18- trabalhei)
(BafqtvH247N 19- trabalhiava)
(BadqsvH247N 20- trabalhei)
(A/cmsxH247N 21- lhipidus)
(BafqtvH247N 22- trabalhiava)
(AabnruH247N 23- galhu)
(AabntuH247N 24- assualhu)
(A/cmruH247N 25- lhimão)
(BafnsvH247N 26- trabalhia)
(AicqsvH247N 27- auxilhia)
(AicnsuH247N 28- familia)
(AicnsuH247N 29- familia)
(BibnruH247N 30- filhius)
(BugqsuH247N 31- mulheris)
(AacprzH247N 32- alhi)
(BEfnrxH247N 33- velhia)
(BEfnrxH247N 34- velhia)
(BadpsvH247N 35- trabalhei)
(AacprzH247N 36- alhi)
(BugpruH247N 37- mulhé)
(AabnsuH247N 38- trabalhu)
(BafpsvH247N 39- trabalhá)
(BafpsvH247N 40- trabalhá)
(BifnruH247N 41- filhia)
(BibnruH247N 42- filhius)
(BugqsuH247N 43- mulheris)
(AifnsuH247N 44- brasilhia)
(BifnruH247N 45- filhia)
(BafnsvH247N 46- trabalhia)
(AacqsuH247N 47- salhinas)
(BadpsvH247N 48- trabalhei)
(BafpsvH247N 49- trabalhá)
(BadpsvH247N 50- trabalhei)
(BadpsvH247N 51- trabalhei)
(BadpsvH247N 52- trabalhei)
(BadpsvH247N 53- trabalhei)
(A/cprvH247N 54- lidá)
(BafqsvH247N 55- trabalhá)
(BadpsvH247N 56- trabalhei)
(AifnsuH247N 57- familia)
(AifnsuH247N 58- familia)
(BalqtvH247N 59- trabalhâdu)
(BadpsvH247N 60- trabalhei)
(BadpsvH247N 61- trabalhei)
(BadpsvH247N 62- trabalhei)
(BabnsuH247N 63- trabalhiu)
(BabnsuH247N 64- trabalhiu)
(BOfnrvH247N 65- olhia)
(BehmtvH247N 66- melhoraria)
(BafpsvH247N 67- trabalhíá)
(BafpsvH247N 68- trabalhíá)
(BOfnrvH247N 69- olhia)
(BEhprxH247N 70- melhió)
(AoQprvH247N 71- olhó)
(AebnruH247Q 72- juelhu)
(BalqtvH247Q 73- trabalhâdu)
(CabnruH247Q 74- alhiu)
(CabnsuH247Q 75- retalju)
(CafnruH247Q 76- malja)
(BefnruH247Q 77- telja)

(CafnruH247Q 78- palja)
(CafnruH247Q 79- calja)
(AofnruH247Q 80- folhas)
(BabnruH247Q 81- galhius)
(BOfqsxH247Q 82- molhada)
(AabnsuH247Q 83- barulhu)
(CifnruH247Q 84- ilhia)
(CifnruH247Q 85- pilhia)
(BobnsuH247Q 86- piolhu)
(BifnsuH247Q 87- cartilha)
(AubnruH247Q 88- julhu)
(AObnruH247Q 89- olhus)
(AubnsuH247Q 90- barulhu)
(BafqsuH247Q 91- coalhada)
(BefnruH247Q 92- abelhia)
(CufnruH247Q 93- agulja)
(AugpruH247Q 94- mulhé)
(AugpruH247Q 95- culhé)
(BifntuH247Q 96- carretilha)
(AobnsuH247Q 97- ferrolhu)
(BofnruH247Q 98- bolhia)
(BebnsuH247Q 99- ispelhu)
(BedqtuH247Q 100- serralheiru)
(BefqsuH247Q 101- telhiadu)
(BihqsuH247Q 102- filhoti)
(BigqsuH247Q 103- bilheti)
(BigmtuH247Q 104- bilheteru)
(BigmtuH247Q 105- bilheteria)
(CabnsuH247Q 106- atalju)

Tucuruí Marcos Enedino Sanches Vulcão masculino 29 anos fundamental

(BugpruH137N 01- mulhé)
(BEbnrxH137N 02- velhiu)
(AebnsuH137N 03- conselho)
(AebnsuH137N 04- conselho)
(A/cmrVH137N 05- limpá)
(BafqtvH137N 06- trabalhava)
(AacprzH137N 07- alhi)
(BadpsvH137N 08- trabalhei)
(BubnruH137N 09- julhiu)
(BEfnrxH137N 10- velhia)
(BubnruH137N 11- julhiu)
(AacprzH137N 12- alhi)
(AacprzH137N 13- alhi)
(BugmtuH137N 14- mulherada)
(BugpruH137N 15- mulhé)
(AecnryH137N 16- elhi)
(BugpruH137N 17- mulhé)
(BugpruH137N 18- mulhé)
(AecnryH137N 19- elhi)
(AecnryH137N 20- elhi)
(BOfnrvH137N 21- olhia)
(AucmtxH137N 22- polhicial)
(BafqsuH137N 23- palhiaçu)
(BadpsvH137N 24- trabalhei)
(BabnsuH137N 25- trabalho)
(BihqsuH137N 26- filhoti)
(BalqtvH137N 27- trabalhãdu)
(BalqtvH137N 28- trabalhãdu)
(AecnryH137N 29- elhi)
(AecnryH137N 30- delhi)
(BafpsvH137N 31- trabalhá)
(BafpsvH137N 32- trabalhá)
(BEbnrxH137N 33- velhiu)
(BugpruH137N 34- mulhé)
(BugpruH137N 35- mulhé)
(BugpruH137N 36- mulhé)
(BEhqsxH137N 37- melhoris)
(BugpruH137N 38- mulhé)

(BugpruH137N 39- mulhé)
 (BibnruH137N 40- filhiu)
 (AecnryH137N 41- elhi)
 (BugpruH137N 42- mulhé)
 (BEbnrxH137N 43- velhiu)
 (AicnsuH137N 44- familia)
 (BEbnrxH137N 45- velhiu)
 (AicnsuH137N 46- familia)
 (BifnruH137N 47- filhia)
 (BOfnrvH137N 48- olhia)
 (BEhnsvH137N 49- melhorô)
 (BOfnrvH137N 50- olhia)
 (AECntuH137N 51- angelhica)
 (BEgpsvH137N 52- melhorá)
 (BafnsvH137N 53- trabalhia)
 (BafnsvH137N 54- trabalhia)
 (BafnsvH137N 55- trabalhia)
 (BOfqsvH137N 56- olharu)
 (BebntuH137N 57- aparelhiu)
 (BebntuH137N 58- aparelhiu)
 (BebntuH137N 59- aparelhiu)
 (BebntuH137N 60- aparelhiu)
 (BebnsuH137Q 61- juelhiu)
 (BafpsvH137Q 62- trabalhíá)
 (CabnruH137Q 63- alju)
 (BabnsuH137Q 64- retalju)
 (BafnruH137Q 65- malja)
 (BefnruH137Q 66- telja)
 (BafnruH137Q 67- palja)
 (BafnruH137Q 68- calja)
 (BofnruH137Q 69- folja)
 (BabnruH137Q 70- galju)
 (BOfqsxH137Q 71- molhiada)
 (AabnsuH137Q 72- chucalhu)
 (CabnsuH137Q 73- baralju)
 (BifnruH137Q 74- ilhias)
 (BifnruH137Q 75- pilhias)
 (BobnsuH137Q 76- piolhu)
 (BifnsuH137Q 77- cartilha)
 (AubnruH137Q 78- julhu)
 (BObnruH137Q 79- olhius)
 (CubnsuH137Q 80- barulhiu)
 (BafqsuH137Q 81- coalhada)
 (CefnruH137Q 82- abelia)
 (CufnsuH137Q 83- agulia)
 (BugpruH137Q 84- mulhé)
 (BugpruH137Q 85- culhé)
 (BobnsuH137Q 86- ferrolhu)
 (BofnruH137Q 87- bolhia)
 (AebnsuH137Q 88- ispelhu)
 (BagqtuH137Q 89- serralheru)
 (BEfqsuH137Q 90- telhadu)
 (BihqsuH137Q 91- filhoti)
 (BigqsuH137Q 92- bilheti)
 (BigmtuH137Q 93- bilheteru)
 (BigmtuH137Q 94- bilheteria)
 (CabnruH137Q 95- ataliu)

Tucuruí Adailton Silva de Lima masculino 23 anos fundamental

(BugpruH137N 01- mulhé)
 (BugqsuH137N 02- mulheris)
 (BugpruH137N 03- mulhé)
 (BugpsuH137N 04- mulheris)
 (BugpruH137N 05- mulhé)
 (BugpsuH137N 06- mulheris)
 (AaQpsvH137N 07- trabalhô)
 (BalqtvH137N 08- trabalhãnu)
 (BalnsvH137N 09- trabalhã)

(DafpsvH137N 10- trabaiá)
 (BadpsvH137N 11- trabalhei)
 (CEhqsxH137N 12- melhoris)
 (BafnsuH137N 13- trabalhia)
 (BalqtvH137N 14- trabalhãdu)
 (BEhprxH137N 15- melhió)
 (FafnsvH137N 16- trabaa)
 (CafnsvH137N 17- trabalja)
 (AabnsuH137N 18- trabalhu)
 (CafpsvH137N 19- trabalhjá)
 (AEhprxH137N 20- melhó)
 (AaQptvH137N 21- atrapalhô)
 (AibnruH137N 22- filhu)
 (BEfqtuH137N 23- aparalhagem)
 (BOfnrvH137N 24- olhia)
 (AObnruH137N 25- olhu)
 (BebnsuH137Q 26- juelhiu)
 (BabnsuH137Q 27- trabalhiu)
 (BabnruH137Q 28- alhiu)
 (BabnsuH137Q 29- retalhiu)
 (BafnruH137Q 30- malhia)
 (BefnruH137Q 31- telhia)
 (CafnruH137Q 32- palja)
 (DafnruH137Q 33- caia)
 (BofnruH137Q 34- folhias)
 (BabnruH137Q 35- galhiu)
 (BOfqsxH137Q 36- molhada)
 (BabnsuH137Q 37- chucalhu)
 (BabnsuH137Q 38- baralhiu)
 (BifnruH137Q 39- ilha)
 (BifnruH137Q 40- pilha)
 (BobnsuH137Q 41- peolhu)
 (BifnsuH137Q 42- cartilha)
 (BubnruH137Q 43- julhu)
 (BObnruH137Q 44- oljus)
 (BubnsuH137Q 45- barulhus)
 (BagqsuH137Q 46- coalhada)
 (BefnruH137Q 47- abelhia)
 (BubnruH137Q 48- agulhia)
 (BugpruH137Q 49- mulhé)
 (BogpruH137Q 50- colhé)
 (BofnruH137Q 51- bolhia)
 (BebnsuH137Q 52- ispelhu)
 (BagqtuH137Q 53- serralheru)
 (BefqsuH137Q 54- telhadu)
 (BihqsuH137Q 55- filhoti)
 (BigqsuH137Q 56- bilhetin)
 (BigmtuH137Q 57- bilheteru)
 (BigmtuH137Q 58- bilheteria)
 (BabnsuH137Q 59- atalhiu)

Tucuruí Conceição de Maria Correia Vitor feminino 55 anos superior

(BafqtvM247N 01- trabalhava)
 (DufqsvM247N 02- dibuiá)
 (BibnruM247N 03- milhu)
 (BihqtxM247N 04- maravilhosa)
 (BigmsuM247N 05- bilhetin)
 (BifnruM247N 06- filhas)
 (BihqtxM247N 07- maravilhosa)
 (BifnruM247N 08- filhas)
 (BifnruM247N 09- filhas)
 (BabnsuM247N 10- trabalhu)
 (BadpsvM247N 11- trabalhei)
 (BadpsvM247N 12- trabalhei)
 (BihqtxM247N 13- maravilhosa)
 (BadpsvM247N 14- trabalhei)
 (BifnruM247N 15- filhas)
 (BabnsuM247N 16- trabalhu)

(BabpsvM247N 17- trabalhá)
(BafqtvM247N 18- trabalhava)
(BabpsvM247N 19- trabalhá)
(AEbnrxM247N 20- velhu)
(AEbnrxM247N 21- velhu)
(BafpsvM247N 22- trabalhá)
(BiQqtxM247N 23- maravilhosos)
(BadpsvM247N 24- trabalhôu)
(BafqtvM247N 25- trabalhava)
(BafqtvM247N 26- trabalhava)
(BabnsuM247N 27- trabalhiu)
(BabnsuM247N 28- trabalhiu)
(BadpsvM247N 29- trabalhei)
(BadpsvM247N 30- trabalhei)
(BadpsvM247N 31- trabalhei)
(BadpsvM247N 32- trabalhei)
(BadpsvM247N 33- trabalhei)
(BabnsuM247N 34- trabalhiu)
(AifnruM247N 35- filha)
(AibnruM247N 36- filhu)
(FifnruM247N 37- fia)
(BibnruM247N 38- filhu)
(BibnruM247N 39- filhu)
(BiQqtxM247N 40- maravilhosos)
(BabnsuM247N 41- trabalhu)
(BabnsuM247N 42- trabalhu)
(BibnruM247N 43- filhus)
(BibnruM247N 44- filhus)
(BifnruM247N 45- filha)
(BifnruM247N 46- filha)
(BifnruM247N 47- filha)
(BifnruM247N 48- filhas)
(CifnsuM247N 49- familia)
(BugpruM247N 50- mulhé)
(BabnsuM247N 51- trabalhu)
(AifnsuM247N 52- familia)
(BabnsuM247N 53- trabalhu)
(AifnsuM247N 54- familia)
(CacnsuM247N 55- detali)
(BugpruM247N 56- mulhé)
(BugpruM247N 57- mulhé)
(BugpruM247N 58- mulhé)
(BugpruM247N 59- mulhé)
(BibnruM247N 60- filhu)
(BodpsvM247N 61- olhei)
(BodpsvM247N 62- olhei)
(BOfqsvM247N 63- olhava)
(BofnrvM247N 64- olha)
(BifnruM247N 65- filha)
(BibnruM247N 66- filhu)
(BibnruM247N 67- filhus)
(BibnruM247N 68- filhus)
(BibnruM247N 69- filhus)
(AOfnrvM247N 70- olha)
(DOfnrvM247N 71- oia)
(BOfnrvM247N 72- olha)
(BEfnrxM247N 73- velha)
(BegntxM247N 74- vermelhu)
(CafnruM247N 75- palja)
(CafnruM247N 76- palja)
(BafqtvM247N 77- trabalhava)
(BOfnrvM247N 78- olha)
(BafqtvM247N 79- trabalhava)
(BafqtvM247N 80- trabalhava)
(BafpsvM247N 81- trabalhá)
(BafptvM247N 82- atrapalhá)
(BOfnrvM247N 83- olha)
(BafmtxM247N 84- trabalhadoris)
(BabnsuM247N 85- trabalhu)
(BOfnrvM247N 86- olha)
(BafnsuM247N 87- trabalha)

(BOfnrvM247N 88- olha)
(BOfnrvM247N 89- olha)
(BebnsuM247Q 90- juelhu)
(BafpsvM247Q 91- trabalhá)
(BabnruM247Q 92- alhu)
(CabnsuM247Q 93- retalju)
(CafnruM247Q 94- malja)
(BefnruM247Q 95- telha)
(CafnruM247Q 96- palja)
(CafnruM247Q 97- calja)
(BofnruM247Q 98- folja)
(BabnruM247Q 99- galjus)
(BOdqsxM247Q 100- molhada)
(BabnsuM247Q 101- chucalhu)
(BabnsuM247Q 102- baralhu)
(BifnruM247Q 103- ilha)
(CifnruM247Q 104- pilja)
(BobnsuM247Q 105- piolhu)
(CifnsuM247Q 106- cartilja)
(AubnruM247Q 107- julhu)
(BObnruM247Q 108- olhus)
(BubnsuM247Q 109- barulhu)
(BafnsuM247Q 110- coalhada)
(BefnsuM247Q 111- abelhia)
(BufnsuM247Q 112- agulhia)
(BugpruM247Q 113- mulhé)
(BugpruM247Q 114- culhé)
(BobnsuM247Q 115- ferrolhu)
(BofnruM247Q 116- bolhia)
(BebnsuM247Q 117- ispelhu)
(BadqtuM247Q 118- serralheiru)
(BEfqsuM247Q 119- telhadu)
(BihqsuM247Q 120- filhoti)
(BigqsuM247Q 121- bilheti)
(BigmsuM247Q 122- bilheteru)
(BigmsuM247Q 123- bilheteria)
(BabnsuM247Q 124- atalhu)

Tucuruí Paulo Costa masculino 55 anos fundamental

(AabnsuH237N 01- trabalho)
(BafpsvH237N 02- trabalhá)
(BafpsvH237N 03- trabalhá)
(AabnsuH237N 04- trabalho)
(AabnsuH237N 05- trabalho)
(BafpsvH237N 06- trabalhá)
(BafpsvH237N 07- trabalhá)
(BafpsvH237N 08- trabalhá)
(BafpsvH237N 09- trabalhá)
(BadpsvH237N 10- trabalhei)
(AacmtvH237N 11- realizô)
(AabnsuH237N 12- trabalho)
(AabnsuH237N 13- trabalho)
(AabnsuH237N 14- trabalho)
(BafnsvH237N 15- trabalha)
(AicnsuH237N 16- família)
(AabnsuH237N 17- trabalho)
(AibnruH237N 18- filhu)
(AibnruH237N 19- filhu)
(BafpsvH237N 20- trabalhá)
(AabnsuH237N 21- trabalho)
(BugpruH237N 22- mulhé)
(BEfnrxH237N 23- velhia)
(BEfnrxH237N 24- velhia)
(BEfnrxH237N 25- velhia)
(BahnsuH237N 26- trabalho)
(BahnsuH237N 27- trabalho)
(BugpruH237N 28- mulhé)
(AibnruH237N 29- filhus)
(BalqtvH237N 30- trabalhãdu)

(BOfnrvH237N 31- olhia)
 (BEhprxH237N 32- melhió)
 (AOcnrvH237N 33- olhi)
 (BOfnrvH237N 34- olhia)
 (BugpruH237N 35- mulhé)
 (AOcnsvH237N 36- incolhi)
 (BugpruH237N 37- mulhé)
 (AicnsuH237N 38- família)
 (AOcntuH237N 39- parabolhica)
 (BafnsuH237N 40- medalhia)
 (BafnsvH237N 41- trabalhia)
 (BefqtuH237N 42- aparelhiagi)
 (BibnruH237N 43- filhiu)
 (BibnruH237N 44- filhiu)
 (BugpruH237N 45- mulhié)
 (BibnruH237N 46- filhiu)
 (BibnruH237N 47- filhiu)
 (BugpruH237N 48- mulhié)
 (BugpruH237N 49- mulhié)
 (AabnsuH237N 50- trabalhu)
 (BibnruH237N 51- filhu)
 (BugpruH237N 52- mulhé)
 (BafpsvH237N 53- trabalhá)
 (BafpsvH237N 54- trabalhá)
 (BafpsvH237N 55- trabalhá)
 (BibnruH237N 56- filhu)
 (AebnsuH237Q 57- juelhu)
 (AabnsuH237Q 58- trabalhu)
 (AabnruH237Q 59- alhu)
 (AabnsuH237Q 60- retalhu)
 (CafnruH237Q 61- malja)
 (BefnruH237Q 62- telhia)
 (CafnruH237Q 63- palja)
 (BafnruH237Q 64- calhia)
 (BofnruH237Q 65- folhia)
 (BabnruH237Q 66- galhiu)
 (BOdqsxH237Q 67- molhiada)
 (AabnsuH237Q 68- sucalhu)
 (AabnsuH237Q 69- baralhu)
 (BifnruH237Q 70- ilhia)
 (BifnruH237Q 71- pilhia)
 (BobnsuH237Q 72- piolhiu)
 (BifnsuH237Q 73- cartilhia)
 (AabnruH237Q 74- julhu)
 (AabnruH237Q 75- olhu)
 (AabnsuH237Q 76- barulhu)
 (AafnsuH237Q 78- coalhada)
 (BefnsuH237Q 79- abelhia)
 (BufnsuH237Q 80- agulhia)
 (AugpruH237Q 81- mulhé)
 (AugpruH237Q 82- culhé)
 (AobnsuH237Q 83- ferrolhu)
 (BofnruH237Q 84- bolhia)
 (AebnsuH237Q 85- ispelhu)
 (BagqtuH237Q 86- serralhieru)
 (BefnsuH237Q 87- telhiadu)
 (BihqsuH237Q 88- filhoti)
 (BigqsuH237Q 89- bilhietu)
 (BigmtuH237Q 90- bilhieteru)
 (BigmtuH237Q 91- bilhieteru)
 (AabnsuH237Q 92- atalhu)

Tucuruí Francisca Elziane Silva feminino 20 anos fundamental

(BafpsvM137N 01- trabahiá)
 (BEcqsxM137N 02- velhiã)
 (CifnsuM137N 03- familja)
 (BugqsuM137N 04- mulhieris)
 (BibnruM137N 05- filhius)

(BibnruM137N 06- filhiu)
(BugpruM137N 07- mulhé)
(BEbnrxM137N 08- velhiu)
(BiQgtxM137N 09- maravilhioso)
(BibnruM137N 10- filhius)
(BifnruM137N 11- filhia)
(BEfqtuM137N 12- aparelhiagi)
(BafnsuM137N 13- trabalhia)
(BafnsuM137N 14- trabalhia)
(BibnruM137N 15- filhiu)
(BibnruM137N 16- filhiu)
(BibnruM137N 17- filhiu)
(CafnruM137N 18- palja)
(CafnruM137N 19- palja)
(BEhpsvM137N 20- melhorá)
(CabnsuM137N 21- trabalju)
(CifnsuM137N 22- familja)
(BEhpsvM137N 23- melhorá)
(BabnsuM137N 24- trabalhiu)
(BofnsuM137N 25- iskolhia)
(BalqtvM137N 26- trabalhiãdu)
(BalqtvM137N 27- trabalhiãdu)
(BalqtvM137N 28- trabalhiãdu)
(BifnruM137N 29- filhia)
(BobnruM137N 30- molhiu)
(BobnruM137N 31- molhiu)
(BifnsuM137N 32- ervilhia)
(BibnruM137N 33- milhiu)
(BobnruM137N 34- molhiu)
(BEhpsvM137N 35- melhorá)
(BibnruM137N 36- filhius)
(BifnruM137N 37- filhia)
(BifnruM137N 38- filhia)
(BifnruM137N 39- filhius)
(BifnruM137N 40- filhius)
(BifnruM137N 41- filhiu)
(BifnruM137N 42- filhiu)
(BifnruM137N 43- filhiu)
(BebnsuM137Q 44- juelhiu)
(BafpsvM137Q 45- trabalhíá)
(CabnruM137Q 46- alju)
(CabnsuM137Q 47- retalju)
(CafnruM137Q 48- malja)
(BefnruM137Q 49- telhia)
(CafnruM137Q 50- palja)
(CafnruM137Q 51- calja)
(BofnruM137Q 52- foljas)
(BabnruM137Q 53- galjus)
(BOfqsxM137Q 54- molhiada)
(BabnsuM137Q 55- chucalhiu)
(BabnsuM137Q 56- baralhiu)
(BifnruM137Q 57- ilja)
(BifnruM137Q 58- pilja)
(BobnsuM137Q 59- piolju)
(BifnsuM137Q 60- cartilja)
(AubnruM137Q 61- julhu)
(BObnruM137Q 62- oljus)
(BubnsuM137Q 63- barulju)
(BafqtuM137Q 64- coaljada)
(BefnruM137Q 65- abelja)
(CufnsuM137Q 66- agulja)
(BugpruM137Q 67- muljé)
(BugpruM137Q 68- culhé)
(BobnsuM137Q 69- ferrolju)
(BofnruM137Q 70- bolja)
(BebnsuM137Q 71- ispelju)
(BadqtuM137Q 72- serralheiru)
(BEfqsuM137Q 73- teljadu)
(BihqsuM137Q 74- filjoti)
(BigqsuM137Q 75- biljeti)
(BigmtuM137Q 76- biljeteru)

(BigmtuM137Q 77- biljeteria)
(BabnruM137Q 78- atalju)

Tucuruí Teócrito Moura Rocha masculino 62 anos fundamental

(BafpsvH237N 01- trabalhjá)
(BafpsvH237N 02- trabalhjá)
(BalqtvH237N 03- trabalhjánu)
(BafqtvH237N 04- trabalhjava)
(BafpsvH237N 05- trabalhjá)
(BalqtvH237N 06- trabalhjánu)
(BafqtvH237N 07- trabalhjava)
(A/cnruH237N 08- lhinha)
(AacnrvH237N 09- falhiu)
(BafqtvH237N 10- trabalhjánu)
(AabnsuH237N 11- trabalhu)
(BafpsvH237N 12- trabalhjá)
(BalqtvH237N 13- trabalhjánu)
(BalqtvH237N 14- trabalhjánu)
(BafpsvH237N 15- trabalhjá)
(BalqtvH237N 16- trabalhjánu)
(BabnsuH237N 17- trabalju)
(BafpsvH237N 18- trabalhjá)
(BafpsvH237N 19- trabalhjá)
(BafqtvH237N 20- trabalhjava)
(BafpsvH237N 21- trabalhjá)
(BafqsvH237N 22- trabalhjá)
(CEfnrxH237N 23- velia)
(DEbnrxH237N 24- vei)
(BibnruH237N 25- trilhiu)
(BalqtvH237N 26- trabalhjánu)
(BafqtvH237N 27- trabalhjava)
(BafqtvH237N 28- trabalhjava)
(BafpsvH237N 29- trabalhjá)
(BafqsvH237N 30- trabalhjá)
(BibnruH237N 31- filju)
(CifnruH237N 32- ilia)
(GEbnrxH237N 33- veliu)
(GicnruH237N 34- filiu)
(DibnruH237N 35- fij)
(DEbnrxH237N 36- vej)
(BibnruH237N 37- filjiu)
(DEbnrxH237N 38- bej)
(BibnruH237N 39- filju)
(BEbnrxH237N 40- velju)
(FEbnrxH237N 41- veiu)
(BibnruH237N 42- filju)
(BalqtvH237N 43- ispaljãdu)
(BafmtuH237N 44- avacaljasãu)
(DEbnrxH237N 45- vei)
(DEbnrxH237N 46- vei)
(BugqtuH237N 47- muljerada)
(BugpruH237N 48- muljé)
(BugpruH237N 49- muljé)
(BocqtvH237N 50- recoljidu)
(AihprxH237N 51- milhó)
(AebntuH237N 52- aparelhu)
(AihprxH237N 53- milhó)
(AihpsvH237N 54- milhorá)
(BiQgsxH237N 55- miljóris)
(BebnruH237Q 56-juelju)
(CabnsuH237Q 57- trabaliu)
(CabnruH237Q 58- aliu)
(CabnsuH237Q 59- retaliu)
(CafnruH237Q 60- malia)
(CefnruH237Q 61- telia)
(CafnruH237Q 62- palia)
(CafnruH237Q 63- calia)
(AofnruH237Q 64- folha)
(AabnruH237Q 65- galhu)

(BOFqsxH237Q 66- moljada)
(CabnsuH237Q 67- chucaliu)
(CabnsuH237Q 68- baraliu)
(AifnruH237Q 69- ilha)
(BifnruH237Q 70- pilja)
(AobnruH237Q 71- piolhu)
(BifnsuH237Q 72- cartilja)
(AubnruH237Q 73- julhu)
(COcnruH237Q 74- olius)
(AubnsuH237Q 75- barulhu)
(BafqtuH237Q 76- coaljada)
(BefnruH237Q 77- abelja)
(BufnruH237Q 78- agulja)
(BugpruH237Q 79- muljé)
(AugpruH237Q 80- culjé)
(AobnsuH237Q 81- ferrolhu)
(AofnruH237Q 82- bolha)
(AebnsuH237Q 83- ispelhu)
(BagqtuH237Q 84- serraljeru)
(AEfqsuH237Q 85- telhadu)
(AibnruH237Q 86- filhu)
(BicqsuH237Q 87- filjinhu)
(BihqsuH237Q 88- filjoti)
(BigqsuH237Q 89- biljeti)
(BigmtuH237Q 90- biljeteru)
(BigmtuH237Q 91- biljeteria)
(AabnruH237Q 92- atalhu)

Tucuruí Antonia Maria Lopes feminino 55 anos fundamental

(BibnruM237N 01- filju)
(BibnruM237N 02- filju)
(BalqtvM237N 03- trabaljānu)
(BafqtvM237Q 04- trabaljjava)
(BafqtvM237N 05- trabaljjava)
(BafqtvM237N 06- trabaljjava)
(BibnruM237N 07- filju)
(BibnruM237N 08- filju)
(BibnruM237N 09- filju)
(DibnruH237N 10- fij)
(BafpsvM237N 11- trabaljá)
(FEfnrxM237N 12- vea)
(AabnsuM237N 13- cascalhu)
(AibnruM237N 14- filhu)
(BugpruM237N 15- muljé)
(BodpsvM237N 16- oljei)
(AibnruM237N 17- filhu)
(AibnruM237N 18- filhu)
(BOlqsvM237N 19- oljānu)
(BugpruM237N 20- muljé)
(BugpruM237N 21- muljé)
(BugpruM237N 22- muljé)
(BOfnrvM237N 23- olja)
(DibnruM237N 24- fii)
(BOfnrvM237N 25- olja)
(CifnsuM237N 26- familjia)
(BugpruM237N 27- muljé)
(BifnruM237N 28- filja)
(BEfnrvM237N 29- velja)
(BugpruM237N 30- muljé)
(BifnruM237N 31- filja)
(BifnruM237N 32- filja)
(AecnrXM237N 33- felhis)
(AibnruM237N 34- filhu)
(AecnrXM237N 35- felhis)
(DibnruM237N 36- fii)
(DibnruM237N 37- fii)
(AibnruM237N 38- filhu)
(BugpruM237N 39- mulhé)
(BalqtvM237N 40- trabaljānu)

(BOfnrvM237N 41- olja)
(BibnruM237N 42- filju)
(BOfnrvM237N 43- olja)
(BOfqsvM237N 44- oljava)
(BOfnrvM237N 45- olja)
(CicnsuM237N 46- vasilja)
(A/c/suM237N 47- ljiquidu)
(BafqtvM237N 48- tralbaljava)
(BibnruM237N 49- filju)
(BafpsvM237N 50- tralbaljá)
(BibnruM237N 51- filju)
(BibnruM237N 52- filju)
(BEbnrxM237N 53- velju)
(AEbnrxM237N 54- velhu)
(A/c/ruM237N 55- lhitru)
(A/c/ruM237N 56- lhitru)
(A/c/ruM237N 57- lhitru)
(BibnruM237N 58- filju)
(BibnruM237N 59- filju)
(BibnruM237N 60- filju)
(BabnruM237N 61- galju)
(FifnruM237N 62- fia)
(BOfnrvM237N 63- olja)
(BugpruM237N 64- mulhé)
(AacnrvM237N 65- falhi)
(BOfnrvM237N 66- olja)
(AecnryM237N 67- elhi)
(BugpruM237N 68- muljé)
(BOfnrvM237N 69- olja)
(BOfnrvM237N 70- olja)
(FifnruM237N 71- fia)
(BEfnrvM237N 72- velja)
(BEfnrvM237N 73- velja)
(DafpsvM237N 74- tralbaiá)
(BifnruM237N 75- filja)
(BugpruM237N 76- muljé)
(BibnruM237N 77- filju)
(BOfprvM237N 78- oljá)
(BOlqtvM237N 79- oljádu)
(BaQptvM237N 80- disagasaljô)
(CifnsuM237N 81- familjia)
(CifnsuM237N 82- familjia)
(BugpruM237N 83- muljé)
(BalqtvM237N 84- agasalhâmu)
(BOfnrvM237N 85- olja)
(BalqtvM237N 86- agasaljanu)
(C/c/ruM237N 87- lhivri)
(BaQptvM237N 88- disagasaljô)
(BOfnrvM237N 89- olja)
(BabnsuM237N 90- asualju)
(BOfnrvM237N 91- olja)
(BafmtuM237N 92- desagaljamentu)
(BabnsuM237N 93- asualju)
(BibnruM237N 94- filju)
(BafqtvM237N 95- tralbaljava)
(BugpruM237N 96- muljé)
(BafpsvM237N 97- tralbaljá)
(BufpruM237N 98- muljé)
(BafpsvM237N 99- tralbaljá)
(BibnruM237N 100- filju)
(BafqtvM237N 101- tralbaljava)
(BafpsvM237N 102- tralbaljá)
(BafmtxM237N 103- tralbaljadora)
(CecnryM237N 104- delji)
(A/QprvM237N 105- lhigô)
(BugpruM237N 106- muljé)
(BugpruM237N 107- muljé)
(BEhprxM237N 108- meljó)
(BugpruM237N 109- muljé)
(BibnruM237N 110- filju)
(BafmtxM237N 111- tralbaljadera)

(BalqtvM237N 112- trabaljādu)
(BebnruM237Q 113- juelju)
(BafpsvM237Q 114- TRABALJÁ)
(CabnruM237Q 115- alju)
(CabnsuM237Q 116- retaljiu)
(CafnruM237Q 117- maljia)
(BefnruM237Q 118- teljia)
(CafnruM237Q 119- paljia)
(CafnruM237Q 120- caljia)
(BofnruM237Q 121- foljia)
(CafnruM237Q 122- galjiu)
(BOFqsxM237Q 123- moljada)
(CabnsuM237Q 124- chucalju)
(BabnsuM237Q 125- baralju)
(BifnruM237Q 126- ilja)
(BifnruM237Q 127- pilja)
(BobnruM237Q 128- piolju)
(CifnsuM237Q 129- cartiljia)
(AubnruM237Q 130- julhu)
(AObnruM237Q 131- olhu)
(BubnsuM237Q 132- barulju)
(BafqsuM237Q 133- coaljada)
(CefnruM237Q 134- abeljia)
(CufnruM237Q 135- aguljia)
(BugpruM237Q 136- muljé)
(BOgpruM237Q 137- colhé)
(AobnsuM237Q 138- ferrolju)
(CofnruM237Q 139- boljia)
(BebnsuM237Q 140- ispelju)
(BagqtuM237Q 141- serraljeru)
(BefqsuM237Q 142- teljadu)
(BihqsuM237Q 143- filjoti)
(BigqsuM237Q 144- biljeti)
(BigmtuM237Q 145- biljeteru)
(BigmtuM237Q 146- biljeteria)
(CabnsuM237Q 147- ataljiu)

Tucuruí Ana Moreira Lima feminino 55 anos fundamental

(BalqtvM247N 01- trabaljānu)
(BafpsvM237N 02- TRABALJÁ)
(BafqtvM237N 03- TRABALJAVA)
(BadpsvM237N 04- TRABALJEI)
(BafqtvM237N 05- TRABALJAVA)
(BibnruM237N 06- filju)
(BalqtvM237N 07- trabaljāmu)
(BalqtvM237N 08- trabaljāmu)
(BodpsvM237N 09- recoljeu)
(BalqtvM237N 10- trabaljānu)
(BalqtvM237N 11- trabaljānu)
(BibnruM237N 12- filju)
(BibnruM237N 13- filju)
(CifnsuM237N 14- familjia)
(BafpsvM237N 15- TRABALJÁ)
(BadpsvM237N 16- TRABALJEI)
(BafpsvM237N 17- TRABALJÁ)
(BafqtvM237N 18- TRABALJAVA)
(BafqtvM237N 19- TRABALJAVA)
(BugpruM237N 20- muljé)
(BibnruM237N 21- filju)
(BibnruM237N 22- filju)
(BalqtvM237N 23- trabaljānu)
(BafqtvM237N 24- TRABALJAVA)
(BafpsvM237N 25- TRABALJÁ)
(BalqtvM237N 26- trabaljānu)
(BabnsuM237N 27- TRABALJU)
(BabnsuM237N 28- TRABALJU)
(BafpsvM237N 29- TRABALJÁ)
(BafqtvM237N 30- TRABALJAVA)

(BalqtvM237N 31- trabalhãnu)
 (CifnsuM237N 32- familjia)
 (BafpsvM237N 33- trabalhjá)
 (BafqtvM237N 34- trabalhjava)
 (BibnruM237N 35- filju)
 (BugpruM237N 36- muljé)
 (BifnruM237N 37- filja)
 (BibnruM237N 38- filju)
 (BugpruM237N 39- muljé)
 (BugpruM237N 40- muljé)
 (BugpruM237N 41- culjé)
 (BibnruM237N 42- filjus)
 (BOfnrvM237N 43- olja)
 (BafpsvM237N 44- trabalhjá)
 (BafpsvM237N 45- trabalhjá)
 (BafpsvM237N 46- trabalhjá)
 (BalqtvM237N 47- trabalhjádu)
 (BalqtvM237N 48- trabalhjádu)
 (BEfnrxM237N 49- velja)
 (BebnruM237Q 50- juelju)
 (BafpsvM237Q 51- trabalhjá)
 (CabnruM237Q 52- alju)
 (CabnsuM237Q 53- retaljiu)
 (CafnruM237Q 54- maljia)
 (BefnruM237Q 55- teljia)
 (CafnruM237Q 56- paljia)
 (CafnruM237Q 57- caljia)
 (BofnruM237Q 58- foljia)
 (CafnruM237Q 59- galjiu)
 (BOfqsxM237Q 60- moljada)
 (CabnsuM237Q 61- chucalju)
 (BabnsuM237Q 62- baralju)
 (BifnruM237Q 63- ilja)
 (BifnruM237Q 64- pilja)
 (BobnruM237Q 65- piolju)
 (CifnsuM237Q 66- cartiljia)
 (AubnruM237Q 67- julhu)
 (AObnruM237Q 68- olhu)
 (BubnsuM237Q 69- barulju)
 (BafqsuM237Q 70- coaljada)
 (CefnruM237Q 71- abeljia)
 (CufnruM237Q 72- aguljia)
 (BugpruM237Q 73- muljé)
 (BOgpruM237Q 74- colhé)
 (AobnsuM237Q 75- ferrolju)
 (CofnruM237Q 76- boljia)
 (BebnsuM237Q 77- ispelju)
 (BagqtuM237Q 78- serraljeru)
 (BefqsuM237Q 79- teljadu)
 (BihqsuM237Q 80- filjoti)
 (BigqsuM237Q 81- biljeti)
 (BigmtuM237Q 82- biljeteru)
 (BigmtuM237Q 83- biljeteria)
 (CabnsuM237Q 84- ataljiu)

 TUCURUI JOSE BARROS MASCULINO 26 ANOS SUPERIOR

(BugqsuM147N 01- muljeris)
 (BEbnrxM147N 02- velju)
 (BEbnrxM147N 03- velju)
 (AabnsuM147N 04- trabalhu)
 (BigmtuM147N 05- biljetinhu)
 (BalqtvM147N 06- trabalhãnu)
 (AabnsuM147N 07- trabalhu)
 (AEhprxM147N 08- melhó)
 (AEhmsvM147N 09- melhorá)
 (AEhmsvM147N 10- melhorá)
 (AEhqsxM147N 11- melhoris)
 (AEhqsvM147N 12- melhori)
 (AEhprxM147N 13- melhó)

(AabnsuM147N 14- trabalho)
(AabnsuM147N 15- trabalho)
(BebnsuM147Q 16- juelju)
(BalqtvM147Q 17- trabalhãnu)
(BabnruM147Q 18- alju)
(AabnsuM147Q 19- retalhu)
(BafnruM147Q 20- malja)
(AefnruM147Q 21- telha)
(BafnruM147Q 22- palja)
(BafnruM147Q 23- calja)
(BofnruM147Q 24- folja)
(AabnruM147Q 25- galhu)
(BOfqsxM147Q 26- moljada)
(AabnsuM147Q 27- chucalhu)
(AabnsuM147Q 28- baralhu)
(BifnruM147Q 29- ilja)
(BifnruM147Q 30- pilja)
(AobnsuM147Q 31- piolhu)
(BifnsuM147Q 32- cartilja)
(AubnruM147Q 33- julhu)
(AObnruM147Q 34- olhus)
(AubnsuM147Q 35- barulhu)
(BafqsuM147Q 36- cualjada)
(AefnruM147Q 37- abelha)
(BufnruM147Q 38- agulja)
(BugpruM147Q 39- muljé)
(BogpruM147Q 40- coljé)
(AobnsuM147Q 41- ferrolhu)
(BofnruM147Q 42- bolja)
(AebnsuM147Q 43- ispelhu)
(BadqtuM147Q 44- serraljeiru)
(BefqsuM147Q 45- teljadu)
(BihqsuM147Q 46- filjoti)
(BigqsuM147Q 47- biljeti)
(BigmtuM147Q 48- biljeteru)
(BigmtuM147Q 49- biljeteria)
(AabnsuM147Q 50- atalhu)

Curionopolis Eugenia Bispo Santiago feminino 60 anos fundamental

(DibnruM235N 01- fij)
(DibnruM235N 02- fij)
(DibnruM235N 03- fij)
(DibnruM235N 04- fij)
(DabnsuM235N 05- trabaj)
(DibnruM235N 06- fij)
(DibnruM235N 07- fij)
(DibnruM235N 08- fij)
(DibnruM235N 09- fij)
(FugpruM235N 10- mujé)
(FugpruM235N 11- mujé)
(DibnruM235N 12- fij)
(FefpsvM235N 13- ajueá)
(FefpsvM235N 14- ajueá)
(DEfnrxM235N 15- vej)
(FibnruM235N 16- fijju)
(DibnruM235N 17- fij)
(FugpruM235N 18- mujé)
(FafptxM235N 19- trabajadô)
(FafpsvM235N 20- trabajá)
(DibnruM235N 21- fij)
(FOfnrvM235N 22- oja)
(FOLqsvM235N 23- ojãnu)
(FOLqsvM235N 24- ojãnu)
(FoQpsvM235N 25- ojô)
(DibnruM235N 26- fij)
(FOfnruM235N 27- oja)
(FugpruM235N 28- mujé)

(FoQprvM235N 29- ojô)
(FugpruM235N 30- mujé)
(FafqtvM235N 31- trabajava)
(FofnruM235N 32- foja)
(DolqsvM235N 33- ojãnu)
(FugpruM235N 34- mujé)
(FOfnruM235N 35- oja)
(FugpruM235N 36- mujé)
(FugpruM235N 37- mujé)
(FugpruM235N 38- mujé)
(FugpruM235N 39- mujé)
(FifnruM235N 40- fia)
(FifnruM235N 41- fia)
(FifnruM235N 42- fia)
(FifnruM235N 43- fia)
(FEfnrxM235N 44- vea)
(DOfnrvM235N 45- oj)
(FOfnruM235N 46- oja)
(DibnruM235N 47- fij)
(FugpruM235N 48- mujé)
(FugpruM235N 49- mujé)
(FOfqsvM235N 50- ojava)
(FOLqsvM235N 51- ojãnu)
(FOfnrvM235N 52- oja)
(DibnruM235N 53- fij)
(DibnruM235N 54- fij)
(DibnruM235N 55- fij)
(FugmtuM235N 56- muezada)
(DEbnrxM235N 57- vej)
(FihprxM235N 58- mió)
(DEbnrxM235N 59- vej)
(DafnsuM235N 60- chucaja)
(DibnruM235N 61- fij)
(DEbnrxM235N 62- vej)
(FugpruM235N 63- mujé)
(DafptxM235N 64- trabajadô)
(FugpruM235N 65- mujé)
(AebnruM235Q 66- juelhu)
(DafpsvM235Q 67- trabajá)
(GacnruM235Q 68- aliu)
(GacnsuM235Q 69- retaliu)
(BafnruM235Q 70- malja)
(AefnruM235Q 71- telha)
(GacnruM235Q 72- palia)
(GocnruM235Q 73- folia)
(GacnruM235Q 74- galiu)
(BOfqsxM235Q 75- moljada)
(DabnsuM235Q 76- chucaj)
(GacnsuM235Q 77- baraliu)
(GicnruM235Q 78- ilia)
(GicnruM235Q 79- pilia)
(AobnsuM235Q 80- piolhu)
(GicnsuM235Q 81- cartilia)
(GubnruM235Q 82- juli)
(AObnruM235Q 83- olhus)
(AubnsuM235Q 84- barulhu)
(DafqsuM235Q 85- coajda)
(GecnruM235Q 86- abelia)
(GucnruM235Q 87- agulia)
(DugpruM235Q 88- mujé)
(AugpruM235Q 89- culhé)
(DobnsuM235Q 90- ferroju)
(DebnsuM235Q 91- ispeju)
(BefqsuM235Q 92- teljadu)
(AihqsuM235Q 93- filjoti)
(FigqsuM235Q 94- bieti)
(FigmtuM235Q 95- bieteru)
(DigmtuM235Q 96- bijeteru)
(DabnruM235Q 97- ataj)

Curionópolis Francisca Santos Cruz feminino 55 anos fundamental

(DafpsvM235N 01- trabalhá)
(FifnruM235N 02- fia)
(BagqtvM235N 03- trabalhava)
(BalqtvM235N 04- trabalhãdu)
(BalqtvM235N 05- trabalhãdu)
(AEhprxM235N 06- melhó)
(BafpsvM235N 07- trabalhjá)
(AafqtvM235N 08- trabalhava)
(BafpsvM235N 09- trabalhjá)
(BalqtvM235N 10- trabalhãnu)
(BadpsvM235N 11- trabaljei)
(BafpsvM235N 12- trabalhjá)
(BadpsvM235N 13- trabaljei)
(AibnruM235N 14- filhu)
(BadpsvM235N 15- trabaljei)
(BugpruM235N 16- muljé)
(BalqtvM235N 17- trabalhãnu)
(BEfnrxM235N 18- velja)
(AabnsuM235N 19- trabalhu)
(DibnruM235N 20- fij)
(AEhprxM235N 21- melhó)
(BEfnrxM235N 22- velja)
(BalqtvM235N 23- trabalhãnu)
(AibnruM235N 24- filhu)
(DafnsvM235N 25- trabalha)
(AafnsvM235N 26- trabalha)
(BugpruM235N 27- muljé)
(BugpruM235N 28- muljé)
(AalqtvM235N 29- trabalhãnu)
(AifnruM235N 30- filha)
(BafpsvM235N 31- trabalhjá)
(BafpsvM235N 32- trabalhjá)
(AaQpsvM235N 33- trabalhô)
(AaQpsvM235N 34- trabalhô)
(AaQpsvM235N 35- trabalhô)
(BafpsvM235N 36- trabalhjá)
(AabnsvM235N 37- trabalhu)
(BafpsvM235N 38- trabalhjá)
(DalqtvM235N 39- trabajãnu)
(BafpsvM235N 40- trabalhjá)
(BugpruM235N 41- muljé)
(FafnsvM235N 42- trabaá)
(BEfnrxM235N 43- velja)
(BafpsvM235N 44- trabalhjá)
(BafpsvM235N 45- trabalhjá)
(BafpsvM235N 46- trabalhjá)
(DEfnrxM235N 47- veja)
(BafpsvM235N 48- trabalhjá)
(AibnruM235N 49- filhu)
(DEfnrxM235N 50- vej)
(FifnruM235N 51- fia)
(AEhpsvM235N 52- melhora)
(AEbnrxM235N 53- velhu)
(AafnsvM235N 54- trabalha)
(FifnruM235N 55- fia)
(DabnsuM235N 56- trabaju)
(DofnruM235N 57- foja)
(FifnruM235N 58- fia)
(DibnruM235N 59- fij)
(AehnsvM235N 60- melhorei)
(BEhprxM235N 61- meljó)
(FifnruM235N 62- fia)
(DafnruM235N 63- paja)
(FifnruM235N 64- fia)
(BugntuM235N 65- muljerada)
(BadpsvM235N 66- trabaljei)
(BugntuM235N 67- muljerada)
(AaQpsvM235N 68- trabalhô)
(AaQpsvM235N 69- trabalhô)

(AabnsuM235N 70- cascalhu)
 (FugqtuM235N 71- muerada)
 (DObnruM235N 72- oi)
 (BafqtvM235N 73- trabaljava)
 (AEhpsvM235N 74- melhorá)
 (BadpsvM235N 75- trabaljei)
 (BafpsvM235N 76- trabalhjá)
 (DOfnrvM235N 77- oja)
 (AabnsuM235N 78- trabalhu)
 (AifnruM235N 79- filha)
 (AibnruM235N 80- filhu)
 (BadpsvM235N 81- trabaljei)
 (FaQpsvM235N 82- trabaô)
 (BalqtvM235N 83- trabaljãnu)
 (BadpsvM235N 84- trabaljei)
 (AebnsuM235Q 85- juelhu)
 (BalqtvM235Q 86- trabaljãdu)
 (CabnruM235Q 87- aliu)
 (AabnsuM235Q 88- retalhu)
 (CafnruM235Q 89- malia)
 (AefnruM235Q 90- telha)
 (CafnruM235Q 91- palia)
 (CafnruM235Q 92- calia)
 (AofnruM235Q 93- folha)
 (DabnruM235Q 94- gaiu)
 (BOfgtxM235Q 95- moljada)
 (AabnsuM235Q 96- chucalhu)
 (AabnsuM235Q 97- baralhu)
 (AifnruM235Q 98- ilha)
 (AifnruM235Q 99- pilha)
 (AobnsuM235Q 100- piolhu)
 (CicnsuM235Q 101- cartilia)
 (AubnruM235Q 102- julhu)
 (AObnruM235Q 103- olhus)
 (AubnsuM235Q 104- barulhu)
 (BafqsuM235Q 105- coaljada)
 (AefnsuM235Q 106- abelha)
 (AufnruM235Q 107- agulha)
 (AugpruM235Q 108- mulhé)
 (AugpruM235Q 109- culhé)
 (AobnsuM235Q 110- ferrolhu)
 (AufnsuM235Q 111- borbulha)
 (AebnsuM235Q 112- ispelhu)
 (BagqtuM235Q 113- serraljeru)
 (BefqsuM235Q 114- teljado)
 (AihqsuM235Q 115- filhoti)
 (BigqsuM235Q 116- biljeti)
 (AigmtuM235Q 117- bilheteru)
 (AifmtuM235Q 118- biljataria)
 (AabnsuM235Q 119- atalhu)

Curionópolis Aldiléia Santos Cruz feminino 22 anos fundamental

(AOlqsvM135N 01- olhãnu)
 (AobnruM135N 02- olha)
 (AOlqsvM135N 03- olhãnu)
 (AubnruM135N 04- julhu)
 (AehpsvM135N 05- melhorô)
 (BafmtuM135N 06- paljaçada)
 (GuhqsuM135N 07- muleris)
 (AugpruM135N 08- mulhé)
 (AOfnrvM135N 09- olha)
 (AifmtuM135N 10- cartilhazia)
 (AebnruM135N 11- juelhu)
 (AibnruM135N 12- milhu)
 (BafmsuM135N 13- maljasãu)
 (BOfnrvM135N 14- olja)
 (BafqtvM135N 15- ispaljado)
 (BOfnrvM135N 16- olja)

(BadpsvM135N 17- trabaljei)
 (BalqtvM135N 18- trabaljãnu)
 (BafpsvM135N 19- trabaljã)
 (BafpsvM135N 20- trabaljã)
 (BalqtvM135N 21- trabaljãnu)
 (BadpsvM135N 22- trabaljei)
 (AugpruM135N 23- mulhé)
 (BafpsvM135N 24- trabaljã)
 (AOfnrvM135N 25- olha)
 (BafpsvM135N 26- trabaljã)
 (BibnsuM135N 27- piraljus)
 (BadpsvM135N 28- trabaljei)
 (BafqtvM135N 29- trabaljãva)
 (BafqtvM135N 30- trabaljãva)
 (BaQpsvM135N 31- trabaljô)
 (BafqtvM135N 32- trabaljãva)
 (BebnruM135Q 33- juelju)
 (AabnsuM135Q 34- trabalhu)
 (AabnruM135Q 35- alhu)
 (CabnsuM135Q 36- retaliu)
 (CafnruM135Q 37- malia)
 (BefnruM135Q 38- telja)
 (CafnruM135Q 39- palia)
 (CafnruM135Q 40- calia)
 (AofnruM135Q 41- folha)
 (AabnruM135Q 42- galhu)
 (BOfqsxM135Q 43- moljada)
 (AabnsuM135Q 44- chucalhu)
 (AabnsuM135Q 45- baralhu)
 (CifnruM135Q 46- ilia)
 (CifnruM135Q 47- pilia)
 (AobnruM135Q 48- piolhu)
 (BafnsuM135Q 49- cartilja)
 (AubnruM135Q 50- julhu)
 (AobnruM135Q 51- olhu)
 (AubnsuM135Q 52- barulhu)
 (BafqsuM135Q 53- coaljada)
 (AefnsuM135Q 54- abelha)
 (AufnsuM135Q 55- agulha)
 (AugpruM135Q 56- mulhé)
 (AugpruM135Q 57- culhé)
 (AobnsuM135Q 58- ferrolhu)
 (BofnruM135Q 59- bolja)
 (AebnsuM135Q 60- espelhu)
 (BadqtuM135Q 61- serraljeiru)
 (BefqsuM135Q 62- telhadu)
 (BihqsuM135Q 63- filjoti)
 (BigqsuM135Q 64- biljeti)
 (BigmtuM135Q 65- biljeteru)
 (BigmtuM135Q 66- biljeteria)
 (CabnsuM135Q 67- ataliu)

Curionopolis Elites Suzana da Silva Costa feminino 24 anos superior

(BafpsvM145N 01- trabaljã)
 (GicnruM145N 02- filiu)
 (BEhprxM145N 03- meljó)
 (BafpsvM145N 04- trabaljã)
 (BalqtvM145N 05- trabaljãdu)
 (BOjqtvM145N 06- recoljedu)
 (CicnsuM145N 07- familia)
 (CicnsuM145N 08- familia)
 (CicnsuM145N 09- familia)
 (BugpruM145N 10- muljé)
 (GafqtvM145N 11- trabaliava)
 (GECnrxM145N 12- velius)
 (GECnrxM145N 13- velius)
 (GECnrxM145N 14- velius)
 (CECnrxM145N 15- velius)
 (AabnsuM145N 16- trabalhu)

(AehpsvM145N 17- melhorô)
 (GafnruM145N 18- palia)
 (GafnruM145N 19- palia)
 (GafnruM145N 20- palia)
 (GOfqsvM145N 21- moliava)
 (GefnruM145N 22- telia)
 (BugqsuM145N 23- muljeris)
 (CafnsvM145N 24- trabalia)
 (GEcqsxM145N 25- melioris)
 (BEhqsuM145N 26- meljora)
 (BEhmtvM145N 27- meljorãnu)
 (BafpsvM145N 28- trabaljã)
 (BafqtvM145N 29- trabaljjava)
 (AugprxM145N 30- mulhé)
 (AabnsuM145N 31- trabalhu)
 (BalqtvM145N 32- trabaljãnu)
 (BafqtvM145N 33- trabaljjava)
 (AEhprxM145N 34- melhó)
 (BafnsvM145N 35- trabalja)
 (BafnsvM145N 36- trabalja)
 (BafnsvM145N 37- trabalja)
 (BafnsvM145N 38- trabalja)
 (BafqtvM145N 39- trabaljjava)
 (BalqtvM145N 40- trabaljãnu)
 (AabnsuM145N 41- trabalhu)
 (BojpsvM145N 42- iscoljê)
 (AocpsvM145N 43- iscolhi)
 (BafnsvM145N 44- trabalja)
 (BalqtvM145N 45- trabaljãnu)
 (BalqtvM145N 46- trabaljãnu)
 (AebnsuM145Q 47- juelhu)
 (GabnsuM145Q 48- trabaliu)
 (GabnruM145Q 49- aliu)
 (GabnsuM145Q 50- retaliu)
 (GagnruM145Q 51- malia)
 (AefnruM145Q 52- telha)
 (GafnruM145Q 53- palia)
 (GagnruM145Q 54- calia)
 (AofnruM145Q 55- folha)
 (GabnruM145Q 56- galiu)
 (BOfqsxM145Q 57- moljada)
 (GabnsuM145Q 58- chucaliu)
 (GabnsuM145Q 59- baraliu)
 (AifnruM145Q 60- ilha)
 (GifnruM145Q 61- palia)
 (AobnsuM145Q 62- piolhu)
 (GifnsuM145Q 63- cartilia)
 (AubnruM145Q 64- julhu)
 (GObnruM145Q 65- olius)
 (AubnsuM145Q 66- barulhu)
 (BafqsuM145Q 67- coaljada)
 (GefnsuM145Q 68- abelia)
 (GufnsuM145Q 69- agulia)
 (AugpruM145Q 70- mulhé)
 (AugpruM145Q 71- culhé)
 (BofnruM145Q 72- bolja)
 (AebnsuM145Q 73- ispelhu)
 (BagqtuM145Q 74- serraljeru)
 (BefqsuM145Q 75- teljadu)
 (BihqsuM145Q 76- filjoti)
 (AigqsuM145Q 77- bilheti)
 (AigmtuM145Q 78- bilheteru)
 (AigmtuM145Q 79- bilheteria)
 (GabnsuM145Q 80- ataliu)

Curionopolis Francileia Santos Cruz feminino 23 anos fundamental

(AifnsuM135N 01- cartilha)
 (BafqtvM135N 02- trabaljjava)

(BafpsvM135N 03- trabalhjá)
 (BafpsvM135N 04- trabalhjá)
 (AugpruM135N 05- mulhé)
 (BafpsvM135N 06- trabalhjá)
 (AafnsvM135N 07- trabalhja)
 (AabnruM135N 08- trabalhu)
 (AabnruM135N 09- trabalhu)
 (BEfnrxM135N 10- velja)
 (AEbnrxM135N 11- velhu)
 (BalqtvM135N 12- trabalhjánu)
 (AifnruM135N 13- filha)
 (AobnruM135N 14- olhu)
 (AugnsuM135N 15- juelhu)
 (AEhmsvM135N 16- melhorá)
 (BEgqtvM135N 17- inveljeci)
 (BEgmtvM135N 18- inveljesesi)
 (AibnruM135N 19- filhus)
 (DibnruM135N 20- fij)
 (AibnruM135N 21- filhu)
 (AibnruM135N 22- filhu)
 (DafnruM135N 23- paja)
 (AEhmsvM135N 24- melhorá)
 (DEbnruM135N 25- vej)
 (AOfnrvM135N 26- olha)
 (AebnsuM135Q 27- juelhu)
 (AabnsuM135Q 28- trabalhu)
 (AabnruM135Q 29- alhu)
 (AabnsuM135Q 30- retalhu)
 (AafnruM135Q 31- malha)
 (AefnruM135Q 32- telha)
 (AafnruM135Q 33- palha)
 (GafnruM135Q 34- palia)
 (AofnruM135Q 35- folha)
 (GabnruM135Q 36- galiu)
 (AOfqsxM135Q 37- molhada)
 (AabnsuM135Q 38- chucalhu)
 (AabnsuM135Q 39- baralhu)
 (GifnruM135Q 40- ilia)
 (AifnruM135Q 41- pilha)
 (AobnsuM135Q 42- piolhu)
 (AifnsuM135Q 43- cartilha)
 (AubnruM135Q 44- julhu)
 (AobnruM135Q 45- olhus)
 (AubnsuM135Q 46- barulhu)
 (BafqtxM135Q 47- coaljada)
 (AefnsuM135Q 48- abelha)
 (AufnsuM135Q 49- agulha)
 (AugpruM135Q 50- mulhé)
 (AugpruM135Q 51- culhé)
 (AobnsuM135Q 52- ferrolhu)
 (AofnruM135Q 53- bolha)
 (AebnsuM135Q 54- espelhu)
 (BadqtuM135Q 55- serraljeiru)
 (BebnsuM135Q 56- teljadu)
 (AihqsuM135Q 57- filhoti)
 (BigqsuM135Q 58- biljeti)
 (BifmtuM135Q 59- biljeteru)
 (BigmtuM135Q 60- biljeteria)
 (AabnruM135Q 61- atalhu)

Curionopolis Ismael Oliveira de Souza masculino 26 anos fundamental

(BEhmtvH135N 01- melhorari)
 (GEbnrxH135N 02- veliu)
 (AEhprxH135N 03- melhó)
 (AEhmsvH135N 04- melhorá)
 (AEgprxH135N 05- melhó)
 (AEgprxH135N 06- melhó)
 (AEgmsvH135N 07- melhorá)

(AEhgsVH135N 08- meliori)
 (AEgprxH135N 09- melhó)
 (AEgprxH135N 10- melhó)
 (AabnsuH135N 11- trabalho)
 (BalqtvH135N 12- melhorãnu)
 (BalqtvH135N 13- melhorãnu)
 (AabnsuH135N 14- trabalho)
 (AabnsuH135N 15- trabalho)
 (BafnsvH135N 16- trabalha)
 (AibnruH135N 17- filho)
 (AibnruH135N 18- filho)
 (AibnruH135N 19- filho)
 (AabnsuH135N 20- barbalhu)
 (AebnsuH135Q 21- juelhu)
 (AafnsvH135Q 22- trabalha)
 (GabnruH135Q 23- aliu)
 (GabnsuH135Q 24- retaliu)
 (GafnruH135Q 25- malia)
 (AefnruH135Q 26- telha)
 (GafnruH135Q 27- palia)
 (GafnruH135Q 28- calia)
 (AofnruH135Q 29- folha)
 (AabnruH135Q 30- galhu)
 (AOfgsxH135Q 31- molhada)
 (GabnsuH135Q 32- chucaliu)
 (AabnsuH135Q 33- baralhu)
 (AifnruH135Q 34- ilha)
 (AifnruH135Q 35- pilha)
 (AobnsuH135Q 36- piolhu)
 (AifnsuH135Q 37- cartilha)
 (GubnruH135Q 38- juliu)
 (GObnruH135Q 39- olius)
 (AubnsuH135Q 40- barulhu)
 (AafqsuH135Q 41- coalhada)
 (AegnsuH135Q 42- abelha)
 (AufnsuH135Q 43- agulha)
 (AugpruH135Q 44- mulhé)
 (AogpruH135Q 45- colhé)
 (AifntuH135Q 46- carritilha)
 (AobnsuH135Q 47- ferrolhu)
 (AufnsuH135Q 48- borbulha)
 (AofnruH135Q 49- bolha)
 (AebnsuH135Q 50- ispelhu)
 (AagqtuH135Q 51- ferralheru)
 (AEfqsuH135Q 52- telhadu)
 (AihqsuH135Q 53- filhoti)
 (AigqsuH135Q 54- bilheti)
 (AigmtuH145Q 55- bilheteru)
 (AigmtuH135Q 56- bilheteria)
 (GabnsuH135Q 57- ataliu)

Curionopolis Jose Zuqueto Marques masculino 27 anos superior

(AafnsvH145N 01- trabalha)
 (AabnsuH145N 02- trabalho)
 (AabnsuH145N 03- trabalho)
 (AabnsuH145N 04- trabalho)
 (AugqsuH145N 05- mulheris)
 (AugqsuH145N 06- mulheris)
 (AugpruH145N 07- mulhé)
 (AabnsuH145N 08- barbalhu)
 (AugpruH145N 09- mulhé)
 (AabnsuH145N 10- barbalhu)
 (AEhprxH145N 11- melhó)
 (AabnsuH145N 12- trabalhus)
 (AEhprxH145N 13- melhó)
 (AabnsuH145N 14- trabalhus)
 (AafpsvH145N 15- trabalhá)
 (AEbnrxH145N 16- velhu)

(AifqtvH145N 17- maravilhadu)
 (AebnsuH145Q 18- juelhu)
 (AabnsuH145Q 19- trabalho)
 (GbnruH145Q 20- alius)
 (GbnruH145Q 21- retalius)
 (AafnruH145Q 22- malha)
 (AafmsuH145Q 23- malhasão)
 (AefnruH145Q 24- telha)
 (AafnruH145Q 25- palha)
 (AafnruH145Q 26- calha)
 (AofnruH145Q 27- folha)
 (AabnruH145Q 28- galhu)
 (AOfqsxH145Q 29- molhada)
 (AabnsuH145Q 30- chucalhu)
 (AabnsuH145Q 31- baralhu)
 (GifnruH145Q 32- ilia)
 (AifnruH145Q 33- pilha)
 (AifnsuH145Q 34- cartilha)
 (AubnruH145Q 35- julhu)
 (AobnruH145Q 36- olhu)
 (AubnsuH145Q 37- barulhu)
 (AafqsuH145Q 38- cualhada)
 (AefnsuH145Q 39- abelha)
 (AufnsuH145Q 40- agulha)
 (BugpruH145Q 41- muljé)
 (BugpruH145Q 42- culjé)
 (AobnsuH145Q 43- ferrolhu)
 (AofnruH145Q 44- bolha)
 (AebnsuH145Q 45- espelhu)
 (AagqtuH145Q 46- serralheru)
 (AEfqsuH145Q 47- telhadu)
 (AihqsuH145Q 48- filhoti)
 (AigqsuH145Q 49- bilheti)
 (AigmtuH145Q 50- bilheteru)
 (AigmtuH145Q 51- bilheteria)
 (AabnsuH145Q 52- atalhu)

Curionopolis Jose Claudio Oliveira de Souza masculino 28 anos fundamental

(AOfnrvH135N 01- olha)
 (AafpsvH135N 02- trabalhá)
 (AafqtvH135N 03- trabalhava)
 (AalqtvH135N 04- trabalhãnu)
 (AafnsvH135N 05- trabalha)
 (AabnsuH135N 06- trabalho)
 (AafqtvH135N 07- trabalhava)
 (AOfnrvH135N 08- olha)
 (AOfnrvH135N 09- olha)
 (AOfnrvH135N 10- olha)
 (AafpsvH135N 11- trabalhá)
 (AojprvH135N 12- colhê)
 (AifnsuH135N 13- cartilha)
 (AifnsuH135N 14- cartilha)
 (AOfnrvH135N 15- olha)
 (AOfnrvH135N 16- olha)
 (AabnsuH135N 17- trabalho)
 (AOfnrvH135N 18- olha)
 (AebnsuH135Q 19- joelhu)
 (AabnsuH135Q 20- trabalho)
 (AabnruH135Q 21- alhu)
 (AabnsuH135Q 22- retalhu)
 (GafnruH135Q 23- malia)
 (AefnruH135Q 24- telha)
 (GofnruH135Q 25- folia)
 (AabnruH135Q 26- folha)
 (AabnruH135Q 27- galhu)
 (AafqsxH135Q 28- molhada)
 (GbnruH135Q 29- chucaliu)
 (GbnruH135Q 30- baraliu)

(AifnruH135Q 31- ilha)
(AifnruH135Q 32- pilha)
(AobnsuH135Q 33- piolhu)
(AifnsuH135Q 34- cartilha)
(GubnruH135Q 35- juliu)
(AobnruH135Q 36- olhus)
(AubnsuH135Q 37- barulhu)
(AafqsuH135Q 38- cualhada)
(AefnsuH135Q 39- abelha)
(GufnsuH135Q 40- agulia)
(AugpruH135Q 41- mulhé)
(AugpruH135Q 42- culhé)
(AobnsuH135Q 43- ferrolhu)
(AofnruH135Q 44- bolha)
(GebnsuH135Q 45- ispelu)
(GefnruH135Q 46- telias)
(GafnruH135Q 47- palia)
(GidqtuH135Q 48- serrilheiru)
(AEfqsuH135Q 49- telhada)
(AihqsuH135Q 50- filhoti)
(AigqsuH135Q 51- bilheti)
(AigmtuH135Q 52- bilheteru)
(AigmtuH135Q 53- bilhateria)
(GabnsuH135Q 54- ataliu)

Curionopolis Sebastiana Pereira Gomes feminino 60 anos superior

(AOfqsuM245N 01- olhada)
(AadpsvM245N 02- trabalhá)
(AafqtvM245N 03- trabalhava)
(GafnruM245N 04- palia)
(AubnsuM245N 05- barulhu)
(GafnruM245N 06- palia)
(AubnsuM245N 07- barulhu)
(GafnruM245N 08- palia)
(GugqsuM245N 09- muleris)
(AugpruM245N 10- mulhé)
(AugqsuM245N 11- mulheris)
(AEbnrxM245N 12- velhu)
(AifqsuM245N 13- milharis)
(AugpruM245N 14- mulhé)
(AOfnrvM245N 15- olha)
(AEhmtvM245N 16- melhorãnu)
(AugpruM245N 17- mulhé)
(GEfnrxM245N 18- velia)
(GEfnrxM245N 19- veliu)
(AugpruM245N 20- mulhé)
(AifnruM245N 21- filha)
(AibnruM245N 22- filhu)
(GafnruM245N 23- palia)
(GafnruM245N 24- palia)
(AugpruM245N 25- mulhé)
(AugpruM245N 26- mulhé)
(AugpruM245N 27- mulhé)
(AafpsvM245N 28- trabalhá)
(AugpruM245N 29- mulhé)
(AugpruM245N 30- mulhé)
(AugpruM245N 31- mulhé)
(AifnruM245N 32- filha)
(AEfnrxM245N 33- velha)
(AugpruM245N 34- mulhé)
(AifnruM245N 35- filha)
(AugpruM245N 36- mulhé)
(AifnruM245N 37- filha)
(AifnruM245N 38- filha)
(AugpruM245N 39- mulhé)
(AibnruM245N 40- filhu)
(GigqsuM245N 41- bileti)
(AubnruM245N 42- julhu)

(GafnruM245N 43- palia)
 (BefnruM245N 44- telhja)
 (AEbnrxM245N 45- velhu)
 (AafpsvM245N 46- trabalhá)
 (AEbnrxM245N 47- velhu)
 (AafqtvM245N 48- trabalhava)
 (AObnrvM245N 49- olhu)
 (AebnsuM245Q 50- juelhu)
 (AalqtvM245Q 51- trabalhãnu)
 (GabnruM245Q 52- aliu)
 (GabnsuM245Q 53- retaliu)
 (GafnruM245Q 54- malia)
 (AefnruM245Q 55- telha)
 (GafnruM245Q 56- palia)
 (GafnruM245Q 57- calia)
 (AofnruM245Q 58- folha)
 (GafnruM245Q 59- galiu)
 (GOfqsxM245Q 60- moliada)
 (GabnsuM245Q 61- chucaliu)
 (GabnsuM245Q 62- baraliu)
 (GifnruM245Q 63- ilia)
 (GifnruM245Q 64- pilia)
 (AobnsuM245Q 65- piolhu)
 (AifnsuM245Q 66- cartilha)
 (AubnruM245Q 67- julhu)
 (AobnruM245Q 68- olhu)
 (AubnsuM245Q 69- barulhu)
 (AafqsuM245Q 70- cualhada)
 (GufnsuM245Q 71- agulia)
 (AugpruM245Q 72- mulhé)
 (AugpruM245Q 73- bolha)
 (AebnsuM245Q 74- ispelhu)
 (AagqtuM245Q 75- serralheru)
 (AefqsuM245Q 76- telhadu)
 (AihqsuM245Q 77- filhoti)
 (AigqsuM245Q 78- bilheti)
 (AigmtuM245Q 79- bilheteru)
 (AigmtuM245Q 80- bilheteria)
 (GabnsuM245Q 81- atalius)

Curionópolis Raimundo Altino Gonçalves Masculino 56 anos superior

(AalqtvH245N 01- trabalhãnu)
 (AalqtvH245N 02- trabalhãnu)
 (AabnsuH245N 03- trabalhu)
 (AEhprxH245N 04- melhó)
 (AabnsuH245N 05- trabalhu)
 (AifnsuH245N 06- planilha)
 (AebnsuH245N 07- juelhu)
 (AibnruH245N 08- filhus)
 (AibnruH245N 09- filhu)
 (BafpsvH245N 10- trabalhjá)
 (AibnruH245N 11- filhu)
 (AibnruH245N 12- filhu)
 (BugpruH245N 13- muljé)
 (BafpsvH245N 14- trabalhjá)
 (BafpsvH245N 15- trabalhja)
 (AibnruH245N 16- filhus)
 (AebnsuH245N 17- aparelhus)
 (AubnruH245N 18- julhu)
 (AEhprxH245N 19- melhó)
 (AabnsuH245N 20- trabalhu)
 (AocqtvH245N 21- acolhidu)
 (AabnsuH245N 22- trabalhu)
 (AibnruH245N 23- filhu)
 (AibnruH245N 24- filhu)
 (BebnsuH245Q 25- juelju)
 (AabnsuH245Q 26- trabalhu)
 (AabnruH245Q 27- alhu)

(AabnsuH245Q 28- retalhu)
(BafnruH245Q 29- malja)
(BefnruH245Q 30- telja)
(BafnruH245Q 31- palja)
(BafnruH245Q 32- calja)
(AofnruH245Q 33- folha)
(AabnruH245Q 34- galhu)
(BOfqsxH245Q 35- moljada)
(AabnsuH245Q 36- chucalhu)
(AabnsuH245Q 37- baralhu)
(AifnruH245Q 38- ilha)
(AifnruH245Q 39- pilha)
(AobnsuH245Q 40- piolhu)
(AifnsuH245Q 41- cartilha)
(AubnruH245Q 42- julhu)
(AobnruH245Q 43- olhu)
(AubnsuH245Q 44- barulhu)
(BafqsuH245Q 45- cualjada)
(BefnsuH245Q 46- abelja)
(BufnsuH245Q 47- agulja)
(BugpruH245Q 48- muljé)
(BugpruH245Q 49- culjé)
(AobnsuH245Q 50- ferrolhu)
(AofnruH245Q 51- bolha)
(AebnsuH245Q 52- ispelhu)
(BagqtuH245Q 53- serraljeru)
(BefnsuH245Q 54- teljadu)
(BihqsuH245Q 55- filjoti)
(BigqsuH245Q 56- biljeti)
(BigmtuH245Q 57- biljeteru)
(BigmtuH245Q 58- biljeteria)
(AabnsuH245Q 59- atalhu)

Dom Eliseu Jaqueline Correa da Costa feminino 30 anos fundamental

(AEhqsuM138N 01- melhora)
(AEhprxM138N 02- melhó)
(BOfnrvM138N 03- olja)
(BafpsvM138N 04- trabalhjá)
(BOfnrvM138N 05- olja)
(BOfnrvM138N 06- olja)
(BOfnrvM138N 07- olja)
(AabnsuM138N 08- trabalhu)
(AEhprxM138N 09- melhó)
(AOfnrvM138N 10- olha)
(AaQnsuM138N 11- trabalhô)
(AaQnsuM138N 12- trabalhô)
(CifnsuM138N 13- brasiljia)
(BafmtzM138N 14- detaljadamenti)
(BehmsvM138N 15- meljarô)
(BOfnrvM138N 16- olja)
(AEhprxM138N 17- melhó)
(AEhprxM138N 18- melhó)
(AEhqsuM138N 19- melhora)
(AEhmsvM138N 20- melhorá)
(AOfnrvM138N 21- olha)
(AafmtxM138N 22- trabalhadô)
(AaQpsvM138N 23- trabalhô)
(AebnsuM138Q 24- juelhu)
(GabnsuM138Q 25- trabaliu)
(GbnruM138Q 26- aliu)
(GabnsuM138Q 27- retaliu)
(CafnruM138Q 28- malia)
(AefnruM138Q 29- telha)
(CafnruM138Q 30- palia)
(CafnruM138Q 31- calia)
(CofnruM138Q 32- folias)
(CabnruM138Q 33- galius)
(BOfqsxM138Q 34- moljada)
(CabnsuM138Q 35- chucaliu)

(CabnsuM138Q 36- baraliu)
(CifnruM138Q 37- ilia)
(CifnruM138Q 38- pilia)
(AobnsuM138Q 39- piolhu)
(CifnsuM138Q 40- cartilia)
(CubnruM138Q 41- juliu)
(AobnruM138Q 42- olhu)
(AubnsuM138Q 43- barulhu)
(BafqsuM138Q 44- cualjada)
(BefnsuM138Q 45- abelja)
(CufnsuM138Q 46- agulia)
(BugpruM138Q 47- muljé)
(BogpruM138Q 48- coljé)
(AobnsuM138Q 49- ferrolhu)
(AofnruM138Q 50- bolha)
(AebnsuM138Q 51- ispelhu)
(BadqtuM138Q 52- serralheiru)
(BEfqsuM138Q 53- teljadu)
(BihqsuM138Q 54- filjoti)
(BigqsuM138Q 55- biljeti)
(AigmtuM138Q 56- bilheteru)
(BigmtuM138Q 57- biljeteria)
(BabnsuM138Q 58- ataljus)

Dom Eliseu Benedito Bezerra Menezes masculino 55 anos fundamental

(CafnruH238N 01- paljia)
(BifnsuH238N 02- brazilhja)
(AibnruH238N 03- filhu)
(BafqtvH238N 04- trabaljava)
(BugpruH238N 05- muljé)
(BegnryH238N 06- elji)
(BOfnrvH238N 07- olja)
(AabnsuH238N 08- barbalhu)
(AabnsuH238N 09- barbalhu)
(BEhmtvH238N 10- meljorānu)
(BehmsvH238N 11- meljorô)
(BEhmtvH238N 12- meljorānu)
(AabnsuH238N 13- trabalhu)
(AabnsuH238N 14- trabalhu)
(BOfnrvH238N 15- olja)
(AebnsxH238N 16- vermelhu)
(BOfnrvH238N 17- olja)
(BOfqsvH238N 18- oljava)
(AabnsuH238N 19- baralhu)
(BoQprvH238N 20- oljô)
(BofqsxH238N 21- moljado)
(BOfnrvH238N 22- olja)
(AibnruH238N 23- milhu)
(AibnruH238N 24- milhu)
(CibnruH238N 25- filiu)
(CibnruH238N 26- filiu)
(CibnruH238N 27- filiu)
(BafnsuH238N 28- sādajja)
(BOfnrvH238N 29- olja)
(BEhmsuH238N 30- meljoria)
(AebnsuH238Q 31- juelhu)
(BafpsvH238Q 32- trabaljá)
(CabnruH238Q 33- aliu)
(AabnsuH238Q 34- retalhu)
(BafnruH238Q 35- malja)
(CefnruH238Q 36- teljias)
(CafnruH238Q 37- paljias)
(BafnruH238Q 38- maljas)
(BofnruH238Q 39- folja)
(AabnruH238Q 40- galhus)
(BOfqsxH238Q 41- moljadas)
(CabnsuH238Q 42- chucaliu)
(BifnruH238Q 43- ilja)

(AifnruH238Q 44- pilha)
 (AobnsuH238Q 45- piolhu)
 (CifnsuH238Q 46- cartilia)
 (AubnruH238Q 47- julhu)
 (AObnruH238Q 48- olhus)
 (AubnsuH238Q 49- barulhu)
 (AafqsxH238Q 50- cualhada)
 (CefnruH238Q 51- abelia)
 (AufnruH238Q 52- agulha)
 (BugpruH238Q 53- muljé)
 (BugpruH238Q 54- culjé)
 (CobnsuH238Q 55- ferroliu)
 (BadqtuH238Q 56- serraljeiru)
 (BefqsuH238Q 57- teljadu)
 (BihqsuH238Q 58- filjoti)
 (BigqsuH238Q 59- biljeti)
 (BidmtuH238Q 60- biljeteiru)
 (BigmtuH238Q 61- biljeteria)
 (AabnsuH238Q 62- atalhu)

Dom Eliseu Iraci Jesus dos Santos feminino 61 anos fundamental

(AubnruM238N 01- julhu)
 (CafqtvM238N 02- trabaljava)
 (AifnruM238N 03- brazilhia)
 (BadpsvM238N 04- trabaljei)
 (AifnruM238N 05- filha)
 (BehmsvM238N 06- melhorô)
 (CafpsvM238N 07- trabaliá)
 (AifnruM238N 08- brazilia)
 (BafqtvM238N 09- trabaljava)
 (BafqtvM238N 10- trabaljava)
 (BalqtvM238N 11- trabalhãnu)
 (BalqtvM238N 12- trabalhãnu)
 (BifnruM238N 13- filja)
 (AihmtvM238N 14- milhorãnu)
 (AihmtvM238N 15- milhorãnu)
 (BafpsvM238N 16- trabalhjá)
 (AihmsvM238N 17- milhorô)
 (CubnruM238N 18- juliu)
 (CubnruM238N 19- juliu)
 (DOfnrvM238N 20- oja)
 (BehmsvM238N 21- melhorô)
 (BehmsvM238N 22- melhorô)
 (BehmsvM238N 23- melhorô)
 (Bihmrvm238N 24- miljorô)
 (BadpsvM238N 25- trabaljei)
 (Aehprxm238N 26- melhó)
 (Bafmtxm238N 27- trabaljadô)
 (AifnruM238N 28- filha)
 (AalqtvM238N 29- trabalhãnu)
 (AifnruM238N 30- filha)
 (GugpruM238N 31- mulé)
 (BEhmsvM238N 32- melhorá)
 (BalqtvM238N 33- trabalhãnu)
 (AEhmsvM238N 34- melhorá)
 (AibnruM238N 35- filhu)
 (AibnruM238N 36- filhu)
 (AibnruM238N 37- filhu)
 (AibnruM238N 38- filhu)
 (DabnsuM238N 39- trabaju)
 (FifnruM238N 40- fia)
 (AebnsuM238Q 41- juelhu)
 (AafpsvM238Q 42- trabalhá)
 (CabnruM238Q 43- aliu)
 (AabnsuM238Q 44- retalhu)
 (CafnruM238Q 45- malia)
 (AefntuM238Q 46- telha)
 (CafnruM238Q 47- palia)

(CafnruM238Q 48- calia)
(CofnruM238Q 49- folia)
(AabnruM238Q 50- galhu)
(BOfqsxM238Q 51- moljada)
(BabnsuM238Q 52- chucalju)
(CabnsuM238Q 53- baraliu)
(BifnruM238Q 54- ilja)
(BifnruM238Q 55- pilja)
(AobnsuM238Q 56- piolhu)
(CifnsuM238Q 57- cartilia)
(CubnruM238Q 58- juliu)
(CobnruM238Q 59- oliu)
(AubnsuM238Q 60- barulhu)
(BafqsuM238Q 61- cualjada)
(CefnsuM238Q 62- abelia)
(CufnsuM238Q 63- agulia)
(AugpruM238Q 64- mulhé)
(AugpruM238Q 65- culhé)
(CobnsuM238Q 66- ferroliu)
(BefqsuM238Q 67- teljadu)
(BagqtuM238Q 68- serraljeru)
(AigpruM238Q 69- filhó)
(BigqsuM238Q 70- biljeti)
(BigmtuM238Q 71- biljeteru)
(BigmtuM238Q 72- biljeteria)
(AabnsuM238Q 73- atalhu)

Dom Eliseu Ivaneide Jesus de Oliveira feminino 55 anos fundamental

(BifnsuM238N 01- familja)
(BafpsvM238N 02- trabajjá)
(BafpsvM238N 03- trabajjá)
(GibnsuM238N 04- miliu)
(AEhprxM238N 05- melhó)
(AEhprxM238N 06- melhó)
(AugpruM238N 07- mulhé)
(AugpruM238N 08- mulhé)
(AabnsuM238N 09- barbalhu)
(AabnsuM238N 10- barbalhu)
(BOfnrvM238N 11- olja)
(BeQqsuM238N 12- oreljõis)
(AEhprxM238N 13- melhó)
(AEhprxM238N 14- melhó)
(BEhmtvM238N 15- meljorãnu)
(BEhmsvM238N 16- meljorá)
(BeQqsuM238N 17- oreljõis)
(BelpsuM238N 18- oreljäu)
(BelpsuM238N 19- oreljäu)
(AifnsuM238N 20- familia)
(AibnruM238N 21- filhu)
(DibnruM238N 22- fij)
(BofnrvM238N 23- olja)
(BibnruM238N 24- filju)
(AugpruM238N 25- mulhé)
(AibnruM238N 26- filhu)
(AabnsuM238N 27- atalhu)
(BobnsuM238N 28- repolju)
(BobnsuM238N 29- repolju)
(BobnsuM238N 30- repolju)
(AibnruM238N 31- filhu)
(BebnsuM238Q 32- juelju)
(BalqtvM238Q 33- trabajjãnu)
(BahnruM238Q 34- aljo)
(GacnsuM238Q 35- retalis)
(GafnruM238Q 36- malia)
(GefnruM238Q 37- telia)
(GafnruM238Q 38- palia)
(GafnruM238Q 39- calia)
(GofnruM238Q 40- folia)

(BabnruM238Q 41- galjus)
(BOfqsxM238Q 42- moljada)
(BabnsuM238Q 43- chucalju)
(AahnsuM238Q 44- baraljo)
(BifnruM238Q 45- iljas)
(BifnruM238Q 46- piljas)
(AibnsuM238Q 47- piolhu)
(AifnsuM238Q 48- cartilha)
(CubnruM238Q 49- juljiu)
(BObnruM238Q 50- oljus)
(AubnsuM238Q 51- barulhus)
(BafqsuM238Q 52- cualjada)
(CefnruM238Q 53- abeljia)
(CufnruM238Q 54- aguljia)
(AugpruM238Q 55- mulhé)
(AugpruM238Q 56- culhé)
(AobnsuM238Q 57- ferrolhu)
(BofnruM238Q 58- bolja)
(AebnsuM238Q 59- ispelhu)
(BagqtuM238Q 60- serralheru)
(BEfqsuM238Q 61- teljadu)
(BihqsuM238Q 62- filjoti)
(BigqsuM238Q 63- biljeti)
(AigmtuM238Q 64- bilheteru)
(AigmtuM238Q 65- bilheteria)
(CabnsuM238Q 66- ataliu)

Dom Eliseu Moisés Amorim da Conceição masculino 25 anos fundamental

(BefnsuH138N 01- orelja)
(BafpsvH138N 02- trabalhjá)
(BehmsvH138N 03- melhorô)
(DafpsvH138N 04- trabajá)
(DafpsvH138N 05- trabajá)
(DalqtvH138N 06- trabajãnu)
(BifnsuH138N 07- familja)
(BibnruH138N 08- milju)
(DafpsvH138N 09- trabajá)
(DadpsvH138N 10- trabajej)
(BafpsvH138N 11- trabalhjá)
(DafpsvH138N 12- trabajá)
(DalqtvH138N 13- trabajãnu)
(AabnsuH138N 14- trabalhu)
(DafpsvH138N 15- trabajá)
(FadpsvH138N 16- trabaiej)
(BOlqsvH138N 17- oljãnu)
(BafqtvH138N 18- trabalhjadu)
(DafqtvH138N 19- trabajava)
(DafqtvH138N 20- trabajadu)
(DEbnrxH138N 21- vej)
(DabnsuH138N 22- trabaj)
(DabnsuH138N 23- trabaj)
(BafqtvH138N 24- trabalhjava)
(BEbnrxH138N 25- velju)
(BEhprxH138N 26- meljó)
(BifnsuH138N 27- quadrilja)
(BefnsxH138N 28- vermelju)
(FefnsxH138N 29- vermea)
(BalqtuH138N 30- trabajjãu)
(BEhqsxH138N 31- meljoris)
(BihqtvH138N 32- meljorassi)
(BEhprxH138N 33- meljó)
(BEhprxH138N 34- meljó)
(BEhprxH138N 35- meljó)
(FudnsuH138Q 36- juej)
(BabnsuH138Q 37- trabalju)
(BabnruH138Q 38- alju)
(BabnsuH138Q 39- retalju)
(CafnruH138Q 40- maljia)

(DefnruH138Q 41- tejas)
(CafnruH138Q 42- paljias)
(CafnruH138Q 43- caljias)
(CofnruH138Q 44- foljias)
(CabnruH138Q 45- galjius)
(BOfqsxH138Q 46- moljada)
(DabnsuH138Q 47- chucaj)
(BabnsuH138Q 48- baraljiu)
(CifnruH138Q 49- iljia)
(CifnruH138Q 50- piljia)
(BobnsuH138Q 51- piolju)
(BifnsuH138Q 52- cartiljia)
(BubnruH138Q 53- julju)
(BObnruH138Q 54- oljus)
(BubnsuH138Q 55- barulju)
(BafqsuH138Q 56- cualjada)
(BefnsuH138Q 57- abelja)
(BufnsuH138Q 58- agulja)
(BugpruH138Q 59- muljé)
(BobnsuH138Q 60- ferrolju)
(BugpruH138Q 61- culjé)
(DufnsuH138Q 62- berbuja)
(BofnruH138Q 63- bolja)
(BebnsuH138Q 64- ispelju)
(BebntuH138Q 65- serraljeru)
(BefqsuH138Q 66- teljadu)
(BihqsuH138Q 67- filjoti)
(BigqsuH138Q 68- biljeti)
(BigmtuH138Q 69- biljeteru)
(BigmtuH138Q 70- biljeteria)
(BabnsuH138Q 71- atalju)

Dom Eliseu Wando Anegiane Lopes dos Santos masculino 22 anos fundamental

(BabnsuH138N 01- trabalju)
(DafpsvH138N 02- trabajá)
(DalqtvH138N 03- trabajãmu)
(BEhprxH138N 04- meljó)
(BEhprxH138N 05- meljó)
(BafpsvH138N 06- trabajjá)
(BafpsvH138N 07- trabajjá)
(BihprxH138N 08- miljó)
(BEhprxH138N 09- meljó)
(BafnsvH138N 10- trabajjá)
(AifnsuH138N 11- familha)
(BOfprvH138N 12- olja)
(BobnruH138N 13- olju)
(BobnruH138N 14- olju)
(AafnsuH138N 15- italha)
(AifnsuH138N 16- familha)
(BabnsuH138N 17- trabalju)
(BabnsuH138N 18- trabalju)
(BabnsuH138N 19- trabalju)
(BafntvH138N 20- atrapaljá)
(BafntvH138N 21- atrapaljá)
(BEhprxH138N 22- meljó)
(BugqsuH138N 23- muljeris)
(AifnsuH138N 24- familja)
(BEhprxH138N 25- meljó)
(BEhprxH138N 26- meljó)
(BEhprxH138N 27- meljó)
(BafqtvH138N 28- trabajjava)
(BalqtvH138N 29- trabajjãnu)
(BafnsuH138N 30- maljasãu)
(BafnsuH138N 31- maljasãu)
(BibnruH138N 32- filju)
(BibnruH138N 33- filju)
(BibnruH138N 34- filju)
(BugpruH138N 35- muljé)

(BugpruH138N 36- muljé)
 (BEhprxH138N 37- meljó)
 (BafpsvH138N 38- tralbaljá)
 (BebnsuH138Q 39- juelju)
 (BalqtvH138Q 40- tralbaljānu)
 (GabnruH138Q 41- aliu)
 (GabnsuH138Q 42- retaliu)
 (CafnruH138Q 43- malia)
 (BefnruH138Q 44- telja)
 (GafnruH138Q 45- palia)
 (GafnruH138Q 46- calia)
 (BofnruH138Q 47- foljas)
 (BabnruH138Q 48- galju)
 (BOgqsxH138Q 49- moljada)
 (GabnsuH138Q 50- chucaliu)
 (GabnsuH138Q 51- baraliu)
 (BifnruH138Q 52- ilja)
 (BifnruH138Q 53- piljia)
 (BobnsuH138Q 54- piolju)
 (BifnsuH138Q 55- cartiljia)
 (GubnruH138Q 56- julju)
 (GobnruH138Q 57- olju)
 (BubnsuH138Q 58- barulju)
 (BafnsuH138Q 59- cualjada)
 (GefnsuH138Q 60- abelia)
 (GufnsuH138Q 61- agulia)
 (BugpruH138Q 62- muljé)
 (BugpruH138Q 63- culjé)
 (BobnsuH138Q 64- ferrolju)
 (BofnruH138Q 65- bolja)
 (BebnsuH138Q 66- ispelju)
 (BadqtuH138Q 67- serraljeiru)
 (BEfqsuH138Q 68- teljadu)
 (BihqsuH138Q 69- filjoti)
 (BigqsuH138Q 70- biljeti)
 (BigmtuH138Q 71- biljeteru)
 (BigmtuH138Q 72- bilheteria)
 (BabnsuH138Q 73- atalju)

Dom Eliseu Maria Benedita L. de Souza feminino 27 anos fundamental

(GafnsvM138N 01- tralaliá)
 (DugpruM138N 02- mujé)
 (GafnsvM138N 03- tralaliá)
 (BalqtvM138N 04- tralbaljānu)
 (BalqtvM138N 05- tralbaljānu)
 (BafpsvM138N 06- tralbaljá)
 (BafpsvM138N 07- tralbaljá)
 (BafpsvM138N 08- tralbaljá)
 (BifnruM138N 09- filja)
 (BebnruM138N 10- selju-seiu)
 (BalqtvM138N 11- tralbaljānu)
 (BalqtvM138N 12- tralbaljānu)
 (BifnruM138N 13- filja)
 (BehmsvM138N 14- meljorô)
 (BEhprxM138N 15- meljó)
 (BafpsvM138N 16- bataljá)
 (DabnsuM138N 17- trabaj)
 (FifnruM138N 18- fia)
 (DabnsuM138N 19- trabai)
 (BafqtvM138N 20- tralbaljava)
 (BobnruM138N 21- molju)
 (BobnruM138N 22- molju)
 (GabnruM138N 23- aliu)
 (GabnruM138N 24- aliu)
 (GabnruM138N 25- aliu)
 (GabnruM138N 26- aliu)
 (BEhprxM138N 27- meljó)
 (GabnruM138N 28- aliu)
 (BalqtvM138N 29- tralbaljādu)

(FifnruM138N 30- fia)
(BafpsvM138N 31- tralbaljá)
(BafqtvM138N 32- tralbaljava)
(BibnruM138N 33- filju)
(BifnruM138N 34- filja)
(GugpruM138N 35- mulé)
(BugpruM138N 36- muljé)
(FifnruM138N 37- fia)
(FifnruM138N 38- fia)
(FifnruM138N 39- fia)
(BafpsvM138N 40- bataljá)
(BadpsvM138N 41- bataljejj)
(FifnruM138N 42- fia)
(BifnruM138N 43- filja)
(FifnruM138N 44- fia)
(FifnruM138N 45- fia)
(BifnruM138N 46- filja)
(BOlqsvM138N 47- oljánu)
(FifnruM138N 48- fia)
(BEhmsvM138N 49- meljorá)
(BEhmsvM138N 50- meljorá)
(BEhprxM138N 51- meljó)
(FifnruM138N 52- fia)
(AabnsuM138N 53- tralbalhu)
(FifnruM138N 54- fia)
(BalqtvM138N 55- tralbaljádu)
(BEhprxM138N 56- meljó)
(FifnruM138N 57- fia)
(BabnsuM138N 58- tralbalju)
(FEfnrxM138N 59- vea)
(FEfnrxM138N 60- vea)
(FafpsvM138N 61- trabaa)
(FafpsvM138N 62- trabaa)
(FifnruM138N 64- fia)
(FafpsvM138N 65- trabaa)
(FifnrxM138N 66- vea)
(BifnruM138N 67- filja)
(BebnsuM138Q 68- juelju)
(BafpsvM138Q 69- tralbaljá)
(GabnruM138Q 70- aliu)
(GabnsuM138Q 71- retaljiu)
(GafnruM138Q 72- maljia)
(FefnruM138Q 73- telja)
(GafnruM138Q 74- palia)
(DafnruM138Q 75- caja)
(GofnruM138Q 76- folia)
(BabnruM138Q 77- galhu)
(BOfqsxM138Q 78- moljada)
(DabnsuM138Q 79- chucaju)
(GabnsuM138Q 80- baraliu)
(BifnruM138Q 81- ilja)
(BifnruM138Q 82- pilja)
(BobnsuM138Q 83- piolju)
(GifnsuM138Q 84- cartilia)
(AubnruM138Q 85- julju)
(AobnruM138Q 86- olju)
(BubnsuM138Q 87- barulju)
(BafqsuM138Q 88- cualjada)
(BefnruM138Q 89- abelja)
(BufnruM138Q 90- agulja)
(BugpruM138Q 91- muljé)
(BugpruM138Q 92- culjé)
(BobnsuM138Q 93- ferrolju)
(BofnruM138Q 94- bolja)
(BebnsuM138Q 95- ispelju)
(GadqtuM138Q 96- serralejru)
(BEfqsuM138Q 97- teljadu)
(BihqsuM138Q 98- filjoti)
(BigqsuM138Q 99- biljeti)
(BigmtuM138Q 100- biljeteru)
(GigmtuM138Q 101- bileteria)

(BabnsuM138Q 102- atalju)

Dom Eliseu Vilson de Freitas masculino 55 anos fundamental

(CifnsuM238N 01- brasiljia)
(BalqtvM238N 02- trabaljãnu)
(CifnsuM238N 03- familjia)
(BofnruM238N 04- folja)
(BafqtvM238N 05- incascaljada)
(CifnsuM238N 06- brasiljia)
(BoQpsvM238N 07- oljô)
(CifnruM238N 08- familjia)
(CifnsuM238N 09- brasiljia)
(CifnsuM238N 10- brasiljia)
(CifnsuM238N 11- brasiljia)
(BehmsvM238N 12- meljorô)
(AabnsuM238N 13- trabalhu)
(BibnruM238N 14- milju)
(BugpruM238N 15- culjé)
(BehmsvM238N 16- meljorô)
(CifnsuM238N 17- brasiljia)
(BehmsvM238N 18- meljorô)
(BehmsvM238N 19- meljorô)
(BehmsvM238N 20- meljorô)
(BEhprxM238N 21- meljó)
(BEhmtvM238N 22- meljorãnu)
(BEhmtvM238N 23- meljorãnu)
(BabnsuM238N 24- trabalju)
(CifnsuM238N 25- familjia)
(BafpsvM238N 26- trabaljá)
(AObnsuM238N 27- petrolhu)
(AObnsuM238N 28- petrolhu)
(BEfnrxM238N 29- velju)
(BalqtvM238N 30- trabaljãdu)
(BOhnruM238N 31- olju)
(BabnsuM238N 32- barbalju)
(BabnsuM238N 33- barbalju)
(CifnsuM238N 34- brasiljia)
(BabnsuM238N 35- trabalju)
(AobnsuM238N 36- petrolhu)
(BEbnrxM238N 37- velju)
(BEbnrxM238N 38- velju)
(BEbnrxM238N 39- velju)
(BafmtxM238N 40- trabaljadô)
(BOfqsvM238N 41- oljassi)
(BafmtuM238N 42- cascaljamentu)
(BOfnrvM238N 43- olja)
(BefnsuM238N 44- oveljas)
(BEhmsvM238N 45- meljorô)
(BEhmsvM238N 46- meljorô)
(BehmtvM238N 47- meljoradu)
(BEhprxM238N 48- meljó)
(BEhmsvM238N 49- meljorô)
(BebnsuM238Q 50- juelju)
(BabnsuM238Q 51- trabalju)
(CabnruM238Q 52- aljiu)
(CabnsuM238Q 53- retaljiu)
(CafnruM238Q 54- maljia)
(AefnruM238Q 55- telha)
(CafnruM238Q 56- paljia)
(CafnruM238Q 57- caljia)
(BofnruM238Q 58- foljias)
(BabnruM238Q 59- galjus)
(BOfqsxM238Q 60- moljada)
(BabnsuM238Q 61- tucalju)
(BabnsuM238Q 62- baralju)
(BifnruM238Q 63- ilja)
(BifnruM238Q 64- pilja)
(BobnsuM238Q 65- piolju)

(BifnsuM238Q 66- cartilja)
(CubnruM238Q 67- juljiu)
(CObnruM238Q 68- oljius)
(BubnsuM238Q 69- barulju)
(BafqsuM238Q 70- cualjada)
(BefnsuM238Q 71- abelja)
(BufnsuM238Q 72- agulja)
(BugpruM238Q 73- muljé)
(BogpruM238Q 74- culjé)
(BobnsuM238Q 75- ferrolju)
(BofnruM238Q 76- bolja)
(BebnsuM238Q 77- ispelju)
(BagqtuM238Q 78- serraljeru)
(BEfqsuM238Q 79- teljadu)
(BihqsuM238Q 80- filjoti)
(BigqsuM238Q 81- biljeti)
(BigmtuM238Q 82- biljeteru)
(BigmtuM238Q 83- biljeteria)
(CabnsuM238Q 84- ataljiu)

Dom Eliseu Ana Cláudia Costa Feminino 28 anos superior

(AifqtuM148N 01- pōtiljadu)
(AugpruM148N 02- mulhé)
(AaQpsvM148N 03- trabalhô)
(AibnruM148N 04- milhu)
(AibnruM148N 05- milhu)
(AaQmtxM148N 06- trabalhadô)
(AaQmtxM148N 07- trabalhadô)
(AugpruM148N 08- mulhé)
(AibnruM148N 09- filha)
(BafpsvM148N 10- trabalhjá)
(AabnsuM148N 11- trabalho)
(AugqsuM148N 12- mulheris)
(AibnruM148N 13- filhus)
(AEhmsuM148N 14- meljora)
(AalqtvM148N 15- trabalhãnu)
(BOfnrvM148N 16- olja)
(BabnsuM148N 17- barbalju)
(AeQmsvM148N 18- melhorô)
(AOfnrvM148N 19- olha)
(BafpsvM148N 20- trabalhjá)
(BabnsuM148N 21- trabalho)
(AEhqsuM148N 22- melhori)
(AEhprxM148N 23- melhó)
(AEhprxM148N 24- melhó)
(BibnruM148N 25- filjus)
(AabnsuM148N 26- trabalho)
(BafpsvM148N 27- trabalhjá)
(BEhmsvM148N 28- melhorá)
(BafpsvM148N 29- trabalhjá)
(AujqtxM148N 30- barulhentu)
(AagqtuM148N 31- bādalhera)
(BafpsvM148N 32- trabalhjá)
(AibnruM148N 33- filhus)
(AabnsuM148N 34- trabalho)
(BafpsvM148N 35- trabalhjá)
(AabnsuM148N 36- trabalho)
(AibnruM138N 37- filhu)
(BugpruM148N 38- mulhé)
(AEhmtvM148N 39- melhorassi)
(AEhprxM148N 40- melhó)
(BafpsvM148N 41- trabalhjá)
(AiQqtxM148N 42- maravilhôzu)
(AibnruM148N 43- filhus)
(AubnruM148N 44- filhu)
(AEhprxM148N 45- melhó)
(AebnsuM148Q 46- juelhu)
(AabnsuM148Q 47- trabalho)

(AabnruM148Q 48- alhu)
(AabnsuM148Q 49- retalhu)
(BafnruM148Q 50- malja)
(BafnruM148Q 51- palja)
(BafnruM148Q 52- calja)
(AofnruM148Q 53- folha)
(AabnruM148Q 54- galhu)
(BOfqsxM148Q 55- moljada)
(AabnsuM148Q 56- chucalhu)
(AabnsuM148Q 57- baralhu)
(AifnruM148Q 58- ilha)
(AifnruM148Q 59- pilha)
(AobnsuM148Q 60- piolhu)
(AubnruM148Q 61- julhu)
(AobnruM148Q 62- olhu)
(AubnsuM148Q 63- barulhu)
(AafqsuM148Q 64- cualhada)
(AefnsuM148Q 65- abelha)
(AufnsuM148Q 66- agulha)
(AugpruM148Q 67- mulhé)
(AugpruM148Q 68- culhé)
(AobnsuM148Q 69- ferrolhu)
(AofnruM148Q 70- bolha)
(AebnsuM148Q 71- ispelhu)
(AahqtuM148Q 72- serralheru)
(BEfqsuM148Q 73- teljadu)
(AihqsuM148Q 74- filhoti)
(BigqsuM148Q 75- biljeti)
(BigmtuM148Q 76- biljeteru)
(BigmtuM148Q 77- biljeteria)
(AabnsuM138Q 78- atalhu)

Dom Eliseu Guilherme Frota masculino 55 anos superior

(BigqsuH248N 01- guiljermi)
(BafpsvH248N 02- trabalhjá)
(BEbnrxH248N 03- velju)
(BEbnrxH248N 04- velju)
(BadpsvH248N 05- trabaljej)
(BadpsvH248N 06- trabaljeij)
(BOfnrvH248N 07- olja)
(BEbnrxH248N 08- velju)
(AugmtuH248N 09- culherada)
(AugmtuH248N 10- culherada)
(BodpsvH248N 11- oljej)
(BOfnrvH248N 12- olja)
(AugmtuH248N 13- culherada)
(BafqtvH248N 14- trabalhjava)
(AibnruH248N 15- filhu)
(BEfnrxH248N 16- velja)
(BOLqsvH248N 17- oljānu)
(AobnruH248N 18- olhu)
(BOLqsvH248N 19- oljānu)
(BOfnrvH248N 20- olja)
(BadpsvH248N 21- trabaljej)
(AifnruH248N 22- filha)
(AibnruH248N 23- filhus)
(BugpruH248N 24- muljé)
(AEhqsxH248N 25- melhoris)
(AEhprxH248N 26- melhó)
(AEhprxH248N 27- melhó)
(BefnruH248N 28- telja)
(AabnruH248N 29- alhu)
(AahpsvH248N 30- trabalhô)
(AabnsuH248N 31- trabalhu)
(AehqsvH248N 32- melhori)
(AibnruH248N 33- filhu)
(AifnruH248N 34- filha)
(BebnsuH248Q 35- juelju)

(AabnsuH248Q 36- trabalhu)
(AabnruH248Q 37- alhu)
(AabnsuH248Q 38- retalhu)
(BafnruH248Q 39- malja)
(BefnruH248Q 40- telja)
(BafnruH248Q 41- palja)
(BafnruH248Q 42- calja)
(AofnruH248Q 43- folha)
(AabnruH248Q 44- galhu)
(BOFgsxH248Q 45- moljada)
(AabnsuH248Q 46- chucalhu)
(AabnsuH248Q 47- baralhu)
(AifnruH248Q 48- ilha)
(AifnruH248Q 49- pilha)
(AobnsuH248Q 50- piolhu)
(AifnsuH248Q 51- cartilha)
(AubnruH248Q 52- julhu)
(AobnruH248Q 53- olhu)
(AubnsuH248Q 54- barulhu)
(BafgsuH248Q 55- cualjada)
(BefnsuH248Q 56- abelja)
(BufnsuH248Q 57- agulja)
(BugpruH248Q 58- muljé)
(BugpruH248Q 59- culjé)
(AobnsuH248Q 60- ferrolhu)
(AofnruH248Q 61- bolha)
(AebnsuH248Q 62- ispelhu)
(BagqtuH248Q 63- serraljeru)
(BefnsuH248Q 64- teljadu)
(BihgsuH248Q 65- filjoti)
(BiggsuH248Q 66- biljeti)
(BigmtuH248Q 67- biljeteru)
(BigmtuH248Q 68- biljeteria)
(AabnsuH248Q 69- atalhu)

Dom Eliseu Jefferson Luis da Silva Paixão Masculino 28 anos superior

(AaQpsvH148N 01- batalhó)
(AEhprxH148N 02- melhó)
(AOfnrvH148N 03- olha)
(AEhprxH148N 04- melhó)
(AalqtvH148N 05- trabalhãnu)
(AabnsuH148N 06- trabalhu)
(AObnruH148N 07- olhus)
(AilqsvH148N 08- brilhãnu)
(AabnsuH148N 09- trabalhu)
(AOfnrvH148N 10- olha)
(AEhgsuH148N 11- melhora)
(AOfnrvH148N 12- olha)
(BalqtvH148N 13- trabalhãnu)
(AalpsvH148N 14- trabalhã)
(AalqtvH148N 15- trabalhãmus)
(AabnsuH148N 16- trabalhu)
(AugpruH148N 17- mulhé)
(AuggsuH148N 18- mulheris)
(AebnsuH148N 19- juelhu)
(AuggsuH148N 20- mulheris)
(AOfnrvH148N 21- olha)
(AEhprxH148N 22- melhó)
(AebnsuH148Q 23- juelhu)
(AabnsuH148Q 24- trabalhu)
(AabnruH148Q 25- alhu)
(AabnsuH148Q 26- retalhu)
(BafnruH148Q 27- malja)
(AefnruH148Q 28- telha)
(BafnruH148Q 29- palja)
(BafnruH148Q 30- calja)
(AofnruH148Q 31- folha)
(AabnruH148Q 32- galhu)

(BOFqsxH148Q 33- moljada)
(AabnsuH148Q 34- chucalhu)
(AabnsuH148Q 35- baralhu)
(AifnruH148Q 36- ilha)
(AifnruH148Q 37- pilha)
(AobnsuH148Q 38- piolhu)
(AifnsuH148Q 39- cartilha)
(AubnruH148Q 40- julhu)
(AObnruH148Q 41- olhua)
(AubnsuH148Q 42- barulhu)
(AafqsuH148Q 43- cualhada)
(AefnruH148Q 44- abelha)
(BufnsuH148Q 45- agulja)
(BugpruH148Q 46- muljé)
(BogpruH148Q 47- coljé)
(BobnsuH148Q 48- ferrolju)
(BofnruH148Q 49- bolja)
(AebnsuH148Q 50- ispelhu)
(BadqtuH148Q 51- serraljejrú)
(BEfqsuH148Q 52- teljadu)
(BihqsuH148Q 53- filjoti)
(BigqsuH148Q 54- biljeti)
(BigmtuH148Q 55- biljeteru)
(BigmtuH148Q 56- biljeteria)
(AabnsuH148Q 57- atalhu)

Dom Eliseu Vasti Benício de Souza Feminino 56 anos superior

(BafpsvM248N 01- trabalhjá)
(BafpsvM248N 02- trabalhjá)
(BojprvM248N 03- coljê)
(BafpsvM248N 04- trabalhjá)
(BugpruM248N 05- muljé)
(AebnsuM248N 06- juelhu)
(AibnsuM248N 07- milhu)
(BafpsvM248N 08- trabalhjá)
(AabnsuM248N 09- trabalhju)
(AEhprxM248N 10- melhó)
(BafqtvM248N 11- trabalhjava)
(AabnsuM248N 12- trabalhju)
(BalqtvM248N 13- trabalhjádu)
(AabnsuM248N 14- trabalhju)
(AobnruM248N 15- molhu)
(AobnruM248N 16- molhu)
(AabnsuM248N 17- trabalhju)
(BadpsvM248N 18- trabalhjej)
(AabnsuM248N 19- trabalhju)
(AabnsuM248N 20- trabalhju)
(AibnruM248N 21- filhu)
(BEhqsvM248N 22- meljora)
(BEhmtvM248N 23- meljorasi)
(BalqtvM248N 24- bataljãnu)
(AabnsuM248N 25- trabalhju)
(AabnsuM248N 26- trabalhju)
(BOFqsvM248N 27- oljassi)
(AebnsuM248Q 28- juelhu)
(BalqtvM248Q 29- trabalhjánu)
(CabnsuM248Q 30- alju)
(CabnsuM248Q 31- retaljiu)
(CafnruM248Q 32- maljia)
(BefnruM248Q 33- telja)
(BafnruM248Q 34- palja)
(AofnruM248Q 35- folha)
(AabnruM248Q 36- galhu)
(BOFqsxM248Q 37- moljada)
(AabnsuM248Q 38- chocalhu)
(AabnsuM248Q 39- baralhu)
(BifnruM248Q 40- ilja)
(BifnruM248Q 41- pilja)

(AobnsuM248Q 42- piolhu)
(AobnruM248Q 43- olhu)
(AubnsuM248Q 44- barulhu)
(BafqsuM248Q 45- cualjada)
(BefnruM248Q 46- abelja)
(AufnruM248Q 47- agulha)
(AugpruM248Q 48- mulhé)
(AugpruM248Q 49- culhé)
(AobnsuM248Q 50- ferrolhu)
(AofnruM248Q 51- bolha)
(AebnsuM248Q 52- ispelhu)
(BagqtuM248Q 53- serraljeru)
(BefqsuM248Q 54- teljadu)
(BihqsuM248Q 55- filjoti)
(BigqsuM248Q 56- biljeti)
(BigmtuM248Q 57- biljeteru)
(BigmtuM248Q 58- biljeteru)
(AabnsuM248Q 59- atalhu)

ANEXO I

LATERAL PALATAL

FACTOR GROUPS SELECTED TO ADD ON STEPUP 2 9 8 1 7 5 6 3 4 0

LEVEL 9

NEXT RUN 1303 CELLS

CONVERGENCE AT ITERATION 15

INPUT .34

a = .38 E = .45 i = .56 u = .63 O = .60 e = .52 o = .59
b = .69 f = .36 h = .68 l = .39 g = .43 d = .13 c = .62 Q = .70 j = .55
n = .52 p = .54 q = .39 m = .53
s = .53 r = .47 t = .51
u = .50 x = .52 v = .47 y = .93 z = .78
M = .48 H = .54
1 = .56 2 = .44
4 = .67 3 = .43
6 = .54 7 = .37 5 = .67 8 = .41
LOG LIKELIHOOD= -2613.913 SIGNIFICANCE= .026

LEVEL 10

NEXT RUN 1512 CELLS

CONVERGENCE AT ITERATION 15

INPUT .34

a = .38 E = .44 i = .56 u = .63 O = .60 e = .52 o = .60
b = .68 f = .36 h = .69 l = .39 g = .43 d = .13 c = .62 Q = .69 j = .55
n = .52 p = .54 q = .39 m = .53
s = .53 r = .47 t = .51
u = .50 x = .52 v = .46 y = .93 z = .78
M = .48 H = .54
1 = .56 2 = .44
4 = .67 3 = .43
6 = .54 7 = .36 5 = .67 8 = .41
N = .51 Q = .49
LOG LIKELIHOOD= -2613.640 SIGNIFICANCE= .470

PALATAL ALVEOLAR

FACTOR GROUPS SELECTED TO ADD ON STEPUP 9 2 3 8 1 5 6 7 0 0

LEVEL 8

NEXT RUN 1098 CELLS

CONVERGENCE AT ITERATION 16

INPUT .41

a = .50 E = .52 i = .51 u = .36 O = .46 e = .64 o = .55
b = .44 f = .61 h = .37 l = .53 g = .59 d = .77 c = .02 Q = .22 j = .38
n = .38 p = .61 q = .74 m = .63
u = .46 x = .45 v = .63 y = .46 z = .87
M = .48 H = .53
1 = .47 2 = .53
4 = .41 3 = .54
6 = .55 7 = .74 5 = .21 8 = .57
LOG LIKELIHOOD= -2518.026 SIGNIFICANCE= .006

NEXT RUN 1512 CELLS

CONVERGENCE AT ITERATION 17

INPUT .41

a = .49 E = .54 i = .51 u = .36 O = .49 e = .63 o = .56
b = .43 f = .62 h = .39 l = .52 g = .59 d = .76 c = .02 Q = .22 j = .37
n = .39 p = .62 q = .71 m = .58
s = .51 r = .47 t = .58
u = .47 x = .43 v = .61 y = .47 z = .87
M = .48 H = .53
1 = .47 2 = .53

4 = .41 3 = .54
6 = .55 7 = .74 5 = .21 8 = .57
N = .51 Q = .49
LOG LIKELIHOOD = -2515.074

PALATAL SEGUIDA DE SEMIVOGAL

FACTOR GROUPS SELECTED TO ADD ON STEPUP 3 9 10 1 2 6 8 5 7 0
NEXT RUN 1297 CELLS
NO CONVERGENCE AT ITERATION 21
INPUT .03
a = .65 E = .50 i = .40 u = .53 O = .56 e = .21 o = .35
b = .36 f = .63 h = .14 l = .82 d = .63 c = .71 Q = .81
n = .73 p = .27 q = .11 m = .29
u = .58 x = .42 v = .28 y = .49
M = .58 H = .38
1 = .45 2 = .55
4 = .36 3 = .56
6 = .51 7 = .65 5 = .25 8 = .65
N = .41 Q = .62
LOG LIKELIHOOD= -861.472 SIGNIFICANCE= .006

ADD FACTOR GROUP # 7 12

LEVEL 10
NEXT RUN 1511 CELLS
NO CONVERGENCE AT ITERATION 21
INPUT .03
a = .65 E = .48 i = .40 u = .54 O = .54 e = .22 o = .35
b = .35 f = .62 h = .13 l = .90 d = .69 c = .71 Q = .82
n = .71 p = .23 q = .14 m = .53
s = .54 r = .56 t = .20
u = .58 x = .43 v = .30 y = .47
M = .58 H = .38
1 = .45 2 = .55
4 = .36 3 = .56
6 = .51 7 = .65 5 = .25 8 = .65
N = .41 Q = .62
LOG LIKELIHOOD= -858.789 SIGNIFICANCE= .073

SEMIVOCALIZAÇÃO

BINOMIAL VARIABLE RULE ANALYSIS OF lhcel
D semivocalizacao
FACTOR GROUPS SELECTED TO ADD ON STEPUP 8 10 9 2 7 5 0 0 0 0
LEVEL 6
INPUT .02
b = .66 f = .47 l = .49 g = .32 d = .28 c = .34 Q = .32
u = .46 x = .64 v = .56
1 = .41 2 = .59
4 = .17 3 = .66
6 = .55 7 = .24 5 = .70 8 = .50
N = .66 Q = .30
LOG LIKELIHOOD= -685.063 SIGNIFICANCE= .009

LEVEL 10
NEXT RUN 1511 CELLS
NO CONVERGENCE AT ITERATION 21
INPUT .02
a = .58 E = .52 i = .52 u = .42 O = .31 e = .41 o = .42
b = .64 f = .45 l = .43 g = .44 d = .28 c = .36 Q = .32
n = .54 p = .45 q = .51 m = .23
s = .44 r = .56 t = .49
u = .45 x = .60 v = .63
M = .47 H = .54
1 = .40 2 = .60
4 = .16 3 = .67
6 = .54 7 = .22 5 = .71 8 = .52
N = .64 Q = .32
LOG LIKELIHOOD = -673.660

LATERAL ALVEOLAR

BINOMIAL VARIABLE RULE ANALYSIS OF lhcel
G lateral alveolar
LEVEL 9
NEXT RUN 1106 CELLS
CONVERGENCE AT ITERATION 19
INPUT .01
a = .72 E = .59 i = .27 u = .54 O = .52 e = .29 o = .21
b = .31 f = .48 h = .38 g = .78 d = .81 c = .96
n = .74 p = .04 q = .43 m = .58
s = .47 r = .62 t = .21
u = .58 x = .64 v = .21
M = .56 H = .40
1 = .62 2 = .39
6 = .42 7 = .11 5 = .82 8 = .64
N = .41 Q = .62
LOG LIKELIHOOD= -653.386 SIGNIFICANCE= .000

LEVEL 10
NEXT RUN 1509 CELLS
CONVERGENCE AT ITERATION 19
INPUT .01
a = .71 E = .60 i = .27 u = .55 O = .53 e = .29 o = .21
b = .32 f = .48 h = .39 g = .77 d = .83 c = .96
n = .74 p = .04 q = .42 m = .57
s = .46 r = .62 t = .22
u = .58 x = .64 v = .22
M = .56 H = .40
1 = .62 2 = .38
4 = .59 3 = .46
6 = .42 7 = .11 5 = .81 8 = .66
N = .41 Q = .62
LOG LIKELIHOOD= -647.484 SIGNIFICANCE= .001

ADD FACTOR GROUP # 5 uxv

APAGAMENTO

BINOMIAL VARIABLE RULE ANALYSIS OF lhcel
F apagamento
FACTOR GROUPS SELECTED TO ADD ON STEPUP 9 10 2 1 8 7 5 6 0 0
LEVEL 8
NEXT RUN 1099 CELLS
CONVERGENCE AT ITERATION 20
INPUT .01
a = .21 E = .16 i = .83 u = .75 O = .65 e = .69 o = .57
b = .07 f = .82 h = .31 l = .77 g = .77 d = .93 Q = .87
u = .49 x = .80 v = .41
M = .59 H = .36
1 = .39 2 = .61
4 = .07 3 = .75
6 = .14 7 = .23 5 = .87 8 = .58
N = .81 Q = .13
LOG LIKELIHOOD= -327.166 SIGNIFICANCE= .009

ADD FACTOR GROUP # 6 MH

LEVEL 10
NEXT RUN 1511 CELLS
NO CONVERGENCE AT ITERATION 21
INPUT .01
a = .24 E = .12 i = .83 u = .71 O = .60 e = .71 o = .53
b = .07 f = .83 h = .26 l = .80 g = .76 d = .93 Q = .87
n = .45 p = .53 q = .59 m = .61
s = .44 r = .60 t = .33
u = .48 x = .82 v = .42
M = .58 H = .37
1 = .39 2 = .61

4 = .07 3 = .75
6 = .14 7 = .23 5 = .87 8 = .58
N = .81 Q = .13
LOG LIKELIHOOD = -324.011